

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

MARIA JOSÉ ROSOLINO

A ECOLOGIA DA HOSPITALIDADE EM REDE

São Paulo

2021

MARIA JOSÉ ROSOLINO

A ECOLOGIA DA HOSPITALIDADE EM REDE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi como requisito para obtenção do grau de Doutora em Hospitalidade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sênia Regina Bastos

São Paulo

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

788e Rosolino, Maria José
A Ecologia da Hospitalidade em Rede / Maria José Rosolino. -
2021.
283f. : il.; 30cm.

Orientador: Sênia Regina Bastos.

Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Hospitalidade)
- Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2021.

Bibliografia: f.

1. Hospitalidade. 2. Virtualização. 3. Ecologia da Hospitalidade.
4. Redes. 5. Cidades em Transição.

CDD 647

MARIA JOSÉ ROSOLINO

A ECOLOGIA DA HOSPITALIDADE EM REDE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi como requisito para obtenção do grau de Doutora em Hospitalidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sênia Regina Bastos

Aprovado em: 18 / 06 / 2021

Prof. Dr. Antonio Helio Junqueira

Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin

Prof. Dr. Paulo Sergio Gonçalves de Oliveira

Prof^a. Dr^a. Rafaela Almeida Cordeiro

Prof^a. Dr^a. Valéria Ferraz Severini

AGRADECIMENTOS

À cumplicidade de meus filhos Tiago Rosolino Amaral do Valle e Tomás Rosolino Amaral do Valle, que desde sempre se preocupam em acertar, em fazer o melhor pensando no outro. O apoio constante aos meus sonhos sustenta minha motivação para seguir em frente. Amo vocês!

Ao meu pai, professor Alceu Rosolino, um estudioso e incentivador da educação técnica. Seu legado inclui amor pela família, pela ciência e muitos livros.

Ao meu querido irmão Fábio Rosolino que me deixou tão cedo sem sua vibração pela vida. Você marcou minha trajetória por me fazer entender o livre arbítrio. Saudades eternas.

Agradecimentos inestimáveis à professora Dra. Sênia Regina Bastos, orientadora de todas as horas, pelos anos de parceria e de compartilhamento intelectual: sua mente é privilegiada.

À Universidade Anhembi Morumbi pela bolsa de estudos concedida. A todo corpo docente e à coordenação do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Instituição que desde sempre abriu portas para meu desenvolvimento, ampliando minha capacidade de entender que o pensamento científico é um caminho ordenado e sistemático capaz de promover correlações entre ideias prévias e inéditas por diferentes caminhos. Em tempo de pandemia do coronavírus, não posso deixar de registrar: Viva a Ciência! Viva o SUS! Viva os baderneiros!

Ao *Hub* Brasil do movimento Cidades em Transição em nome de Isabela Maria Gomez de Menezes, Melissa Bivara Pereira, Monica Picavea, Claudia Valadares Arakaki e Zaida Amaral pelo acolhimento às minhas ideias e propostas. Nossa convivência fez de mim uma pessoa melhor. Vocês são exemplos de hospitalidade incondicional.

À minha grande amiga Elaine Canhete pelo acompanhamento de perto dos passos mais importantes da construção da tese.

À Irma Dutra, jovem cientista, pelos pensamentos vivazes e soluções tecnológicas que a tese exigiu.

Ao planeta Terra pela doação que nos faz diariamente.

“A consciência da complexidade nos faz compreender que não poderemos escapar jamais da incerteza, e que jamais poderemos ter um saber total: a totalidade é a não verdade.”

(Edgar Morin)

RESUMO

A presente tese fundamenta-se em dois conjuntos de referenciais teóricos: primeiro sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais e suas dimensões de acolhimento e convivialidade, sob o paradigma da dádiva; e segundo sobre a comunicação, virtualização e seus efeitos nas interações sociais em rede e a abordagem das ecologias comunicativas cujo conceito torna-se parâmetro para o estudo. O contexto de análise concentra-se nas três páginas “CONVERSAS EM GRUPO”, “GRUPOS” e “*BLOG*” do domínio antigo da rede social *Transition* Brasil que defende o movimento Cidades em Transição no país. O objetivo geral é propor um modelo conceitual da ecologia da hospitalidade em rede. Os objetivos específicos são identificar os elementos da hospitalidade que compõem o modelo, compreender como ocorre a interface da hospitalidade com a comunicação em ambiente virtual e em rede, e avaliar os resultados da aplicação deste modelo no novo domínio da rede social *Transition* Brasil. De natureza qualitativa, a pesquisa adota o paradigma interpretativista como fundamento e apoia-se nas estratégias de análise de conteúdo e pesquisa-ação como procedimentos metodológicos. Os resultados obtidos da aplicação do protocolo de análise de conteúdo indicam maiores incidências de termos que remetem às categorias formuladas a priori como: a hospitalidade e o acolhimento do outro; a hospitalidade na sustentação das interações sociais e a hospitalidade e a convivência, condizentes ao perfil e objetivos das páginas analisadas. Essa condição sofre a influência do anfitrião ao acolher, interagir e conviver em comunidade com seus hóspedes. Na abordagem da Teoria das Redes emerge a inferência de que as redes construídas nas interações entre anfitriões e hóspedes devem utilizar suas conexões para a manutenção do fluxo contínuo da hospitalidade na comunicação em rede, conceitos da ecologia da hospitalidade que foram aplicados na construção do novo domínio da rede social *Transition* Brasil.

Palavras-chave: Hospitalidade. Virtualização. Redes. Ecologia da hospitalidade. Cidades em transição.

ABSTRACT

This thesis is based on two sets of theoretical frameworks: first on hospitality as a guide for social interactions and its dimensions of welcoming and conviviality, under the gift paradigm; and second, on communication, virtualization and its effects on social network interactions and the approach to communicative ecologies, whose concept becomes a parameter for the study. The analysis context focuses on the three pages “GROUP CONVERSATIONS”, “GROUPS” and “BLOG” from the old domain of the social network Transition Brasil that defends the Cities in Transition movement in the country. The general objective is to propose a conceptual model of the ecology of networked hospitality. The specific objectives are to identify the elements of hospitality that make up the model, understand how the hospitality interface with communication in a virtual and networked environment occurs, and evaluate the results of the application of this model in the new domain of the social network Transition Brasil. Qualitative in nature, the research adopts the interpretive paradigm as a foundation and relies on content analysis and action research strategies as methodological procedures. The results obtained from the application of the content analysis protocol indicate greater incidences of terms that refer to the categories formulated a priori such as: the hospitality and the welcoming of the other; hospitality in support of social interactions and hospitality and coexistence, consistent with the profile and objectives of the analyzed pages. This condition is influenced by the host when welcoming, interacting and living in community with its guests. In the Network Theory approach, the inference emerges that the networks built in the interactions between hosts and guests must use their connections to maintain the continuous flow of hospitality in network communication, concepts of hospitality ecology that were applied in the construction of the new domain from the social network Transition Brasil.

Keywords: Hospitality. Virtualization. Networks. Ecology of hospitality. Cities in transition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro modelo comunicacional de Lasswell (1948)	42
Figura 2 - As funções do modelo de Lasswell (1948).....	42
Figura 3 - Modelo comunicacional de Osgood e Schramm (1954).....	43
Figura 4 - Modelo comunicacional - Framing Theory ou Efeito de Enquadramento (1970)...	44
Figura 5 - Adjacência entre estados do Brasil	52
Figura 6 - Diagramas das Redes de Paul Baran.....	55
Figura 7 - Desenvolvimento de uma análise	68
Figura 8 - Captura de tela com a quantidade de postagens no "BLOG"	76
Figura 9 - Cabeçalho do quadro sobre análise de conteúdo	77
Figura 10 - Captura de página do "ECOBAIRRO"	91
Figura 11 - Captura de página "ONDE?" indicando as regiões brasileiras com iniciativas....	92
Figura 12 - Captura de página "CONVERSAS EM GRUPO" no menu do <i>site</i>	93
Figura 13 - Captura de página "DISCUSSÕES EM FÓRUM"	93
Figura 14 - Captura de página com destaque para o tópico "RESPOSTAS A ESTE TÓPICO"	94
Figura 15 - Captura de página "TREINADORES OFICIAIS DA REDE"	95
Figura 16 - Captura de página sobre postagens do "BLOG E NOVIDADES"	96
Figura 17 - Captura de página "MEMBROS"	97
Figura 18 - Captura de página "REDES INTERNACIONAIS"	98
Figura 19 - Captura de página principal <i>Transition Network</i>	99
Figura 20 - Captura da marca do movimento na França	99
Figura 21 - Captura da marca do movimento na Espanha.....	100
Figura 22 - Captura da marca do movimento na Austrália.....	100
Figura 23 - Captura de tela da página "BLOG"	111
Figura 24 - Captura de tela da página "GRUPOS"	113
Figura 25 - Captura de tela da página "CONVERSAS EM GRUPO"	114
Figura 26 - Representação gráfica de palavras que remetem à convivência em mensagens sem quaisquer uma das categorias	130
Figura 27 - Representação gráfica de palavras que remetem à convivência nas postagens da página "GRUPOS"	133
Figura 28 - Representação gráfica de palavras que remetem às interações sociais nas postagens da página "BLOG"	138

Figura 29 - <i>Print</i> de tela do grupo de WhatsApp	142
Figura 30 - <i>Wireframe</i> da página “TREINAMENTOS” do novo <i>site</i>	145
Figura 31 - Proposta de artigo sobre a entrevista com Paulo César Araújo - <i>Hub</i> Brasília ...	146
Figura 32 - Convite para a votação sobre a escolha do nome do <i>blog</i>	149
Figura 33 - Convite para colaboradores regionais.....	150
Figura 34 - Proposta para a primeira postagem da página “BLOG” do novo <i>site</i>	151
Figura 35 - Mensagem inicial da página “TREINAMENTOS”	154
Figura 36 - Apresentação dos encontros e dos treinadores na página “TREINAMENTOS” .	155
Figura 37 - Proposta de retrospectiva do movimento - dez anos de treinamentos	156
Figura 38 - Captura de tela <i>case</i> “Brasília em transição”	159
Figura 39 - Captura de tela excerto do texto <i>case</i> “Brasília em transição”	159
Figura 40 - Captura de tela excerto do texto da página “TREINAMENTOS”.....	160
Figura 41 - Captura de tela excerto do texto da página “VÍDEOS TREINADORES”	160
Figura 42 - Captura de tela da página “VÍDEOS TREINADORES”	161
Figura 43 - Captura de tela das três primeiras ações da página “BLOG”	161
Figura 44 - Captura de tela excerto do texto “Chamado para Colaboradores Regionais”	162
Figura 45 - Captura de tela excerto do texto “Nome do <i>Blog</i> ”	163
Figura 46 - Captura de tela excerto do texto do artigo de fundo sobre a hospitalidade “O que nos une?”	164
Figura 47 - Captura de tela do <i>box</i> de interação “Enviar Comentário”	165
Figura 48 - Representação gráfica das nuvens de palavras	174
Figura 49 - Nuvem de palavras	175
Figura 50 - Captura de tela da reunião (seminário realizado em 3 de agosto de 2020)	250
Figura 51 - Captura de tela da reunião (seminário realizado em 10 de agosto de 2020)	251
Figura 52 - Proposta texto/imagem da página “BLOG” para o novo <i>site</i>	270
Figura 53 - Proposta texto/imagem para busca de parceiros na página “BLOG” para o novo <i>site</i>	270
Figura 54 - <i>Layout</i> preliminar do artigo “O que nos une?”	271
Figura 55 - Configuração da página “ <i>Blog</i> ” do site <i>Transition Network</i>	271
Figura 56 - Proposta inicial da primeira página do novo <i>site</i>	272
Figura 57 - Proposta página “TREINAMENTOS” do novo <i>site</i>	273
Figura 58 - Proposta página “SOBRE O MOVIMENTO” do novo <i>site</i>	273
Figura 59 - Acertos <i>layout</i> página “TREINAMENTOS” do novo <i>site</i>	274
Figura 60 - Acerto dos textos página “TREINAMENTOS” do novo <i>site</i>	274

Figura 61 - <i>Homepage</i> do <i>site</i> Oficina da Sustentabilidade	275
Figura 62 - Comparação entre a página "TREINAMENTOS" do novo <i>site</i> e a <i>homepage</i> do <i>site</i> Oficina da Sustentabilidade	275
Figura 63 - Captura de tela proposta página "TREINAMENTOS" do novo <i>site</i>	276
Figura 64 - Captura de tela proposta página "INICIATIVAS" do novo <i>site</i>	276

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Efeito da inospitalidade nos hóspedes	126
Gráfico 2 - Categorias da hospitalidade nas descrições de "GRUPOS"	128
Gráfico 3 - Presença de termos das categorias da hospitalidade	132
Gráfico 4 - Postagens e categorias da hospitalidade do " <i>BLOG</i> "	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Criação das categorias da análise de conteúdo.....	72
Quadro 2 - Estrutura das categorias de "CONVERSAS EM GRUPO"	78
Quadro 3 - Estrutura das categorias de "GRUPOS"	79
Quadro 4 - Estrutura das categorias de " <i>BLOG</i> "	80
Quadro 5 - Diagrama das etapas da pesquisa	87
Quadro 6 - Codificação para as páginas "CONVERSAS EM GRUPO", "GRUPOS" e " <i>BLOG</i> "	116
Quadro 7 - Agenda de seminários	141
Quadro 8 - Diagrama dos elementos da hospitalidade na elaboração do <i>site</i>	158
Quadro 9 - Principais diferenças técnicas entre o novo e o antigo <i>site</i> do movimento Cidades em Transição.....	177
Quadro 10 - Revisão de literatura no período de 2018.....	204
Quadro 11 - Revisão de literatura no período de 2017.....	207
Quadro 12 - Revisão de literatura no período de 2016.....	211
Quadro 13 - Revisão de literatura no período de 2015.....	213
Quadro 14 - Revisão de literatura no período de 2013.....	214
Quadro 15 - Revisão de literatura no período de 2012.....	215
Quadro 16 - Revisão de literatura no período de 2011	216
Quadro 17 - Revisão de literatura no período de 2010.....	217
Quadro 18 - Revisão de literatura no período de 2009.....	217
Quadro 19 - Revisão de literatura no período de 2008.....	218

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Representação da sobreposição das categorias da hospitalidade nas mensagens	117
Esquema 2 - Processo de Marcelo Muniz Rossa de hóspede a anfitrião.....	119
Esquema 3 - Processo de Maria Valentina Sena e Silva de hóspede a anfitriã	120
Esquema 4 - Quantificação da presença da hospitalidade entre anfitriões e hóspedes	121
Esquema 5 - Proporção da categorização da hospitalidade entre anfitriões e hóspedes	122
Esquema 6 - A relevância das categorias da hospitalidade para a permanência do hóspede .	124
Esquema 7 - Representação da estrutura de "GRUPOS"	127
Esquema 8 - Presença dos termos referentes às categorias da hospitalidade em "CAIXA DE RECADOS"	129
Esquema 9 - Resumo das relações entre postagens e respostas em "BLOG"	135
Esquema 10 - Proporção das categorias analisadas em relação ao total de postagens com comentários.....	136
Esquema 11 - Mapa cognitivo da ecologia da hospitalidade em rede.....	168
Esquema 12 - Modelo de fluxo das categorias da hospitalidade na comunicação entre anfitrião e hóspede em lugares virtuais	173
Esquema 13 - Modelo de fluxo das categorias da hospitalidade na comunicação entre figura com papel de anfitrião e hóspede em lugares virtuais	175
Esquema 14 - Representação gráfica de rede simples da hospitalidade.....	179
Esquema 15 - Representação gráfica de rede moderadamente complexa da hospitalidade ...	180
Esquema 16 - Representação gráfica de rede complexa da hospitalidade	181
Esquema 17 - Representação gráfica da rede de Isabela Maria Gomez de Menezes no ano de 2010 no <i>site Transition</i> Brasil, nas três páginas avaliadas	183
Esquema 18 - Representação gráfica da rede de Isabela Maria Gomez de Menezes no ano de 2015 no <i>site Transition</i> Brasil, nas três páginas avaliadas	184
Esquema 19 - Representação gráfica da rede de Isabela Maria Gomez de Menezes no ano de 2020 no <i>site Transition</i> Brasil, nas três páginas avaliadas	185

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 SOB O PARADIGMA DA DÁDIVA	24
2.1 O TERCEIRO PARADIGMA	24
2.2 A HOSPITALIDADE E A DÁDIVA	27
2.3 A HOSPITALIDADE E AS INTERAÇÕES SOCIAIS	30
2.4 AS DEMAIS DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE	33
3 OS MODELOS COMUNICACIONAIS E A COMUNICAÇÃO EM REDE	41
3.1 MODELOS COMUNICACIONAIS	41
3.2 AS REDES SOCIAIS	51
3.3 A ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	57
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
4.1 O ESTADO DA ARTE	62
4.2 A ESCOLHA PELO PARADIGMA INTERPRETATIVISTA	63
4.2.1 A análise de conteúdo	67
4.2.1.1 A fase da pré-análise	69
4.2.1.2 A fase da exploração do material	81
4.2.2 A pesquisa-ação	82
5 O MOVIMENTO CIDADES EM TRANSIÇÃO	88
5.1 DO DECRESCIMENTO ECONÔMICO AO MOVIMENTO CIDADES EM TRANSIÇÃO	88
5.2 O MOVIMENTO NO BRASIL	90
5.3 AS REDES VIRTUAIS E OS SÍTIOS FRANCÊS E INGLÊS	97
5.4 OS DESDOBRAMENTOS DA PÁGINA “COLABORE COM A REDE”	100
5.4.1 As entrevistas	100
5.4.2 As pesquisas secundárias e a pesquisa primária	104
5.4.2.1 A primeira pesquisa secundária	104
5.4.2.2 A segunda pesquisa secundária	105
5.4.2.3 A necessidade de uma pesquisa primária	107
6 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	110
6.1 IDENTIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS	110
6.2 O TRATAMENTO DAS ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES	114
7 RESULTADOS DA PESQUISA-AÇÃO	139

7.1 PRIMEIRA ETAPA - IMPLEMENTAÇÃO DO RECONHECIMENTO	139
7.2 SEGUNDA ETAPA - CONSTRUÇÃO DOS RELACIONAMENTOS	139
7.3 TERCEIRA ETAPA - TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	142
7.4 QUARTA ETAPA - ELABORAÇÃO DO <i>SITE</i>	157
8 A ECOLOGIA DA HOSPITALIDADE EM REDE	167
8.1 A CAMADA DAS CATEGORIAS DA HOSPITALIDADE E POSSÍVEIS MODELOS	172
8.2 A CAMADA DOS POSSÍVEIS DESENHOS DE REDES	178
8.2.1 A rede de Isabela Maria Gomez de Menezes	182
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
REFERÊNCIAS	189
BIBLIOGRAFIA	197
APÊNDICE A - REVISÃO DE LITERATURA NO PERÍODO DE 2008 A 2018	201
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS	220
APÊNDICE C – PESQUISAS	235
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO E REGISTRO DE REUNIÕES	241
APÊNDICE E – TERMOS DE CONSENTIMENTO	279

1 INTRODUÇÃO

Olhar para a sociedade atual e pensar na dádiva enseja o estabelecimento de relações sociais por excelência, entendendo que ela está em toda parte e não somente ligada a fatos isolados ou descontínuos, de maneira desinteressada. Ela é contemporânea e permeia as relações em sua totalidade. Ao circular a dádiva, o enfoque não é na mercadoria e sim no valor do que circula, embora não do ponto de vista mercantilizado. A dádiva integra um sistema onde circulam palavras, trocam-se experiências e criam-se vínculos. Uma rede de relações sociais baseada na dádiva e no auxílio mútuo, pessoa a pessoa, é o que pode restar em caso de colapsos políticos e econômicos.

Sob o paradigma da dádiva, os vínculos sociais são os propulsores da interação entre os seres humanos, condição presente para uma vida em sociedade. Os vínculos modificam-se com a desenvolvimento da sociedade e estão presentes tanto nas sociedades arcaicas quanto nas sociedades modernas, ao contrário dos paradigmas do individualismo (que exalta a superioridade dos interesses individuais sobre aqueles da sociedade, com uma visão fragmentada do ser humano) e do holismo (que defende o entendimento da realidade como uma totalidade, que prioriza a compreensão integral dos fenômenos). No paradigma da dádiva, a totalidade social de Caillé (2002) e o dom e contradom de Godelier (2001) são a chave para a compreensão da concepção de retribuir algo dado com algo melhor ainda. Devem ainda inspirar uma sociedade no desenvolvimento de relações voltadas para a obtenção de um bem maior, algo que inclua e não exclua. Para Martins (2017), a dádiva é o terceiro paradigma porque o individualista e o holista, apesar de dominantes, não representam a complexidade da vida social.

A hospitalidade é uma forma atenuada de dádiva, segundo Benveniste (1995), já que se fundamenta na ideia de que um homem está ligado ao outro pela obrigação de retribuir o que foi recebido e também na criação de vínculos sociais. Para Lanna (2000), Mauss ensina algo fundamental: o fato da felicidade estar no dar e receber, no respeito e generosidade mútuos. Para Gotman (1997), o dar na hospitalidade tem a essência de receber o hóspede sem restrições, não permitindo que o receber e o retribuir sejam obrigação de devolver a hospitalidade recebida; eles representam um compromisso com a relação instalada.

Uma relação social afetada por contextos sociais, culturais e tecnológicos pode adaptar-se às relações primárias e secundárias e ser complementada pelo que Lynch e outros (2011) entendem sobre a hospitalidade e sua disposição de orientar as relações sociais no caminho da

administração das diferenças e na consideração sobre o respeito a elas, ou ainda, na contemplação do estranho. Manzi e Tourdoire-Surlapierre (2011) exploram esse aspecto discorrendo sobre a etimologia das palavras derivadas da hospitalidade. Já a natureza dialógica da hospitalidade e o diálogo como condição essencial para sua ocorrência é tratado por Bessone (2011).

Na abordagem sobre a dimensão do acolhimento, Binet-Montandon (2011) destaca o conceito da hospitalidade como uma forma de humanização e, conseqüentemente, como uma maneira essencial para a socialização. Van-Gennep (2011), em defesa dos diferentes tipos de ritos - de separação, margem e agrupamento - é associado ao ritual do acolhimento de Lardellier (2011) que juntamente com Grassi (2011) com a transposição da soleira na identificação de territórios e seus limites complementam as reflexões sobre o acolhimento como uma das dimensões da hospitalidade. A dimensão da convivialidade que o estudo apresenta, baseia-se na proposta de Illich (1973), e é complementada por estudiosos como Casagrande e Freitas (2020).

Hospitalidade e interações sociais, como indica Camargo (2015), num cenário de grande complexidade como o da atualidade, despertam a atenção sobre o comportamento das pessoas nas redes sociais virtuais. Nesse contexto, a hospitalidade configura-se como uma troca entre alguém que recebe e alguém que é recebido cujo contato pode resultar em concordância e apaziguamento ou discordância e discórdia (CAMARGO, 2015).

Para fundamentar as discussões sobre a comunicação, a área de maior interface com a hospitalidade nessa pesquisa, foi necessário revisitar os conceitos sobre as teorias de comunicação, especialmente nos modelos consolidados ao longo de décadas, já que por meio deles é possível abstrair e compreender novos conceitos formulados. Para Martino (2017) os modelos comunicacionais permitem a visualização de dados e informações sobre os fenômenos estudados favorecendo o entendimento das relações entre os elementos de um determinado processo. É a partir do conceito da comunicação em rede, impulsionado pelo aparecimento da rede mundial de computadores, conectado com a evolução sobre os tipos de comunicação de Marcondes Filho (2014) e as abordagens sobre o virtual de Lévy (2003) que o estudo chega a Castells (1999), já que comunicação em rede sempre produziu efeitos e impactos na vida e no conjunto social. Na esteira das apresentações de Castells (1999) sobre a evolução histórica de como a tecnologia e a comunicação criaram novas formas de comportamento, chegamos às redes sociais virtuais que, segundo Recuero (2009), são uma realidade incontestável de troca, conexões, práticas sociais e relacionamentos. Diferentes tipologias apresentadas por Baran

(1964) e Feofiloff e outros (2011), constituem-se parte da construção dos referenciais teóricos do estudo.

A hospitalidade faz parte do conjunto de comportamentos que se originam de uma sociedade e, em tempos de relacionamentos em redes, pode ser fundamental no fortalecimento de uma ideia ou de um movimento como Cidades em Transição, contexto do estudo em questão. Cidades em Transição é um movimento que se iniciou com Rob Hopkins em 2005, na cidade de Totnes, Devon, Inglaterra, com o objetivo de “transformar as cidades em modelos sustentáveis, menos dependentes do petróleo, mais integradas à natureza e mais resistentes a crises externas, tanto econômicas como ecológicas” (*TRANSITION BRASIL*, 2019). Ainda de acordo com a rede, o movimento cresce com base na observação e aprendizado das necessidades de cada lugar e desenvolve-se em quatro fases: inspirar, encorajar, treinar, dar suporte e conectar. Todas elas dependem da experiência do grupo e da resistência às adversidades inerentes a um processo lento, revolucionário e prático. No país a iniciativa está presente nas regiões Sul/Centro-Oeste (16 lugares), Sudeste (41 lugares) e Norte/Nordeste (nove lugares).

Transition Brasil utiliza-se do ambiente virtual como meio de comunicação e interação com capacidade de impactar pessoas local e globalmente. Dessa forma, o visitante do *site* pode manter contato com outras iniciativas pelo mundo, trocar experiências e informações com localidades que apresentem necessidades semelhantes, compartilhar fotos, filmes e textos sobre os resultados obtidos, entre outras ações. As páginas mais acessadas nesse sentido são: “*BLOG*”, “*CONVERSAS EM GRUPO*” e “*GRUPOS*”¹.

Sob essa ótica, o net-ativismo, segundo Di Felice (2017), é resultado de interações sociais diversas e complexas que não exprime apenas um conjunto de interações colaborativas em redes digitais entre protagonistas de naturezas diferentes, mas também a condição digital que antecede e transforma o ato conectivo de maneira permanente. A ecologia da comunicação surge na discussão sobre o movimento dos paradigmas comunicacionais e a existência das redes sociais. A abordagem da ecologia no campo da comunicação de Di Felice (2017) tem outros autores como Capra (2012) que apresenta a ecologia rasa e a ecologia profunda, além das ecologias sociais e feministas, conceitos que acrescentam e estimulam as reflexões sobre a ecologia da hospitalidade em rede, foco desta tese.

¹ Todas as abas de acesso estão descritas em caixa alta conforme padrão de apresentação no *site* < <https://transitionbrasil.ning.com/>>.

A vida é um nó de relações, redes e trocas, que organizam e desorganizam a vida e fundamentam o movimento e o intercâmbio. Para alguns teóricos, a movimentação e a permuta são matéria-prima da comunicação. Para Miklos e Rocco (2018) a ecologia da comunicação tem o sentido de ampliar a capacidade dos seres humanos de viver em sociedade e proporcionar ferramentas técnicas para a movimentação da comunicação e manutenção das relações humanas. Nesse sentido, a criação de pontes como elemento de movimentação da comunicação insere-se no tema da ecologia pelos autores Baitello (1998) e Contrera (2007).

É nesse contexto que o tema deste estudo se apresenta: a hospitalidade em ambiente virtual na comunicação do movimento Cidades em Transição. O objeto desta pesquisa se apresenta inovador porque os estudos sobre a hospitalidade encontram-se em estágio de maturidade para conectar-se a diferentes realidades econômicas, ou seja, não somente relacionada à dimensão comercial como um valor de diferenciação de marca ou negócios, mas como um intercâmbio ante as mudanças econômicas globais como sugerem Lynch e outros (2011). É ainda desafiador porque pretende avançar nos estudos da hospitalidade em ambientes virtuais na formulação de um conceito que cria uma interface com a comunicação, já que é nessa área que se encontram estudos avançados sobre as ecologias comunicativas.

Cabe ressaltar que o interesse da pesquisadora pelo tema em questão está relacionado ao desenvolvimento de sua carreira acadêmica em relações públicas e produção editorial, duas áreas oriundas da comunicação social, ao que se acrescenta a temática de sua dissertação de mestrado, sobre a hospitalidade virtual e suas implicações no planejamento e construção de *websites* (ROSOLINO, 2006), fundamental para a continuidade dos estudos sobre o tema.

Assim, o problema de pesquisa foi concebido dessa forma: como a hospitalidade pode nortear a comunicação e as interações sociais no ambiente virtual do movimento Cidades em Transição? O pressuposto é que há uma compreensão limitada sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais. Esse pressuposto, no entanto, gera outros em formato de dependência. A separação entre os personagens frequentes dos estudos da hospitalidade - anfitriões e hóspedes - compõe as premissas que seguem:

- os anfitriões do *website* Cidades em Transição percebem a importância da hospitalidade pela experiência de apoio à causa que defendem;
- tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é compreendida como uma etiqueta social nas interações em ambiente virtual, mesmo quando há divergência em relação às ideias propostas;
- tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é entendida de forma

recorrente quando a comunicação entre os participantes das redes sociais virtuais leva em conta as diferenças de *hardware* e *software*, ou seja, estão alinhadas com a tecnologia e a interatividade que os ambientes devem proporcionar;

- a hospitalidade é norteadora das interações sociais entre anfitriões e hóspedes, e entre hóspedes e hóspedes, quando expressa por meio de palavras que promovam vínculos sociais de união.

Por objetivo geral encontra-se: propor um modelo conceitual da ecologia da hospitalidade em rede. Como objetivos específicos destacam-se: identificar os elementos da hospitalidade que compõem o modelo, compreender como ocorre a interface da hospitalidade com a comunicação em ambiente virtual e em rede, e avaliar os resultados da aplicação deste modelo no novo domínio da rede social *Transition* Brasil.

Os procedimentos metodológicos estruturam-se a partir do paradigma interpretativista apresentado por Deslandes e Gomes (2001) e Saccol (2009) e justificam a adoção da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e o cumprimento de seu protocolo, e da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), com o cumprimento também de seu protocolo em aplicação como instrumentos fundamentais para validação ou não das premissas instituídas e o alcance dos objetivos programados.

Há um reforço teórico na defesa da utilização da análise de conteúdo como uma estratégia para a pesquisa que se origina na posição de Geertz (1978) sobre o trabalho etnográfico e as diversas interpretações que a cultura pode ter, os quais só são possíveis sob os efeitos de uma ciência interpretativista e a busca de significados para gestos ou comportamentos. O princípio da hermenêutica e seu sentido clássico de abordagem, ou seja, a arte de interpretar textos de acordo com Grondin (2012), aproximou a escolha pela análise de conteúdo como uma das técnicas adequadas do estudo porque caracteriza-se como uma análise que permite aprofundar a interpretação de mensagens e conseguir compreender seus significados muito além da leitura comum (MORAES, 1999).

A tese a ser defendida é que existe uma ecologia da hospitalidade na comunicação do movimento Cidades em Transição em sua rede social, denominada *Transition* Brasil, basal no processo de criação de vínculos e fortalecimento das interações sociais que exploram a subjetividade individual e reconhecem um entorno social das comunidades.

O modelo proposto tem a função de permitir a abstração do conceito formulado para sua melhor compreensão. A formulação do modelo para a ecologia da hospitalidade em rede permitiu ainda apresentar as diferentes camadas sugeridas em sua formação. A primeira propõe

dois esquemas de fluxos da comunicação por meio das dimensões da hospitalidade das páginas estudadas e a segunda apresenta a sugestão de três tipos de redes que apresentam graus de complexidade também com base nas páginas analisadas.

Os capítulos desenvolvidos com o exposto ficam assim determinados:

- Capítulo 2: *Sob o paradigma da dádiva*, que apresenta a dádiva como responsável pelo modo de ser das coisas, um modelo de uma sociedade na qual os vínculos sociais são os elementos entre os participantes de uma comunidade que trocam e circulam valores não mercantis sem deixar, no entanto, de valorizar a economia e entender que a forma solidária e local gera riquezas e promove o bem-estar coletivo. O fenômeno da hospitalidade está sob esse paradigma e é apresentado como uma forma atenuada da dádiva. Por meio dele as interações sociais devem ser estabelecidas favorecendo o reconhecimento do outro e valorizando a perspectiva do dom e do contradom. As dimensões do acolhimento, especialmente na figura dos ritos e rituais e da convivialidade, o que tange a capacidade da sociedade em amparar as trocas e prezar pela convivência recíproca, têm relevância no estudo para nortear a observação no *corpus* de análise.
- Capítulo 3: *Os modelos comunicacionais e a comunicação em rede*, que pretende esclarecer a interface da comunicação e da hospitalidade como uma dinâmica inerente ao processo das interações sociais e o conceito de rede, ainda que originário da matemática, foi adaptado à comunicação porque se caracteriza pela transmissão de informações que, aliada à virtualização, potencializa sua circulação e ressignifica o processo sem, no entanto, excluir seus integrantes. A abordagem de modelos comunicacionais criados para a abstração de diferentes fenômenos comunicacionais influenciou a formulação da tese pretendida. A sociologia das redes interpreta os nós e as arestas, desenhos matemáticos, como uma forma de relacionamento e de interação entre atores de uma sociedade e dessa forma também ressignifica o viver em comunidade criando espaço para o surgimento das ecologias comunicativas apresentadas como uma ecologia conectiva e reticular, onde seus elementos se relacionam e interagem entre si.
- Capítulo 4: *Os procedimentos metodológicos*, onde as estratégias para a efetivação da pesquisa são descritas de modo cronológico. Tem início com o estado da arte, apresenta a teoria interpretativista como paradigma, descreve o protocolo da análise de conteúdo e finaliza com a *práxis* da pesquisa-ação, em referência ao antigo domínio <http://transitionbrasil.ning.com/> e ao novo domínio

<<https://transitionbrasil.com/>> do movimento Cidades em Transição, respectivamente. Os planos de ação das estratégias encontram-se interligados numa primeira etapa com separação detalhada nas etapas seguintes.

- Capítulo 5: *O movimento Cidades em Transição*, onde o contexto de análise é apresentado. A rede social do movimento *Transition* Brasil é o repositório das iniciativas e seus desdobramentos da trajetória da causa no Brasil. Por meio dela, o grupo de profissionais engajados e comprometidos com os princípios e valores do movimento se articulam na divulgação das diversas iniciativas pelo País inteiro e no fortalecimento da causa e seus desdobramentos positivos para a sociedade. A construção de um novo *site* é uma preocupação desse grupo de profissionais já que o então existente se encontra atrelado a um endereço e uma plataforma internacionais que têm dificultado sua manutenção.
- Capítulo 6: *Os resultados da análise de conteúdo*, apresenta e interpreta as decorrências da aplicação da estratégia metodológica em questão, estruturada a partir da etapa de tratamento dos resultados e interpretações, na qual estão cotejadas as hipóteses e objetivos do estudo. Esta etapa é decorrente da fase de criação dos quadros das categorias da análise de conteúdo e sua codificação e leitura por meio dos recursos contidos no *software* NVivo, as quais formulam as figuras esquemáticas das ilações encontradas.
- Capítulo 7: *Os resultados da pesquisa-ação*, apresenta e discute os resultados do protocolo da estratégia metodológica baseados em quatro etapas: a primeira indicada como a implementação do reconhecimento das rotinas do *Hub* Brasil, incluindo as decisões sobre o antigo domínio da rede *Transition* Brasil; a segunda organizada como a construção dos relacionamentos por meio do estabelecimento da agenda de seminários na discussão dos conteúdos do novo domínio da rede *Transition* Brasil; a terceira formulada como tratamento das informações indicada como as definições da arquitetura da informação e a elaboração dos conteúdos do novo domínio, além da divisão de tarefas entre os participantes; e a quarta identificada como elaboração do *site* com ênfase nos conteúdos relacionados às páginas “SOBRE O MOVIMENTO”, “TREINAMENTOS”, “*BLOG*”.
- Capítulo 8: *A ecologia da hospitalidade em rede*, que se configura como um estágio de fundamentação no processo de reunião e análise dos dados empíricos na formulação do modelo conceitual da ecologia da hospitalidade em rede. Este modelo organiza-se em torno dos estudos do antigo domínio

<<http://transitionbrasil.ning.com/>> e da proposta de elaboração do novo domínio <<https://transitionbrasil.com/>>. Este capítulo retoma os resultados das estratégias metodológicas e os examina enquanto respostas às premissas do estudo.

2 SOB O PARADIGMA DA DÁDIVA

2.1 O TERCEIRO PARADIGMA

Conceber a sociedade sob o paradigma da dádiva é avançar nas discussões sobre as relações sociais, suas interações e trocas mercantis e de valor. É pensar numa sociedade igualitária sustentada por uma economia solidária, local, que se organiza por meio de uma produção em menor escala que entende e respeita a cadeia de produção e de consumo. É uma escolha individual que se reflete no grupo, na comunidade e nas ações cotidianas. Um paradigma é um padrão a ser seguido. O terceiro paradigma, o da dádiva, no qual se sustenta a presente pesquisa, não é somente estar em contraposição ao paradigma neoliberal, que tem como um de seus sinônimos a Teoria da Ação Racional (GODBOUT, 1998) onde o que circula, o que se produz tem vinculação com o interesse e com a utilidade. É propor uma reflexão e uma mudança no modo de pensar, agir e construir relações sociais cujos vínculos respeitam o indivíduo, mas o colocam no centro de uma coletividade. A economia é ponto sensível da discussão já que ela se caracteriza pela ocorrência de fenômenos ligados à obtenção e aplicação de recursos materiais que garantem a sobrevivência e deveriam garantir o bem-estar da coletividade.

A pertinência do terceiro paradigma destaca-se no contexto da pandemia de COVID-19 já que a sociedade mundial está repensando sua forma de viver em sociedade. A dicotomia atual entre economia e saúde, especialmente no Brasil, impõe o princípio da pluralidade de lógicas instituintes da interação social sob o paradigma da dádiva. Surge como um sistema de práticas sociais constituídas de vínculos sociais (GODBOUT, 1998, p. 1), sejam eles oriundos das esferas doméstica, política ou mercadológica.

Na época de Adam Smith, segundo Godbout (1998), mesmo sendo ele o pai do pensamento da economia liberal, a teoria da ação racional não era tida como o “privilegio paradigmático”. Este *status* indica que ela é um postulado, uma premissa, ou seja, uma explicação direta e natural para justificar o modo de agir de um agente social (GODBOUT, 1998). A discussão recai no ponto em que o momento atual mundial favorece uma reflexão profunda sobre as duas noções que sustentam o modelo: preferência e otimização. Por preferência entende-se, segundo o autor, que o sujeito conduz suas ações de acordo com suas preferências individuais. No desdobramento das preferências está o conceito da otimização, onde se encontra a teoria da racionalidade aplicada (GODBOUT, 1998). Essa racionalidade, de acordo com a teoria, não se pronuncia quanto aos fins, ou seja, o conceito sobre a otimização é

“[...] ao agir racionalmente, o ator se envolve com algum tipo de otimização. Isso pode ser expresso como maximização do benefício, ou como minimização do custo, ou ainda de outros modos” (GODBOUT, 1998, p. 2).

A ação coletiva deriva da ação individual voltada para os fins e aponta para a máxima de que “os interesses privados conduzem ao bem público” (GODBOUT, 1998, p. 2), em teoria, guiados pela “mão invisível” de Adam Smith. Sob esse conceito, o mercado e a sociedade se auto regulam e ser egoísta, nesse sentido, cumpre com a função de viver em sociedade (GODBOUT, 1998).

As relações sociais, orientadas por interesses e preferências comuns, tão abundantes no modelo comunitário, pressupõem divergências e ficam à margem do modelo das preferências e otimização que também prega a liberdade de dívida, prezando pelo princípio da autonomia. Sob esse ponto de vista, essa ausência de dívida – seu oposto é o cerne da dádiva – deve levar à “exclusão, exploração e injustiça” (GODBOUT, 1998, p. 3). As preferências são ainda mercantilizadas e com liberdade total “[...] contanto que todos os valores, crenças e paixões sejam traduzidos em demanda de bens (ou serviços) de consumo” (GODBOUT, 1998, p. 9). A justificativa para a geração dessa demanda é o crescimento econômico, o consumo e o esgotamento de recursos naturais do planeta. Séculos se passaram para que o sistema neoliberal se consolidasse sob a égide do capital e no sistema econômico do capitalismo.

Neste sistema, sustentado pela propriedade privada, acúmulo de capital, e, especialmente nas relações do trabalho, a venda de mão de obra e pagamento por ela, a economia carrega a contradição de ser ela o fator excludente, mas não dela mesma (GODELIER, 2001) e sim da sociedade que cada trabalhador participa. Mesmo influenciados por correntes de pensamentos diferentes - Godelier pela escola francesa de antropologia marxista e Godbout pela escola francesa de sociologia - recorrer ao pensamento de ambos neste ponto do estudo não tem a presunção de complemento e sim de recorrer às interpretações de ambos sobre a obra de Mauss. O alcance mundial do sistema capitalista pressiona todas as organizações que fazem parte dele a buscar a minimização dos custos e maximização dos lucros para se sobressair no ambiente da concorrência cujos mercados de atuação são internos ou externos. “O paradoxo é que a economia que cria excluídos em massa confia à sociedade a tarefa de reincluí-los, não na economia - exceto em proporções muito pequenas - mas na sociedade” (GODELIER, 2001, p. 9).

É nesse contexto que o significado do dom ou da dádiva extrapola a generosidade e solidariedade individual e “liga sujeitos abstratos, um doador que ama a humanidade e um donatário que encarna, por alguns meses, o tempo de uma campanha de donativos, a miséria do

mundo” (GODELIER, 2001, p. 12). Mas é preciso refletir que dom não é partilhar apenas bens materiais. As trocas também são simbólicas e a tríade dar-receber-retribuir de Mauss (2001) é o movimento ou elemento chave para a contextualização do paradigma da dádiva. A relação do dom e contradom, ou seja, de retribuir algo dado com algo melhor ainda é a chave para inspirar a sociedade a desenvolver relações para a obtenção de um bem maior, algo que inclua e não exclua.

Voltando às questões das escolhas racionais, não se pode deixar de abordar a filosofia utilitarista de Jeremy Bentham e Stuart Mill já que ela se fundamenta na moral e na ética das atividades econômicas. O princípio da utilidade afirma que as atividades humanas para serem consideradas éticas devem estar voltadas para o bem-estar dos envolvidos, ou seja, regidas pelo prazer. A relação de bem-estar individual e coletivo englobando as ações que as leis proporcionam dessa teoria é ponto de divergência para a socioeconomia de Amitai Etzioni, responsável por apresentar a teoria do eu e do nós que “busca romper o isolamento do indivíduo e situá-lo no contexto de suas relações sociais, [...] que significa que cada indivíduo possui um sentimento de identidade compartilhada com os outros” (GODBOUT, 1998, p. 5). O ponto de Etzioni (GODBOUT, 1998) não só potencializa a questão moral das relações como também das normas e dos valores envolvidos nelas. Os atos morais se distanciam do prazer utilitarista, mas não são suficientes para suplantá-las. Godbout (1998, p. 5-6) escreve:

Se nos ativermos a esses dois paradigmas, seremos levados a crer que as ciências sociais se encontram diante do seguinte dilema: ou o comportamento é livre, mas obedece ao modelo da racionalidade instrumental, ou o comportamento é mais ou menos limitado ou determinado por normas, pela obediência a regras.

É a partir dessa dicotomia que a dádiva se apresenta como um paradigma. O autor adverte sobre a alta probabilidade da dádiva nunca alcançar o *status* de paradigma, mas, para efeito desta análise e na avaliação da autora desta tese, o mundo caminha para adotá-la como um pressuposto no contexto das ciências sociais.

Para Caillé (2002) a dádiva também é o terceiro paradigma. À frente das discussões sobre a hegemonia do pensamento neoliberal e sob a influência da Escola Francesa de Sociologia, ele materializa suas reflexões sobre o tema, lançando em 1980 o *Bulletin du M.A.U.S.S. (Mouvement Anti Utilitariste dans les Sciences Sociales)*.

Para Martins (2017, p. 162)² o objetivo do pensamento na obra de Caillé é:

[...] atualizar a crítica à axiomática do interesse e promover os fundamentos de uma moral de solidariedade coletiva que possa regulamentar as tendências de expansão do

² No Brasil, Paulo Henrique Martins é o especialista sobre o assunto, com uma produção robusta de artigos sobre o tema.

egoísmo na contemporaneidade, o autor entende ser necessário aprofundar os estudos sobre a dádiva/dom.

O texto principal que fundamenta a análise concentra-se no livro de Caillé (2002) *Antropologia do dom: o terceiro paradigma* que por sua vez baseia-se na obra de Mauss (2001), o representante maior dos estudos sobre a dádiva, registrados na obra *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, originalmente publicada em 1925.

A questão paradigmática sobre a dádiva contribui para o contexto desta pesquisa já que para Caillé, segundo Martins (2017) e mediante as tensões epistemológicas envolvidas, a dádiva é um dom que adquire um caráter simbólico atemporal, movimentando-se entre passado e presente, e espacial que percorre diferentes campos da língua, da cultura, das relações entre o homem e seu meio ambiente.

Para Martins (2017) a dádiva é o terceiro paradigma porque o individualista e o holista, apesar de dominantes, não representam a complexidade da vida social. Godbout (1998) contextualizou essa análise com o individualista quando tratou das preferências e da otimização da teoria das escolhas racionais. Já o paradigma holista floresce com atualização filosófica do termo grego *holos* pelo então primeiro ministro sul-africano Jan Christiaan Smuts ao apresentar seu livro *Holismo e evolução* para a comunidade acadêmica da época, em 1927. Em ciências sociais, o holismo preocupa-se com as influências sociais que determinam as ações individuais, refletindo normas e valores da sociedade onde vive.

E por que a dádiva pode representar a complexidade da vida social? Porque, segundo Martins (2017, p. 173), na visão de Caillé, ela não é reducionista da vida social. Ela é entendida como um sistema que flutua no tempo por meio de uma matriz espacial e temporal que realça a dinâmica da realidade. “No sistema da dádiva, a vida social aparece como sistema flutuante no tempo, que pode ser observado pela circulação dos bens materiais e imateriais, fertilizados por um simbolismo geral que significa a realidade em cada momento e em cada lugar” (MARTINS, 2017, p. 174).

Enquanto lógica de uma organização social, a dádiva se caracteriza de modo universal libertando-se de aspectos particulares como no Brasil, por meio de traduções equivocadas (MARTINS, 2017) na qual dom/dádiva se vincula essencialmente aos fenômenos religiosos, tornando-se o senso comum dominante, podendo reduzi-la ao esforço de uma sociedade benemérita e caridosa.

2.2 A HOSPITALIDADE E A DÁDIVA

Benveniste (1995) afirma que a hospitalidade é uma forma atenuada da dádiva numa referência ao *potlatch*³. Na etimologia da palavra hospitalidade está a palavra hóspede. Em latim *hospes*. Para Benveniste (1995, p. 88) “[...] *hospes* representa *hosti-pet-s*. O segundo membro *pet* está em alternância com *pot*, que significa senhor e esposo. Em grego *pósis* – esposo.”

Uma série de definições se seguem em relação à palavra *hostis* que a vinculam com reciprocidade, igualdade e compensação, conduzindo a uma “noção precisa de hospitalidade” (BENVENISTE, 1995, p. 93). Nesse percurso etimológico a relação de compensação leva ao *potlatch*, descrito por Mauss (2001), em seu célebre *Ensaio sobre a dádiva*. Benveniste (1995, p. 94) identifica-o como um “sistema dom e contradom sempre criando para o parceiro a obrigação de um dom maior, devido a uma espécie de força coercitiva.” Desdobra o conceito de hospitalidade como uma forma atenuada da dádiva porque se fundamenta na ideia de que um homem se une ao outro compulsoriamente (BENVENISTE, 1995).

O dom de Mauss é abordado por Godelier (2001) na concepção da criação de vínculos já que ele está em tudo o que se troca, seja em sociedades arcaicas ou na sociedade moderna. Uma “troca permanente de uma matéria espiritual compreendendo coisas e homens entre clãs e os indivíduos” (GODELIER, 2001, p. 22). Troca menos espiritual no legado de Mauss está o *potlatch* como citado. Assim como Benveniste (1995), Godelier (2001) indica que se deve ressaltar a relação entre quem dá e quem recebe, afirmando que o dom é um ato pessoal.

Para Lanna (2000, p. 175) a tese principal de Mauss é:

[...] o entendimento da constituição da vida social por um constante dar-e-receber. Mostra ainda como, universalmente, dar e retribuir são obrigações, mas organizadas de modo particular em cada caso. Daí a importância de entendermos como as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de fato que elas podem tomar formas variadas, da retribuição pessoal à redistribuição de tributos.

A dádiva produz diversas formas de aliança – nos casamentos, empresas, templos religiosos, além das relações econômicas, jurídicas, como também pessoais de hospitalidade (LANNA, 2000). A sociabilidade da dádiva aproxima-se da hospitalidade.

Caillé (2013) é ainda mais assertivo na discussão sobre o dom e a sociabilidade porque desdobra o conceito de dom nobre de Mauss, ligado à generosidade e ao desinteresse, em dom primário e secundário e socialidade primária e secundária. Segundo o autor, o dom primário é o que estabelece o acordo, o pacto entre as pessoas, e o que gera a sociabilidade primária, consideradas como as relações entre os indivíduos. O dom secundário não sobreviveria se não

³ O contexto dessa afirmação está no capítulo sobre hospitalidade na obra *O vocabulário das instituições indo-europeias. Economia, parentesco, sociedade*.

existisse o primário já que, ainda de acordo com Caillé (2013), ele se refere às ligações funcionais que as pessoas têm e às relações sociais que se estruturam delas. É por meio desse sistema que: “[...] torna-se essencial sugerir a hipótese de que a tripla obrigação de dar, receber e retribuir, tão magistralmente formulada por Mauss, continua ainda hoje a estruturar as relações entre as pessoas. É nesses termos que se enuncia a lei não escrita da socialidade primária” (CAILLÉ, 2002, p. 9).

A pluralidade dos conceitos sobre a hospitalidade a enriquece e atrai olhares ora conservadores, ora inovadores de pesquisadores. Não há um modo único de conceber a hospitalidade, porém associá-la à dádiva parece consolidar uma ação social, coletiva, intrinsecamente ligada às interações entre as pessoas.

Anne Gotman usa a expressão “*something extra*” e faz uma ponte entre o passado e o presente tendo a hospitalidade como pano de fundo. “No passado, obrigação e necessidade social, nos dias atuais, uma simples questão pessoal [...]. Desse passado, ela teria guardado uma conotação social de superfluidez, não desprovida de aura [...] destinada a entreter aparentados, amizades e relacionamentos sociais” (GOTMAN, 1997, p. 6, tradução livre)⁴.

A autora descreve ainda que a hospitalidade acontece entre pares, parentes, amigos e aliados e pode estar voltada para as relações sociais e ao entretenimento, revestir-se de aspectos instrumentais, ser mais ou menos codificada, ritualizada, rotineira ou espontânea, mas não consegue adquirir a característica da simplicidade. Outra particularidade da ocorrência da hospitalidade está na obrigação da reciprocidade. O dar na hospitalidade significa receber o hóspede desprovido de restrições; ser receptivo para que haja comunhão de interesses. Assim, retribuir ou receber não é apenas um ato contínuo de uma obrigação de devolver a hospitalidade recebida. É o comprometimento com a situação. Anne Gotman (1997, p. 8, tradução livre) descreve: “[...] é a outra face do receber, que é conveniente estar atento, momento de junção da trindade do dom, e não uma simples troca entre dar-receber-retribuir onde as contrapartes se equivalem e a troca não reserva surpresas.”⁵

A reciprocidade envolve enviar presentes e realizar visitas entre indivíduos de uma mesma sociedade ou de outras sociedades e culturas. A manifestação da hospitalidade envolvida nas relações de convidar e receber podem ser consideradas como uma dinâmica do

⁴ “*Jadis obligation et nécessité sociales, aujourd'hui simple question personnelle, l'hospitalité [...] De ce passé, elle aurait gardé une connotation sociale de superfluité, non dépourvue d'aura cependant: dépense sinon noble, du moins bourgeoise, destinée à entretenir parenté, amitié et relations sociales*” (GOTMAN, 1997, p. 6).

⁵ “*C'est à cette autre face du recevoir qu'il convient d'être attentif, moment charnière du triptyque du don, et non pas simple commutateur entre un donner-rendre où les contreparties s'équivalent et où l'échange reste sans surprise*” (GOTMAN, 1997, p. 8).

dom e promovem auxílio na compreensão dos vínculos sociais (DENCKER, 2004; CAMARGO, 2004).

O dar-receber-retribuir auxilia ainda na compreensão de fenômenos de solidariedade humana, associativos e de liderança, pensamento que sob o paradigma da dádiva incorpora a certeza que toda ação de hospitalidade carrega em si uma dádiva (CAMARGO, 2004) e avança nas melhorias das relações e interações sociais.

2.3 A HOSPITALIDADE E AS INTERAÇÕES SOCIAIS

Para a ocorrência da hospitalidade é preciso existir no mínimo duas pessoas, entendendo-as como anfitrião e hóspede. A interação entre pessoas envolve atos de acolhimento, bem-estar, conforto e entendimento de diferenças, de hábitos e cultura como também o contrário, ou seja, atos de exclusão, mal-estar, desconforto e intolerância às diferenças de hábitos e cultura. Como a interação é uma via de mão dupla, a tudo que se dá se tem uma devolutiva e, nesse sentido, é possível afirmar que a prática da hospitalidade enquanto interação social pode criar vínculos em diferentes contextos.

No mundo contemporâneo, analisar a hospitalidade nas interações sociais por meio das relações interpessoais (CAMARGO, 2015) significa também entender que existe uma troca entre alguém que recebe e alguém que é recebido, cuja interação pode resultar em concordância e apaziguamento ou discordância e discórdia.

A relação interpessoal, na visão de Camargo (2015, p. 48), é fundamental para a ocorrência da cena hospitaleira e, para entendê-la sob esse ponto de vista, o autor afirma:

Vale aqui lembrar e resgatar as noções sociológicas clássicas de relação primária, marcada pela intimidade, e da relação secundária, marcada pela etiqueta. A primeira busca a aproximação, a afetividade, a expressão dos sentimentos. A segunda recomenda a distância, a polidez, uma hospitalidade que se poderia chamar de neutra.

Uma relação social afetada por contextos sociais, culturais e tecnológicos pode adaptar-se ao conceito das relações primárias e secundárias e ser complementado pelo que Lynch e outros (2011) indicam como diferentes visões sobre o fato da hospitalidade reger as relações sociais, especialmente de como ela se move em direção ao gerenciamento de diferenças na aceitação da estranheza. É neste ponto que se pode discutir a aceitação da estranheza pela representação da figura do estrangeiro e também a inospitalidade. Para Camargo (2021) a inospitalidade refere-se a não reconhecer o interlocutor, ou seja, preteri-lo, ignorá-lo, o que não se caracteriza como um ato hostil necessariamente, mas a vontade de não se relacionar com o

outro é demonstrar “[...] inamistosidade o que abre para um perspectiva obscura e negativa” (CAMARGO, 2021, p. 6).

É na etimologia da palavra estrangeiro que essa discussão se inicia. Na língua latina “[...] os termos *aduenus* e *peregrinus*, homens vindos ou que se acham fora da comunidade, assinalam, segundo Benveniste (1995, p. 361), uma oposição com o *ingenuss*, o homem livre nascido na comunidade” (MANZI; TOURDOIRE-SURLAPIERRE, 2011, p. 795). No grego “[...] o termo [...] *xenos*, tem a mesma raiz que o verbo *xeinízo* [...] e designa o comportamento de hospitalidade” (MANZI; TOURDOIRE-SURLAPIERRE, 2011, p. 795) permite a correspondência entre os dois termos que expressam uma ligação e conformidade, e evidencia como a hospitalidade transforma esse estrangeiro, como pode mudar seu *status*. Todo primeiro contato entre o *ingenuss* e *peregrinus* ou entre o natural da terra e o originário de outro lugar contém estranheza e no limite hostilidade. Cabe ao desenvolvimento de um processo hospitaleiro que barreiras sejam rompidas no favorecimento da ocorrência da alteridade enquanto reconhecimento e aceitação das diferenças que envolvem questões de identidade como cultura e língua.

A condição de estrangeiro, de desconhecido coloca o personagem em posição de hóspede e como tal com *status* menor que o anfitrião, o autóctone. Deve partir dele, dessa forma, a responsabilidade de promover as interações sociais com o anfitrião e auxiliá-lo na inserção da comunidade. Ou, ainda, excluí-lo. A hospitalidade empreendida no esforço da aceitação da estranheza, no entanto, não é liberada de normas, leis e exigências comportamentais. Para que o equilíbrio da desigualdade em que se encontra o estrangeiro seja minimizado, ele mesmo deve apresentar provas de suas qualidades.

Cabe ressaltar que a noção de estrangeiro tem ligações com tempo e espaço, além de identidade, proveniência e necessidades, e o momento inaugural das relações (BINET-MONTANDON, 2011) permeado por ritos de hospitalidade devem conduzir ao diálogo, ao encontro de interesses comuns e aos motivos que o trouxeram até aquele lugar. O viver em conjunto para a hospitalidade é “[...] regida por regras, ritos e leis” (MONTANDON, 2003, p. 132). Nesse sentido, a hospitalidade é “concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas também como uma forma própria de humanização, ou no mínimo, uma das formas essenciais de socialização” (MONTANDON, 2003, p. 132).

A natureza dialógica da hospitalidade favorece as interações sociais desde que haja o reconhecimento e a alteridade na ação. O diálogo é condição essencial para sua ocorrência (BESSONE, 2011) já que o eu e o ele se transformam em nós. A resposta ao diálogo é uma forma de acolher o outro e buscar a troca de ideias, sentimentos, dados e ou informações. É

preciso convite e, para que ele se concretize, é preciso que seja escolhido um lugar e um tempo. Feito isso, “o diálogo se abre, então, como uma atitude voluntária por parte de um e de outro, um duplo desejo de dialogar, e um duplo convite, do hospedeiro e do interlocutor (BESSONE, 2011, p. 1268). A convivência entre os participantes do diálogo é condição essencial para sua ocorrência. Em caso de um participante indesejável, um estranho, não só ocorre a exclusão como não se estabelece um diálogo. A afirmação da autora em referência ao indicar que o lugar onde ocorre o diálogo pouco importa desde que seja presencial, levanta uma questão a este estudo já que essa condição não acontece nos meios virtuais. É dela: “[...] os interlocutores oferecem a presença de seus corpos físicos, sem dissimulação e sem ameaça. Devem poder se ver e se falar [...] ou [...] confirmar uma confiança, uma aceitação primordial, a aceitação do próprio fato do diálogo” (BESSONE, 2011, p. 1268).

As reflexões provocadas levam à constatação de que a comunicação deve ser síncrona quando mediada por um dispositivo e com a intenção de promover o diálogo como condição da hospitalidade. Filosoficamente, tempo e lugar relacionados ao diálogo o diferem da apologia e do debate, já que é preciso de tempo para pensar na resposta do outro para a formulação de um novo raciocínio. “Não pode haver diálogo autêntico sem lazer”, completa Bessone (2011, p. 1269).

A pressa ou o controle do tempo não expõe a natureza dialógica da hospitalidade e a atitude de respeito, condição inerente ao diálogo, tampouco torna-se acolhedor da palavra autêntica (BESSONE, 2011). O diálogo, portanto, deve ser consentido e a relação lugar-tempo um contexto estimulador de sua ocorrência. Ainda filosoficamente, o diálogo conduz à verdade. “[...] pode ser longo, árduo, pode ser necessário voltar atrás, mudar de direção, mas em última análise ele conduz para a casa” (BESSONE, 2011, p. 1270). É neste ponto que o diálogo assume a face elitizada pois é necessário de fato reconhecer o outro como um semelhante, um igual ou até mesmo um aliado. Sem essa identificação, o diálogo se tornaria conflituoso e hostil. Na recepção do estrangeiro, por exemplo, o diálogo assumirá o papel de protagonista como elemento essencial da interação e, por consequência, da inclusão. A diferença entre o diálogo e a conversa é a sua capacidade de ser mantido pelo reconhecimento do outro, enquanto a conversa “não existe nenhuma qualidade moral por parte daqueles que participam dela. Ela é um laço social na medida em que se trata de respeitar os códigos, as maneiras” (BESSONE, 2011, p. 1274).

Para ser social, o diálogo deve ser norteado pela hospitalidade o que contribuirá para que as interações sejam profícuas, consistentes e conquistadoras. Cabe pensar neste momento sobre a dádiva das palavras: o que dizer pretende dar? (CAILLÉ, 2002). Para o autor “[...] a

circulação das palavras permite estabelecer relações de aliança e afinidade” (CAILLÉ, 2002, p. 100). A graciosidade da palavra no circuito da dádiva - dar, receber e retribuir - contextualizada nos primeiros contatos sociais, normalmente descompromissada e permeada por formalidades, abre a possibilidade de uma relação interpessoal, sustentada por uma leve simpatia. São conversas que favorecem a apresentação dos interlocutores (estrangeiro - autóctone ou hóspede - anfitrião). São momentos de apresentação e, nesse sentido, o que circula é a palavra falada. Não custa nada para ambas as partes. Há ainda a troca da palavra de maneira cerimonializada, exemplificada por convites de diferentes situações. Em ambos os sentidos ela reflete o *status* de cada um.

A diferença entre a conversação americana e francesa em que Caillé (2002) cita Carroll (1987) estimula a reflexão sobre a importância do entendimento e o contexto cultural a que cada interlocutor está ligado.

Para um francês, a conversação deve ser “comprometida”, “alentada” e, se necessário, “reanimada”, sem perder a vivacidade, desviada se for perigosa. [...] o importante é estabelecer vínculos, criar uma rede, por mais tênue que seja, entre os conversadores. A palavra que se troca no “fio” da conversação (podemos comparar com o diálogo), serve para tecer os vínculos [...] (CARROLL, 1987, p. 44 *apud* CAILLÉ, 2002, p. 114).

O pensamento francês parece suprir tanto a necessidade do reconhecimento cultural, especialmente pelo anfitrião ao receber seus hóspedes, quanto como premissa das interações sociais. Para os americanos, prossegue o texto, o que importa é o conteúdo das mensagens e o seu valor de uso. Para eles retribuir é mais importante que dar e não ficar em dívida com outrem (CAILLÉ, 2002). A adoção da perspectiva francesa sobre a conversação finaliza este tópico como a adequada de ser colocada em prática tendo os objetivos do estudo.

2.4 AS DEMAIS DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE

Segundo Bastos e Rejowski (2015) podem ser indicadas nove dimensões da hospitalidade e suas variáveis, tendo como base os referenciais teóricos das dissertações do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. São elas:

[...] a) ambiental: meio ambiente; b) cultural: patrimônio cultural, festa, tradição, ritual, e mito; c) econômica: trabalho, gestão, marketing, perfil profissional e serviço; d) educacional: ensino, treinamento e qualificação profissional; e) material: espaços, equipamentos e arquitetura; f) política: poder e política pública; g) religiosa: religiosidade; h) simbólica: estilo, imaginário; i) social: acolhimento, comensalidade, comunicação, dádiva, etiqueta, sociabilidade e urbanidade (BASTOS; REJOWSKI, 2015, p. 143).

Aproximar-se conceitualmente na dimensão social e suas variáveis acolhimento e convivialidade é o objetivo deste tópico.

O acolhimento pode ser entendido como uma dimensão da hospitalidade e o primeiro momento de seu ritual, tornando-se uma condição essencial para o favorecimento das interações sociais. A acolhida é a construção dos vínculos sociais e seu sentido, para Binet-Montandon (2011), baseia-se no conceito de que há uma complexa tensão contraditória que permeia o momento inaugural das relações e que envolve questões de *status* dos diversos personagens e o seu caráter temporário. O tempo é uma variável inerente ao processo do acolhimento porque carrega o paradoxo de influenciar a ocorrência de hospitalidade em partes e no todo. Ele evidencia o primeiro contato com o mundo do anfitrião e na sequência o processo da hospitalidade.

Entendendo que a acolhida é um momento inaugural que pode levar à exclusão ou à integração do outro, desponta nesse cenário a questão da acolhida condicionada, como concebida por Binet-Montandon (2011), que evidencia as regras, tradições e ritos próprios de cada território, além de reencontrar a questão da duração e o tempo da acolhida, ou seja, a temporalidade da hospitalidade.

Ainda segundo Binet-Montandon (2011), a questão do *status* do estrangeiro e sua desigualdade em relação ao ente que acolhe, o autóctone, ao partilhar palavras, gestos, desenhos ou qualquer outra representação gráfica, oral ou gestual, expõe sua identidade e quanto mais elementos simbólicos permeiam a acolhida, maiores são as chances do estrangeiro ser aceito ao grupo e manter-se fiel à sua identidade. A conexão com a temporalidade, ou estado provisório da hospitalidade, pode ficar mais clara quando se compreende esse processo antropológicamente, ou seja, por meio de seu envolvimento com os “rituais de contato e de passagem em que o hospedeiro acolhe à porta o estrangeiro” (BINET-MONTANDON, 2011, p. 1171).

Os ritos de passagem são identificados de diversas formas por Van-Gennep (2011). Enquanto estudos antropológicos e sociais são classificados em “ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação” (VAN-GENNEP, 2011, p. 29-30), porém não acontecem da mesma forma em diferentes culturas. De acordo com essa classificação, os ritos de separação acontecem em funerais e os de agregação em casamentos. Em todas as formas de sociedades as pessoas morrem e se unem basicamente. Os ritos de margem estão na gravidez, no noivado enquanto frequência e “[...] se reduzem ao mínimo no segundo parto, no segundo casamento, na passagem da segunda para a terceira idade, etc.” (VAN-GENNEP, 2011, p. 30). A margem pode ser mais ou menos desenvolvida dependendo do estágio em que se encontra, por exemplo, entre noivado e casamento ou período de transformação da adolescência para a fase adulta. O universo teórico sobre ritos e rituais de Van-Gennep é profundo e denso, porém, o que cabe

aqui destacar é que eles se materializam por meio de cerimônias. Essa questão se ligará aos tipos de ritos em que esse referencial teórico se fundamenta.

O rito de passagem a que se refere Binet-Montandon (2011) une-se conceitualmente ao momento da transposição da soleira (GRASSI, 2011) e ambos os conceitos são derivados dos ritos de margem (VAN-GENNEP, 2011). Encontram-se nessa mesma situação o pórtico e o marco. Os ritos de soleira ainda não estabelecem laços entre o estrangeiro e o autóctone ou entre o anfitrião e o hóspede, mas prepara a situação para tal. Na transposição da soleira, ou seja, já do outro lado, os ritos serão de agregação (VAN-GENNEP, 2011). Os pórticos e marcos apresentam-se de modo mais grandioso pelo próprio significado que têm e estão envolvidos com divindades. São “[...] ‘guardiões da soleira’ quando tomam proporção monumental, como se dava no Egito, na Assíria, na Babilônia (dragões alados, esfinge, monstros de toda espécie) [...]” (VAN-GENNEP, 2011, p. 37). Quer parecer, no entanto, que são pontos de referência das cidades, dos espaços públicos, enquanto a soleira está estreitamente ligada ao domínio privado, doméstico ou mesmo íntimo. Essa característica opera um tipo de acolhimento, norteia uma forma de receber. Para Grassi (2011) transpor a soleira identifica dois tipos de territórios e seus limites. “A noção de limite é dupla, geográfica e antropológica, ela se materializa pela ultrapassagem de regras comportamentais e específicas [...]” (GRASSI, 2011, p. 46).

Lardellier (2011) afirma que acolher de verdade consiste em dar atenção ao hóspede, proporcionando um outro espaço-tempo que substitua o caráter utilitário da troca e evidencie a dimensão simbólica da relação. E, para tanto, há uma relação intrínseca de acolhimento com os ritos. É importante ressaltar que o ritual “é um conjunto de textos oriundos, em princípio, da tradição que ditam as regras de organização de um rito” (LARDELLIER, 2011, p. 1187). Esse ritual desenvolve-se mediante a condução de uma autoridade responsável pela execução do rito. “O rito, ele, é o ritual em ação. É, portanto, esse espaço-tempo que caracteriza a realização de alguma coisa da ordem do simbólico para os seus participantes e, por extensão, para as comunidades que recorrem a ele” (LARDELLIER, 2011, p. 1187).

Trazer para esse contexto os rituais de interação de Goffman citados por Lardellier (2011) devem auxiliar tanto na observação das características do acolhimento como dimensão da hospitalidade quanto no esclarecimento de suas articulações. Ritos de interação ou microrritos frutificados de modo espontâneo numa relação interpessoal são fundamentais para estimular as estruturas sociais que não podem deixar de existir sob pena de debilitar a organização social (LARDELLIER, 2011). Cabe então ao autóctone observá-los, preservá-los e favorecer aproximações. O acolhimento sob essa perspectiva pode produzir uma rede de conexões entre pessoas e seus contextos sociais.

Ritos espetaculares como as grandes festividades públicas se caracterizam por um “[...] conjunto de práticas normativas [...] que dramatizam e teatralizam as relações sociais e institucionais. [...] são revestidos de um valor simbólico para seus atores e espectadores” (LARDELLIER, 2011, p. 1187). Compete, dessa forma, à comunidade engrossar o sentido das suas grandes festividades, adensar seus principais símbolos e buscar sua perpetuação histórica. Isso valorizará as relações sociais da comunidade tornando-a, no limite, mais acolhedora.

O termo convivialismo foi criado por Illich na década de 70 e tem relação com propor novas formas de produção de sociedades industrializadas. Tem relação ainda com o reconhecimento do domínio das máquinas sobre o homem e como as ferramentas industriais o escravizaram. Em 1973 ele escreveu *Tools of conviviality* como resultado de pesquisas desenvolvidas sobre modos alternativos ao modo de produção industrializada. Seu pensamento central gira em torno das ferramentas.

Para Illich, o avanço das soluções industriais se baseava em uma premissa: a de que seria possível substituir escravos por máquinas. No entanto, tal premissa se mostrou falsa. A tentativa de desenvolver soluções nessas bases acarretou a hipertrofia de aparelhos burocráticos que moldaram o mundo às suas dimensões, em detrimento das dimensões humanas, causando estranhamento às pessoas e dependência em relação a tais aparelhos (CASAGRANDE; FREITAS, 2020, p. 256).

O conceito central das ferramentas é a expressão das intenções humanas (ILLICH, 1973) quaisquer que sejam. São classificadas em manejáveis onde toda energia para seu uso provém de seu usuário - lápis, martelo ou bicicleta por exemplo, e manipuláveis - carros, eletrodomésticos e outras tecnologias, trazendo para a atualidade, que operam por meio de energia externa (ILLICH, 1973).

O convívio que as comunidades passam a ter no uso das ferramentas manejáveis não ocorre com o uso das ferramentas manipuláveis. Pelo contrário, essas ferramentas, as manipuláveis, se sobrepõem às ferramentas manejáveis pela superioridade técnica que contêm. A sobreposição inclui o homem que se transforma na ferramenta manipulável (CASAGRANDE; FREITAS, 2020). O termo convívio designa o oposto da produção industrial, mas não o rejeita. A busca é por um equilíbrio.

Considero o convívio uma liberdade individual realizada na interdependência pessoal e, como tal, um valor ético intrínseco. Acredito que, em qualquer sociedade, à medida que o convívio é reduzido abaixo de um certo nível, nenhuma quantidade de produtividade industrial pode efetivamente satisfazer as necessidades que ela cria entre os membros da sociedade (ILLICH, 1973, p. 24, tradução livre)⁶.

⁶“I consider conviviality to be individual freedom realized in personal interdependence and, as such, an intrinsic ethical value. I believe that, in any society, as conviviality is reduced below a certain level, no amount of industrial productivity can effectively satisfy the needs it creates among society’s members” (ILLICH, 1973, p. 24).

Na visão de Illich (1973) as ferramentas estão classificadas por meio de dois modos de produção: a autônoma e a heterônoma. A autônoma, com suas ferramentas manejáveis, produz bens não comercializados, enquanto a heterônoma, com suas ferramentas manipuláveis, produz bens operados pela divisão e hierarquização do trabalho que resultam em produtores e consumidores e necessitam de instituições para regulação e fiscalização.

As ferramentas de convívio, no entanto, não eliminam a industrialização, o que seria na realidade uma utopia se assim fosse defendida. A proposta é que haja um equilíbrio para que não se tenha o domínio da produção heterogênea. “Tal limiar ocorre quando um progresso obtido anteriormente se converte em meio de explorar o conjunto social para colocá-lo à serviço de uma elite especializada” (CASAGRANDE; FREITAS, 2020, p. 256).

O desequilíbrio entre os dois modos de produção e o crescente domínio da produção heterogênea, juntamente com o avanço da industrialização, é prejudicial pelas seguintes justificativas, segundo Illich (1973):

- a) a transformação do meio ambiente em um local inabitável;
- b) a exclusão de soluções não industriais pelo monopólio radical “[...] a exclusividade de determinada solução industrial a uma necessidade humana [...]” (CASAGRANDE; FREITAS, 2020, p. 258);
- c) a geração de um mundo super programado no qual “a realidade induz os comportamentos aceitáveis e aqueles não aceitáveis, tal como em um hospício comportamental, onde todos são constantemente ensinados, socializados, normalizados, testados e reformados” (ILLICH, 1973, p. 83 *apud* CASAGRANDE; FREITAS, 2020, p. 258);
- d) a promoção da polarização do poder já que as supermáquinas são manipuladas por uma elite e com a manipulação vem a centralização;
- e) a geração da frustração pela redução da vida útil de produtos e serviços industrializados, ou seja, sua obsolescência, e a necessidade de trocá-los com frequência, o que não é possível para todos os indivíduos.

Illich (1973) propôs recursos necessários por meio de uma isonomia, da reconstrução do convívio com a valorização de que numa comunidade todos são iguais (CASAGRANDE; FREITAS, 2020). Esse ponto ainda é recorte que dialoga com as ideias do manifesto convivialista e a declaração de interdependência que concluem este tópico criando coerência com a indicação da convivialidade como uma variável da hospitalidade.

Basicamente a reconstrução do convívio passa por novos usos para as ferramentas existentes e uma nova orientação para as que ainda serão criadas. Para exemplificar, Illich (1973, p. 50) usa o transporte:

[...] no início dos anos 30, o México desenvolveu um sistema moderno de transporte. Dentro de alguns anos, cerca de 80% da população ganhou acesso às vantagens do automóvel. Mais importante, as aldeias foram conectadas por estradas de terra ou trilhos [...]. Em distâncias curtas, o veículo não podia competir com as pessoas que estavam acostumadas a andar e a carregar suas mercadorias, mas as viagens de longa distância se tornaram possíveis para todos (ILLICH, 1973, p. 50, tradução livre)⁷.

As ferramentas de convívio não ficam apenas nas questões tangíveis; elas também se caracterizam como trabalho, educação, saúde e habitação e permeiam uma sociedade igualitária, com liberdade individual, que produz felicidade.

O *Manifesto convivialista: declaração de interdependência* foi assinado por mais de sessenta intelectuais internacionais, entre eles Caillé, Morin, Foucauld e Latouche. Foi Caillé, no entanto, quem articulou a elaboração do documento. Segundo ele, em entrevista concedida a Nouailles⁸, a ideia surgiu depois de sua participação num colóquio, em 2011, em Tóquio, cujo tema central era a herança de Illich. Ao retornar para França e amadurecer suas ideias sobre o assunto, Caillé deu início ao projeto de produzir um livro sobre o tema e passou a fazer convites às pessoas que considerava conectadas ao assunto.

Hoje já são 3 200 assinaturas no mundo todo. Entre os brasileiros estão Martins e França Filho. Os signatários pretendem valorizar todas as ações da sociedade civil que se esforçam em materializar e manter iniciativas que se opõem ao pensamento econômico vigente: liberalismo ou neoliberalismo. O grupo do manifesto parte de duas ameaças fundamentais do mundo industrializado, tecnológico, munido de recursos materiais além de competências técnicas e científicas: a degradação do meio ambiente com o aquecimento global e suas consequências como aumento da poluição, escassez de alimentos e de energia e desastres naturais. Essas ameaças são denominadas entrópicas. As ameaças de ordem moral e política como pobreza, desigualdade social, exclusão, poderes ditatoriais e corruptos, são denominadas antrópicas ou antropogênicas (VANDENBERGHE; VERAN, 2016).

Alguns questionamentos estão no ponto central da declaração: a humanidade precisa entender que os recursos naturais são finitos e que sem cooperação entre as pessoas, mesmo

⁷ “[...] in the early thirties, Mexico developed a modern system of transportation. Within a few years about 80 percent of the population had gained access to the advantages of the automobile. Most important, villages had been connected by dirt roads or tracks [...]. Over short distances the vehicle could not compete with people, who had been used to walking and to carrying their merchandise, but long-distance travel had become possible for all” (ILLICH, 1973, p. 50).

⁸ Publicada no *site* da revista francesa *La Vie*, em 17/06/2013, traduzida e publicada na *homepage* do Instituto Humanitas Unisinos, em 11/07/2013.

com todas as condições materiais reunidas, não haverá prosperidade para a sociedade. É possível, sob essa perspectiva, afirmar que já existem diversas ações no mundo que se configuram como uma resposta.

Entre elas estão o decrescimento econômico, todos os tipos de *slow-food*, *town*, *science*, o *buen vivir* ou acesso a ele, o voluntariado, as teorias do *care*, os compartilhamentos do *commons*, as cooperativas, enfim, estão sob diferentes formas, nomes e escalas, mas todas têm em comum, segundo Caillé (2013, n.p.):

Eu defendia muito o “ismo” por uma razão fundamental: nós temos 36 000 soluções de políticas econômicas, financeiras, ecológicas para propor, mas o que nos falta hoje é uma base doutrinal de filosofia política comum. E para representar isso, nós precisamos de uma palavra em “ismo” que seja agregadora. Daí esta definição que propomos de convivialismo, segundo os trabalhos de **Marcel Mauss** (destaque do original): como conviver sem se massacrar? É uma questão prévia, central em todas as sociedades humanas e indispensável para colocar antes daquela de saber qual seria o bom regime político (monarquia, república, império, socialismo, etc.), em relação ao qual cada um pode ter suas preferências.

Quatro situações-problema emergiram no manifesto com projeção planetária e por conseguinte, geradoras de dissenso e conflito. São as crises: moral, política, ecológica e econômica. Resumidamente, a crise é moral porque tudo começa com o pensamento individual, ou seja, o que devemos ou não fazer? É política porque se concentra na discussão sobre o que é justificado e amparado por lei. É ecológica porque os insumos e os recursos são retirados da natureza e não devolvidos da mesma maneira e, finalmente, econômica, influenciadora e influenciada pelas demais, porque se questiona: qual é a riqueza permitida de ser produzida? O quanto podemos acumular tendo em vista as questões morais, políticas e ecológicas? (CAILLÉ, 2013).

Enquanto variável da dimensão da hospitalidade, o convivialismo, filosoficamente, encontra-se conectado à dádiva e, sob seu paradigma, amplia a capacidade de compreensão de como a sociedade pode ser beneficiada com esse pensamento. Não se trata de ignorar o que foi feito até agora ou negar os avanços, mas de discutir o que é melhor para a coletividade, para a comunidade. O movimento Cidades em Transição não é citado entre as ações que se consolidam em torno do convivialismo, porém está relacionada ao decrescimento econômico, de acordo com Acosta e Brand (2018) e, portanto, inserida na discussão tanto filosófica quanto científica. A abrangência da discussão sobre o convivialismo certamente deixará de abordar vários pontos. O esforço neste estudo é o de formular indicadores de análise (rito-ritual-cerimonial) para que a variável tenha parâmetros de observação, assim como para a variável acolhimento. Num primeiro momento, esses indicadores podem recair na observação sobre o conceito das ferramentas de Illich (1973), e das questões que giram em torno das quatro crises constantes do

manifesto convivialista: a moral, a política, a ecológica e a econômica, abordadas anteriormente, que se conectam à perspectiva da abordagem da hospitalidade como uma forma atenuada da dádiva, responsável pelas interações sociais que oscilam sob a interferência das dimensões do acolhimento e do convivialismo como qualificação do comunitário. O ângulo agudo desse fenômeno, na avaliação da pesquisadora, está na comunicação em rede e em ambiente virtual, mas este é o assunto do próximo capítulo.

3 OS MODELOS COMUNICACIONAIS E A COMUNICAÇÃO EM REDE

3.1 MODELOS COMUNICACIONAIS

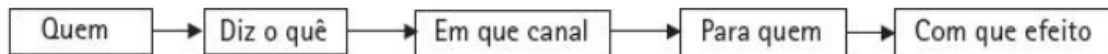
A Comunicação é uma área do conhecimento científico plural, social e ambíguo. Nem sempre precisou da intermediação de meios, porém, eles sempre estiveram presentes. Nos dias de hoje ela chega a se confundir com eles já que o progresso tecnológico e a criação de máquinas têm evoluído constante e rapidamente. A criação de modelo é uma atividade essencial na abstração de uma reprodução de processos de fenômenos científicos. Eles permitem uma visualização de dados e de informações, que favorece o entendimento das relações entre elementos de um determinado processo. As críticas sobre criação de modelos, no entanto, recaem sobre o fato de estarem confinados em um espaço de tempo, o que pode limitar sua aplicação mais ampla. De qualquer modo, consideramos interessante para a compreensão deste capítulo a apresentação de alguns modelos comunicacionais que, para efeito deste trabalho, justificam e sustentam a discussão sobre a comunicação em rede, ponto fundamental desta pesquisa, já que podemos entender que modelos comunicacionais acompanham e refletem um contexto social e cultural.

O crescimento das mídias desde os anos 1920 estimulou a produção científica sobre a comunicação já que a sua força e influência podiam, e podem até hoje, ser responsáveis por manipulações políticas que agravam o estado democrático das sociedades pelo mundo. A comunicação e as mídias ganharam *status* acadêmico pelas mudanças que provocaram na vida social e no cotidiano das pessoas. Esse mesmo período caracteriza-se pela profícua elaboração de modelos que, se não conseguiram responder às questões organizadas, foram responsáveis pela formulação de perguntas pertinentes.

Dessa forma, seguem-se modelos escolhidos de acordo com as interpretações da pesquisadora, que tentam respeitar uma cronologia das Teorias da Comunicação, de acordo com Martino (2017).

O primeiro modelo comunicacional que chama a atenção é o de Harold D. Lasswell, de 1948, originário de um pensamento sobre a comunicação política que apresenta uma estrutura linear de diferentes partes com conexão entre si, conforme figura 1.

Figura 1 - Primeiro modelo comunicacional de Lasswell (1948)



Fonte: MARTINO, 2017

Na sequência, seu modelo aborda as funções da comunicação junto à sociedade, como mostra a figura 2.

Figura 2 - As funções do modelo de Lasswell (1948)



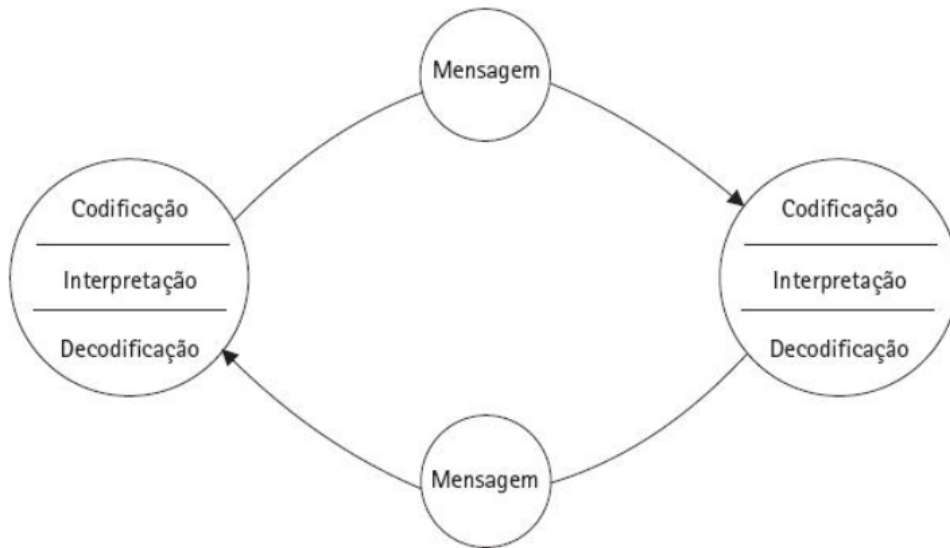
Fonte: MARTINO, 2017

É fundamental afirmar que a comunicação provoca reações na sociedade, ou ainda “[...] a comunicação tem uma função, isto é, faz alguma coisa com a sociedade” (MARTINO, 2017, p. 34). Para Lasswell a mídia é por onde circulam as informações e o conhecimento da sociedade. O mérito do modelo de Lasswell é ter sido o primeiro com foco na comunicação, conseqüentemente ponto de partida para os que seguiram depois dele.

Osgood e Schramm, em 1954, analisaram o modelo de Lasswell e avaliaram que a linearidade do processo pensado pelo autor não observava a possibilidade de alterar a mensagem e receber retorno de sua compreensão ou não. Vale ressaltar a dinâmica da ciência e dos problemas que não são investigados por uma determinada teoria, já que este fato sempre abre espaço para a identificação de novos problemas, formando um ciclo de questionamentos a serem resolvidos. A discussão que ora se apresenta retrata o desenvolvimento das teorias da comunicação aqui apresentada.

Voltando a Osgood e Schramm (1954), o modelo que conceberam está baseado na premissa de que em um processo de comunicação sempre haverá “[...] a existência de uma ‘interpretação’ agindo ao mesmo tempo na codificação e na decodificação” (MARTINO, 2017, p. 38). A descoberta apontou a interação como fenômeno decisivo para os estudos dos processos comunicacionais, conforme mostra a figura 3.

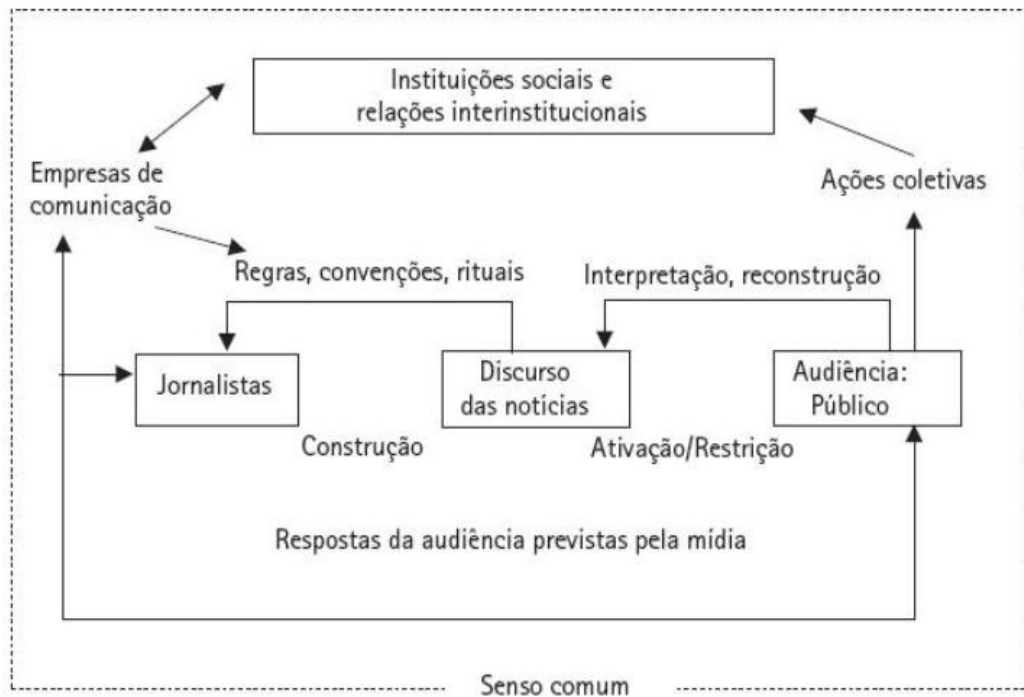
Figura 3 - Modelo comunicacional de Osgood e Schramm (1954)



Fonte: MARTINO, 2017

Em 1970 a ideia de como a mídia faz crer o modo das pessoas perceberem o mundo foi alvo da criação de um modelo comunicacional denominado *Framing Theory* ou Efeito de Enquadramento. “A mídia influi diretamente no modo de interpretação das pessoas construindo a mensagem, de modo a deixar margem para uma única maneira de interpretá-la” (MARTINO, 2017, p. 66). Isto quer dizer que ao ser apresentado um fato, em qualquer mídia, o leitor, o telespectador ou o ouvinte vai enquadrar (*framed*) o fato nas referências que tem sobre o tema. O enquadramento, no entanto, é que dá sentido ao fato. O efeito colateral é: “[...] a longo prazo, há uma tendência dos receptores e da mídia a pensarem de maneira semelhante. O público tende a usar referências provenientes das mensagens dos meios de comunicação” (MARTINO, 2017, p. 67). O processo pode ser visualizado por meio da figura 4.

Figura 4 - Modelo comunicacional - *Framing Theory* ou Efeito de Enquadramento (1970)



Fonte: MARTINO, 2017

O conjunto de referências que uma pessoa tem de um determinado fato a leva ao entendimento específico de uma realidade, idealizando-a como “verdade” absoluta, causando uma distorção que não se entende como tal quando receptor e emissor compartilham as mesmas representações.

Do mesmo modo que a ocorrência da hospitalidade depende da figura humana, a comunicação também precisa do homem, de duas pessoas para existir mesmo que intermediada pela máquina. Dessa afirmativa florescem diferentes modelos comunicacionais. Podemos citar a comunicação interpessoal como: “comunicação direta estabelecida entre dois ou mais indivíduos por meio da fala, frente a frente, sem intermediação de aparelhos ou suportes materiais [...] onde o emissor é o receptor ao mesmo tempo pois atuam reciprocamente.” (MARCONDES FILHO, 2014, p. 105). Da comunicação interpessoal segue-se a comunicação de um-para-muitos cuja definição esclarece o processo comunicacional indicando, no entanto, a necessária observação de que o termo “muitos” se reserva a um grupo limitado de pessoas. Da comunicação um-para-muitos chegamos à comunicação de massa na qual a utilização de tecnologias de mediação conduz à reprodução das mensagens para uma quantidade de pessoas

que se denomina audiência sendo esse conceito o que se refere à larga escala, à massa. Um novo modelo comunicacional torna-se expoente com a denominação da comunicação em rede:

O modelo comunicacional da nossa sociedade contemporânea é moldado pela capacidade dos processos de globalização comunicacional mundiais, juntamente com a ligação em rede entre media de massa e interpessoais e em consequência pelo aparecimento da mediação em rede. A organização de usos e ligação em rede dos media dentro deste modelo comunicacional parece estar directamente ligado aos diferentes graus de uso de interactividade que os nossos media actuais permitem (CARDOSO, 2009, p. 12)⁹.

Essa noção de comunicação em rede foi disseminada a partir de 1990 com a constituição da rede mundial de computadores. Ela liga-se também à ideia de que o meio (*media*) precede a mensagem através das inovações do setor incrementando a experiência comunicacional com mais interação e possibilidade do receptor ser emissor concomitantemente. Envolve ainda estudos sobre produção e distribuição. Quanto mais evoluem as tecnologias comunicacionais e suas ferramentas como a *internet*, o conceito de comunicação em rede se conecta com essa realidade. A comunicação em rede, entretanto, existia antes da *internet*, já que os meios de reprodução de informações sempre produziram efeitos e impactos na vida e no conjunto social.

A obra de Castells (1999) denominada *Sociedade em Rede*, traz considerações importantes sobre essa relação. Para o autor “a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 1999, p. 43). Em defesa de sua proposta, a historicidade das revoluções industriais é apresentada uma a uma envolvida nas consequências sociais de produção, trabalho, cultura e comunicação.

A primeira comunicação em rede citada pelo autor foi o telégrafo, em pleno uso em 1837, mas que ganha a configuração de rede com a invenção da eletricidade em 1870, descoberta que mudou também os transportes, a iluminação e o modo de produção nas fábricas por meio dos motores elétricos. Na esteira das revoluções, encontra-se a da tecnologia da informação que tem seus primórdios com a invenção do telefone por Bell em 1876, seguida da invenção do rádio por Marconi em 1898 e pela descoberta da válvula a vácuo em 1906 por De Forest. Foi durante a Segunda Guerra Mundial e nos períodos seguintes que a evolução dos estudos em microeletrônica agitou o mundo com a criação de transistores e computadores programáveis. Em 1971 a criação do microprocessador que permitiu “incluir um computador em um chip” (CASTELLS, 1999, p. 79) caracterizou-se por uma revolução dentro de outra revolução.

⁹ Trecho extraído do artigo *Da Comunicação de Massa para a Comunicação em Rede* publicado pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2009.

A sociedade em rede de Castells (1999) inclui a rede e o ser onde o autor trata do emergente fenômeno da informatização e do neoliberalismo que coloca o mercado como a maior justificativa das relações humanas e da conseqüente fragmentação social; aborda a economia informacional e globalizada onde sua produtividade é negociada por meio de uma rede de interações entre a concorrência; identifica a empresa em rede que nasce das mudanças organizacionais e a tecnologia da informação, digitalização de processos e computadores em rede; discute os novos formatos de trabalho e emprego sob o paradigma informacional de trabalho onde a mão de obra está sempre travando uma batalha entre sua cultura e história, transformação tecnológica e relações industriais. Para os trabalhadores ativos na rede os impactos da tecnologia da informação sobre o mercado de trabalho indicam, segundo o autor, uma descentralização das tarefas e a existência de uma rede interativa de comunicação em tempo real que coloca trabalhadores de um mesmo prédio próximos a trabalhadores de outros prédios em países distintos. O mais evidente nesse ponto da obra é a tecnologia da informação, a mudança nas relações de capital-trabalho e a deterioração das condições de trabalho, o que redundará em desigualdade social.

De volta à comunicação em rede, Castells (1999) apresenta o fim da audiência de massa e o aparecimento das redes interativas especialmente nos anos de 1980 com o impacto social da televisão e a fragmentação de sua audiência por meio dos programas de TV a cabo ou TV fechada para assinantes, audiência que, mesmo maciça em volumes numéricos, já não é de massa por causa da multiplicidade das mensagens e das fontes emissoras. Esse fenômeno abre as portas para as décadas seguintes, onde a virtualização se destaca como o elemento gerador das relações comunicacionais em rede.

A criação da *internet* e os estudos sobre o virtual decorrentes dessa tecnologia são elementos que também promoveram mudanças radicais nas comunicações. Virtual enquanto definição é a ausência de existência. A realidade é entendida como tangível, física, palpável, material. “O real seria da ordem do ‘tenho’, enquanto o virtual seria da ordem do ‘terás’” (LÉVY, 2003, p. 15). Ou ainda “o possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência” (LÉVY, 2003, p. 16), ou seja, ele pode ser interpretado como um estágio prévio para se chegar ao real.

A palavra virtual, no Dicionário de Comunicação (MARCONDES FILHO, 2014), deriva do latim *virtualis*, que etimologicamente quer dizer possível, que existe como faculdade. A aceção da palavra é definida, ainda segundo a obra, como “existência possível sem efeito atual; potencial ainda não atualizado e que poderá vir a ser real” (MARCONDES FILHO, 2014, p. 461). Além disso, também indica que filosoficamente é algo que está predeterminado e

contém todas as condições de ser realizado. Marcondes Filho (2014) esclarece ainda que o termo não é novo, mas seu uso como metáfora nos anos de 1980 vinculou-se ao fenômeno da computação e nas décadas seguintes tornou-se sinônimo de expansão tecnológica. Segundo o autor (2014), foi Lévy que o aproximou do sentido filosófico, afirmando que o virtual não se opõe ao real e sim ao atual. Ao discorrer sobre a trajetória do conceito virtual, autores como Deleuze e Bergson, são citados por Marcondes Filho (2014). Resumidamente, Deleuze teria considerado que o virtual é um aspecto da realidade que não é material, embora seja real, e Bergson, referindo-se ao debate virtual e atual, ser real e possível.

A comunicação mediada não é novidade para a sociedade moderna. Parece não haver diferenças entre a comunicação interpessoal quando as pessoas estão cara a cara e quando estão se relacionando por meio de dispositivo com acesso a ambientes virtuais, visto que permanecem trocando informações, utilizando-se da linguagem verbal e, por que não afirmar, da linguagem corporal (os símbolos, *emotion cards*, *gifs*, entre outros), caracterizando a ocorrência das interações e dos relacionamentos.

Para Recuero (2008) existem elementos da conversação mediada por computador que diferenciam as duas formas de comunicação - síncrona e assíncrona - que foram inseridas no contexto da cibercultura no Brasil após o surgimento do instrumental que a *web 2.0* ofereceu. Segundo Reid (1991 *apud* RECUERO, 2008) a comunicação síncrona ou assíncrona depende das ferramentas que as geram. As ferramentas que permitem ou favorecem a perspectiva de uma resposta imediata, semelhante ao que ocorre no face a face, seriam as que promovem a comunicação síncrona. O oposto se consolida como definição da comunicação assíncrona, ou seja, as ferramentas assíncronas são as que proporcionam uma resposta ao longo de um determinado tempo. Alguns exemplos das ferramentas citadas seriam o *chat* para a conversação síncrona e *e-mail* ou fórum para a conversação assíncrona. Mas pela própria construção da *internet*, o que determina a sincronicidade ou assincronicidade é o uso das ferramentas, ou seja, é possível que as mensagens de um *chat* sejam respondidas posteriormente e as de um *e-mail* ou fórum em tempo real.

Assim, ferramentas como *sites* de redes sociais [...] podem oferecer uma variedade de espaços de interação, que podem ser facilmente apropriados como síncronos ou assíncronos dependendo do momento e dos atores envolvidos [...]. Diríamos, portanto, que a sincronicidade é mais uma característica da apropriação do meio e menos uma característica da tecnologia (RECUERO, 2008, n.p.).

A importância teórica desses conceitos deve contribuir para as discussões da hospitalidade e a comunicação como variável impulsionadora das interações nas redes sociais virtuais. Como complemento a essa reflexão, a comunicação se consolida por meio da

linguagem e de seus signos. O texto é signo linguístico, e mesmo que ele se apresente em formatos diversos acompanhados de estímulos dos sentidos como visualidades, audições e oralidades, é ele quem comandará essencialmente o processo comunicacional e sofrerá as consequências da virtualização, ou seja, um estado do virtual. A virtualização para Lévy (2003) é responsável pela quebra das barreiras estáticas, além da homogeneização do tempo e o aumento da velocidade, e o texto virtual ou a virtualização do texto é uma condição essencial para a ocorrência da interatividade. Vale lembrar que para o autor o texto compõe-se de discursos com propósitos definidos incluindo mensagens iconográficas e fílmicas.

As comunicações *on-line* devem ser pensadas sob diversas óticas. Segundo Heim (1998), existem três pontos principais na observação da realidade virtual: “[...] a imersão, a interatividade e o envolvimento ou intensidade da informação”.

A imersão vem da capacidade operacional que os equipamentos possuem de isolar os sentidos o suficiente para fazer com que uma pessoa se sinta transportada para outro local (HEIM, 1998, p. 6). A interação vem da habilidade do sistema computacional de corrigir em tempo real a mudança do ângulo de visão do usuário, de forma tão rápida quanto o organismo humano consegue alterar o seu ângulo de visão e perspectiva. Essa capacidade reativa é dada na mesma velocidade com que a percepção orgânica reage às mudanças relacionadas à perspectiva e direção. O envolvimento ou intensidade da informação se relaciona com a possibilidade de inserir no mundo virtual qualidades especiais e artificiais que demonstram certo grau de comportamento inteligente que possa motivar a exploração. Esse grau de comportamento inteligente pode ser classificado, também, como o grau de envolvimento entre o usuário e o sistema. O envolvimento pode ser dado de duas formas. Pode ser passivo, como ler um livro ou assistir televisão. Ou ativo, como participar de um jogo com algum parceiro. A realidade virtual tem potencial para os dois tipos de envolvimento ao permitir a exploração de um ambiente virtual e ao propiciar a interação do usuário com um mundo virtual dinâmico.

De forma simplificada, as três características desejáveis em um sistema de ambiente virtual podem ser definidas da seguinte forma:

- a) imersão - sensação de estar dentro do ambiente;
- b) interação - possibilidade conferida ao usuário de interferir com o que acontece no ambiente e vice-versa;
- c) envolvimento ou intensidade da informação - capacidade do ambiente motivar a participação do usuário.

Assim, a comunicação que observa essas três características pode explorar os recursos da interatividade na construção de relacionamentos como páginas pessoais na *web*, grupos de discussão, *e-mails* e *sites* institucionais, *blogs*, *vlogs* entre outros.

A fim de proporcionar aprofundamento teórico sobre as comunicações em rede, cabe indicar que Lévy (2010) denominou de ciberespaço ou rede o novo meio de comunicação nascido através da:

[...] interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2010, p. 16).

O ciberespaço é ainda definido pelo autor como um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2010, p. 92-93), o qual é caracterizado pela codificação digital que representa a fluidez, a plasticidade, sua precisão e comunicação em tempo real por meio de conteúdos interativos. Sobre os conceitos de ciberespaço e cibercultura de Lévy (2010), podemos relacioná-los com as discussões, respectivamente, de espaço e lugar de Santaella (2014), numa reflexão que amplia os horizontes deste estudo. Espaços são, segundo Santaella (2014, p. 176) “[...] ambientes tridimensionais nos quais objetos e eventos ocorrem e nos quais eles têm posição e direção relativa. [...] lugar é o espaço investido de compreensão e comportamento apropriado, de expectativas culturais”. Vivemos num espaço e convivemos nos lugares. Dessa forma parece viável afirmar que a hospitalidade como sentido social ocorre num lugar virtual, num espaço de convivência e interação como um *blog* ou ainda que a cibercultura é o lugar das relações da hospitalidade e o ciberespaço o ambiente onde elas podem ocorrer.

A ubiquidade está relacionada ao ciberespaço porque somente com ele podemos estar ao mesmo tempo em dois lugares como postula Santaella (2014). Essa condição ubíqua experimentada com as redes móveis e com acesso permanente que elas proporcionam é utilizada pelas redes sociais digitais por meio ainda de uma comunicação interativa em rede.

A dinâmica da ubiquidade não está no escopo deste estudo, porém quer parecer uma questão para sua continuidade. É um foco que permite explorar os motivos para se engajar nas redes sociais e experimentar a vida num *continuum* e não mais como uma sequência cronológica dos acontecimentos. A ubiquidade segundo Santaella (2014) nos permite registrar a vida enquanto ela acontece. Essa interação evidencia o sentido da hospitalidade e suas dimensões de acolhimento, interações sociais e convivialidade que sustentam a teoria incorporada à tese, e

pode fomentar a continuidade da pesquisa no entendimento de diferentes influências que um ecossistema pode ter.

É na concentração do espírito sobre si próprio, suas representações, ideias e sentimentos que recai a distinção de Harrison e Dourish (1996) sobre a diferença conceitual de ambiente e espaço. A abordagem do tema à luz da arquitetura, urbanismo e *design* permite circundá-lo à comunicação em rede e a complementá-la no que tange à produção de espaços e lugares em sistemas colaborativos, ou seja, ferramentas que atuam em rede auxiliando na troca de informações e nas interações entre pessoas. O uso de metáforas espaciais é amplamente utilizado nesse sentido. Para os autores um desses sistemas colaborativos denomina-se comunicações multimídias e seus ‘corredores virtuais’ como forma de organização e interação entre os participantes do mesmo espaço virtual, criando uma analogia com os espaços físicos de uma casa. Pensar e organizar um espaço tendo a proximidade com esse mundo real influencia o modelo espacial das interações: “A organização espacial do mundo é a mesma para todos nós: ‘para baixo’ é em direção ao centro da terra, e ‘para cima’ está em direção ao céu; reconhecemos ainda ‘frente’ e ‘atrás’, e entendemos o que isso implica para nosso campo de visão” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 2, tradução livre)¹⁰. Esse senso comum de orientação que os autores chamam de orientação relacional e reciprocidade nos leva a interagir e entender frases como: “documento em cima da pilha ou pessoa ao lado da estante” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 2, tradução livre)¹¹.

O espaço pode se caracterizar ainda, segundo Harrison e Dourish (1996), por proximidade e ação; fragmentação, presença e consciência, e todas essas características são chaves para a preparação de um mundo virtual que imita o mundo real, favorecendo um sistema colaborativo que conta com a existência de um padrão de comportamento e das interações humanas. Enquanto isso, o lugar é o espaço comportamental. “A distinção é mais ou menos como aquela entre uma ‘casa’ e um ‘lar’: uma casa pode proteger do vento e da chuva, mas um lar é onde vivemos” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 3, tradução livre)¹². “A relação de lugar e espaço é social e não tecnológica” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 5, tradução livre)¹³.

¹⁰ “The spatial organisation of the world is the same for all of us. “Down” is towards the center of the earth, and “up” is towards the sky; we recognise “front” and “back” and understand what that implies for our field-of-view” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 2).

¹¹ “[...] ‘the document on top of that pile’ or ‘the person standing by the bookcase’” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 2).

¹² “The distinction is rather like that between a “house” and a “home”; a house might keep out the wind and the rain, but a home is where we live” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 3).

¹³ “The relationship between space and place is social, not technological” (HARRISON; DOURISH, 1996, p. 5).

Dessa forma, o texto de Ciborra (2002) que vai além da metodologia e tecnicidade do pensamento das tecnologias e dos sistemas de informação, ganha relevância por refletir sobre os conceitos da hospitalidade na elaboração de um espaço e lugar virtual. Denominado *Xenia*, é um capítulo que aborda e contribui para o entendimento da hospitalidade como fator determinante na elaboração de sistemas de informação nas organizações. Para Ciborra (2002) a hospitalidade é um dispositivo institucional que abrevia o tempo na integração da cultura dos estrangeiros e seus anfitriões. “A hospitalidade pode precipitar a transformação de um contato efêmero em um relacionamento que tem a aparência (e a sensação) de um longo conhecido” (CIBORRA, 2002, p. 103).

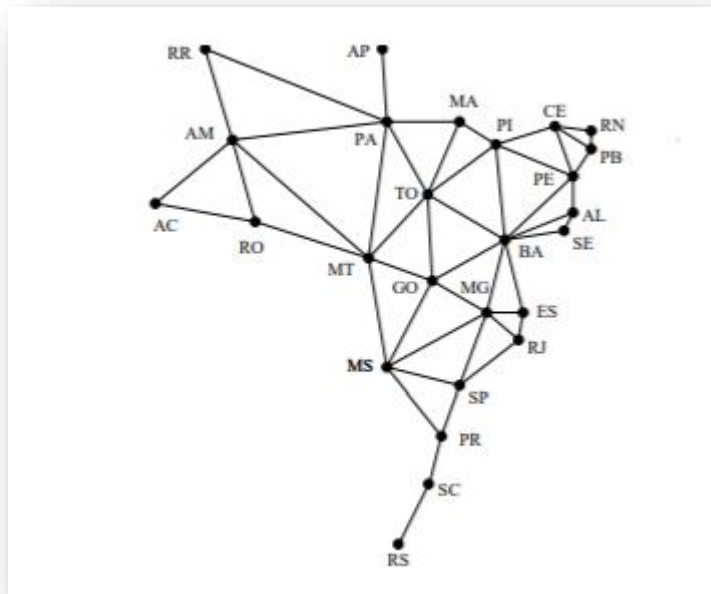
É urgente a troca das metodologias da tecnologia e sistemas de informação porque elas se afastam das relações humanas, das dimensões sociais da vida, da identidade e do compromisso por estarem lastreadas em lógicas, objetos, padrões e medições. Adotar a hospitalidade como parâmetro na construção de lugares virtuais promove uma nova agenda de questões (CIBORRA, 2002) sobre identidade, cultura e reconhecimento, melhorando as experiências e os encontros com a tecnologia. Após uma longa abordagem conceitual sobre as bases etimológicas da hospitalidade envolvendo o leitor no labirinto das concepções da tecnologia hospitaleira, o autor formula uma comparação entre os antigos e os novos compromissos no desenvolvimento de sistemas de informação com e sem a hospitalidade.

No sistema com hospitalidade, os compromissos definir identidade de acordo com o convidado, ultrapassar fronteiras, testar limites e papéis, cuidar, ouvir, ser servidor, compartilhar e estar aberto aos mistérios e às ambiguidades (CIBORRA, 2002), tornam-se elementos fundamentais da ecologia da hospitalidade em rede pela clareza com que se pode observar a relação da hospitalidade, da comunicação em rede e da tecnologia.

3.2 AS REDES SOCIAIS

A Teoria das Redes, segundo Recuero (2014), tem implicações diretas com a Teoria dos Grafos cujo primeiro teorema foi criado pelo matemático Leonhard Euler em torno de 1736. A palavra grafo foi criada pelo matemático James Joseph a partir de *graph*. Uma representação gráfica de um conjunto de nós ligados entre si por arestas, ou por semelhança, ângulos que formam uma rede. A representação gráfica do grafo dos estados brasileiros segundo essa teoria tem a seguinte forma:

Figura 5 - Adjacência entre estados do Brasil



Fonte: FEOFILOFF; KOHAYAKAWA; WAKABAYASHI, 2011, p. 10

O exemplo matemático indica que cada vértice é um estado brasileiro; dois estados são adjacentes, um de frente para o outro, se tiverem uma fronteira comum. Para entender a rede é necessário calcular quantos vértices tem o grafo assim como a quantidade de suas arestas. É possível desenhar diferentes grafos por meio desse teorema. O grafo das palavras, outro exemplo: “[...] é definido assim: cada vértice é uma palavra da língua portuguesa e duas palavras são adjacentes se diferem em exatamente uma posição. Por exemplo, rato e ralo são adjacentes, enquanto ralo e rota não são” (FEOFILOFF; KOHAYAKAWA; WAKABAYASHI, 2011, p. 10).

Os desdobramentos desses estudos se deram em diferentes áreas, inclusive na sociologia e na comunicação. Na sociologia o resultado das pesquisas sobre a teoria dos grafos sustentou a teoria das redes sociais que também usou a análise estrutural¹⁴ (RECUERO, 2014) como base para sua classificação. “[...] existem duas grandes visões do objeto de estudo: as redes inteiras (*whole networks*) e as redes personalizadas (*personal networks*)” (WATTS, 2003; DEGENNE; FORSÉ, 1999; WELLMAN, 1988, 2001, 2003; GARTON *et al.*, 1997 *apud* RECUERO, 2014, p. 2). Por meio do entendimento do *focus* de cada rede um pesquisador sobre o tema toma suas decisões de análise: “[...] a rede inteira foca em um grupo determinado, a rede personalizada

¹⁴ Análise estrutural define-se, grosso modo, como cálculos que determinam os efeitos de uma carga sobre qualquer forma de estrutura, ou seja, pontes, roupa, prótese dentária etc.

em um indivíduo” (RECUERO, 2014, p. 4). Essas análises levam em consideração os aspectos das relações estruturais entre as características e preferências de cada sujeito participante de uma rede sendo, cada um deles, o centro dela e o seu papel social no grupo. Isso quer dizer que o centro dos estudos das redes sociais está nos “padrões de relações entre as pessoas” (RECUERO, 2014, p. 4). A interação entre elas constitui um elemento fundamental para sua existência: “[...] em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços gerados através da interação social” (RECUERO, 2014, p. 4). Uma rede social precisa ter dois componentes: os atores (pessoas, grupos de pessoas, instituições e grupos de instituições) que interagem entre si, e os nós (os laços criados dessa interação). Analisar os padrões de interações e conexões de um grupo social e seus atores constrói metaforicamente uma rede (RECUERO, 2014).

Das redes sociais no mundo concreto para as redes sociais na *internet* se faz necessário organizar um conjunto de diferenças já que as interações e comunicação entre os atores se dá por meio de um dispositivo, uma máquina no significado mais abrangente do termo. Atores sociais nesse sentido não são rapidamente identificados; são representados pelos ambientes de interação ou espaços de fala, de troca de informações e ideias como os ambientes dos *blogs*, *vlogs*, fóruns e *chats*. Os atores dessa forma podem ser identificados por meio de suas construções individuais de conexões. É possível observar em redes sociais virtuais como Facebook, Twitter e Instagram que os atores formulam suas páginas com ferramentas comuns aos usuários dessas redes, mas de uma forma diferenciada à medida que usam diferentes linguagens, cores, símbolos e abordagens textuais que os representam e que atraem amigos ou seguidores.

Enquanto os nós (atores) se encontram e se identificam nesses mesmos exemplos de redes sociais virtuais, as conexões e as interações entre eles criam laços sociais e transformam-se em rastros já que comentários em postagens, curtidas e compartilhamentos ficam registrados permanentemente até que sejam apagados ou retirados do ar.

Para entender melhor interações como insumo necessário na construção de relações e laços sociais neste estudo, ocorridas em ambiente virtual, é fundamental pensar que ela é uma ação que depende da reação do outro e que está relacionada à reciprocidade. Nesse ponto é oportuno resgatar o conceito de ciberespaço de Lévy (2010, p. 92-93) já que ele o define como: “[...] um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores [...] que transmitem informações provenientes de fontes digitais [...]”. Aliada a essa condição estão as ferramentas de comunicação que interferem no tipo de interação. Segundo Recuero (2009) elas podem ser mútuas e reativas. Por mútua entende-se o estabelecimento de um diálogo ainda que

mediado por um dispositivo, e por reativa aquela relacionada à decisão de clicar ou não em um hipertexto, por exemplo. Um exemplo de uma interação reativa é o clique no botão de aceitar uma amizade numa página do Facebook ou entrar para um grupo ou comunidade qualquer que seja o interesse. Ambas, no entanto, são capazes de gerar laços mais ou menos intensos e representativos.

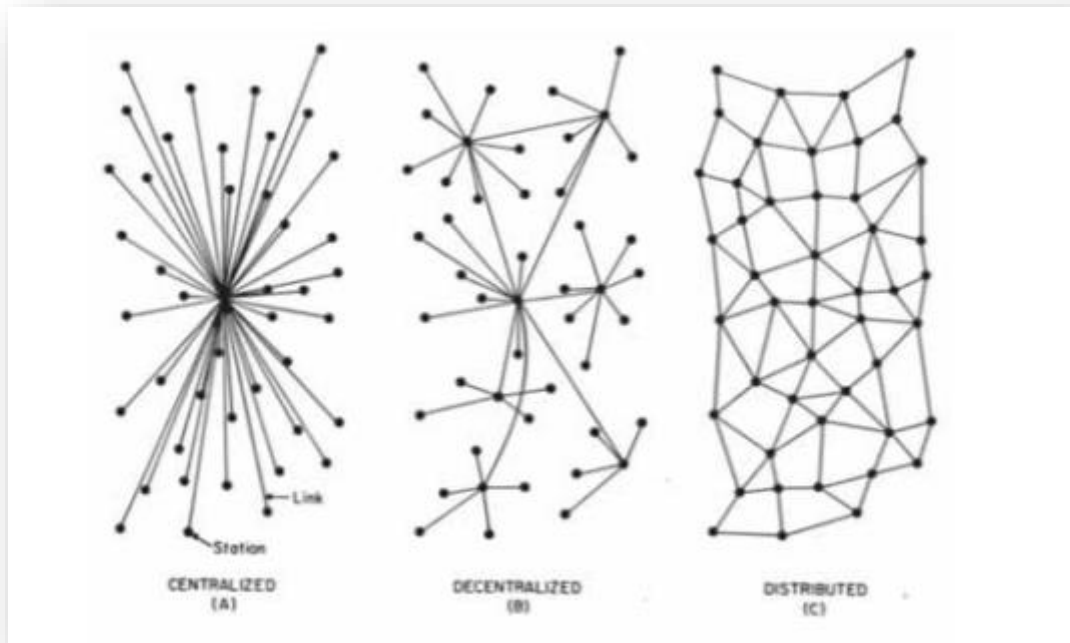
As interações sociais e seus conteúdos determinam as relações sociais (RECUERO, 2009), e elas atuam no surgimento dos laços, considerados laços relacionais. “Laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional” (WELLMAN, 2001, p. 7 *apud* RECUERO, 2009, p. 38). Enquanto tipologia de laços existem os laços de associação. Dessa forma, temos:

Laços relacionais são aqueles constituídos através das relações sociais, apenas podem acontecer através da interação entre os vários atores de uma rede social. Laços de associação, por outro lado, independem dessa ação, sendo necessário, unicamente, um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo (RECUERO, 2009, p. 39).

Resumindo, os laços associativos ocorrem no tipo de interação reativa e podem ser exemplificados com o aceite tanto do pedido de ingresso num grupo como da decisão de solicitá-lo. Os laços relacionais ocorrem no tipo de interação mútua e podem ser identificados na troca de mensagem de um *blog* ou fórum por meio da comunicação síncrona ou assíncrona.

Retomando os diferentes estudos sobre a teoria dos grafos como citado anteriormente, do ponto de vista da comunicação ela assume diferentes desenhos assim como na sociologia que acabamos de descrever. Segundo Baran (1964), existe uma grande quantidade de redes de comunicação, porém elas podem ser denominadas de centralizadas, descentralizadas e distribuídas ou em rede.

Figura 6 - Diagramas das Redes de Paul Baran



Fonte: BARAN, 1964, p. 2

Baran (1964) escreveu sobre a topografia das redes no enfoque da comunicação e tornou-se referência por meio de suas ideias. Denominado de memorando, seus estudos avaliaram a eficiência comunicacional que uma rede tem de acordo com sua estrutura. Para ele a topografia mais eficiente é a distribuída ou em rede porque, à época de seus estudos na Guerra Fria¹⁵, era fundamental criar um sistema de defesa para a não interrupção das comunicações, o que ocorreria de certa forma com facilidade na estrutura centralizada (figura 6 - desenho A) já que caindo o ponto central, denominado de nó central, *hub* ou conector, todas as redes ligadas a ele cairiam também. A mesma fragilidade acontece na rede descentralizada por que ela é organizada a partir de diferentes nós, porém conectada por um grupo de nós, denominado *cluster*, o que melhoraria a capacidade de permanência de funcionamento, porque mesmo na hipótese de um *cluster* ser atacado, outros permaneceriam em funcionamento (figura 6 - desenho B). A rede de distribuição, dessa forma, é a mais segura justamente porque não parte de um ponto isolado, não tem centro (figura 6 - desenho C). Ela se assemelha a uma teia sendo a solução para o desafio de manter a comunicação funcionando porque não seria danificada por

¹⁵ Conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética.

algum ataque. A questão da conectividade, tão presente na *internet* de hoje, tem início nesse estudo.

A teoria das redes constitui-se elemento diferenciador no entendimento das formas de organização de pessoas na rede mundial de comunicação, a *www* e a formação de redes sociais virtuais. Nessa perspectiva, uma rede social possui dois elementos-chave: atores ou nós (instituições, organizações e pessoas) os quais dão forma às suas conexões (interações ou laços sociais), e interações sociais que, por meio de uma comunicação mediada por computadores, geram fluxos informacionais e trocas que alteram as estruturas sociais (RECUERO, 2009).

No contexto deste estudo o nó *Transition* Brasil é mantido por diversos atores cujos laços envolvem a defesa de uma causa: o movimento Cidades em Transição. As conexões promovidas pelo nó *Transition* Brasil, em ambiente virtual ou ciberespaço, são concretizadas pelos processos comunicacionais que envolvem forma e conteúdo, ou meio que é a mensagem porque é caracterizado como conteúdo.

Ao se considerar que a teoria dos grafos e a topologia não levam em consideração a questão tempo, na teoria das redes esse elemento é fundamental para afirmar que ele é essencial e por meio dele as redes são dinâmicas, estão em constante movimento e as interações são as responsáveis por isso. Os processos dinâmicos são denominados de competição, cooperação e conflito: a cooperação é a formação da estrutura social, a competição é a “forma de luta social” (OGBURN; NIMKOFF, 1975, p. 238 *apud* RECUERO, 2009, p. 81) e a luta pode envolver conflito, porém não necessariamente. Dessa forma os processos de cooperação, de competição e de conflito não são independentes; são “[...] fenômenos naturais e emergentes nas redes sociais” (RECUERO, 2009, p. 82). Na adequação dessa abordagem sob o paradigma da dádiva, a hospitalidade situa-se com a cooperação e a competição, e a hostilidade com o conflito. A cooperação está na formação de grupos na *internet* como *blogs*, *fotologs*, *weblogs* que dependem da participação ativa na elaboração de conteúdo, postagens e interação por meio de conversação onde o conflito também está presente. A competição organiza-se em torno de comunidades cujos interesses são comuns. Nelas, quanto maior o número de participantes, em tese, mais força a luta conquista e atrai os novos integrantes.

A dinâmica de agregação que a competição apresenta, identificada como clusterização (BARABÁSI; ALBERT, 1999), caracteriza-se pela existência de conectores ao longo das redes que possuem e criam tendências, geram negócios, atraindo um conjunto muito maior de seguidores do que a média. Eles assumem uma importante posição de duplicadores de informações produzindo um conjunto de nós mais denso do que os demais (RECUERO, 2009).

A ação social e o ato conectivo na concepção da pesquisa é um dos processos de movimentação e mudanças relacionadas ao tempo. O processo da movimentação das redes altera as estruturas sociais, como já indicado, assim como promove, conseqüentemente, evolução nos processos comunicacionais que se adaptam às interações das redes convergindo para a comunicação em rede. Dessa forma parece coerente expandir a ideia do sistema de comunicação em rede e investir na conceituação de uma ecologia da comunicação.

3.3 A ECOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

A ideia de ecologia está atrelada ao meio ambiente, a assuntos ligados à Gaia e à biosfera. Conceber as ecologias comunicativas enquanto espaço de habitação da biosfera não se limita às dimensões políticas que envolvem sua concepção, entendendo o termo como “[...] limitado seu âmbito às ações e ao fazer conveniente por parte da espécie humana” (DI FELICE, 2017, p. 9). Também não se resume numa “dimensão ecológica contemporânea”. De acordo com Di Felice (2017, p. 9) as ecologias da comunicação são “[...] o resultado de interações técnicas e de conexões híbridas e atópicas entre diversas entidades e naturezas”.

As tecnologias ligadas a WLAN (*Wireless Local Area Network*) como *wi-fi* e banda larga, os grandes conjuntos de dados, denominados de *Big Data*, e a automação de tarefas humanas pelas inteligências artificiais, como exemplos, são responsáveis por profundas alterações na comunicação e suas práticas. “Hoje comunicar significa conectar-se às redes e ecologias complexas compostas por dispositivos, interfaces, dados, corpos, circuitos, cabos, inteligências artificiais e substâncias de vários tipos” (PIRES, 2016, p. 9).

O net-ativismo - uma ação nas redes sociais - nasce dessa trama composta pelo surgimento das novas tecnologias e pela adesão crescente da sociedade às redes sociais digitais e o seu potencial da comunicação em rede baseado na interação que transformaram as ações de ativismo. A comunicação em rede quebra o paradigma de uma comunicação horizontal, linear, com emissores e receptores de mensagens, já que identifica atores e suas conexões que se cruzam em narrativas complexas, de modo a não poder ser identificado um único ator nem uma única mensagem. Para Di Felice (2013) esse ambiente é de uma comunicação reticular, de um ecossistema reticular onde o net-ativismo se desenvolve.

Surge, assim, a necessidade de se pensar um novo tipo de ação, biótica, técnica e informativa ao mesmo tempo, e um novo tipo de meio ambiente, interativo e dinâmico, que é possível habitar somente por meio de interações tecno-humanas, reticulares e colaborativas. Mais do que uma transformação comunicativa, a forma reticular, portanto, apresenta-se como uma nova ecologia (DI FELICE, 2013, p. 276).

Uma nova ecologia que compreenda a forma de ação social e o ato conectivo como net-ativismo, o que, segundo Di Felice (2017), é resultado de interações sociais diversas e complexas que não exprime apenas um conjunto de interações colaborativas em redes digitais entre protagonistas de naturezas diferentes, mas também a condição digital que antecede e transforma o ato conectivo de maneira permanente. É do mesmo autor os estudos de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) relacionado ao net-ativismo e à comunicação, justificado da seguinte maneira:

[...] requerem a criação de uma nova ideia de comunicação que permite a narração dos contextos ecológicos das redes de interação, nos quais os processos informativos desenvolvem “formas comunicativas do habitar” e alterações dos próprios estados de natureza, e não, portanto, somente processos de distribuição de mensagens e informações (DI FELICE, 2017, p. 11).

As ecologias comunicativas partem do questionamento da visão instrumentalizadora da comunicação e modifica o meio e seu instrumento pela expressão “forma formante” ou “condição habitativa” (DI FELICE, 2017, p. 39), ou seja, um processo de transformação definido como:

[...] que vê a passagem das formas de social sedentárias, geográficas, institucionais e políticas para as formas tecno-diaspóricas [...] Neste último, todos os membros componentes (humanos, dispositivos, circuitos, meio-ambiente, matérias-primas etc.), enquanto possíveis actantes são, no decorrer do desfecho de conexões, induzidos a sair da própria condição e do próprio nível de equilíbrio para adquirir sua própria alteração através do diálogo e da contaminação (DI FELICE, 2013, p. 278).

Essa comunicação acontece em sistemas e/ou organismos vivos com interação entre si, sendo sua principal característica a que a diferencia do cunho conteudista (MOLES, A.¹⁶ *apud* DI FELICE, 2017). Na ecologia da comunicação participa a arquitetura da informação organizada por meio de novos recursos tecnológicos que exploram tanto a linguagem hipermidiática quanto audiovisual e gráfica, potencializando a percepção sensorial das pessoas interferindo na participação das redes, na interpretação das mensagens e nas interações entre os usuários.

Vale lembrar que na história das comunicações registraram-se diversas revoluções: a criação dos tipos móveis e a imprensa, a telefonia, o rádio, a televisão para citar algumas e mais recentes, que proporcionaram novas formas comunicativas e não somente novas práticas comunicacionais (DI FELICE, 2017). Ainda para Di Felice (2017) é possível a identificação de três tipos de ecologias comunicativas: sociais, da colaboração e transorgânicas. A primeira, ecologias comunicativas sociais, organiza-se em duas maneiras de interagir: disseminando informações e dialogando entre si. “Essa é a ecologia que fundou as formas democráticas de

¹⁶ Moles foi um dos primeiros autores a explicitar a ideia de uma ecologia da comunicação.

participação” (DI FELICE, 2017, p. 53). As ecologias comunicativas colaborativas e as ecologias transorgânicas estão envolvidas diretamente com o uso de dispositivos, *internet* das coisas e novas tecnologias de conexão criando complexidade nas relações sociais.

A vida é um nó de relações, redes e trocas, que organizam e desorganizam a vida e fundamentam o movimento e o intercâmbio. Para alguns teóricos, a movimentação e permuta são matéria-prima da comunicação. Ela “solidifica o fenômeno da vida e da sociabilidade, a estratégia que permite que nos liguemos ao mundo, nossa principal via de acesso ao ambiente” (MIKLOS; ROCCO, 2018, p. 96).

A afirmação em questão compreende o contexto da comunicação comunitária e permite a criação de conexões com os estudos da hospitalidade, foco do presente estudo. Para os autores, “a necessidade de reconhecimento e de convívio é diretamente ligada às pulsões de existir” (MIKLOS; ROCCO, 2018, p. 97). Na hospitalidade o reconhecimento do outro é fundamental para a criação de vínculos sociais; na comunicação os vínculos são comunicativos; ambos os vínculos são fundamentais para suas respectivas epistemologias e os nós das relações constituem-se em suas interfaces na visão desta pesquisa, indicativamente da ocorrência nas redes sociais virtuais. A abordagem do tempo, do mesmo modo que influencia na transformação da comunicação ao ser incorporada à noção espaço, também explica a comunicação como uma ponte entre duas pessoas, mundos, experiências (BAITELLO, 1998, p. 11).

Os humanos são edificadores de pontes físicas e imaginárias que estabelecem movimento e conexão. Na metáfora das pontes ainda há espaço para a troca e comunhão fortalecendo os vínculos. A comunicação é uma ponte acompanhando o raciocínio metafórico sugerido. Há a interpretação de que a ponte precisa de uma mídia, um meio para chegar até o outro (BAITELLO, 1998) e a interpretação de que ela une “consciência ao sentimento primordial de fazer parte, de pertencer” (CONTRERA, 2007, p. 3). Para a autora, há uma relação direta da comunhão com a comunicação mesmo que exista divergências: “Mesmo que haja dissenso, que haja diferença, que haja tensão, não é nada disso que nos mobiliza a buscar uma comunicação possível. É o comum que nos aproxima [...]” (CONTRERA, 2007, p. 3).

O tema deste capítulo, no entanto, é a ecologia da comunicação e os vínculos que se apresentam como tal podem proporcionar reflexões sobre essa interface, o que torna necessário retomá-los. Algumas reflexões sobre os conceitos de ecologia da comunicação de Miklos e Rocco (2018) explicam que as intervenções tecnológicas da comunicação sobre os seres humanos abarcam suas sociedades e suas culturas, estabelecendo vínculos necessários para a criação de comunidades cuja ação conjunta fortalece o tecido social e a prática da cidadania. Do ponto de vista técnico, os mesmos autores afirmam que a ecologia da comunicação garante

o equilíbrio do meio ambiente e dos meios comunicacionais porque as tecnologias da informação são capazes de produzir uma comunicação primária e presencial que vai ao encontro das necessidades do ser humano.

Dessa forma, a concepção de uma ecologia da comunicação caracteriza-se como um conceito que responde a uma abordagem holística do fenômeno comunicacional permitindo uma visão diferente, nova e adaptável a outros fenômenos como a hospitalidade.

A contribuição de Capra (2012), físico por formação, sobre as tipologias ecológicas amplia o conceito delas e abre possibilidades de aplicação em diferentes áreas do conhecimento, assim como na ecologia da comunicação. Os conceitos partem da definição de “ecológico” ligado ao sistema dos seres vivos. A natureza apresenta dois conceitos: ecologia rasa e ecologia profunda. O autor esclarece que esses conceitos nasceram da escola filosófica de Arne Naess, no início da década de 1970, anos em que o debate sobre o meio ambiente, produção e consumo ganharam dimensões globais e que na atualidade é aceita e utilizada pelos adeptos ao movimento ambientalista. Na ecologia rasa o centro é o homem, reforçando a visão antropocêntrica. A ecologia profunda está vinculada ao paradigma holista onde o todo é o centro das coisas. Ela não separa os homens do meio ambiente, da natureza. Integra e conecta o espírito humano “[...] o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conectividade com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda” (CAPRA, 2012, p. 17). É preciso formular questionamentos que necessitem de uma investigação profunda e de fato possam mudar paradigmas vigentes. A ecologia social e a ecologia feminista fazem parte desse universo.

Para a ecologia social o autor explica:

O solo comum das várias escolas de ecologia social é o reconhecimento de que a natureza fundamentalmente antiecológica de muitas de nossas estruturas sociais e econômicas está arraigada naquilo que Riane Eisler chamou de "sistema do dominador" de organização social (CAPRA, 2012, p. 18).

Para a ecologia feminista, identificada como uma escola especial da ecologia social (CAPRA, 2012), o que segue é:

[...] a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza através dos séculos. Essa antiga associação entre mulher e natureza liga a história das mulheres com a história do meio ambiente, e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia (CAPRA, 2012, p. 18).

Diante do exposto, parece inovador pensar em caminhos para a ecologia da hospitalidade em rede como tese a ser comprovada por meio da presente pesquisa e o contexto do movimento Cidades em Transição. Para melhor compreensão da proposta, o próximo capítulo traz informações sobre o movimento em questão.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo estão descritos os detalhes das etapas que compõem as estratégias adotadas no estudo: as primeiras fases da análise de conteúdo, denominadas de pré-análise e exploração do material, e as fases do planejamento da pesquisa-ação que compreendem exploração inicial do tema de estudo; definição de problema e formulação das hipóteses; formação de grupos de trabalho, denominados de seminários; determinação da amostragem qualitativa, coleta dos dados e circulação da informação com o registro das descobertas.

A sistematização entre a aplicação de cada uma das estratégias está relacionada ao antigo e ao novo domínio da rede social *Transition* Brasil. O caráter qualitativo da pesquisa apoia-se no paradigma interpretativista e justifica a escolha pelos procedimentos indicados. Considera-se um momento essencial para a formulação do problema, premissas e objetivos o contato aprofundado com a produção científica em torno do tema do estudo denominado estado da arte, resultado que abre o conteúdo do capítulo. Vale lembrar que o objetivo principal da pesquisa é propor um modelo conceitual da ecologia da hospitalidade em rede. A tese defendida é de que existe uma ecologia da hospitalidade na comunicação do movimento Cidades em Transição, basal no processo de criação de vínculos que exploram a subjetividade individual e reconhecem um entorno social das comunidades. Dessa forma, entre os objetivos específicos estão identificar os elementos da hospitalidade que compõem o modelo, compreender como ocorre a interface da hospitalidade com a comunicação em ambiente virtual e em rede, e avaliar os resultados da aplicação deste modelo no novo domínio da rede social *Transition* Brasil.

A interface da hospitalidade com a comunicação embasa a formulação do problema que por sua vez delimita seu foco, e para atender a esse princípio, foi formulado por meio da pergunta: como a hospitalidade pode nortear a comunicação e as interações sociais no ambiente virtual do movimento Cidades em Transição? Uma das consequências desse questionamento foi a elaboração do pressuposto de que há uma compreensão limitada sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais. Em seu desdobramento, ele gerou outros pressupostos em formato de dependência. A separação entre os personagens frequentes dos estudos da hospitalidade - anfitriões e hóspedes - compõe as premissas que seguem:

- ✓ os anfitriões do *website* Cidades em Transição percebem a importância da hospitalidade pela experiência de apoio à causa que defendem;

- ✓ tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é compreendida como uma etiqueta social nas interações em ambiente virtual, mesmo quando há divergência em relação às ideias propostas;
- ✓ tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é entendida de forma recorrente quando a comunicação entre os participantes das redes sociais virtuais leva em conta as diferenças de *hardware* e *software*, ou seja, estão alinhadas com a tecnologia e a interatividade que os ambientes devem proporcionar;
- ✓ a hospitalidade é norteadora das interações sociais entre anfitriões e hóspedes, e entre hóspedes e hóspedes, quando expressa por meio de palavras que promovam vínculos sociais de união.

A tomada de decisão sobre as técnicas e ações para a busca das respostas às premissas caracterizam a descrição a seguir tendo como ideias precedentes o percurso teórico do processo.

4.1 O ESTADO DA ARTE

Caracterizando-se como uma etapa inicial, o estado da arte deste estudo produziu uma revisão bibliográfica com ênfase num levantamento epistemológico do tema central da pesquisa. A epistemologia é o ramo da filosofia que estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento. Dessa forma, a fim de explorar uma sistematização do conhecimento sobre o que se tem produzido sob os conceitos de hospitalidade e virtual, os procedimentos metodológicos basearam-se exclusivamente no levantamento de artigos científicos sobre o tema hospitalidade em ambiente virtual, publicados em periódicos da base Scopus¹⁷, da editora Elsevier. O acesso à base foi realizado via portal Capes, com o IP do Sistema de Bibliotecas Anhembi Morumbi, na condição de instituição assinante, para obtenção de maior amplitude nas consultas. No ambiente da base foi possível lançar mão de ferramentas e filtros para refinar a pesquisa e organizar as referências com segurança. O período de consulta foi de 8 de maio a 18 de junho de 2018. A partir da definição das palavras-chave hospitalidade e virtual, os filtros utilizados foram: língua inglesa e artigos científicos e de revisão nas áreas de Ciências Sociais, Negócios, Gestão e Contabilidade, Artes e Humanidades.

Na sequência metodológica, após o levantamento das grandes áreas, quantidades e anos de publicações, foi eleito o período de 2008 a 2018 em cada uma delas. O acesso aos dados da

¹⁷ O Scopus é considerado o maior repositório de citações e resumos de literatura revisada por pares, como revistas científicas, livros e conferências.

publicação indicou a estratificação das áreas do conhecimento em que o artigo foi divulgado. Com a leitura dos resumos e a identificação de suas palavras-chave foi possível desenvolver uma discussão sobre os conteúdos observados. A leitura do artigo na íntegra não foi utilizada como metodologia, mas em caso de artigo de revisão e de proximidade temática, introdução, metodologia e conclusão foram observadas em detalhes. A adoção de quadros separados por ano contendo os dados da publicação, nome dos autores, título do artigo e palavras-chave, em inglês e português, e indicação do resumo somente na língua portuguesa, teve o objetivo de hierarquizar cronologicamente as pesquisas e fornecer subsídios para discussão dos conteúdos considerados relevantes e contribuintes com o tema do estudo (Apêndice A).

4.2 A ESCOLHA PELO PARADIGMA INTERPRETATIVISTA

O estado da arte forneceu subsídios para confirmar que esta é uma pesquisa essencialmente qualitativa e epistemologicamente das ciências sociais. É uma pesquisa social porque quer aprofundar-se no mundo dos significados. Apoiar-se no paradigma interpretativista e como paradigmas são teorias, essa escolha, apesar de fornecer um “discurso abstrato sobre a realidade” (DESLANDES; GOMES, 2001, p. 17), cumpre com funções importantes como auxiliar no clareamento da problematização, organizar com coerência as premissas que contextualizam o questionamento principal do estudo, nortear a análise dos dados, e fornecer as diretrizes que valorizam e justificam a estrutura e o raciocínio científicos. Apesar de adotar um paradigma e construir os procedimentos metodológicos segundo seus princípios, é importante refletir que o seguir sem exercer o direito da crítica pode imobilizar o processo e bloquear a criatividade essencial do pesquisador das ciências sociais.

As teorias são feitas de proposições (DESLANDES; GOMES, 2001), determinando sua narrativa e sistematizando o que é principal e o que é secundário no que se percebe da realidade pesquisada. Toda a narrativa de uma teoria apresenta-se por meio de conceitos e é o que se pretende nesta etapa. Assim, o que segue são os conceitos sobre o paradigma interpretativista.

Saccol (2009) deixa claro que questões ontológicas (como as coisas são) e epistemológicas (como se produz conhecimento) são prerrogativas para determinar um paradigma de pesquisa, condição necessária ainda para, posteriormente, estabelecer um método de investigação. Dessa forma, a ontologia que permeia este estudo é a denominada interação sujeito-objeto, ou seja, a realidade social é produto “da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas” (SACCOL, 2009, p. 250-251). O resultado é uma construção social entendendo que a realidade e seus fenômenos são captados e edificados por meio do

coletivo. Há compartilhamento de acuidade de mundo e negociação com o outro. Entende-se que o contexto deste estudo, o movimento Cidades em Transição, encontra-se nessa perspectiva pois se mantém vivo e se desenvolvendo por meio da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas. O ambiente virtual também faz parte dessa ontologia já que as interações coletivas que proporciona, independentemente do produto onde ocorram, são fenômenos sociais que usufruem do avanço tecnológico acelerado e evidenciam novos comportamentos individuais e coletivos.

O caminho epistemológico tomado que se liga à corrente ontológica de interação sujeito-objeto é o construtivista. Segundo Saccol (2009) existem três caminhos: subjetivismo, objetivismo e construtivismo. Na epistemologia construtivista “[...] não existe uma realidade esperando por ser descoberta. Verdades e significados só passam a existir a partir do engajamento com o mundo” (SACCOL, 2009, p. 252). Significados são estruturados, mas não apenas de uma construção mental; são resultantes de uma interação dos processos mentais com as características do objeto. A produção do conhecimento em hospitalidade, enquanto processo social, histórico e culturalmente condicionado, fornece sustentação para a defesa de uma epistemologia construtivista. Seu caráter multidisciplinar cria interfaces com diferentes áreas do conhecimento emergindo o fenômeno da hospitalidade com recortes (WADA; CAVENAGHI; SALLES, 2015) sobre qualidade de vida nas cidades, fortalecimento de vínculos em diferentes atividades, virtudes como ética, acolhimento em relação ao outro, exercício político, diferenciação comercial, repensar a relação entre indivíduo e sociedade, entre outros. A questão aqui é evidenciar a sua própria subjetividade aplicada à epistemologia construtivista que se ancora na construção de significados por meio das interações sociais criadas e compartilhadas coletivamente.

De posse das escolhas ontológicas e epistemológicas, chegamos ao paradigma interpretativista que antecede e justifica a definição dos procedimentos metodológicos incluindo estratégias, técnicas de coleta e análise de resultados.

Segundo Saccol (2009, p. 262) “A lógica prevalecente no paradigma interpretativista é indutiva, pois o pesquisador procura não impor o seu entendimento prévio sobre a situação pesquisada”. No paradigma interpretativista, o pesquisador depende da experiência do trabalho de campo para colher o que é mais representativo no contexto do estudo. Depende de instrumentos específicos para alcançar seus objetivos e tentar não lançar mão de construtos para medir a realidade e os fenômenos pesquisados.

Sobre o padrão dominante dos valores do paradigma interpretativista, o pesquisador não tem uma posição neutra. Seus pressupostos, interesses e crenças são fundamentais nas escolhas

e, ao contrário do paradigma positivista, são evidenciados e não tratados como vieses dos métodos qualitativos. Considerados métodos qualitativos estão: o estudo de caso, a pesquisa-ação e a etnografia.

A opção pelo paradigma interpretativista também pressupõe adotar critérios de qualidade (KLEIN; MYERS, 1999; POZZEBON, 2004 *apud* SACCOL, 2009), a saber:

- O princípio do círculo hermenêutico. Ele vale para o entendimento dos demais critérios porque indica que os seres humanos entendem o todo a partir da compreensão das partes e suas interações. A hospitalidade em ambiente virtual na comunicação do movimento Cidades em Transição é o todo. A hospitalidade e suas dimensões, o ambiente virtual e suas características, as diferentes formas comunicacionais e os personagens que lutam pela permanência e proliferação do movimento Cidades em Transição são as partes. Segundo o critério, quanto mais partes são acessadas, analisadas e compreendidas mais se entende o todo.
- A contextualização. Entende-se aqui o contexto histórico e social do objeto da pesquisa e a reflexão crítica que se deve fazer na adoção da teoria interpretativa. O movimento Cidades em Transição “é uma revolução otimista, prática, resiliente e silenciosa caminhando para o futuro” (TRANSITION BRASIL, 2020). A sociedade vivencia um momento de mudança de paradigma, também em função da pandemia de COVID-19. O capitalismo, o individualismo e o consumo estão se contrapondo à reconomia ou decrescimento econômico, ao coletivo e ao bem comum.
- A autenticidade. Fundamentalmente estar em campo. Todos os métodos indicados como adequados ao interpretativismo já citados: o estudo de caso, a pesquisa-ação e a etnografia necessitam do envolvimento do pesquisador.
- Interação entre pesquisador e pesquisados. Demanda que o pesquisador seja um instrumento de pesquisa, se coloque como sujeito do objeto pesquisado. Numa perspectiva histórica, a autora desta tese é adepta a alguns preceitos da micromobilidade urbana como se deslocar de bicicleta e usar transporte coletivo; é adepta ainda da reciclagem de lixo domiciliar e da transformação do lixo orgânico por meio da compostagem. Ao ter contato com os conceitos do decrescimento econômico, tema inicial do projeto, e na medida em que a compreensão de seu impacto na sociedade foi se cristalizando, novos comportamentos de consumo foram adotados pela pesquisadora de modo a iniciar uma transição pessoal.
- Raciocínio dialógico. As “lentes de análise” (SACCOL, 2009, p. 264) têm produzido um debate promissor no desenvolvimento da pesquisa.

- Múltiplas interpretações e “princípio da suspeita”. Os dados coletados entre os organizadores do movimento Cidades em Transição indicam pontos de poder e interesses pessoais, além de contradições e distorções. O mundo social em que se encontram permite avaliar as influências e os diferentes pontos de vista, especialmente no momento em que se encontra a rede social *Transition Town*, ou seja, em projeto de reformulação, incluindo conteúdo e forma.

Os critérios de qualidade que se apresentam na sequência, segundo Saccol (2009), envolvem: abstração e generalização. O que norteia essa generalização e torna os resultados possíveis de serem aplicados em outros ambientes e compreensíveis por meio de deduções, com capacidade de antecipação é “a plausibilidade, coerência e clareza da argumentação” (SACCOL, 2009, p. 265). A capacidade de novas contribuições deste estudo está indicada como considerações para *insights* e plausibilidade, detalhada no capítulo sobre a ecologia da hospitalidade em rede.

Cabe ressaltar que, em função da abordagem axiológica da teoria interpretativista, a “lente” utilizada pelo pesquisador que adota essa teoria tem atributos implícitos o que leva a crer que se outro pesquisador investigar o mesmo fenômeno outra visão ele terá. Ainda em oposição ao positivismo está a crença do pesquisador de que não existe somente causa e efeito do fenômeno estudado. Ocorre nesse sentido uma construção do conhecimento (SANTANA; AKEL, 2007) de modo detalhado:

[...] o propósito de suas pesquisas é a realização de uma descrição encorpada (*thick description*) do fenômeno em estudo. Ademais, importa mencionar que, sob a ótica interpretativista, o pesquisador influencia a escolha do fenômeno, do método, dos dados e dos resultados de sua pesquisa (SANTANA; AKEL, 2007, p. 3).

Da descrição encorpada a que se referem os autores podemos observar que Geertz (1978) a explica como o esforço intelectual que representa o trabalho etnográfico, o procedimento científico dos antropólogos, nesse caso sobre as diversas interpretações que a cultura pode ter. O termo “descrição densa” na obra de Geertz (1978) é, no entanto, uma referência ao termo cunhado por Gilbert Ryle ao relatar um exemplo sobre dois garotos que piscam rapidamente um de seus olhos. Para um deles o que ocorre é uma contração involuntária, um tique; para o outro é uma piscadela do tipo conspiratória. O rápido piscamento dos olhos dos garotos numa investigação fenomenológica não auxiliaria no reconhecimento de quem tem o tique ou quem deu a piscadela, ou ainda se ambos têm tique ou se ambos deram a piscadela conspiratória. Na contextualização do piscamento, Geertz (1978) defende que, sob os efeitos de uma ciência interpretativa que busca significados, seria possível compreender que uma piscadela conspiratória demanda entender a comunicação que ela enseja, para quem ela está

sendo dirigida e o código social em que está inserida, ou seja, um gesto cultural descoberto pelos rigores de uma descrição densa do pesquisador.

A escolha pelo paradigma interpretativista e a vocação para o desenvolvimento de uma pesquisa essencialmente qualitativa, proporcionou diversos momentos de indecisão ao longo do processo de estudo sobre o fenômeno. Permitiu ainda uma constante reflexão sobre quais seriam as técnicas mais adequadas para a investigação. A definição sobre os procedimentos mais apropriados com vista aos objetivos propostos recaiu sobre a análise de conteúdo, numa primeira etapa, e na pesquisa-ação, numa segunda etapa.

4.2.1 A análise de conteúdo

A interface deste estudo com a área da comunicação e o princípio da hermenêutica no seu sentido clássico de abordagem, ou seja, a arte de interpretar textos de acordo com Grondin (2012), aproximou a escolha pela análise de conteúdo como uma das técnicas adequadas uma vez que:

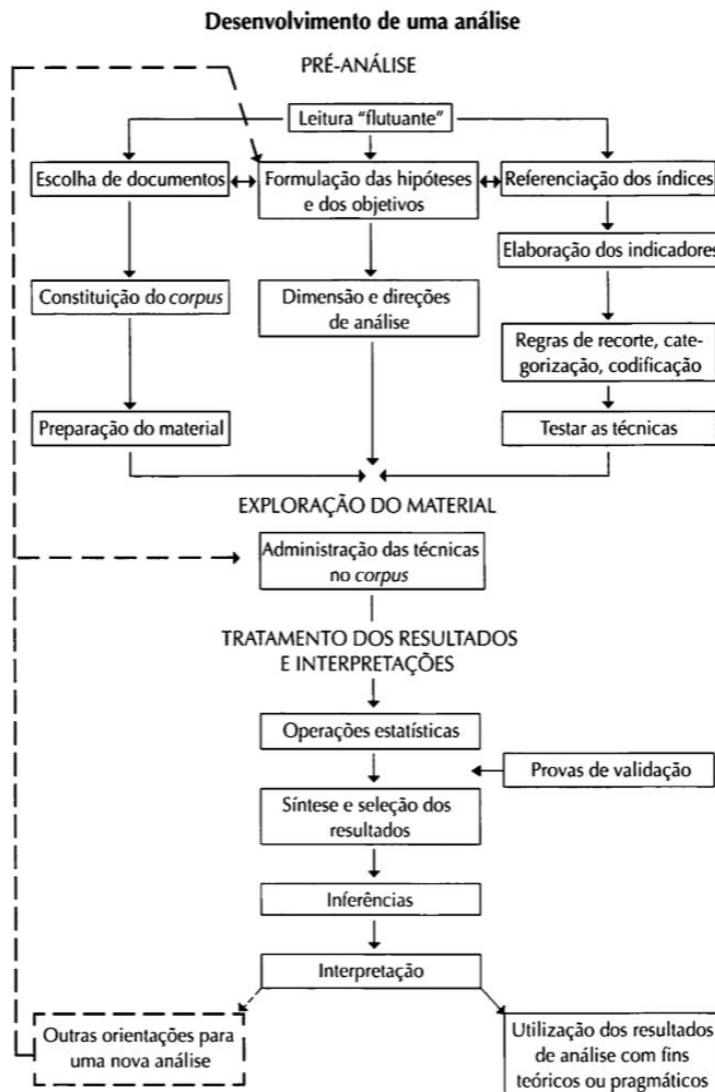
A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999).

A análise de conteúdo está direcionada à forma como a comunicação se processa tendo a problematização da investigação inscrita na pergunta: como a hospitalidade pode nortear a comunicação e as interações sociais no ambiente virtual do movimento Cidades em Transição? O pesquisador deve objetivar ainda entender seus códigos, estilo, estrutura da linguagem e demais características do meio pelo qual a mensagem é transmitida (MORAES, 1999). O meio no caso é o *website Transition Towns Brasil*, no domínio Ning.

O que ainda é necessário organizar neste ponto é a discussão do caráter qualitativo do procedimento em questão e a decisão da busca da abordagem pelo conteúdo latente e não pelo conteúdo manifesto (MORAES, 1999), o que redundará na opção indutiva-constitutiva de interpretação dos resultados, ou seja, não busca generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados. Há, no entanto, uma abordagem quantitativa do processo que compreende o método de indução analítica com a testagem das categorias desenvolvidas por dedução a partir de elementos prévios. Dessa forma, parece correto indicar que estamos posicionados entre os extremos das duas abordagens de análise de conteúdo: dedutiva-verificatória e indutiva-constitutiva (MORAES, 1999).

Reiteramos neste ponto que a análise de conteúdo lança mão de múltiplos instrumentos metodológicos tão diversos que produzem resultados que se movem alternadamente entre a precisão da objetividade e a capacidade criativa da subjetividade (BARDIN, 2011), e é essa beleza que procuramos retratar com o detalhamento de seu processo, que seguiu o fluxo indicado para o desenvolvimento de uma análise de conteúdo conforme indicado na figura 7 (BARDIN, 2011, p. 102).

Figura 7 - Desenvolvimento de uma análise



Fonte: BARDIN, 2011, p. 102

A figura indica uma sequência cronológica das fases do processo, denominadas de polos pela autora. São elas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, fase que envolve as interpretações e as induções que o estudo produz.

A fase da pré-análise resumidamente organiza os documentos, formula as hipóteses e objetivos e propõe os indicadores que sustentam a interpretação final. Orientada pelas “[...] ‘leituras flutuantes’ que tem esse nome por analogia à atitude do psicanalista” (BARDIN, 2011, p. 96), pouco a pouco proporciona nitidez de onde se pretende chegar. Dessa forma, ela permite que sejam realizadas as escolhas dos documentos que constituem o *corpus* da análise e influenciam a preparação do material. Por outro lado, as mesmas “leituras flutuantes” são responsáveis pela formulação de índices, indicadores, regras de recorte e codificação, além do teste das técnicas. Na fase da exploração do material se dá a aplicação das técnicas preparadas na pré-análise. Na fase do tratamento dos resultados e suas interpretações a abertura para as inferências direcionam os resultados de forma quantitativa e conduz sua utilização para fins teóricos formulados no escopo dos estudos.

4.2.1.1 A fase da pré-análise

Constitui-se como um momento de organização de diversas fontes obtidas nos primeiros contatos com o objeto de estudo. Inicia-se por meio da leitura dos documentos resultantes da realização de entrevistas com representantes do *Hub* Brasil e de *hubs* internacionais, da França e da Inglaterra, respectivamente, *Transition* France avaliado como um endereço com conteúdos relevantes ao tema, atualizados e com interações entre seus usuários, e *Transition Network* como o endereço gerenciador da plataforma Ning onde *Transition* Brasil se encontra alocado. Teve continuidade com a elaboração dos relatórios de duas pesquisas realizadas pelo *Hub* Brasil sobre o movimento e a rede social inscrita no domínio <<http://transitionbrasil.ning.com/>>, em 2014 e 2017, com o objetivo de organizar opiniões sobre as iniciativas de transição em todo país, suas facilidades e dificuldades, além de obter informações sobre o desempenho e a importância do seu ambiente virtual. Perguntas como “Qual a sua opinião sobre o *site* *Transition* Brasil?”, “Você acha nossa plataforma de comunicação útil?” e “Como a rede brasileira do movimento Cidades em Transição poderia ajudar você?” participaram dos dois inquéritos. De posse desses resultados, a realização de uma pesquisa primária com o objetivo de avaliar as opiniões dos usuários do *site* sobre o entendimento da hospitalidade em ambiente virtual, forma e conteúdo de suas páginas e compreensão de temas como economia solidária e paradigma da dádiva, contribuiu para a escolha da estratégia da análise de conteúdo como forma de medir a ocorrência das dimensões da hospitalidade em determinadas páginas do *Transition* Brasil.

Outra fonte relevante da leitura flutuante refere-se a uma análise detalhada das abas de acesso e conteúdos do *site*. Nessa análise obteve-se a clareza de que as páginas “*BLOG*”, “*GRUPOS*” e “*CONVERSAS EM GRUPO*” contêm postagens e interações e a escolha dos documentos, enquanto etapa decisória do procedimento metodológico tratado, recaiu sobre elas.

Para Bardin (2011) hipóteses não precisam obrigatoriamente ser formuladas para a orientação de uma análise, porém, neste caso, as leituras flutuantes influenciaram algumas suposições que ficaram à espera dos resultados. Denominadas de hipóteses e não premissas porque ligam-se ao estudo de modo quantitativo, elas surgem a partir de uma classificação de anfitriões e hóspedes enquanto os atores da rede. Revisitando a metáfora na qual consiste a conexão das redes, denominada nós, a proposição é de que a hospitalidade como forma atenuada da dádiva está presente nas intenções das postagens das páginas “*BLOG*”, “*GRUPOS*” e “*CONVERSAS EM GRUPO*”.

As hipóteses, ou as possíveis respostas, implicam:

- 1) na afirmação de que em ambiente virtual a dimensão do acolhimento resulta diretamente em interações;
- 2) que a hospitalidade nas interações resulta na comunhão de ideias;
- 3) que a dimensão da convivialidade depende da concretização do acolhimento e das interações.

As hipóteses finais, ligadas às dimensões da hospitalidade, são sequenciais, ou seja:

- 1) primeiro é preciso o acolhimento para se estimular as interações;
- 2) as interações sociais precisam das práticas da hospitalidade para se intensificarem;
- 3) na condição de intensificação das interações sociais à condução para a convivialidade e bem-estar coletivo.

A interface com a área da comunicação evidenciada no estudo conduz ao uso do método. A amplitude do campo de aplicação potencializa as análises que “estão nos domínios linguístico, icônico e outros códigos semióticos” (BARDIN, 2011, p. 40). Considera-se o domínio linguístico mais adequado à aplicação para efeito da presente pesquisa.

Associar a análise de conteúdo à linguística não fornecerá os aspectos da língua e da fala, suas regras ou o funcionamento de seus elementos específicos, mas trará como benefício os significados dos conteúdos por meio da semântica, da sociolinguística, do léxico, da estatística linguística (BARDIN, 2011).

Da semântica são retirados os sentidos, mas somente do nível da língua; da sociolinguística são avaliadas as linguagens específicas de um determinado grupo; o léxico

(vocabulário) e suas estatísticas permitirão a aplicação das normas das palavras e a frequência delas.

Para cada tipo de mensagem, Bardin (2011) indica um modelo de análise desde que atenda a um conjunto de procedimentos:

- a) Gerar palavras indutoras que resultem das reflexões sobre os objetivos da pesquisa.
- b) Para cada palavra indutora haverá um conjunto de palavras induzidas, as quais deverão ser ordenadas. Serão substantivos, advérbios, adjetivos. Nessa etapa, o primeiro trabalho de classificação de unidades semânticas deve descontar “palavras idênticas, sinônimas ou próximas em nível semântico” (BARDIN, 2011, p. 58).
- c) Criar categorias por meio da classificação, significados, atributos ou rubricas. Essa classificação deverá objetivar análise descritiva de conteúdo conectada com os objetivos do estudo, por exemplo, os significados de hospitalidade no ambiente virtual. Nessa etapa é necessário adotar diferentes formas de classificação. Em relação às opções a seguir devem ser avaliadas sua pertinência em relação ao estudo proposto. Segundo Bardin (2011):
 - comparar diferentes regiões geográficas avaliando traços e atributos físicos, psicológicos, socioeconômicos e simbólicos de sua população;
 - ressaltar dicotomias internas relacionadas aos agrupamentos sociais e políticos na indicação da persistência de alguns elementos;
 - avaliar segundo atitudes subentendidas como favoráveis e positivas ou desfavoráveis e negativas, indicando sinal + ou -. A tentativa é criar um encadeamento de significados a partir da palavra indutora, com uma sequência de palavras induzidas.
- d) Elaborar um quadro com as categorias.

A elaboração do quadro 1 é resultado das etapas descritas.

Quadro 1 - Criação das categorias da análise de conteúdo

REFERENCIAL TEÓRICO	UNIDADE DE CODIFICAÇÃO/ PALAVRAS INDUTORAS	UNIDADE CONTEXTO/SIGNIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS INDUZIDAS		FRASES/SENTENÇAS	CATEGORIAS
DÁDIVA E HOSPITALIDADE	DAR RECEBER RETRIBUIR	noções de gratuidade, liberdade e obrigação	VERBOS HOSPEDAR IDENTIFICAR INCORPORAR CAMINHAR ESPALHAR CIRCULAR (RE)LOCALIZAR	ADJETIVOS AFETUOSO ATRATIVO CONSCIENTE EMPÁTICO EXTRAORDINÁRIO MÁGICO HONRADO UTÓPICO	"IDENTIFICAR UM CONJUNTO SOCIAL EXTRAORDINÁRIO" (+)	A HOSPITALIDADE COMO FORMA ATENUADA DA DÁDIVA
	SOCIABILIDADE	qualidade do indivíduo para viver em sociedade, a forma como ele se relaciona com outras pessoas			"INCORPORAR AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO EMPÁTICOS" (+)	
	RECIPROCIDADE	conhecimento da relação entre dois ou mais elementos quaisquer do mundo natural que são percebidos simultaneamente no espaço, de forma complementar e interativa			"CIRCULAR RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA HONRADAS" (+)	
	LAÇOS/VÍNCULOS	o que estabelece um relacionamento lógico ou de dependência; o que liga afetiva ou moralmente duas ou mais pessoas; laço			"ESPALHAR O SENTIDO DE ABSOLUTA REVERÊNCIA DE FORMA AFETUOSA" (+) "HOSPEDAR PESSOAS E PROPORCIONAR MOMENTOS MÁGICOS" (+)	

REFERENCIAL TEÓRICO	UNIDADE DE CODIFICAÇÃO/ PALAVRAS INDUTORAS	UNIDADE CONTEXTO/SIGNIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS INDUZIDAS		FRASES/SENTENÇAS	CATEGORIAS
			VERBOS	ADJETIVOS		
HOSPITALIDADE E INTERAÇÕES SOCIAIS	INTERAÇÃO	conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade	CONVERSAR OUVIR AGREDIR ALTERAR DESPERTAR COMPARTILHAR ARTICULAR IMAGINAR MUDAR REVER SINALIZAR	ALTERNATIVOS BOM DIVERTIDO EMPOLGANTE PRÓSPERO SAUDÁVEL VERBAL VIÁVEL VIRAL	"COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS SAUDÁVEIS E DIVERTIDAS" (+)	A HOSPITALIDADE NA SUSTENTAÇÃO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS
	RELACIONAMENTO	capacidade de manter relacionamentos, de conviver bem com seus semelhantes			"REVER PONTOS CRÍTICOS ALTERNATIVOS" (-)	
	RECONHECIMENTO	recordação de benefício recebido; gratidão			"MUDAR O PENSAMENTO DE SERES HUMANOS ORDINÁRIOS E MEDIANOS DE FORMA VIÁVEL" (+)	
	TROCAS	transferência mútua de qualquer coisa entre seus respectivos donos			"DESPERTAR A CULTURA DA PAZ E SUSTENTABILIDADE PRÓSPERA" (+)	
	CONCORDÂNCIA	anuência, aprovação			"ARTICULAR COMPROMISSOS SOCIAIS PRÓSPEROS" (+)	
	DIFERENÇAS	falta de harmonia; divergência, desavença			"AGREDIR NOVAS RELAÇÕES VERBALMENTE" (-) "IMAGINAR QUE AÇÕES HUMANAS SÃO EMPOLGANTES" (+)	

REFERENCIAL TEÓRICO	UNIDADE DE CODIFICAÇÃO/ PALAVRAS INDUTORAS	UNIDADE CONTEXTO/SIGNIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS INDUZIDAS		FRASES/SENTENÇAS	CATEGORIAS
DIMENSÃO ACOLHIMENTO	ACOLHIMENTO	maneira de receber ou de ser recebido; recepção, consideração;abrigo gratuito; hospitalidade	VERBOS CELEBRAR COMEMORAR VER ABSORVER DEGRADAR INSPIRAR SENTIR TRILHAR	ADJETIVOS COESO DIFERENTE EXACERBADO INSUSTENTÁVEL LÍCITO NATURAL QUERIDO	"CELEBRAR CONEXÃO COMAS RAÍZES DE FORMA LÍCITA" (+)	A HOSPITALIDADE E O ACOLHER O OUTRO
	INTEGRAÇÃO	ação, processo ou resultado de assimilar completamente os indivíduos de origem estrangeira ao seio de uma comunidade ou nação (do ponto de vista jurídico, linguístico e cultural), formando um único corpo social			"ABSORVER OS CAMINHOS DO CORAÇÃO" (+)	
	ATENÇÃO	ato ou efeito de se ocupar de (alguém ou algo); cuidado, zelo, dedicação			"VER O REAL VALOR DO EU LÍCITO" (+)	
	CONTATO	junção, conexão			"INSPIRAR-SE EM HERANÇAS AFETIVAS QUERIDAS" (+)	
	SEPARAÇÃO	afastamento, quebra de uma união íntima			"TRILHAR COMPROMISSO SOCIAL COESO"(+)	
	EXCLUSÃO	ato de excluir(-se)			"DEGRADAR RELAÇÕES HUMANAS TORNANDO-AS INSUSTENTÁVEIS" (-)	

REFERENCIAL TEÓRICO	UNIDADE DE CODIFICAÇÃO/ PALAVRAS INDUTORAS	UNIDADE CONTEXTO/SIGNIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS INDUZIDAS		FRASES/SENTENÇAS	CATEGORIAS
			VERBOS	ADJETIVOS		
DIMENSÃO CONVIVIALIDADE	CONVIVIALIDADE	capacidade de uma sociedade e m favorecer a tolerância e as trocas recíprocas das pessoas e dos grupos que a compõem	RECICLAR TRANSGREDIR ADMINISTRAR CO (CRIAR) ENGAJAR DIVIDIR GERENCIAR QUANTIFICAR POUPAR URBANIZAR REDUZIR	COMUNITÁRIO DESENFREADO Ecoeficiente EFICAZ ÉTICO LIMITADO PRÓDIGO RESILIENTE SOLIDÁRIA	"ENGAJAR METODOLOGIAS SOCIAIS PARTICIPATIVAS E COMUNITÁRIAS" (+)	A HOSPITALIDADE E A CONVIVÊNCIA
	CONVIVER	ter relações cordiais; dar-se bem			"ADMINISTRAR NOVAS FORMAS DE EMPREENDER E COEFICIENTES E EFICAZES" (+)	
	COMUNITÁRIO	em que prepondera o sentimento de comunidade; social; relativo a comunhão			"DIVIDIR RELAÇÕES PRODUTIVAS E SOLIDÁRIAS" (+)	
	GRUPO	conjunto de indivíduos com características, objetivos, interesses comuns			"TRANSGREDIR A RESPONSABILIDADE SOCIAL E A EFICIÊNCIA ECONÔMICA DE FORMA ÉTICA" (+)	
	MORAL	conjunto de valores, individuais ou coletivos, considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens			"CO CRIAR GRUPOS COMUNITÁRIOS RESILIENTES" (+)	
	EQUILÍBRIO	distribuição, proporção harmoniosa; harmonia			"REDUZIR MOMENTOS DE CRISE, REFLEXOS DA VIDA MODERNA" (+)	

Fonte: A autora, 2021

As palavras indutoras foram analisadas na avaliação das dimensões da hospitalidade e nos textos que compõem o referencial teórico do estudo. As unidades de contexto foram elaboradas a partir dos significados das palavras indutoras, tendo o dicionário eletrônico Houaiss (2009) como referência.

As palavras indutivas foram retiradas da leitura das postagens e interações do “*BLOG*” do site *Transition Brasil*, antigo endereço, conforme figura 8. Foram lidas 348 mensagens das 783 como resultado de dez anos de atividades do espaço. A quantidade de anos significativa tornou-se ponto de partida para a escolha dos dois primeiros anos de postagens (2009/2010), um ano central (2015) e dois anos finais (2018/2019) para a decodificação.

Figura 8 - Captura de tela com a quantidade de postagens no “*BLOG*”



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

A somatória das palavras indutivas, 447, necessitou da aplicação de filtros para eliminação de duplicidade de sentidos lançando mão da classificação das palavras em verbos, substantivos e adjetivos, e a preferência por verbos e adjetivos também foi filtro nessas ocorrências. Além disso, a eliminação da duplicidade de palavras, da repetição das palavras indutoras, e das palavras consideradas fora do contexto redundou numa segunda somatória.

Como segunda organização do quadro, as palavras indutivas foram colocadas em ordem alfabética, em colunas identificadas com as letras do alfabeto no documento em questão. Após esses filtros foram contabilizadas 326 palavras.

Numa terceira organização do quadro, a classificação das palavras em verbos, substantivos e adjetivos contribuiu sobremaneira para a evolução da criação das categorias, visto que por meio dela foi possível registrar o significado de cada uma das palavras, mais uma

vez tendo como referência o dicionário eletrônico Houaiss (2009). Foram somados 37 verbos, 314 substantivos e 36 adjetivos. O entrave maior foi usar a mesma sistematização para os substantivos, ou seja, consultar o significado de 314 palavras tornou-se uma atividade inviável. Outras opções de sistematização foram pensadas como agrupar as palavras por radical, raiz, sufixo ou prefixo sem sucesso. A única sistematização encontrada foi pela etimologia dos três substantivos: interação, interdependência e interesses, por meio da origem da palavra *inter*. A opção foi não incluir os substantivos na elaboração de frases positivas e negativas para a complementação das categorias. O quadro final apresenta em seu cabeçalho cada item que o compõe refletindo a sequência relatada de sua construção, como mostra a figura 9. Vale ressaltar que o documento original está disponível para consulta *on-line* por meio do repositório: <<https://dataverse.harvard.edu/>> (pesquisar Rosolino, Maria José, 2021).

Figura 9 - Cabeçalho do quadro sobre análise de conteúdo

REFERENCIAL TEÓRICO	UNIDADE DE CODIFICAÇÃO/ PALAVRAS INDUTORAS	UNIDADE CONTEXTO/SIGNIFICAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS INDUZIDAS		FRASES/SENTENÇAS	CATEGORIAS
			VERBOS	ADJETIVOS		

Fonte: A autora, 2021

Constituindo ainda a fase de pré-análise, as regras de recortes, categorização e codificação foram organizadas por meio de determinados passos e sequências indicados a seguir.

Passo um: as postagens foram divididas em duas categorias documentais, denominadas “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS”. Houve ainda a necessidade de subdividir a categoria “GRUPOS” em “FÓRUMS ESPECÍFICOS” e “CAIXA DE RECADOS”, refletindo a estrutura das páginas homônimas publicadas no *site* antigo <<http://transitionbrasil.ning.com/>>.

Em “CONVERSAS EM GRUPO” todo membro de um determinado grupo pode postar mensagens. As postagens são comentadas por membros de outros grupos. Quem posta a mensagem é o anfitrião; quem responde é o hóspede. Hóspede respondendo ao anfitrião foi considerada como a ocorrência de uma interação social. As interações também podem ocorrer entre hóspedes. O que vamos medir são as dimensões da hospitalidade que provocam mais respostas e relacionam a ausência de elementos da hospitalidade com as não respostas.

A planilha de dados organizada para “CONVERSAS EM GRUPO” ficou definida com a estrutura demonstrada no quadro 2.

Quadro 2 - Estrutura das categorias de "CONVERSAS EM GRUPO"

ID	Nome do espaço da postagem	Anfitrião ou hóspede	Data da mensagem	Tipo da mensagem
Conversas em grupo n, Conversas em grupo (n+1)...	Existem 60 "CONVERSAS EM GRUPO". A diferença de cada uma delas tornou-se um atributo do item "Nome do Espaço da postagem".	Foram identificados 48 indivíduos que exerceram papel de anfitrião nas conversas em grupo e 22 que se manifestaram como hóspedes.	Coletaram-se postagens feitas entre 2009 a 2020 data da última "CONVERSAS EM GRUPO"	As mensagens foram subdivididas em postagens e comentários. Cada uma dessas subdivisões foi considerada um atributo do item.

Fonte: A autora, 2021

Em “GRUPOS” existem os membros. Todos os membros estão classificados como anfitriões e podem postar mensagens. As mensagens podem ser respondidas por hóspedes somente com o cadastro realizado no *site*. Foram medidas as dimensões da hospitalidade que provocaram mais respostas e relacionaram a ausência de elementos da hospitalidade com as não respostas.

Em “GRUPOS” consideraram-se os seguintes itens: nome do grupo (ID), nome do espaço da postagem, anfitrião ou hóspede, data da mensagem, tipos de mensagem e conteúdo da mensagem. Além disso, todos os itens receberam atributos porque são fechados, com exceção dos itens data e conteúdo porque são abertos. O quadro 3 demonstra a estrutura dessa categoria documental.

Quadro 3 - Estrutura das categorias de "GRUPOS"

ID	Nome do espaço da postagem	Anfitrião ou hóspede	Data da mensagem	Tipo da mensagem	Conteúdo da mensagem
Grupo n, Grupo(n+1)...	Existem 61 grupos diferentes. Cada um deles tornou-se um atributo do item "Nome do Espaço da postagem".	Nomes dos usuários que postaram foram definidos como atributos. No total temos 133 nomes.	Há postagens de 2009 a 2021. Cada um desses anos foi definido como um atributo deste item.	No caso específico dos "GRUPOS" foram elencados 26 títulos de postagens distintas nos fóruns, item opcional do "GRUPOS". Cada uma delas tornou-se um atributo. Além disso, os textos foram subdivididos em: Descrição, Recado do grupo, Postagem, Resposta 1, 2, 3, 4 e 5. Cada uma dessas subdivisões foi considerada um atributo do item.	O item "Conteúdo" não foi listado como atributo uma vez que o conteúdo dos textos não possui nenhum padrão que se repetiu nas postagens dos "GRUPOS".

Fonte: A autora, 2021

Passo dois: na análise de conteúdos do "BLOG", todos os 2 391 membros¹⁸ registrados no *site* podem postar notícias e informações dos mais variados assuntos na página. Cada postagem pode ter comentários ou não. Foram medidas as dimensões da hospitalidade que provocaram mais respostas e relacionaram a ausência de elementos da hospitalidade com as não respostas. Para organizar os dados foi necessário realizar o procedimento de raspagem, ou seja, uma varredura para obtenção de conteúdo dos 777 endereços eletrônicos do *site* através

¹⁸ O total de membros registrados no *site* apresenta diferenças ao longo do texto em função da época em que foi realizado o levantamento.

da linguagem R¹⁹. Posteriormente, com o uso da mesma linguagem, construiu-se uma tabela para organizar o conteúdo e fazer a classificação por meio das categorias documentais descritas no quadro 4.

Quadro 4 - Estrutura das categorias de "BLOG"

ID	Nome do espaço da postagem	Anfitrião ou hóspede	Data da mensagem	Tipo da mensagem	Conteúdo da mensagem
"BLOG" (n), "BLOG" (n+1)...	Existem 783 postagens, mas nove estavam repetidas. Por esse motivo apenas 774 diferentes postagens tornaram-se atributos do item "Nome do Espaço da postagem".	Nome do usuário que escreveu o comentário ou a postagem.	Data da postagem.	Os textos do "BLOG" foram divididos em postagens e comentários.	O item "Conteúdo" não foi listado como atributo uma vez que o conteúdo dos textos não possui nenhum padrão que se repetiu nas postagens do "BLOG".

Fonte: A Autora, 2021

Passo três: baseando-se no referencial teórico sobre hospitalidade e suas dimensões – interações sociais, acolhimento e convivialidade – foram definidas quatro categorias codificadoras.

- 1) A hospitalidade como forma atenuada da dádiva.
- 2) A hospitalidade na sustentação das interações sociais.
- 3) A hospitalidade e o acolhimento do outro.
- 4) A hospitalidade e a convivência.

O quadro 1, denominado "Análise de Conteúdo", sustentará as análises e seus significados para a formulação da ecologia da hospitalidade em rede.

¹⁹ "O R é um sistema desenvolvido a partir da linguagem S (que também é usada numa versão comercial – o S-Plus), e tem suas origens nos laboratórios da AT&T no final dos anos 80. Em 1995 dois professores de estatística da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, iniciaram o Projeto R com o intuito de desenvolver um programa estatístico poderoso baseado em S, e de domínio público." Fonte: <http://www.de.ufpb.br/~tatiene/Disciplinas/2014.2/LivroR/aprendendo_r.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

A identificação das redes em “GRUPOS”, “CONVERSAS EM GRUPO” e “*BLOG*” com base nas interações entre seus nós (anfitriões e hóspedes) constitui-se como um objetivo fundamental para a formulação do modelo da ecologia da hospitalidade em rede.

4.2.1.2 A fase da exploração do material

Na fase seguinte do fluxo de Bardin (2011), denominada de exploração do material, as análises realizadas no *software* NVivo, versão release 1.4, consideraram para as categorias “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS” as opções “contexto amplo” e “encontrar sinônimos” disponíveis no *software*.

Para a análise do “*BLOG*” utilizou-se como contexto o documento inteiro, e como busca a correspondência exata dos termos. Essa diferença se deve a dois motivos: o primeiro deles é que as postagens em “CONVERSAS EM GRUPO” e em “GRUPOS” foram organizadas cada uma em uma planilha de dados. Ao todo foram analisados 1 510 itens (unidades de análise), que a princípio receberam organização separadamente, e, mais tarde, foram unificados em um único documento. Vale ressaltar que a organização dos dados do “*BLOG*” também resultou numa planilha de dados. O segundo motivo da diferença refere-se à busca por sinônimos, principalmente pelo fato da construção do quadro das categorias da hospitalidade (quadro 1) ter sido baseada nas postagens do “*BLOG*”. Durante as primeiras pesquisas, tanto em “CONVERSAS EM GRUPO” quanto em “GRUPOS”, observou-se a existência de palavras semanticamente similares àquelas presentes no referido quadro que não foram computadas pelo *software*. A busca no “contexto amplo” em “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS” abarcou o conteúdo de cada célula que continha uma postagem, e foi utilizada, nesse caso, como uma unidade de análise. Por outro lado, os textos do “*BLOG*” foram organizados em arquivos individuais, ou seja, cada postagem tornou-se um arquivo de texto, e, nesse caso, a análise do documento inteiro mostrou-se mais indicada para verificar a presença ou não dos códigos criados.

Durante as análises exploratórias observou-se que a presença dos termos categorizados na leitura do “*BLOG*” também se mostravam presentes nos conteúdos de “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS”. No entanto, esses termos no contexto do “*BLOG*” possuíam radicais ligeiramente diferentes nos contextos de “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS”. Considerando a quantidade extensa de palavras e frases definidas para a pesquisa - a soma de todos os verbos, adjetivos e frases resultaram em 99 unidades semânticas compostas por 75

palavras e 24 frases, que foram pesquisadas nos textos - optou-se pelo uso de sinônimos como critério de busca nas postagens somente em “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS”.

A terceira fase do ciclo de Bardin (2011) denomina-se tratamento dos resultados e interpretações, e seu conteúdo encontra-se descrito no capítulo 6.

A observação e a sistematização das categorias de hospitalidade, evidenciadas pela análise de conteúdo, assim como a identificação de suas respectivas nuvens de palavras influenciaram a tomada de decisão na condução dos processos da pesquisa-ação.

4.2.2 A pesquisa-ação

A estratégia da pesquisa-ação emergiu durante as investigações sobre o *site* e ao efetivo retorno de uma mensagem encaminhada ao *link* “COLABORE COM A REDE”, informando a disponibilidade da pesquisadora em trabalhar voluntariamente no conjunto de páginas da *internet* do movimento Cidades em Transição no Brasil. Os contatos subsequentes foram rápidos e de modo hospitaleiro os estudos foram incorporados às atividades do *Hub* Brasil representado por Isabela Maria Gomez de Menezes, Monica Picavea, Melissa Bivara Pereira, Claudia Valadares Arakaki e Zaida Amaral. A escolha pela teoria interpretativista ganhou força com a oportunidade de construir um novo *site*, proposta que o grupo em questão tentava há anos materializar. A hospitalidade demonstrada pela equipe do *Hub* Brasil com a pesquisadora é digna de nota e do reconhecimento de que a experiência tem gerado vínculos entre pessoas e suas causas comuns, um dos objetivos mais relevantes deste trabalho. O passo a passo dessa aventura metodológica será descrito adiante.

Tanajura e Bezerra (2015), Tripp (2005) e Thiollent (1986) indicam consenso do método da pesquisa-ação como uma ação propositalmente utilizada no sentido de modificar a realidade pesquisada e produzir conhecimento sobre ela. O trabalho de Tanajura e Bezerra (2015) que compara os dois autores, Barbier e Thiollent, sobre o tema, esclarece que os teóricos se posicionam, respectivamente, como existencialista e político-social. Por existencialista explica-se: “[...] o cotidiano não é excluído do processo de construção do conhecimento, tanto pelo pragmatismo quanto pela insistência no hábito do conhecimento dos sujeitos envolvidos” (TANAJURA; BEZERRA, 2015, p. 12). Por político-social entende-se que:

[...] é um tipo de pesquisa social com função política, associada a uma ação ou a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo, em que as pessoas implicadas possuem algo a ‘dizer’ ou ‘fazer’, além da preocupação de que o conhecimento gerado não seja de uso exclusivo do grupo investigado [...] (TANAJURA; BEZERRA, 2015, p. 12).

Ainda que os citados autores estejam em posições diferentes, a pesquisa-ação é uma forma de fazer pesquisa que se afasta dos métodos clássicos da pesquisa qualitativa, não só nas ciências sociais como em outras áreas do conhecimento, que tenham um problema real para as pessoas envolvidas com o objetivo do estudo. Dessa forma, as dez características da pesquisa-ação elaboradas por Tripp (2005, p. 447) estão definidas como: “inovadora, contínua, proativa, estratégica, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida e disseminada.” Algumas colocações sobre essas características são interessantes para o estudo em questão: ser contínua tem o sentido de refinar seu foco; ser proativa proporciona responder à mudança de modo ágil; ser estratégica por pensar no longo prazo; ser participativa porque pensa no coletivo; ser intervencionista porque ocorre em contextos que não aceitam manipulações; não ser experimental nesse sentido; ser problematizada porque questiona e reflete constantemente de quem é o problema e, por fim, ser deliberada porque deve-se tomar decisões de adequação de processos e caminhos que a pesquisa deva adotar.

A problematização deste estudo organizado na questão de como a hospitalidade pode nortear a comunicação e as interações sociais no ambiente virtual do movimento Cidades em Transição tem sua importância política e coletiva, condições essenciais para nortear a escolha pela pesquisa-ação, já que ela proporciona facilidades na procura por elucidaciones aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído. A função política da transformação da pesquisa-ação está relacionada à autonomia dos personagens, dos sujeitos envolvidos no fenômeno (THIOLLENT, 1986). Quanto maior essa autonomia, mais a pesquisa contribuirá com seu fortalecimento.

A gestão dos projetos no movimento Cidades em Transição no Brasil, incluindo as decisões de se organizar no meio virtual com rede social, *website* institucional e mídias sociais, inspira-se na metodologia *Dragon Dreaming*²⁰ que preconiza a administração colaborativa. Nessa forma de trabalho, a valorização de habilidades individuais se dá com a divisão de atividades e tarefas entre os integrantes de uma equipe levando em consideração suas afinidades e dificuldades inerentes aos processos. Dançar com os dragões, na tradução do termo, ensina metaforicamente enfrentar suas inseguranças e medos.

²⁰ “*Dragon Dreaming* é um conjunto de ferramentas desenhadas para promover dinâmicas de ganha-ganha em substituição à cultura de ganha-perde em que estamos inseridos. É uma filosofia para a construção de projetos de sucesso em organizações, além de dicas e técnicas que podem ser adaptadas para projetos pessoais, segundo John Croft, que criou a *Dragon Dreaming* a partir de estudos sobre o modo de vida e a socialização de comunidades aborígenes” (SEBRAE, 2020).

A função valorativa da pesquisa-ação também é destacada por Thiollent (1986). Ela envolve tanto os princípios morais dos sujeitos da pesquisa quanto os princípios morais do investigador.

O levantamento metodológico dos artigos que compuseram o estado da arte deste estudo observou dez anos de produção científica, e não houve identificação da aplicação de uma pesquisa-ação ou de pesquisa participante como método. Há que se avaliar, no entanto, os riscos deste método e críticas sobre sua vulnerabilidade científica, os quais devem ser minimizados por meio de explanação minuciosa e detalhada de um planejamento, apesar de seu movimento de idas e vindas próprio do processo.

O planejamento segundo Thiollent (1986) organiza-se de modo linear, com fases ou etapas sequenciais e cronológicas para melhor entendimento do processo:

- Fase exploratória: o campo de pesquisa precisa ser avaliado por meio de levantamento das situações, expectativas e necessidades. É produzido um diagnóstico para levantar o que falta, o que deve ser prioritário, mas não apenas à luz do pesquisador e sim dos sujeitos que estão no contexto. Esse ponto é uma das diferenças que a pesquisa-ação tem em relação aos outros métodos na produção de conhecimento porque nos métodos tradicionais da pesquisa social essa produção trata o “protagonista meramente como informante” (THIOLLENT, 1986, p. 50).
- O tema de estudo: na pesquisa-ação a formulação da temática deve se dar de maneira descritiva e normativa (THIOLLENT, 1986). As normas, ou seja, o como, são fundamentais para o método em questão, já que podem ser negociadas entre os participantes. De modo geral, o tema que sustenta uma pesquisa-ação deve ser interessante e viável tanto para o pesquisador quanto para a comunidade de estudo.
- O problema: há vários e diferentes olhares para um tema. Geralmente, na pesquisa-ação os problemas devem ser formulados de modo prático (THIOLLENT, 1986), visto que a essência do método é propor soluções, criar condições para apresentar respostas. Chama atenção para o conceito de que na pesquisa social, especialmente na pesquisa-ação, o problema deve ter situação inicial e situação final. O caráter transformador dele deve ficar claro para que as ações de soluções sejam tanto quanto claramente informadas.
- A teoria: a teoria sociológica permeia toda pesquisa social. O cuidado, segundo Thiollent (1986), deve se dar na discussão teórica que precisa ser compreensível aos interlocutores do pesquisador para que elas possam ser avaliadas na etapa denominada “Seminários”.

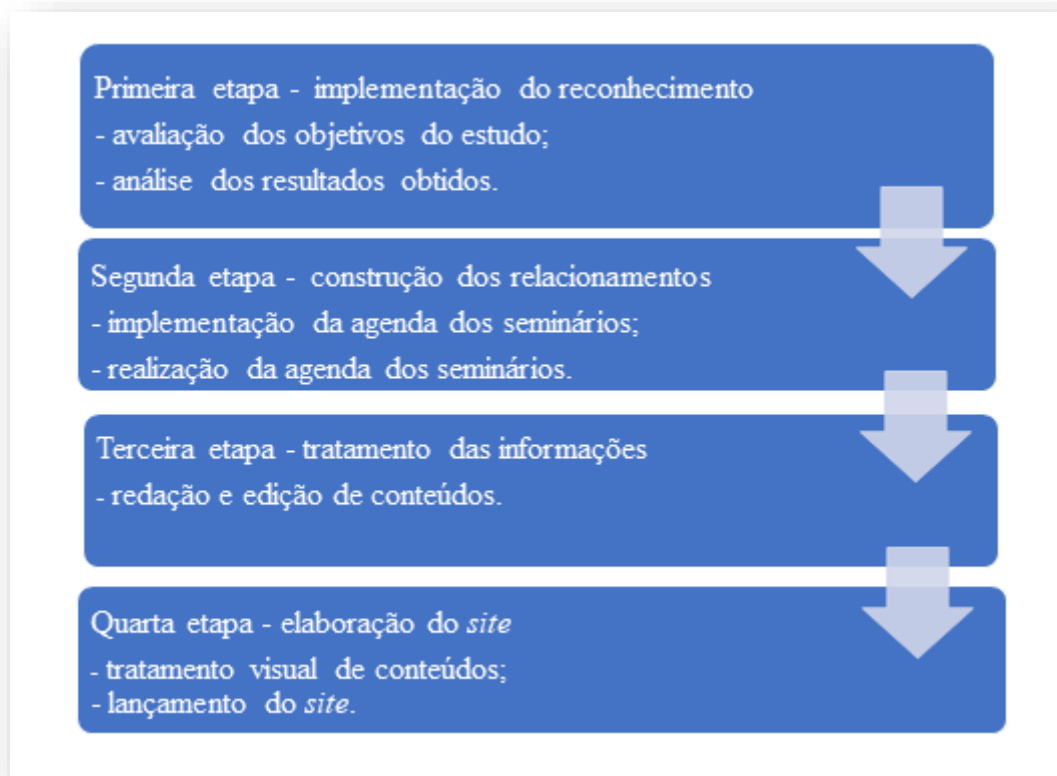
- A formulação das hipóteses: assim como a problematização da pesquisa-ação, as possíveis respostas às questões centrais do tema eleito para estudo ou as hipóteses formuladas deverão sofrer alterações na medida em que a investigação avance. “A verificação das hipóteses se dá exclusivamente na prática” (THIOLLENT, 1986, p. 57). Além de serem discutidas e organizadas entre os participantes da pesquisa, é necessário avaliar a capacidade de comprovação que elas têm. A pluralidade de hipóteses na pesquisa-ação, em oposição aos estudos tradicionais, evidencia-se pelas conexões que as possíveis respostas podem ter. Como numa rede de possibilidades que serão colocadas em prática.
- Formulação de grupos de trabalho: essa fase ou etapa denomina-se “Seminário”. O evento tem a função de reunir pesquisador e participantes do foco de questionamento da pesquisa, ou seja, seu problema. Também tem a função de organizar grupos de trabalho, “grupos-satélite separados por comandos como observação, consultores ou informantes” (THIOLLENT, 1986, p. 58). Essa etapa deve ser permanentemente realizada no decorrer da investigação, registrar os pontos principais de discussão e decisões tomadas em colegiado e proporcionar momentos de reflexões. Porém, adverte o autor, é urgente ser preparado com zelo e organização extrema para não se perder em discussões emocionais e tendenciosas.
- Determinação de amostragem qualitativa: a pesquisa-ação organiza-se em torno de uma comunidade ou grupo demarcado geograficamente. Pode se dar uma delimitação empírica como uma rede social por exemplo. As orientações indicam, resumidamente, três possibilidades:
 1. Não usar amostragem. Questionários ou discussões em grupo são os meios indicados para obter informações da população, desde que seja de tamanho controlável.
 2. Utilizar-se de amostragem controlada estatisticamente, porém utilizar-se de instrumentos de divulgação entre a população pesquisada para alcançar a etapa da conscientização a que se refere a pesquisa-ação.
 3. Lançar mão da “amostragem intencional” (THIOLLENT, 1986, p. 63), ou seja, separar grupos representativos para levantar opiniões sobre determinados assuntos. Controversa por ferir o princípio da aleatoriedade, considerado fundamental para a garantia da objetividade de uma investigação e igualdade de relevância, não se consolida na pesquisa-ação porque pressupõe-se que grupos sociais não têm igual

relevância. De qualquer forma, essa opção de amostragem pode fornecer dados tratados no modo qualitativo e quantitativo se assim o estudo exigir.

- Para colher os dados: as técnicas de coleta dos dados são as usualmente utilizadas em pesquisas qualitativas como entrevistas individuais ou coletivas, questionários para escalas maiores de amostragem, porém na pesquisa-ação, na elaboração desses instrumentos, a ênfase recai nos propósitos dos inquéritos para que as respostas tenham clareza e de fato reflitam os objetivos pretendidos. Novamente, os seminários serão os responsáveis pela discussão dos dados obtidos. É necessário refletir sobre as amostragens para se organizar outros instrumentos de coleta de dados como técnicas documentais de notícias publicadas na imprensa nacional ou internacional; entrevista em profundidade caso seja necessário reproduzir as experiências dos participantes do estudo. De qualquer forma, o ponto principal dessa etapa da pesquisa-ação é preservar os papéis sociais das entrevistas e dos participantes da pesquisa.
- A circulação da informação: denominada de “Aprendizagem” por Thiollent (1986) na pesquisa-ação essa fase ou etapa concentra-se no registro das descobertas, discussão sobre as ações e tomada de decisões. “Em alguns casos, a aprendizagem é sistematicamente organizada por meio de seminários ou de grupo de estudos complementares e também pela divulgação de material didático” (THIOLLENT, 1986, p. 66). A preocupação é fazer com que a informação circule entre os participantes e que elas possam servir para a transformação da realidade.

O plano de ação é posterior a uma discussão sobre os diferentes saberes entre os participantes da pesquisa identificados como pesquisador e participantes. A função dessa etapa é equilibrar esses saberes que estão entre o senso comum e o conhecimento científico. A etapa posterior ao plano de ação está relacionada à divulgação externa dos resultados utilizando-se meios populares (THIOLLENT, 1986) e pretende potencializar a conscientização dos resultados.

Para efeito dos esclarecimentos das etapas desenvolvidas foi elaborado um diagrama que será seguido de uma análise sobre os resultados e desdobramentos obtidos. O conjunto das atividades descritas em torno da investigação ocorreram durante o segundo semestre de 2019, primeiro e segundo semestres de 2020 e primeiro trimestre de 2021 e tem, como ponto de partida, a decisão de planejar e executar um novo *site* para o movimento Cidades em Transição.

Quadro 5 - Diagrama das etapas da pesquisa

Fonte: A autora, 2021

Os resultados das etapas indicadas no diagrama apresentado encontram-se reunidos no capítulo 7 identificado como tal após os esclarecimentos que consideramos necessários para o aprofundamento do já exposto sobre o movimento Cidades em Transição e o contexto desta tese sobre sua rede social *Transition* Brasil.

5 O MOVIMENTO CIDADES EM TRANSIÇÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar ao leitor o movimento Cidades em Transição por meio de sua rede social <<http://transitionbrasil.ning.com/>> a qual será indicada recorrentemente no texto como fonte *TRANSITION BRASIL*, 2020, e a reprodução *ipsis litteris* de seus diversos conteúdos. De forma adjacente, essa opção de organização pretende indicar a evolução da pesquisa sobre o contexto do fenômeno em estudo.

5.1 DO DECRESCIMENTO ECONÔMICO AO MOVIMENTO CIDADES EM TRANSIÇÃO

Tudo começou com os estudos sobre o decrescimento econômico. Este movimento desponta no cenário europeu em contraposição ao sistema capitalista. Pode ser interpretado sob diferentes aspectos como defendem D'Alisa, Demaria e Kallis (2015). Tanto a questão dos limites do crescimento e sua proximidade a uma estagnação quanto o encontro de caminhos para a prosperidade sem crescimento econômico nos moldes capitalistas fazem parte desses diferentes aspectos.

O termo francês *décroissance* surge em 1972, quando o debate em torno da ecologia, dos limites do crescimento e do capitalismo emergiram no contexto socioeconômico da época ligado à redução do crescimento econômico.

O tema, nas mãos de Latouche²¹, volta à cena em 2006 com a publicação de *Le pari de la décroissance*. No livro *Pequeno tratado do decrescimento sereno* (LATOUCHE, 2009), o autor afirma que o crescimento econômico exponencial não é apenas prejudicial ao nosso ambiente natural como também quebra os laços solidários e sociais que constituem a sociedade. De acordo com Latouche (2009), o crescimento decrescente não significa crescimento negativo, mas sim uma contração da economia, o que é impossível de se harmonizar com um sistema capitalista. Por esta razão, não é suficiente apenas desacelerar o crescimento econômico. É necessária uma transformação da sociedade, de como as pessoas organizam suas vidas. *Pequeno tratado do decrescimento sereno* visa apontar maneiras de estabelecer uma sociedade sobre os princípios de desprendimento (uma "verdadeira utopia" nas palavras de Latouche). Ele lista uma série de propostas, que são apresentadas como: "[...] círculo virtuoso de oito erres:

²¹ Economista e filósofo francês.

reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar" (LATOUCHE, 2009, p. 42).

A partir da França, as discussões chegam à Espanha e à Itália, constituindo-se a base para a crítica fundamental do conceito de crescimento que nos últimos anos evoluiu para a crítica do capitalismo e das sociedades de consumo como tal. D'Alisa, Demaria e Kallis (2015) parecem seguir uma linha menos radical, mas também defendem uma mudança comportamental da sociedade. No artigo *Care* (D'ALISA; DEMARIA; DERIU, 2015) a abordagem do decrescimento apresenta ideias para uma sociedade onde as pessoas cuidem umas das outras.

Na América Latina, segundo Acosta e Brand (2018), o conceito chega no começo do século XXI pelas articulações antiliberais e uma política contra o extrativismo. Algumas materializações ocorrem nesse sentido, como o Estado Plurinacional da Bolívia e do Equador, criado em 2008. Ele envolve diferentes questões coletivas e comunitárias, inclusive o Bem Viver, que se configura como um pacto civil, uma filosofia ainda em consolidação. O fato é que a matriz comunitária está no foco das experiências.

Entre elas o movimento Cidades em Transição, exposto por Acosta e Brand (2018) como uma experiência inovadora de enfoque econômico alternativo: "uma aposta real e concreta pelo decrescimento" (ACOSTA; BRAND, 2018, p. 11).

Rob Hopkins em 2005, na cidade de Totnes, Devon, Inglaterra, cunhou o termo *Transition Town*. A pedra fundamental do movimento foi assentada em 2004. Na ocasião, Hopkins estava em Kinsale, na Irlanda, trabalhando como professor de permacultura - uma técnica de horticultura sustentável baseada em sistemas de cultivo que imitam a ecologia do mundo natural - e estabelecendo uma vila ecológica, quando participou de uma palestra sobre o "pico do petróleo". Nesse evento, teóricos como Heinberg, cujo livro *The Party's Over - Oil, War and the Fate of Industrial Societies* (2005) registra a vida sem petróleo, discutiam os problemas em questão.

A polêmica girava em torno da provável interrupção do fornecimento de petróleo, que naquele ano teria atingido seu pico de produção e, a partir daí, entraria em declínio. O que aconteceria com economias e estilos de vida dependentes do petróleo quando o óleo acabasse? Como uma resposta construtiva, Hopkins começou a desenvolver com seus alunos um plano de ação para uma nova forma de captação de energia para Kinsale. De Kinsale a Totnes a proposta ampliou-se e consolidou-se apoiada em alguns pressupostos. Segundo Hopkins (2019), esses pressupostos envolveriam questões como ser um experimento social contínuo; auxiliar as comunidades a enfrentarem seus grandes desafios, começando localmente; apostar nas soluções

pensadas em grupo; procurar nutrir uma cultura de cuidado, focada na conexão com o eu, com os outros e com a natureza.

5.2 O MOVIMENTO NO BRASIL

Cidades em Transição é uma experiência coletiva e chega ao Brasil em 2009. Os princípios que regem o movimento são de ordem ambiental já que os efeitos sentidos estão diretamente ligados aos limites dos recursos; de ordem econômica pois organizados em comunidades e buscando alternativas de produção e consumo valorizam a economia local e solidária, chegando à inclusão social; de ordem política porque precisa do compartilhamento de ideias, de poder e da ordem comunitária, na construção de conexões, elos e sinergia de processos (*TRANSITION BRASIL*, 2020).

Pela concepção do movimento o que circula são valores coletivos e solidários.

O foco da transição é inspirar, encorajar, treinar, dar suporte e conectar comunidades na construção de uma vida melhor. O movimento [...] acredita que a troca de experiências e a criatividade são as bases que fortalecem um sistema capaz de amenizar as perdas diante das incertezas econômicas e climáticas que dominam o planeta (*TRANSITION BRASIL*, 2020).

A rede social *Transition* Brasil registra as iniciativas em todo país por meio da apresentação de 61 grupos localizados em diferentes pontos do Brasil com diversas vocações que englobam 2 356 membros. As iniciativas podem ser relacionadas à criação de uma horta comunitária, de um sistema agrícola como a permacultura, um programa de reciclagem de lixo, um evento como uma feira de orgânicos. O importante é que sigam as orientações de acordo com o manual sobre a transição, disponível para *download* em português e inglês.

Segundo o documento orientador são necessários seguir sete princípios na criação de uma iniciativa que se caracterizam como pilares de sustentação²²:

• VISÃO DE UM FUTURO POSITIVO • SENSIBILIZAÇÃO – UM CONVITE • INCLUSÃO – TODOS SÃO NECESSÁRIOS • RESILIÊNCIA – CONSTRUINDO COMUNIDADES FORTES • A TRANSIÇÃO FAZ SENTIDO – A SOLUÇÃO TEM O MESMO TAMANHO DO PROBLEMA • A TRANSIÇÃO É INTERNA E EXTERNA • UM MODELO VIRAL – ALGO FÁCIL DE REPLICAR (*TRANSITION BRASIL*, 2020).

No mesmo documento, constam ainda 12 passos²³ que se caracterizam como roteiro com orientações de apoio aos integrantes de uma iniciativa:

²² Os pilares de sustentação estão transcritos em caixa alta exatamente como aparecem no documento orientador original.

²³ Os 12 passos estão transcritos em caixa alta exatamente como aparecem no documento orientador original.

• FORME UM GRUPO INICIADOR • TRABALHE A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE O ASSUNTO • ESTABELEÇA OS FUNDAMENTOS DO GRUPO • FAÇA UM GRANDE LANÇAMENTO DO GRUPO • FORME GRUPOS DE TRABALHO • USE A TECNOLOGIA DO *OPEN SPACE* • DESENVOLVA MANIFESTAÇÕES PRÁTICAS E VISÍVEIS DO PROJETO • FACILITE O APRENDIZADO • CRIE PONTES COM O GOVERNO LOCAL • HONRE OS ANCIÕES • DESENVOLVA UM PLANO DESCENDENTE • DEIXE IR AONDE QUISER IR (*TRANSITION BRASIL*, 2020).

Na proposta do “ECOBAIRRO”, por exemplo, o objetivo é “resgatar os vínculos com o lugar onde moramos” (*TRANSITION BRASIL*, 2020), e seguir os fundamentos de uma ecovila. A instituição é uma organização não-governamental localizada no bairro da Vila Mariana, em São Paulo. Funciona como um centro comunitário onde reuniões acontecem para discutir e colocar em prática diversas ações que visem o bem coletivo.

Ao acessar a página “GRUPOS” é possível visualizar todas as iniciativas e entender as diferentes formas de transição. Na figura 10, exemplo da página do “ECOBAIRRO”, é possível ainda conhecer o percurso e a filosofia do grupo.

Figura 10 - Captura de página do "ECOBAIRRO"

Todos os Grupos Meus grupos

Bem-vindo a
Transition Towns Brasil
Registre-se
ou acesse

ECOBAIRRO. POR UMA CIDADE SUSTENTÁVEL E PACÍFICA.
Criado por LARA FREITAS Exibir grupos

INFORMAÇÃO

ESSE É O DNA PARA A SUSTENTABILIDADE URBANA!

COMECE POR UM DOS NÚCLEOS

PROGRAMA EXPERIMENTAL DE TRANSIÇÃO

Projeto Ecobairro.org.br | contato@ecobairro.org.br

Projeto Ecobairro.org.br | contato@ecobairro.org.br

O projeto nasceu, em 2004, da idéia de levar para o ambiente urbano alguns dos princípios praticados nas ecovilas, um movimento que já está presente em mais de 15.000 localidades em todo o mundo.

Nosso objetivo maior é resgatar o bem-estar e o vínculo com o lugar em que moramos na cidade. Diz a sabedoria popular que "quem ama, cuida". Se não conhecemos nosso bairro ou mesmo nossa rua, como poderemos cuidar deles? Da mesma forma, se não sabemos quem são nossos vizinhos, como poderemos pensar em soluções criativas para problemas que afetam a todos? Por isso, a nossa intenção é formar agentes locais - uma rede de cuidadores - capazes de construir seus próprios caminhos com autonomia, buscando o consenso nas decisões coletivas.

O ECOBAIRRO propõe-se a apoiar os moradores, compartilhando idéias e visões, desenhando maneiras de praticar a sustentabilidade dentro e fora de nossas casas a partir de 8 princípios de sustentabilidade. Afinal, o Planeta é a nossa Casa.

Site: <http://www.ecobairro.org.br>
Local: Projeto Piloto - Vila Mariana/SP. Sede CASA URUSVATI - Rua Dr. Luiz de Azevedo Filho, 38 (700 m Metro Sta Cruz).

MEMBROS (11)

Exibir todos

REDES INTERNACIONAIS

Quer se conectar com osHubs internacionais e ver como a Transição está caminhando pelo mundo fora?

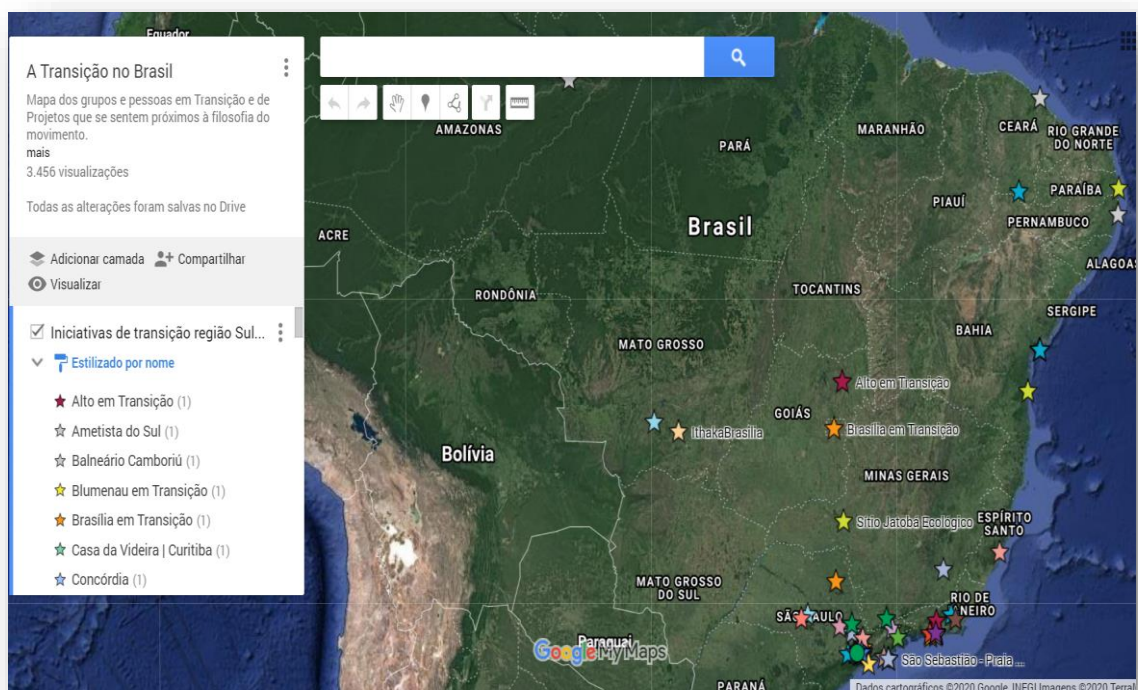
Transition Network
Transição Portugal
Transição Espanha
Transição Belgica
Transição EUA
Transição Israel
Transição Escócia
Transição Croácia
Transição Dinamarca
Transição França
Transição Alemanha
Transição Hungria
Transição Irlanda
Transição Itália
Transição Japão
Transição Luxemburgo
Transição Holanda
Transição Nova Zelandia
Transição Filipinas
Transição Austria
Transição Japão
Transição Austrália

TREINADORES OFICIAIS DA REDE

As iniciativas são resposta a um contexto regional como a Rede de Permacultura da Paraíba, onde se constroem casas com tijolo tipo adobe e de taipa de mão em substituição ao tijolo de cimento. Feitos com matéria prima natural como terra, água, palha e esterco de boi, moldados com as mãos ou pés, colocados em formas artesanais e cozidos ao sol, constituem-se a estrutura de uma bioconstrução.

Por meio da consulta à aba de acesso “ONDE?” da página *Transition* Brasil encontra-se o mapa do Brasil no aplicativo Google Mapas onde é possível perceber a extensão do movimento em diferentes regiões brasileiras, ilustrado pela figura 11.

Figura 11 - Captura de página "ONDE?" indicando as regiões brasileiras com iniciativas



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

Algumas abas de acesso da página principal como “*HUB BRASIL*” e “*HISTÓRIAS DE TRANSIÇÃO*” aparecem como “em construção” e outras como “*ARTIGOS E TRABALHOS*” e “*PROJETO RECONOMIA*” têm pouco conteúdo. Há um farto material, no entanto, sobre as iniciativas em todo país nas páginas de fotos, filmes, eventos e cinemateca.

O menu do *site* é completo e disponibiliza mais de um espaço para interações. Além de “*BLOG*” e “*GRUPOS*”, há a página “*CONVERSAS EM GRUPO*” como consta no menu,

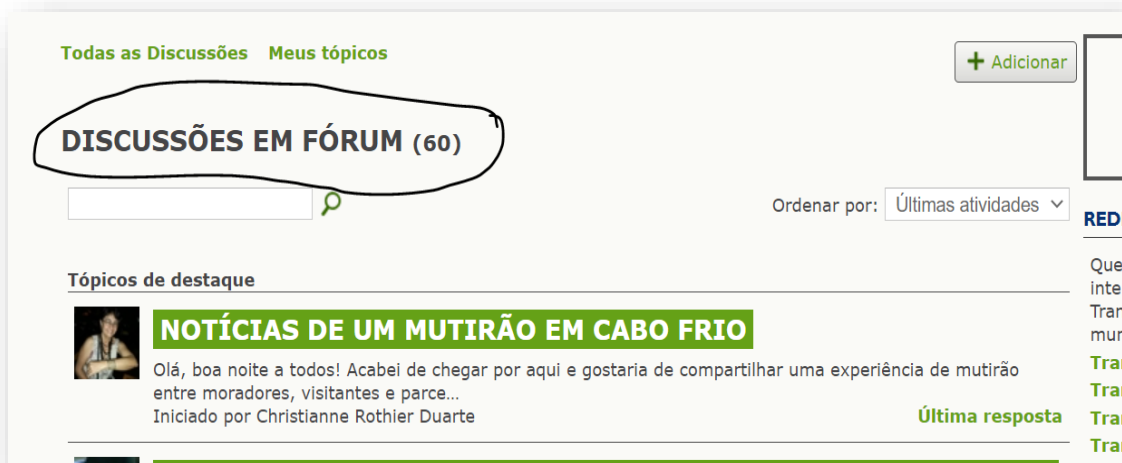
porém, ao acessá-la a identificação do espaço passa a ser “DISCUSSÕES EM FÓRUM” como mostram as figuras 12 e 13.

Figura 12 - Captura de página "CONVERSAS EM GRUPO" no menu do site



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

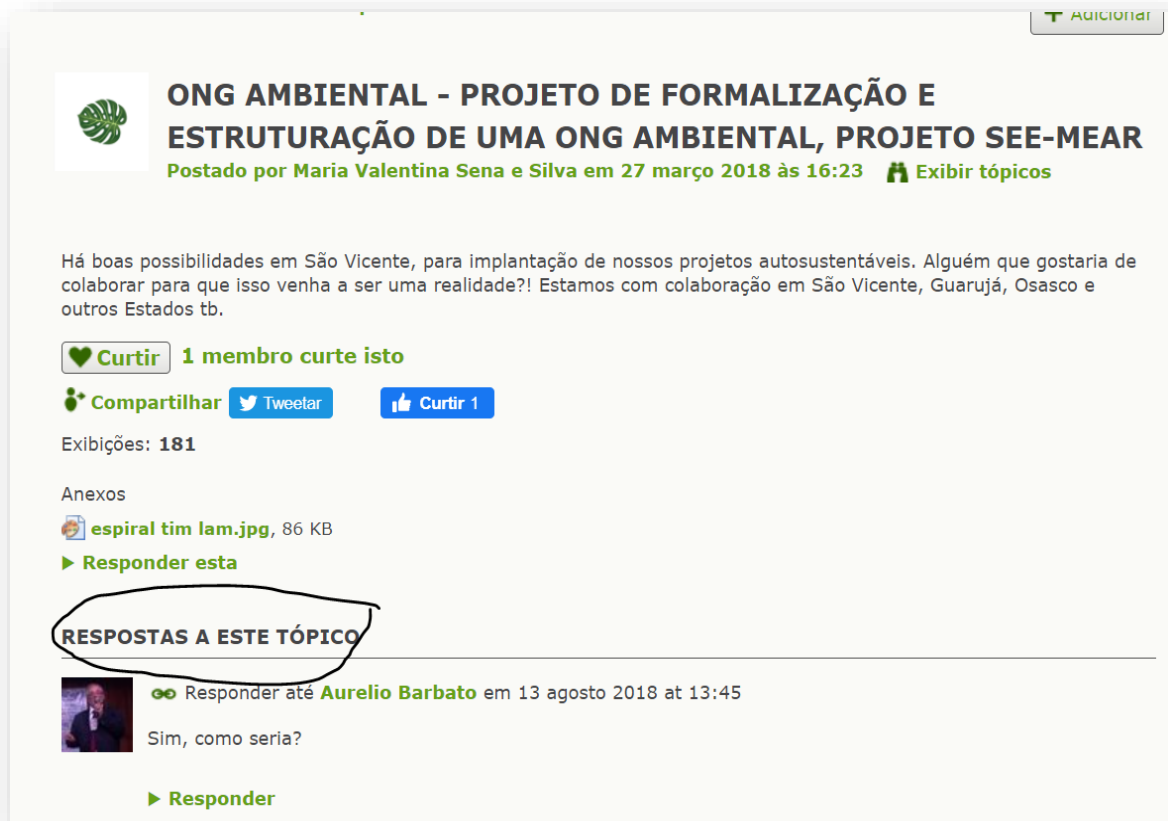
Figura 13 - Captura de página "DISCUSSÕES EM FÓRUM"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

A página “DISCUSSÕES EM FÓRUM” permite que o usuário curta e compartilhe em suas redes a postagem que lhe interessar, além de possibilitar deixar recados sobre ela, em tópico denominado “RESPOSTAS A ESTE TÓPICO”, conforme exposto na figura 14.

Figura 14 - Captura de página com destaque para o tópico "RESPOSTAS A ESTE TÓPICO"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

A rede tem a identificação de *Hub* Brasil e é composta por integrantes responsáveis pelos treinamentos, ou seja, pelos cursos que orientam os grupos quanto às suas iniciativas. São dados abertos de dez integrantes como exposto na figura 15.

Figura 15 - Captura de página "TREINADORES OFICIAIS DA REDE"

TREINADORES OFICIAIS DA REDE BRASILEIRA DAS CIDADES EM TRANSIÇÃO

GABRIELA MONTEIRO	FRANK SICILIANO	MARCELO TODESCAN	
CLAUDIA VALADARES	MONICA PICAVEA	PRISCYLLA LINS LEAL	ZAIDA AMARAL
ARAKAKI	ISABELA MARIA GOMEZ DE MENEZES	MELISSA BIVARA PEREIRA	MAY EAST

Conheça Nossos treinadores oficiais

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

Em “*BLOGS E NOVIDADES*” é possível perceber a presença recorrente de Isabela Maria Gomez de Menezes como responsável pelas postagens de notícias e organização de uma agenda de eventos. É um espaço onde as diversas linguagens estão presentes: há postagem de

vídeos, fotos, desenhos, *links* dos mais variados temas e *posters* complementados sempre com textos.

Figura 16 - Captura de página sobre postagens do "BLOG E NOVIDADES"

Adicionado por **Isabela Maria Gomez de Menezes** em 16 julho 2020 às 21:00 — Sem comentários



**TREINAMENTO DE LANÇAMENTO DE SUA
TRANSIÇÃO | LAUNCH | ONLINE**

Veja o evento AQUI

Estamos vivendo um momento de profundas transformações e nem sempre conseguimos ter clareza de como estamos contribuindo e com que qualidade para que novos caminhos sejam possíveis. O momento atual é extremamente propício para a formação e fortalecimento de grupos...

Continuar

Adicionado por **Isabela Maria Gomez de Menezes** em 9 julho 2020 às 22:29 — Sem comentários

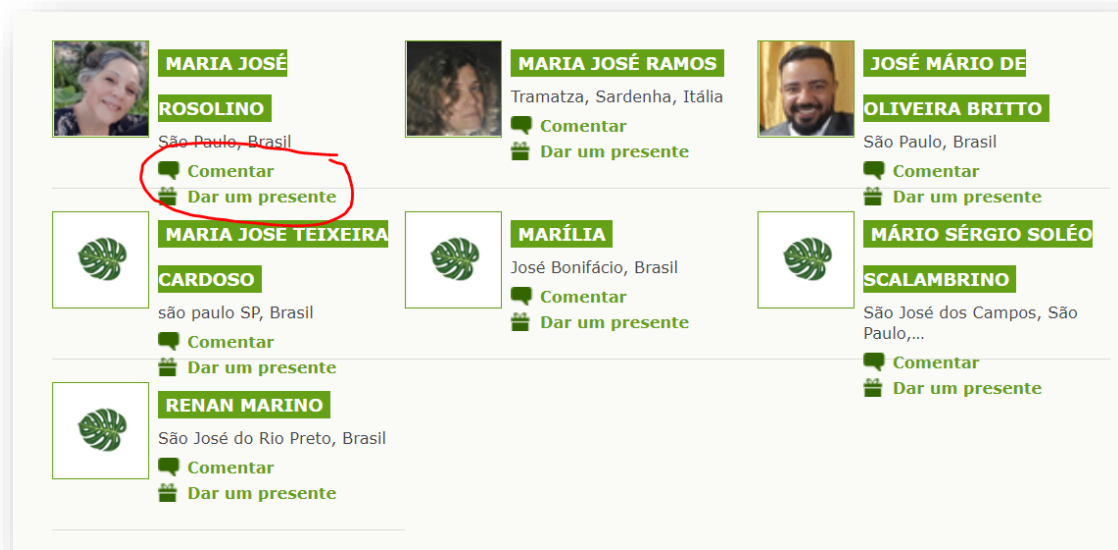


**CONVERSAS DE UM NOVO TEMPO: UMA
NOVA RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE CÍVIL E
MUNICIPALIDADE**

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

Para ser membro do *site* é preciso inscrição. É necessário preenchimento de um cadastro com informações habituais, sem exigência de comprovantes ou dados de documentos pessoais.

Figura 17 - Captura de página "MEMBROS"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

Os perfis tornam-se públicos e é possível enviar comentários e dar um presente em formato de *emojis*. Além disso, quando não há inserção de fotos no perfil, o membro é identificado com uma folha de *monstera* deliciosa²⁴, ou costela de adão, uma planta do clima tropical escolhida para fazer parte da marca do movimento, conforme figura 17.

5.3 AS REDES VIRTUAIS E OS SÍTIOS FRANCÊS E INGLÊS

As conexões entre os diferentes países envolvidos com o movimento são facilmente identificadas. Na primeira página da rede social há um conjunto de informações sobre o assunto: “[...] Já são mais de 321 iniciativas oficiais de transição (em cidades, bairros e até ilhas) e 227 iniciativas em formação” (*TRANSITION BRASIL*, 2020).

²⁴ Nome científico da planta conhecida como costela de adão.

Figura 18 - Captura de página "REDES INTERNACIONAIS"

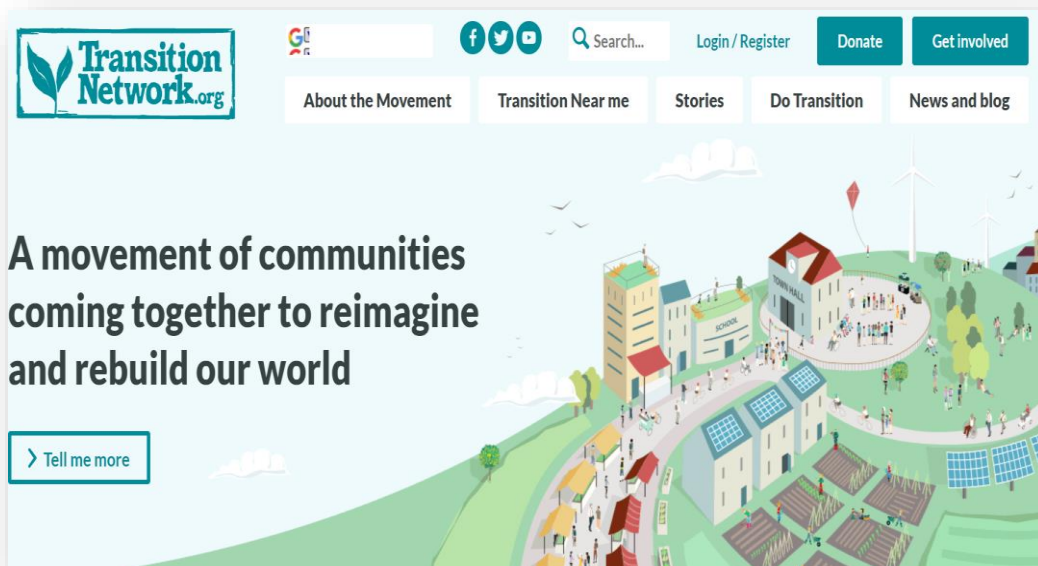


Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

O conteúdo do primeiro *link* da rede *Transition Network* (figura 19) não se refere a um país especificamente; sistematiza um conjunto de dados e informações institucionais norteadoras do movimento e, como sua denominação indica, é uma ferramenta de ligações pessoais e profissionais. Constitui-se um espaço de registro, memória e fonte de pesquisa sobre

o assunto, além de dar acesso a notícias mundiais de transição publicadas em diferentes *blogs* sobre o tema.

Figura 19 - Captura de página principal *Transition Network*



Fonte: *TRANSITION NETWORK*, 2020

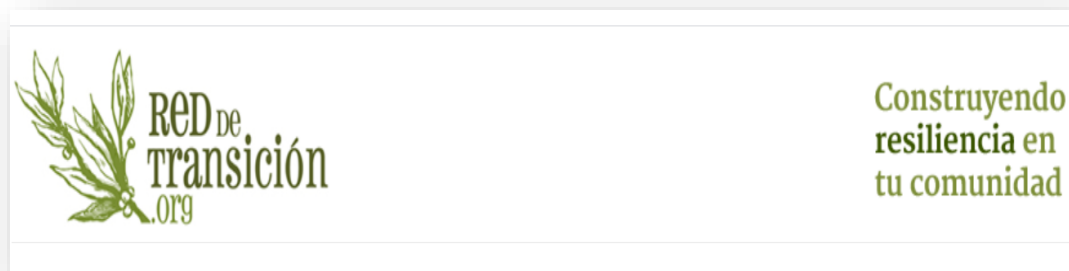
Ao consultar os endereços eletrônicos de diferentes países é possível a identificação com a marca do movimento (uma folha estilizada), sem, no entanto, estar padronizada, além da denominação *Transition* seguida do nome do país.

Figura 20 - Captura da marca do movimento na França



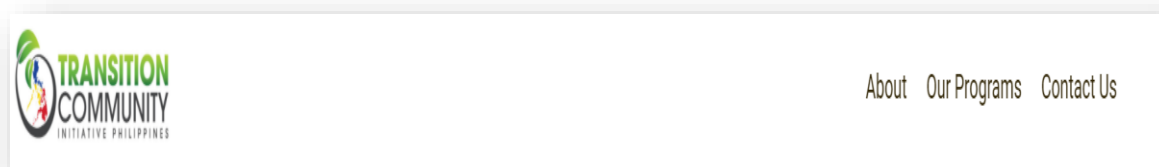
Fonte: *TRANSITION FRANCE*, 2020

Figura 21 - Captura da marca do movimento na Espanha



Fonte: *RED DE TRANSICIÓN*, 2020

Figura 22 - Captura da marca do movimento na Austrália



Fonte: *TRANSITION COMMUNITY*, 2020

Todos os sítios encontram-se em suas línguas nativas, o que pode ser visualizado nas figuras 20, 21 e 22.

5.4 OS DESDOBRAMENTOS DA PÁGINA “COLABORE COM A REDE”

Durante a avaliação e consulta das diferentes páginas da rede social *Transition* Brasil foi encontrada a “COLABORE COM A REDE”. Tal acesso proporcionou o envio de mensagem indicando a disponibilidade de colaboração do estudo na elaboração e gestão de conteúdos da rede, a qual obteve resposta positiva. As primeiras trocas de mensagens com a responsável pelo *site*, Isabela Maria Gomez de Menezes, via aplicativo WhatsApp, foram suficientes para a criação de um elo amistoso e consistente movido pelo interesse de ambas as partes sobre produtos do ambiente digital, especialmente a rede social virtual.

5.4.1 As entrevistas

A primeira entrevista formal foi realizada com Isabela no dia 23 de fevereiro de 2020, de modo remoto, pela incompatibilidade de agenda e distribuição geográfica. No roteiro, perguntas do tipo: “Como você conheceu a rede *Transition Town*?”, “O *site* e as redes sociais fazem diferença na divulgação do movimento e na adesão das pessoas?”, “Como funciona a tomada de decisão do planejamento do *site*?”, “E no mundo, como funciona?”, “Quem é o seu par na França?”, “Por que não tem *Transition Town* da Inglaterra?”, “Rob Hopkins é acessível?” nortearam a conversa. A entrevista foi transcrita e encontra-se no Apêndice B.

As principais contribuições desse encontro foram as informações sobre o início do movimento no Brasil. Segundo ela, conhecer o movimento e seus princípios naquele momento a encantou e a fez abrir várias frentes de participação. Isso aconteceu por meio de seu trabalho voluntário junto ao Instituto CRIS - Centro de Referência, Integração e Sustentabilidade. Além de contribuir com as iniciativas presenciais, a responsável pelo *site* passou a ter contato com várias pessoas ligadas a projetos ainda incipientes no Brasil, mas consolidados principalmente na Europa.

As decisões de composição do *site* foram tomadas de modo orgânico. À medida que se conhecia a plataforma, acrescentava-se conteúdo a ela. Porém a arquitetura do ambiente virtual, com o passar do tempo, não surtiu o efeito desejado. Os usuários não se identificaram com ela. Consideravam-na difícil e confusa, segundo a responsável pelo *site*.

Foi possível depreender que Isabela é uma das fundadoras do movimento no Brasil. Também foi possível entender quem foram e quem são os representantes do movimento no país. O grupo começou com Monica, May, Marcelo, Frank, Isabela e Zaida. Ainda segundo Isabela, hoje em dia, Marcelo e Frank não estão mais atuantes e May envolve-se com assuntos internacionais e não participa das decisões do grupo. Os membros mais atuantes, não só em relação aos conteúdos digitais como também às atividades necessárias para a manutenção dos treinamentos e relacionamento com a rede internacional, são: Monica, Zaida, Isabela e Melissa. Não há remuneração para os trabalhos desenvolvidos. Os custos de manutenção do *site* são pagos pelo grupo. Houve ainda uma longa explicação sobre as dificuldades financeiras em sustentar a iniciativa, já que a maioria dos grupos não possui CNPJ em função do aumento das obrigações tributárias, o que, por outro lado, não permite uma ampliação na captação de recursos junto a empresas e instituições formalmente constituídas.

Por meio das primeiras observações realizadas nas páginas que deveriam promover a interação entre os participantes da rede, mas não o faziam, Isabela relacionou o fato à necessidade de ganhar a vida primeiro, para depois doar o seu tempo a uma causa como o movimento. Reputou a isso as dificuldades dos usuários em relação à plataforma Ning onde o

endereço do movimento está hospedado, para o esvaziamento das participações tanto presenciais quanto virtuais. O aplicativo WhatsApp nesse momento é a forma adotada de interação entre os grupos e os responsáveis. Não há ainda interações, segundo Isabela, no Facebook e Instagram porque também não há quem as estimule.

Diante de tudo isso, Isabela afirmou que o grupo estava discutindo há mais de um ano uma proposta de mudança para o *site*, tanto em termos de usar uma nova plataforma como WordPress, gratuita, quanto em relação à produção de conteúdos que mostrem a amplitude da causa defendida.

Dessa entrevista, dois nomes foram indicados para contatos: Julie, nome fictício, como representante do movimento na França e Clara, nome fictício, como ponte para chegar ao Rob Hopkins, idealizador do movimento Cidades em Transição.

Com Julie, entre 5 e 23 de março de 2020, já em isolamento social em função da pandemia de COVID-19, várias mensagens foram trocadas estabelecendo um relacionamento constante e amistoso. Foi preciso contratar um tradutor para enviar as questões e combinar com Julie que as perguntas fossem respondidas oralmente e gravadas para valorização da espontaneidade. Em 28 de abril de 2020, as seguintes questões, traduzidas para o idioma francês, foram enviadas para ela:

1. O *site* e as redes sociais fazem diferença na divulgação do movimento e na adesão das pessoas?
2. Como funciona a tomada de decisão do planejamento do *site Transition France*?
3. O endereço Ning é usado desde o início do *Transition France*?
4. Há quanto tempo existe o *Transition France*?
5. Quais os recursos que o domínio tem para favorecer a interação dos participantes?
6. Você já elaborou alguma pesquisa de opinião sobre o conteúdo do *site*?
7. Quem, além de você, planeja, gerencia, produz e avalia o retorno do *site*?
8. Quem gerencia o domínio internacional? Quais são os valores para seu uso? Há subsídios?
9. Fiz minha inscrição no grupo *objectif-resilience* e acompanho suas postagens e as respostas que obtém. São sempre as mesmas pessoas que interagem com você. Numa de suas postagens você afirma que está faltando a criação de vínculos para que o ambiente funcione, que o movimento cresça e apareça. Você entende que a hospitalidade pode ser uma forma de estimular a criação de vínculos? Em caso afirmativo, como você acredita que ela pode acontecer virtualmente?

10. Você citou, numa das respostas a essa postagem, que existiu um *site* chamado Wiser, em língua inglesa, que foi extinto. O novo *site* que você pensa em lançar em diversas línguas tem como modelo o Wiser?
11. Quais as principais barreiras para que o movimento *Transition France* seja amplamente conhecido usando as plataformas digitais?
12. A adesão ao movimento está crescendo?
13. O *site* brasileiro passa por dificuldades de manutenção pela falta de pessoas para olhar por ele. Trabalhar por ele. O trabalho é voluntário e isso dificulta tudo. No *Transition France* o trabalho é voluntário?
14. Minha tese é que se usarmos as dimensões da hospitalidade na comunicação do movimento via *sites*, eles irão promover a criação e manutenção dos laços e vínculos fazendo com que seja ampliada sua capacidade de convencimento de adesão. O que você conhece sobre hospitalidade em ambiente virtual? Você acredita que minha tese faz sentido?

Julie respondeu a esse envio no dia seguinte informando que conversaria com o *webmaster* para responder as perguntas na semana seguinte. Solicitou ainda que posteriormente fosse encaminhada a transcrição das gravações. No entanto, a devolutiva chegou apenas em 24 de julho de 2020, por escrito. A contribuição dessa entrevista recai no fato de que Julie empreendeu em uma construção coletiva de conteúdo – um grupo de cinco pessoas - para a rede *Transition France*, o que equivale a ter acesso a um conjunto maior de informações com fontes diversificadas.

O *site* francês usa o WordPress numa versão paga. O trabalho de todos é voluntário. Não foi explicado como são pagos os custos de hospedagem e manutenção da rede. O uso das mídias sociais para Julie é fundamental para a consolidação dos ideais do movimento que, na opinião dela, enfrenta dificuldades de adesão pela cultura francesa ainda hoje valorizar uma sociedade piramidal, o que é o oposto da proposta do movimento. As perguntas 9, 10 e 11 não foram respondidas.

Para Clara, a indicação para chegar ao Rob Hopkins, a primeira mensagem foi enviada em 5 de março de 2020 com as mesmas apresentações enviadas à Julie sobre o projeto de pesquisa e os motivos do contato. Nesse mesmo dia, Clara respondeu a mensagem copiando o responsável pela rede *Transition Town Network*, indicando continuidade dos contatos com ele.

Foram enviadas duas mensagens ao responsável pela rede *Transition Town Network* em 45 dias aproximadamente, ambas sem resposta. Em 21 de junho uma mensagem ao Rob Hopkins foi enviada em seu endereço eletrônico ligado ao *Transition Town Network* na

tentativa de avançar nas entrevistas previstas para a pesquisa. Apesar da resposta ter sido dada no dia seguinte e em nome do próprio Rob Hopkins a entrevista não foi concretizada.

5.4.2 As pesquisas secundárias e a pesquisa primária

No decorrer dos contatos com Isabela que se mantiveram depois da primeira entrevista, foi possível conhecer a realização de duas pesquisas desenvolvidas e aplicadas pelo *Hub Brasil*. Seguem os resultados descritos de forma a ampliar as opiniões sobre o *site* e sua capacidade de promover interações entre seus usuários.

5.4.2.1 A primeira pesquisa secundária

Foi realizada em 27 de fevereiro de 2014 por meio da divulgação de seu endereço eletrônico na aba de acesso “*BLOG*” da rede *Transition Brasil* cujo retorno foi de cinquenta respostas para nove perguntas: sete com conteúdo de múltipla escolha e duas com conteúdo aberto.

As perguntas iniciais identificam o respondente, com dados de endereço eletrônico, nome completo e nome da iniciativa de que participa. Preenchê-las, no entanto, era opcional. Deste conjunto de respostas é possível observar que a maioria - 42 respondentes - mora na região Sudeste do Brasil. A região Sul encontra-se com quatro respondentes e as regiões Centro-Oeste e Nordeste com dois respondentes cada.

O fato de 24 respondentes estarem fazendo uma transição pessoal, 18 estarem fazendo transição pessoal e terem um grupo e nove estarem se programando para entrar em transição, pode indicar a importância de se ter um *site*, uma rede social relevante que acolha pessoas e grupos. O tamanho dos grupos, em 27 respostas, relaciona-se à família dos entrevistados.

A questão 5 despontou como importante para o estudo: “Qual a sua opinião sobre o *site Transition Brasil*? Você acha a nossa plataforma de comunicação útil?”

Com base no método de análise de conteúdo, as observações realizadas nas páginas do *site* e o conteúdo das entrevistas com Isabela nortearam a escolha dos comentários que expuseram opiniões sobre a importância da rede social como lugar para buscar informações sobre o movimento e um local de interação com responsáveis pelas iniciativas (Apêndice C). Nesta seleção foi possível depreender que há conformidade sobre a utilidade da plataforma como um espaço de comunicação. Por outro lado, as críticas são feitas ao Ning enquanto

plataforma pouco intuitiva. A disposição dos conteúdos não é de fácil reconhecimento e a comunicação e sua função de estimular interações merecem cuidado.

A pergunta 6 foi identificada como relacionada ao apoio da rede brasileira às iniciativas. Mesmo não se referindo à plataforma, considerou-se importante relacionar seus resultados. Foram eles: 42 respostas consideram-na importante para a promoção de encontros; 36 indicam a conexão de pessoas próximas. É possível pensar que a plataforma se organiza para compor essa conexão, talvez de maneira segmentada, como grupos de discussão temáticos.

A pergunta 7 questiona as maiores dificuldades da “sua transição”, referindo-se ao exercício da implantação e manutenção do movimento. Respostas diversas foram organizadas por análise de conteúdo e agrupamento de palavras norteadoras definidas como: investimentos *versus* a falta de; trabalho voluntário *versus* rendimentos; comunicação *versus* conexões que interferem na implantação, divulgação e manutenção do movimento. Algumas respostas relacionadas diretamente ao tema de estudo encontram-se no Apêndice C.

As questões 8 e 9 não foram relacionadas por não serem consideradas agregadoras ao estudo em questão.

5.4.2.2 A segunda pesquisa secundária

A segunda pesquisa foi realizada em março de 2017 cujos dados permitiram acesso e elaboração dos seguintes resultados:

- a) menos respondentes (42 do total);
- b) sem informação sobre a amostragem como a primeira;
- c) desinformação sobre sua colocação no *site Transition*.

O questionário foi dividido em 3 partes.

Na primeira parte os respondentes se identificam e decidem se informam dados que são importantes para aplicações de questionários/pesquisas/*focus group* futuros como nome completo, número de celulares, endereços eletrônicos e suas páginas de Facebook. Os telefones celulares foram dados em função do WhatsApp. Dos 42 participantes, 31 indicaram respostas. Em termos de localização geográfica, 18 respondentes estão na região Sudeste e dois respondentes na região Sul, perfazendo a maioria dos entrevistados. Destes, 16 residem em região urbana e 4 declararam viver em região semiurbana.

A partir desse conjunto de questões, a segunda parte do questionário conta com 42 respostas. A última questão refere-se à participação em alguma iniciativa de transição: 26 estão envolvidos e 11 não estão. Uma informação interessante nessa pergunta são os resultados

intermediários apontados por cinco respondentes que justificam sua vontade de se envolver em iniciativas. Os motivos expostos fornecem subsídios para o estudo no sentido do alcance que o *site* do movimento deve ter, ou seja, atingir os que ainda estão em fase intermediária na participação de uma iniciativa. São eles: “Acho que sim, mas não é oficial digamos. Quero me envolver mais”; “Estou iniciando o movimento de viajar pelo Brasil atrás de iniciativas de economia local e colaborativa. Pretendo documentar isso de alguma forma”; “Implantando a Rede de Economia Criativa no Brasil”; “Participei do primeiro encontro, mas o grupo se esvaziou por conta da política”; “Criatividade Social”.

Chegando à terceira parte, as questões são abertas e se referem às iniciativas de transição. Nesse sentido, o número de respondentes cai para 26, representando as indicações afirmativas da segunda parte da pesquisa. Por meio dos nomes das 26 iniciativas foram realizadas interações com o Facebook, já que essa rede é citada também na primeira pesquisa como um modelo, digamos assim, de ambiente convidativo para interagir. Apenas três das iniciativas não têm páginas no Facebook. Alguns testes de funcionamento: Escritório Verde UTFRP - 4 538 pessoas estão seguindo; EspaComunidade - 6 977 pessoas estão seguindo; Rede *Dragon Dreaming* Brasília - 958 pessoas estão seguindo; Horta da General - 2 604 pessoas estão seguindo; Comuna do Arvoredo - 4 187 pessoas estão seguindo.

Na questão que solicitava a opinião da plataforma de comunicação *Transition Brasil*, algumas respostas foram consideradas importantes para o estudo tendo a mesma referência da estratégia da análise de conteúdo e a orientação para a observância de comentários que trouxessem a importância do espaço para a divulgação do movimento e das interações entre os grupos (Apêndice C). De modo geral a crítica dos usuários é pela falta de conteúdos regionalizados das iniciativas. Por outro lado, a plataforma é considerada útil. As opiniões sobre a plataforma se mantiveram de uma pesquisa para outra: “pouco amigável”, “confusa”. As sugestões de *newsletter* e espaço para trocas de informações foram recorrentes neste inquérito.

A pergunta sobre como a rede brasileira de Cidades em Transição poderia ajudar o entrevistado, volta a ter 42 respostas e a mais representativa recai em trinta respondentes que indicaram: “Conectando as pessoas próximas”.

Por fim, a última questão solicita a colaboração dos respondentes. As respostas com maior percentual falam em criar notícias e materiais para serem postados na rede (22 respostas). Essa colocação fornece *insight* sobre criar “filiais” ou “agência de notícias” com a determinação de que hóspedes se transformem em anfitriões e ajudem na expansão da rede através de palestras.

5.4.2.3 A necessidade de uma pesquisa primária

De posse dos resultados das duas pesquisas realizadas pelo *Hub* Brasil amadureceu a proposta de desenvolvimento de um projeto de pesquisa primária para obter informações no aprofundamento das percepções elaboradas até aquele momento. Em 4 de maio de 2020, depois de ter sido aprovado por Isabela, o questionário foi aplicado. Entre os objetivos do inquérito estavam:

- a) indicar os motivos pela não adesão aos *links* específicos de interação e troca de informações como “*BLOG*”, “*GRUPOS*” e “*CONVERSAS EM GRUPO*”;
- b) avaliar forma e conteúdo do *site*;
- c) avaliar a compreensão da hospitalidade em ambiente virtual;
- d) obter subsídios para o novo *site* em WordPress.

O questionário da pesquisa foi publicado por meio do Formulários Google, composto por 25 questões. A divulgação do *link*: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSez1V52SK3A4_as-2luUzHBafnxrS7vH7u5FaI6Rvxhx81LA/viewform foi liderada, num primeiro momento, por Isabela, ao publicá-lo em Grupos de WhatsApp: *Hub* Brasil com 11 participantes e Articuladores com 55 participantes, além das páginas de Facebook com 3 855 seguidores e Instagram com 990 seguidores. O *site Transition* Brasil tem 2 313 membros, porém Isabela não considerou a publicação nessa rede. Na primeira etapa somaram-se dez respostas em um mês. O baixo retorno, no entanto, motivou uma segunda fase de divulgação do questionário.

Foram elaboradas duas listagens de endereços eletrônicos, retiradas das duas pesquisas realizadas pelo movimento em 2014 e 2017. A referida ação foi aprovada por Isabela. Dois *e-mails* foram montados com o conjunto de endereços eletrônicos, encaminhados em cópia oculta e enviados em 26 de maio de 2020. O texto das mensagens foi também assinado por ela. Somente quatro respostas foram captadas desses envios. Em 15 de junho de 2020, a pedido desta pesquisadora, Isabela encaminhou novamente aos seus contatos o *link* da pesquisa. Somaram-se 29 respondentes. Mesmo considerada uma quantidade pouco expressiva, cabe valorizar que os principais resultados já auxiliam na construção da tese. Ressalta-se que, em algumas questões, não foram obtidas o total de 29 respostas.

Sobre qual ação ao acessar o *site*, nove respondentes o fizeram por meio da *homepage*, enquanto oito se cadastraram como usuário e oito acessaram as abas disponíveis como “*BLOG*” e “*GRUPOS*”.

Conhecer como acontecem as interações no *site* enquanto usuário indicam que para dez entrevistados as abas de acesso “*BLOG*” e “*NOVIDADES*” são onde elas acontecem, seguido de seis em “*EVENTOS*” e cinco em “*HISTÓRIAS DE TRANSIÇÃO*”. Para quatro, um número relativamente elevado, as interações ocorrem em outros espaços, porém não foram indicados quais apesar da pergunta observar espaço para essa resposta.

Sobre a linguagem do *site*, nove a consideram simples e de fácil entendimento, porém seis a consideram rebuscada e sem atrativos, cinco a consideram monótona e três difícil de ler. Diante dos resultados é possível entender que na somatória das respostas a linguagem utilizada não favorece o *site* e torna-se uma questão relevante de aprofundamento.

Em relação aos recursos visuais, os resultados se invertem se comparados aos resultados da linguagem utilizada no *site*, já que para 12 respondentes eles são simples e para oito são bonitos contra cinco desinteressantes e dois pobres. Apesar dos resultados para os recursos visuais, conhecer detalhes sobre tipos de recursos também merece aprofundamento.

As respostas sobre o que é ser bem recebido num ambiente virtual valoriza a disposição dos conteúdos do *site* como a melhor forma de receber bem os usuários (16), seguido de cinco para ter um texto que chame a atenção e que mantenha o usuário interessado em permanecer no ambiente; três para ter fotos e vídeos e três para efeitos visuais como animações e *gifs* chamam a atenção por serem considerados recursos visuais sem, no entanto, terem obtido número de resposta elevado.

Como ponto alto do inquérito, a questão do entendimento sobre o que é hospitalidade em ambiente virtual indica a percepção de que é uma prática para 19 respondentes. Uma linguagem e uma filosofia receberam quatro respostas cada, o que reforça a relação forma e conteúdo.

Um dos princípios do movimento é a valorização da economia solidária, local e em pequena escala; sob o paradigma da dádiva essa mesma economia é a viável na circulação do dom e contradom. A pergunta sobre o respondente acreditar nela e relacionar os motivos para tal associação, apresentam-se como componentes importantes no contexto do estudo: 25 respostas indicam acreditar na economia solidária, duas não acreditam e duas talvez. Dos 24 resultados da pergunta “Por quê?” como complemento sobre a crença na economia solidária (Apêndice C) destacam-se dois comentários que parecem concretizar o paradigma da dádiva e sua essência: o dom e contradom e sua ideia de dar-receber-retribuir. São eles: “Porque a comunidade local precisa ter consciência de investir seus recursos na economia local. Comprar produtos e serviços de parceiros, vizinhos, em rede de solidariedade. Senão, de nada adiantará existirem negócios locais incríveis se a vizinhança preferir as grandes redes de lojas e serviços,

que muitas vezes nem brasileiras são” ou “Por que, se bem estruturado, as comunidades podem mudar o que se produz mais com as outras”.

Outro dado importante para o estudo é que 13 respondentes já ouviram falar do paradigma da dádiva. Este dado isoladamente, se não é suficiente para orientar ações específicas, é um subsídio temático a ser explorado justificando conteúdos inerentes do novo *site*, apesar de não ser um dos propósitos da pesquisa.

Dos objetivos estabelecidos para o inquérito é possível, mesmo que inicialmente, indicar que a forma e o conteúdo do *site* foram avaliados, assim como a compreensão sobre o significado da hospitalidade em ambiente virtual. Já os motivos pela não adesão aos *links* específicos de interação e troca de informações como “*BLOG*”, “*GRUPOS*” e “*CONVERSAS EM GRUPO*” estão ligados à rejeição em relação à plataforma e à disposição dos conteúdos conforme demonstrado na exposição sobre acesso ao *site*, interação no ambiente, linguagem e recursos visuais.

6 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Este capítulo baseia-se na última etapa do fluxo de uma análise de conteúdo (BARDIN, 2011) na qual concentram-se o tratamento dos resultados e as interpretações das ilações da fase anterior denominada de exploração do material, responsável pela codificação de dados no *software* NVivo, as quais produziram os esquemas elucidativos para as interpretações apresentadas.

6.1 IDENTIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Nos acessos à rede do antigo domínio *Transition* Brasil o que foi possível determinar é que há um conjunto extenso de opções para o internauta consultar, o que não favorece a comunicação interpessoal, já que pode dispersá-lo na visitação aos acessos disponíveis. Há um esforço, no entanto, do núcleo decisório do *Transition* Brasil em valorizar as interações - os comentários nas pesquisas produzidas pelo *hub* indicam ser este um ponto extremamente valorizado pelos usuários do *site* - e desta forma disponibiliza abas de acesso como “*BLOG*”, “GRUPOS”, “CONVERSAS EM GRUPO” para a troca de experiências e de recursos.

Na arquitetura do *site* percebe-se que a página do “*BLOG*” se destina à postagem de novidades, atualidades e temas polêmicos; em “GRUPOS” a página reserva espaço para iniciativas de transição e suas informações regionais, e em “CONVERSAS EM GRUPO” a página estimula um fórum de discussão. Aqui cabe salientar que o título da página no menu do *site* é “CONVERSAS EM GRUPO”, porém, ao acessá-la, seu nome é “FÓRUM DE DISCUSSÃO”, identificação não adotada na descrição do processo da análise de conteúdo.

A Teoria das Redes contribui com a discussão metodológica referenciada porque indica que o núcleo decisório são os atores das redes, segundo Recuero (2009), e que postagens, mensagens e interações seriam as conexões. Outrossim, as postagens do “*BLOG*” não têm regularidade de quantidade, mas são mensais. Em alguns meses a quantidade é maior, em outros é menor, mas todas têm pouca interação, poucos comentários e com raras manifestações positivas como sinal de curtir. Para exemplificar essas afirmações, das 13 postagens em 2017, 11 postagens em 2018, e oito em 2020 até o mês de outubro, apenas três mensagens obtiveram dois comentários (figura 23).

Figura 23 - Captura de tela da página "BLOG"

SOBRE O MOVIMENTO NO BRASIL!

COLABORE PARTICIPANDO!

Entre no link e responda nossa pesquisa:

<https://goo.gl/forms/5ae3uBqcCr6Q8pkV2...>

Continuar

Adicionado por **Isabela Maria Gomez de Menezes** em 23 março 2017 às 18:22 – 2 Comentários

TREINAMENTO OFICIAL

CIDADES EM TRANSIÇÃO

Como **CONSTRUIR** uma **REDE** de **APRENDIZAGEM** para **COCRIARMOS** a cidade que **DESEJAMOS**


CLÁUDIA VALADARES ARAKAKI
Cofacilitação - Melissa Bivar e Renata Lara

15 e 16 julho - Grajaú - Casa Anitcha
falecom@casaanitcha.com :: 21 4107-3645

22 e 23 julho - Lg Machado - Social Contemporâneo
melissa@socialcontemporaneo.com.br

LEGUME





**MATÉRIA NO PORTAL DO PROJETO
COLABORA! CONFIRA: A RESPOSTA LOCAL
PARA OS PROBLEMAS GLOBAIS**

Matéria no site de origem:
<https://projetocolabora.com.br/cidadania/a-resposta-local-para-os-problemas-globais/>





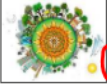


Fonte: *TRANSITION* BRASIL, 2020

Na página de “GRUPOS”, o conteúdo não demonstra uma participação ativa de seus membros, tampouco uma quantidade significativa de integrantes. Pela teoria de redes (RECUERO, 2009), há padrões de conexão a serem observados, o que neste caso pode evidenciar a relação com os princípios do movimento. A metáfora da conexão das redes, já mencionada, enseja, como tal, evidenciar o que pensa cada um dos membros dos grupos sobre o movimento, favorecendo o relato de sua experiência com a transição. A página dos grupos pode ser filtrada nas opções: “MAIS ATIVOS”, “ÚLTIMAS NOVIDADES”, “MAIS MEMBROS”, “ÚLTIMOS” e “ORDEM ALFABÉTICA”. Considerando o filtro “MAIS ATIVOS” como o indicado para a observação em curso, chega-se ao resultado descrito (figura 24).

Figura 24 - Captura de tela da página "GRUPOS"

TODOS OS GRUPOS (61)





Ordenar por: Mais ativos

 <p>TRANSIÇÃO SERRA GRANDE</p> <p>3 membros Última atividade: 19 Set, 2017</p>	 <p>JACUMÃ EM TRANSIÇÃO</p> <p>2 membros Última atividade: 20 Mar, 2015</p> <p>Reunir pessoas com atitudes sustentáveis, mais integradas à natureza e incentivar a permacultura, horta familiar, coleta seletiva,...</p>
 <p>GT NACIONAL EMPRESAS SOCIAIS E CAPTAÇÃO DE RECURSOS</p> <p>7 membros Última atividade: 3 Jul, 2012</p>	 <p>AMETISTA EM TRANSIÇÃO</p> <p>8 membros Última atividade: 5 Mar, 2015</p> <p>Grupo de Transição da cidade de Ametista do Sul, norte do estado do Rio Grande do Sul. O grupo já realizou um treinamento Oficial, com...</p>
 <p>MANAUS EM TRANSIÇÃO</p> <p>16 membros Última atividade: 29 Ago, 2016</p>	 <p>VIÇOSA EM TRANSIÇÃO</p> <p>21 membros Última atividade: 14 Mar, 2012</p>
 <p>COSTA DA MATA ATLÂNTICA</p> <p>TRANSITION TOWNS</p> <p>4 membros Última atividade: 7 Out, 2016</p> <p>Cidades em Transição: movimento para transformar cidades em modelos sustentáveis, menos dependentes do petróleo, mais integradas à natureza e mais...</p>	 <p>TRANSITION ACLIMAÇÃO</p> <p>2 membros Última atividade: 26 Mar, 2019</p> <p>Grupo de transição do bairro da Aclimação - São Paulo- SP.</p>

Fonte: TRANSITION BRASIL, 2020

Na página "CONVERSAS EM GRUPO" há um número bem menor de postagens se comparado com os anos indicados em "BLOG": três em 2020, uma em 2019, uma em 2018 e duas em 2017; no entanto, o número de interações é maior conforme mostra a figura 25.

Figura 25 - Captura de tela da página "CONVERSAS EM GRUPO"

Tópicos	Respostas	Últimas atividades
 DIREITO ECONÔMICO - ARTIGO Boa tarde! Estou realizando meu TCC com base na análise econômica da proposta do TTT. Estou com muita dificuldade em encontrar material em... Iniciado por vanessa campana	0	15 Mar, 2019
 ONG AMBIENTAL - PROJETO DE FORMALIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE UMA ONG AMBIENTAL, PROJETO SEE-MEAR Há boas possibilidades em São Vicente, para implantação de nossos projetos autosustentáveis. Alguém que gostaria de colaborar para que is... Iniciado por Maria Valentina Sena e Silva	2	13 Ago, 2018 Resposta de Cledir Mendes Soares
 NOTÍCIAS DE UM MUTIRÃO EM CABO FRIO Olá, boa noite a todos! Acabei de chegar por aqui e gostaria de compartilhar uma experiência de mutirão entre moradores, visitantes e parce... Iniciado por Christianne Rothier Duarte	0	6 Jul, 2017
 ATIVIDADES NO RIO DE JANEIRO ? Olá a todos, numa busca rápida aqui vi vários membros do Rio de Janeiro. Gostaria muito de saber se atualmente alguém(ns) está empreendendo...	8	15 Jun, 2017 Resposta de Isabela Maria Gomez de Menezes

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2020

De posse das observações sobre as páginas “*BLOG*”, “*GRUPOS*” e “*CONVERSAS EM GRUPO*”, as quais dialogam com o referencial teórico da hospitalidade em ambiente virtual, a fase seguinte e última do processo da análise de conteúdo encontra-se organizada na sequência.

6.2 O TRATAMENTO DAS ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES

A última etapa do desenvolvimento de uma análise, conforme o fluxo de Bardin (2011), é identificada como tratamento das análises e interpretações. Neste ponto destacam-se os resultados gerados pelo *software* NVivo, baseados nas tabelas mencionadas anteriormente, que se apresentam em formato de gráficos e diagramas expostos de acordo com as formulações das hipóteses da pré-análise. Cabe indicar que a inserção de códigos nas mesmas tabelas mencionadas gera os dados estatísticos das análises conferindo a característica quantitativa ao estudo.

Cada uma das postagens foi analisada segundo o prisma das categorias da hospitalidade respeitando a divisão elaborada no quadro 1: a hospitalidade como forma atenuada da dádiva, a hospitalidade na sustentação das interações sociais, a hospitalidade e o acolher o outro, e, por fim, a hospitalidade e a convivência. Assim, foi criada uma codificação para as três páginas “CONVERSAS EM GRUPO”, “GRUPOS” e “*BLOG*” conforme apresentado no quadro 6, o qual ainda apresenta a classificação de anfitriões e hóspedes enquanto atores da rede. Vale ressaltar que os documentos originais, comentados nesta fase, estão disponíveis para consulta *on-line* por meio do repositório: <<https://dataverse.harvard.edu/>> (pesquisar Rosolino, Maria José, 2021).

Quadro 6 - Codificação para as páginas "CONVERSAS EM GRUPO", "GRUPOS" e "BLOG"

ID do item	Título da conversa	Posição no site	Anfitrião ou hóspede	Data	Conteúdo da postagem	Houve interação?	Quem postou? Hóspede ou anfitrião?	Categoria da Hospitalidade Acolhimento	Categoria da Hospitalidade Convivialidade	Categoria da Hospitalidade Interações Sociais	Categoria da Hospitalidade Sustentação das Interações Sociais
-------------------	---------------------------	------------------------	-----------------------------	-------------	-----------------------------	-------------------------	---	---	--	--	--

Fonte: A autora, 2021

Uma característica marcante observada nas diversas mensagens das páginas escolhidas do *site* é a sobreposição das categorias da hospitalidade. Abaixo segue esquema que exemplifica essa característica.

Esquema 1 - Representação da sobreposição das categorias da hospitalidade nas mensagens



Fonte: NVivo, 2021

Na sequência, apresentam-se os gráficos e as interpretações pertinentes a cada página - "CONVERSAS EM GRUPO", "GRUPOS" e "BLOG" - na discussão das hipóteses formuladas na fase da pré-análise do fluxo de Bardin (2011) reproduzidas neste ponto da tese para favorecer a compreensão do processo de elaboração dos resultados. Elas surgem a partir de uma classificação de anfitriões e hóspedes enquanto atores da rede e de que a hospitalidade, como forma atenuada da dádiva, está presente nas intenções das postagens das páginas "BLOG", "GRUPOS" e "CONVERSAS EM GRUPO". São elas:

- 1) Em ambiente virtual a dimensão do acolhimento resulta diretamente em interações.

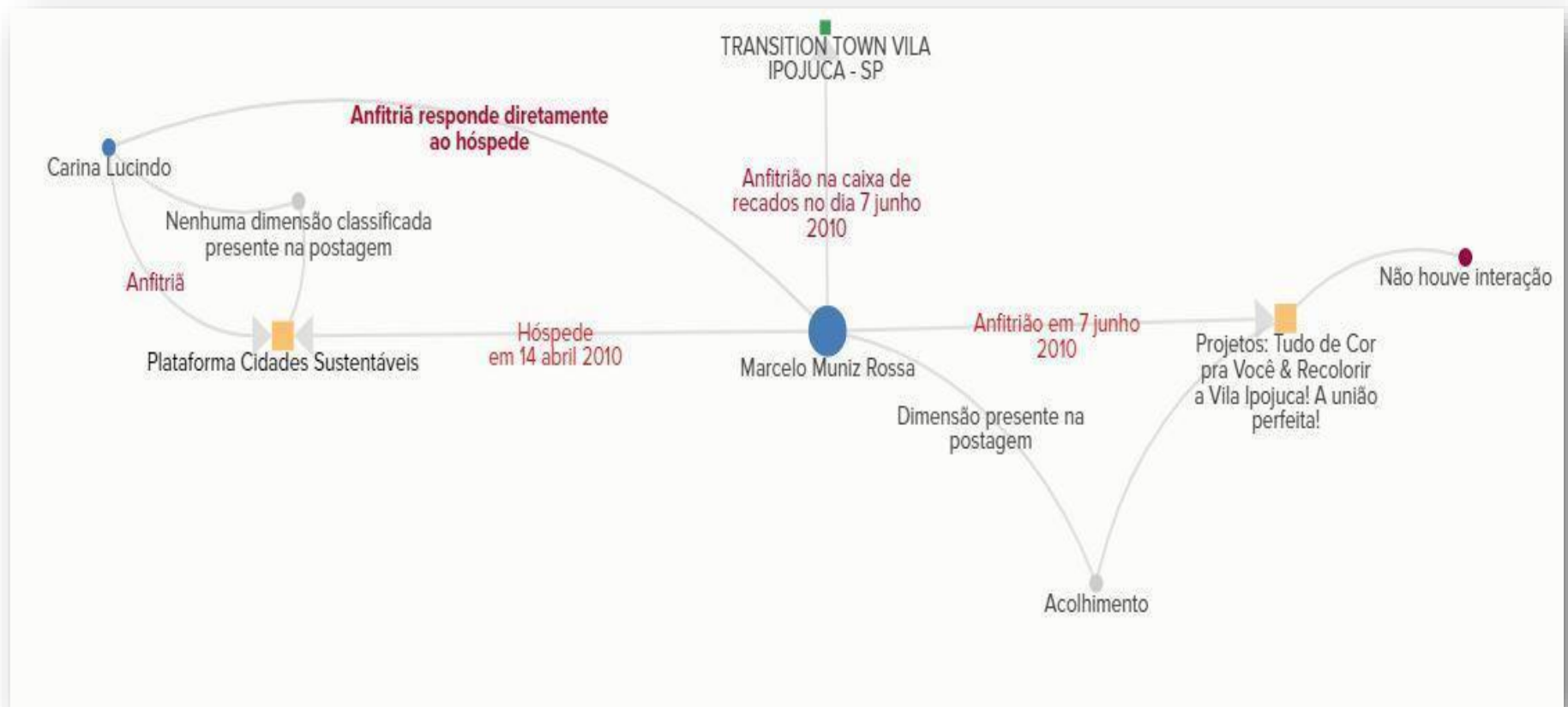
- 2) As interações resultam na comunhão de ideias.
- 3) A convivialidade depende da concretização do acolhimento e das interações.

As hipóteses finais, ligadas às dimensões da hospitalidade, são sequenciais, ou seja:

- 1) Primeiro é preciso o acolhimento para se estimular as interações.
- 2) As interações sociais precisam das práticas da hospitalidade para se intensificarem.
- 3) Na condição de intensificação das interações sociais à condução para a convivialidade e bem-estar coletivo.

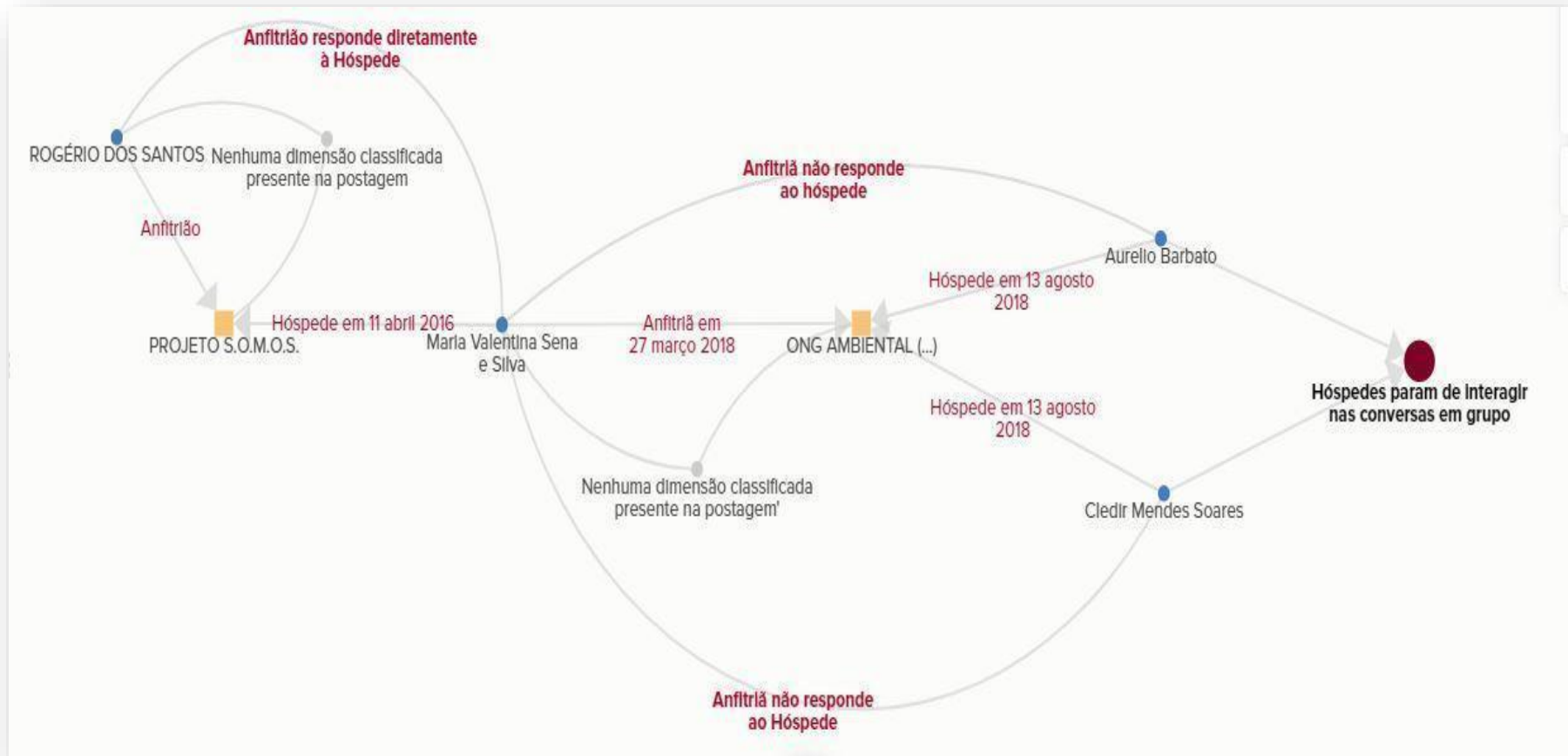
Em “CONVERSAS EM GRUPO”, e somente nesta página, é possível avaliar quando um hóspede assume o papel de anfitrião. Os hóspedes Marcelo Muniz Rossa e Maria Valentina Sena e Silva, após serem acolhidos por outros membros, tornaram-se anfitriões. Os esquemas 2 e 3 representam esses dois casos em que se pode observar o movimento de transformação dos diferentes personagens da hospitalidade, o qual não estava entre as hipóteses formuladas e constitui-se de uma descoberta que produz reflexões relevantes para estudos futuros.

Esquema 2 - Processo de Marcelo Muniz Rossa de hóspede a anfitrião



Fonte: A autora, 2021

Esquema 3 - Processo de Maria Valentina Sena e Silva de hóspede a anfitriã

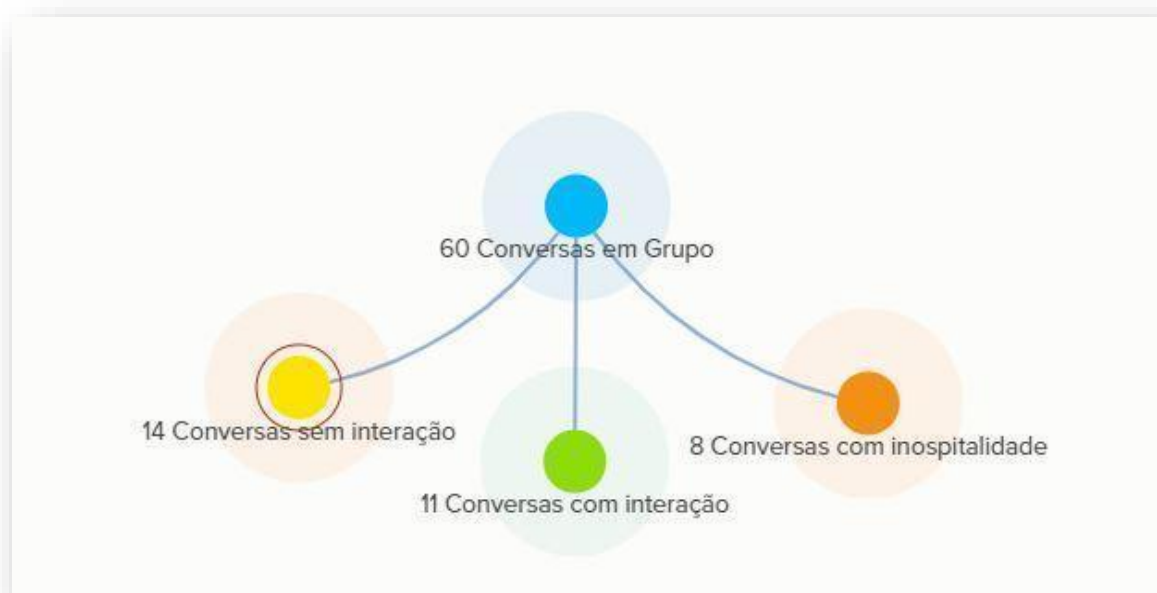


Fonte: A autora, 2021

É admissível observar tanto no esquema que representa a evolução de Marcelo Muniz Rossa quanto no que representa a evolução de Maria Valentina Sena e Silva que a resposta do anfitrião ocorreu. No esquema de Maria Valentina Sena e Silva ainda é possível notar que, ao não responder aos hóspedes de sua conversa, a ação de não acolhimento gera o desengajamento desses personagens. Assim, o papel do anfitrião mostra-se de fato fundamental na evolução das interações para a formação de vínculos entre os personagens.

Durante as análises de “CONVERSAS EM GRUPO” notou-se três tipos de interações entre anfitriões e hóspedes: interação, inospitalidade e não-interação. Foi com base nessa divisão que se verificou tanto a presença quanto a proporção de termos relacionados a cada uma das categorias da hospitalidade conforme indicam os esquemas 4 e 5.

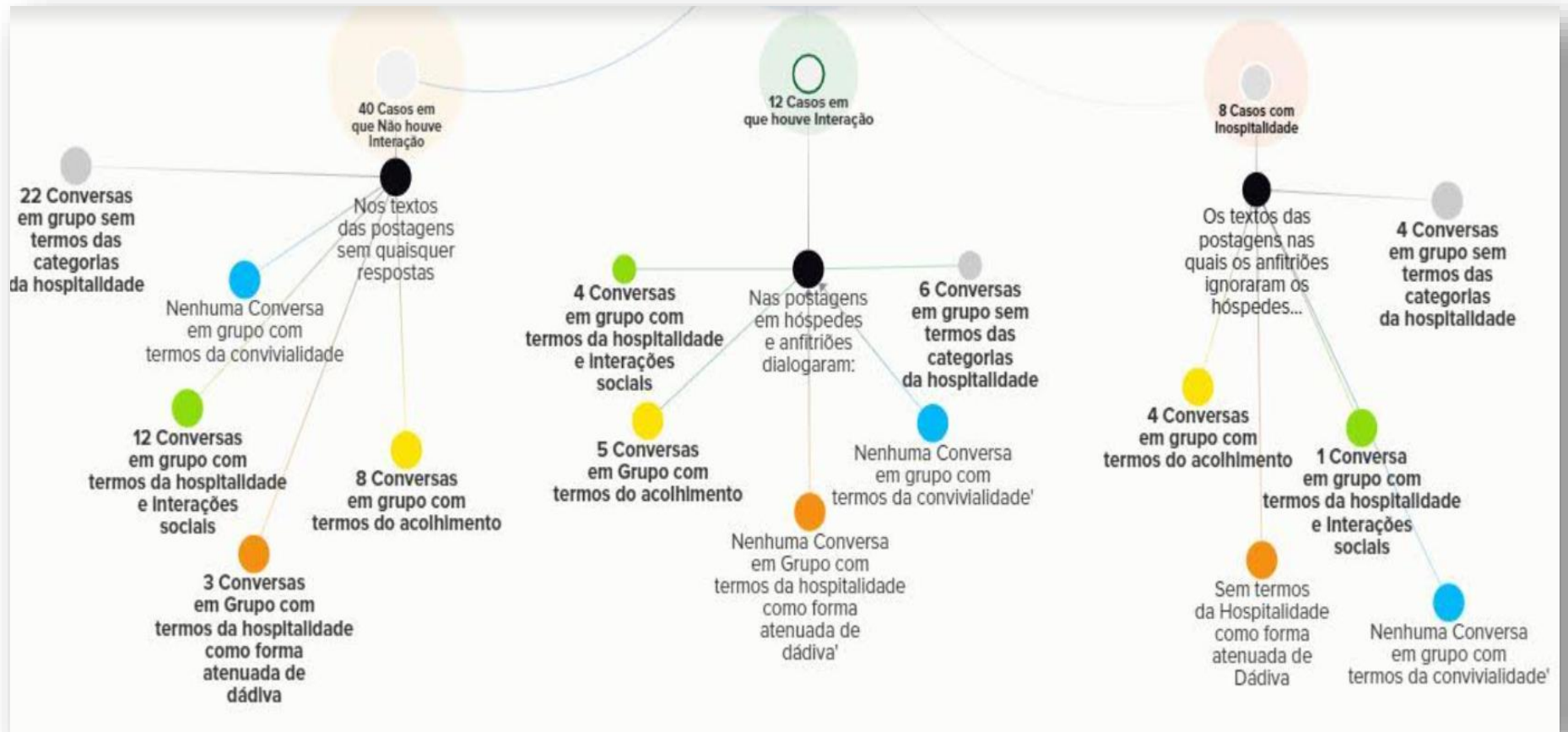
Esquema 4 - Quantificação da presença da hospitalidade entre anfitriões e hóspedes



Fonte: A autora, 2021

O esquema 4, identificado como quantificação da presença da hospitalidade entre anfitriões e hóspedes em “CONVERSAS EM GRUPO”, é referência para a análise dos esquemas 5 e 6, que traz a relevância das categorias da hospitalidade para a permanência do hóspede quer seja relacionado ao lugar virtual em questão ou em outras instâncias do *site*.

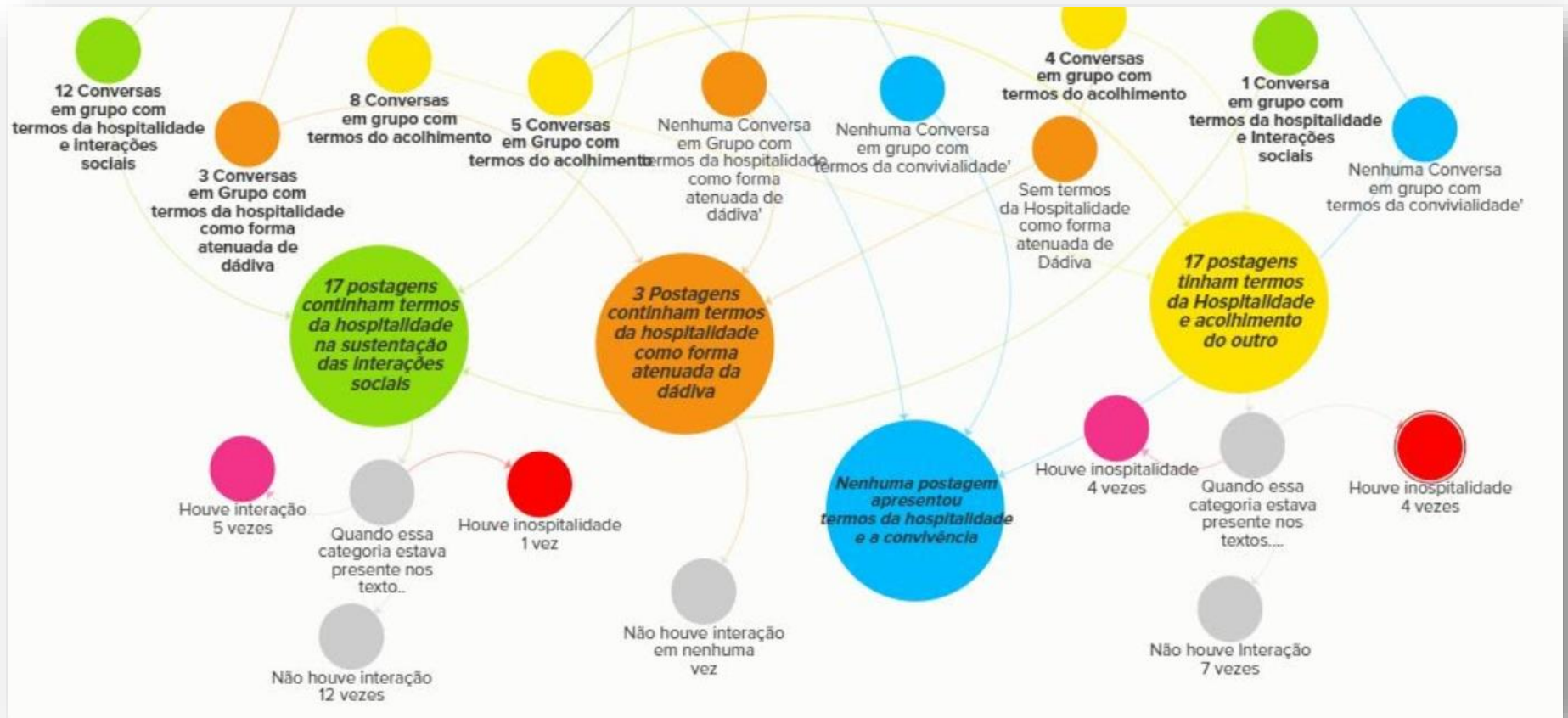
Esquema 5 - Proporção da categorização da hospitalidade entre anfitriões e hóspedes



Fonte: A autora, 2021

O esquema 5 ajuda a compreensão de pontos relevantes, como por exemplo, quarenta postagens dos anfitriões em “CONVERSAS EM GRUPO” não provocaram respostas, porque mais da metade de seus conteúdos (22) não apresentaram termos das categorias classificadas. Por outro lado, 12 postagens dos anfitriões provocaram respostas. Metade delas (seis) indicaram ter havido diálogo entre os personagens. Reputamos aos cinco termos ligados ao acolhimento e aos quatro termos ligados às interações sociais a existência desse diálogo ou o estímulo que esses termos podem provocar nos hóspedes. Anfitriões perderam a chance de estabelecer diálogo em quatro dos casos em postagens com quatro termos ligados ao acolhimento e um ligado às interações sociais. Relativizando a análise sobre os números absolutos entre as postagens com diálogo (12) e sem diálogo (oito), anfitriões que não observam o retorno de suas postagens não são acolhedores com seus hóspedes, o que também indica a importância do anfitrião no processo.

Esquema 6 - A relevância das categorias da hospitalidade para a permanência do hóspede



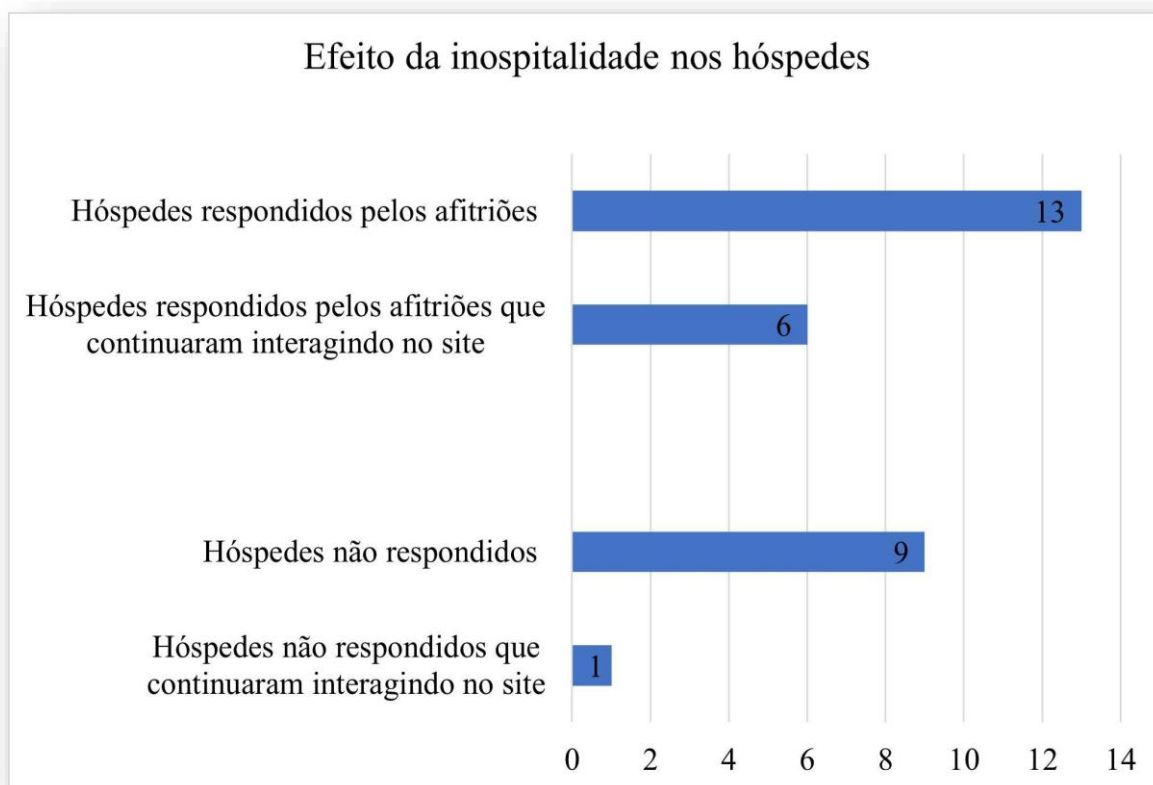
Fonte: A autora, 2021

A dimensão que desponta como maior relevância na manutenção do hóspede neste lugar virtual é o acolhimento: das sessenta postagens, 14 continham termos relacionados à categoria. Considerando que neste resultado a ausência da resposta do anfitrião ao hóspede é um dado que chama a atenção, optamos por referenciá-lo como um ato de inospitalidade. Assim como a transformação do hóspede em anfitrião da questão anterior, citada como os hóspedes Marcelo Muniz Rossa e Maria Valentina Sena e Silva, após serem acolhidos por outros membros, tornaram-se anfitriões, a inospitalidade apresenta-se como uma descoberta que surpreendeu a pesquisadora já que não foi uma premissa formulada. Todas as premissas organizaram-se em torno da hospitalidade. Das 14 postagens com termos relacionados à categoria da hospitalidade e ao acolhimento do outro, pode ser observado que em sete os termos não redundaram em respostas dos hóspedes. A outra metade das postagens com termos do acolhimento, obtiveram manifestações de interesse por parte dos hóspedes. Contudo, das sete postagens com termos do acolhimento nas quais os hóspedes se manifestaram, apenas quatro delas foram respondidas pelo anfitrião, e as três postagens restantes com manifestações dos hóspedes não obtiveram qualquer retorno do anfitrião.

As sessenta postagens com comentários somaram 56 interações que juntas chegaram ao número de 116 itens (unidades de análise). Em “CONVERSAS EM GRUPO” 66 usuários (anfitriões/hóspedes) foram responsáveis por essa quantidade de textos.

Outro ponto de valor é que “CONVERSAS EM GRUPO” nos mostra a consequência da inospitalidade. Maria Valentina Sena e Silva, que interagiu pela primeira vez em duas postagens no mesmo dia, foi a única dos nove hóspedes não respondidos que continuou se manifestando no *site*. Acredita-se que isso aconteceu porque ela foi respondida pelo anfitrião de sua segunda postagem, o que a incentivou a permanecer interagindo na página “CONVERSAS EM GRUPO”.

Por outro lado, entre os hóspedes, 13 que receberam respostas dos anfitriões, quase a metade deles, continuaram envolvidos tanto na “CONVERSAS EM GRUPO” como em outras instâncias. O gráfico 1 representa essa diferença.

Gráfico 1 - Efeito da inospitalidade nos hóspedes

Fonte: A autora, 2021

A presença da inospitalidade entendida como ausência de resposta do anfitrião à resposta de hóspedes em suas postagens, indica um ponto fundamental que deve ser destacado: uma vez que o hóspede é respondido, ele poderá continuar interagindo no *site*. Caso contrário, ele deixará de se manifestar, ou seja, a dimensão do acolhimento no lugar virtual parece estar vinculada também a comportamentos que ainda se materializam por meio da palavra. O retorno do anfitrião à resposta do hóspede tem seu real valor no gesto de acolher o outro.

A análise de conteúdo, apesar de não buscar cobrir essencialmente a estrutura das relações humanas, contribuiu neste sentido para as inferências deste estudo, uma vez que o processo de leitura e releitura das análises geradas pelo NVivo também auxiliam na percepção do pesquisador sobre a maneira como as conexões entre diferentes personagens da hospitalidade se constroem. Nesse caso, ela permitiu compreender a diferença entre ser acolhido e não-acolhido por meio do engajamento do hóspede.

Em “GRUPOS” a dinâmica das postagens de fotos dos encontros, mensagens com convites para reuniões e treinamentos tem frequência. Os membros dos grupos, não raro, se

conhecem pessoalmente ou buscam esse espaço para poder ir além dos contatos virtuais porque, em tese, estão associados ao local físico da iniciativa de transição. O esquema 7 representa a estrutura de “GRUPOS”.

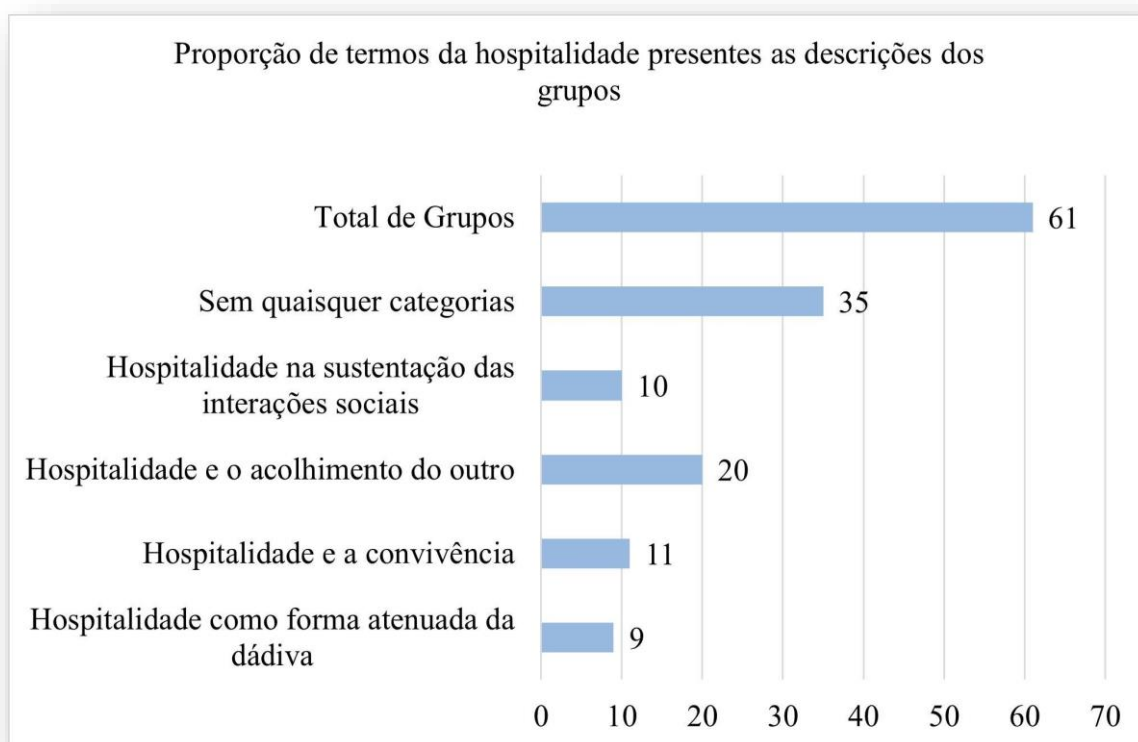
A evidência para a inferência sobre buscar a página de “GRUPOS” para organizar encontros presenciais encontra-se na codificação e análise das palavras que remetem a encontros ou a intenção de encontros presenciais postados na página. Foram identificadas 76 mensagens com essas palavras que, em nossa interpretação, caracterizam o desejo de se ter o vínculo concreto com o outro ou a manutenção desses vínculos. A título de comparação, em “CONVERSAS EM GRUPO” somente 22 mensagens continham essas mesmas palavras, ou seja, 28% aproximadamente do resultado de “GRUPOS”.

Esquema 7 - Representação da estrutura de "GRUPOS"



O *software* NVivo requer descrições dos elementos de análise. O gráfico 2 demonstra a existência de 61 descrições em “GRUPOS”, sendo que em 27 delas foram encontrados termos das categorias da hospitalidade e em 35 não foram identificadas menções às mesmas categorias. Nas 27 descrições que continham termos das categorias da hospitalidade encontramos 20% de termos relacionados à hospitalidade e à convivência, o que parece fazer sentido nesse lugar do *site*, entendendo a influência da convivência local e física da iniciativa de transição. Em “CONVERSAS EM GRUPO” a categoria da hospitalidade e a convivência não foi encontrada em nenhum termo. Refletimos que essa diferença está relacionada ao fato de “GRUPOS” ser composto pela regionalização das iniciativas e procurar atender à necessidade apontada nas pesquisas realizadas pelo *HUB* Brasil do reconhecimento de localidades em transição.

Gráfico 2 - Categorias da hospitalidade nas descrições de "GRUPOS"



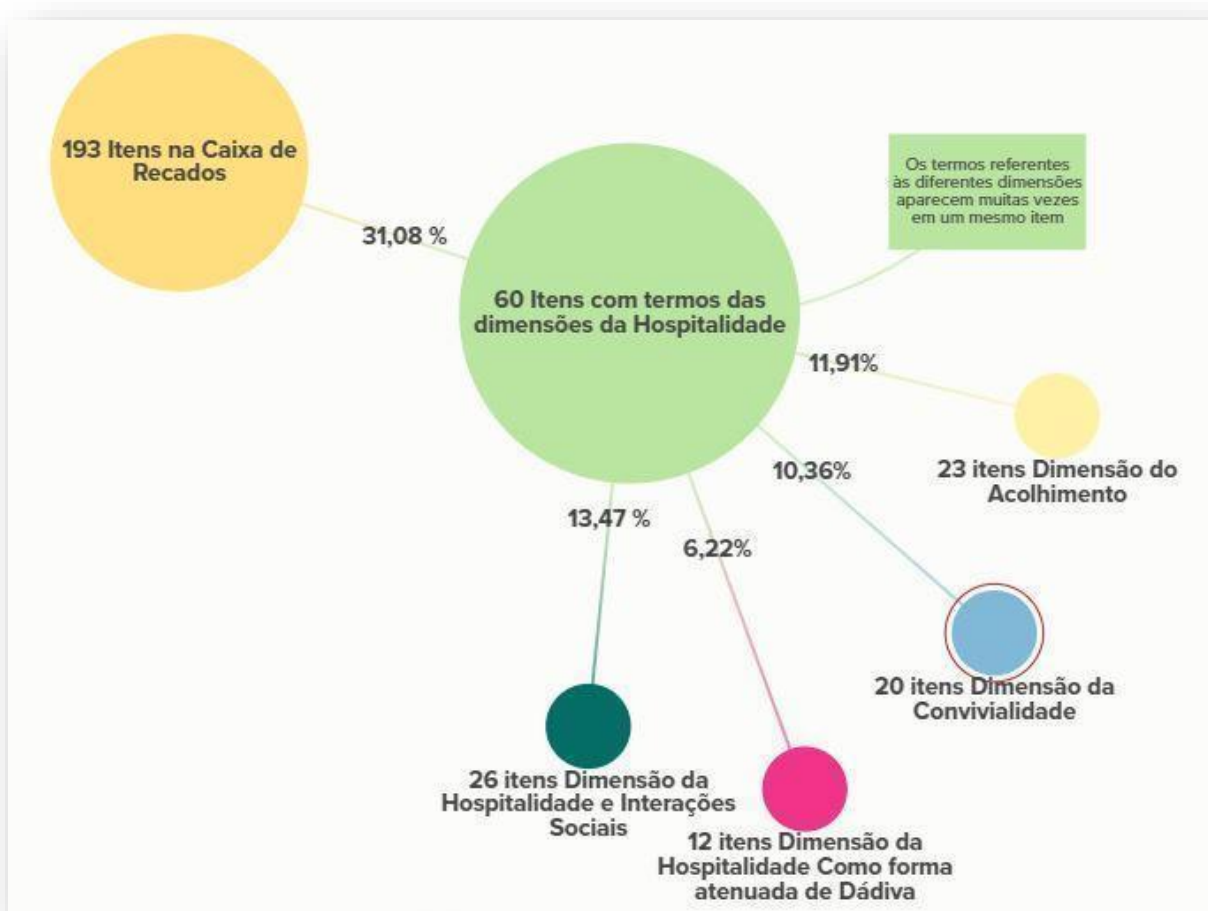
Fonte: A autora, 2021

Das 27 descrições com termos relacionados às categorias da hospitalidade, apenas 13 possuem um único tipo de categoria da hospitalidade em seu texto; os 14 itens restantes possuem mais de um código indicando uma densidade elevada de termos relacionados à hospitalidade.

Outra parte relevante de “GRUPOS” é o recurso “CAIXA DE RECADOS”. Nesse espaço podemos notar que a maioria das mensagens é realizada por membros ligados às iniciativas de transição que identificam os grupos. Essas mensagens podem ser lidas por qualquer pessoa que visite a página, ou seja, são mensagens públicas.

Ao acessar a página “GRUPOS” é possível visualizar dois recursos: a “CAIXA DE RECADOS” e o “FÓRUM”. A “CAIXA DE RECADOS” mostrou ser o recurso mais utilizado: das 243 mensagens postadas, 193 aconteceram no contexto da “CAIXA DE RECADOS”, o que representa 79,43% de todas as mensagens postadas nesse universo. O esquema 8 demonstra a presença dos termos referentes às categorias da hospitalidade no referido recurso.

Esquema 8 - Presença dos termos referentes às categorias da hospitalidade em "CAIXA DE RECADOS"



Mesmo sendo o menor valor em relação aos demais percentuais, 10,36% recai na categoria da hospitalidade e da convivência, dado que faz sentido se relacionado ao propósito da página que é mostrar o trabalho das iniciativas de transição (grupos) pelo país afora. Muitas das mensagens da “CAIXA DE RECADOS” que não continham elementos das dimensões da hospitalidade possuíam convites para eventos e encontros presenciais para seus membros.

Analisando as vinte palavras mais presentes nas 193 mensagens da “CAIXA DE RECADOS” nesse sentido, sem quaisquer termos ligados às categorias da hospitalidade, foi possível observar que muitas delas remetem à convivência, por exemplo, reunião, participar, fazer e contato. A figura 26 é a representação gráfica dessas palavras.

Figura 26 - Representação gráfica de palavras que remetem à convivência em mensagens sem quaisquer uma das categorias



Fonte: NVivo, 2021

Outro ponto importante na observação das mensagens da “CAIXA DE RECADOS” foi o uso de diminutivos de nomes tanto no tratamento quanto na assinatura, como “Re”, “Ro”, “Issa”, “Nina” que denotam certa intimidade entre os membros. Além disso, inúmeras mensagens terminam com “bjs”, “bjim” e outras formas afetuosas de despedida que não estavam presentes nas “CONVERSAS EM GRUPO”. Esses elementos reforçam a ideia de que “GRUPOS” é um espaço de maior proximidade pelo interesse geográfico na iniciativa de transição.

Numa análise ampliada é importante refletir sobre a possibilidade de ocorrência da meta-hospitalidade no que tange às mensagens da “CAIXA DE RECADOS”. Denominamos de anfitriões os membros pertencentes a um grupo de transição de qualquer região brasileira que poste mensagens sobre sua iniciativa no referido recurso. Denominamos de hóspedes os membros de outro grupo de transição que também mandem mensagens, comentem ou respondam às postagens dos anfitriões. A proximidade temática e regional da iniciativa pode ser responsável por momentos comunicativos (LUGOSI, 2008) onde o hóspede se sente

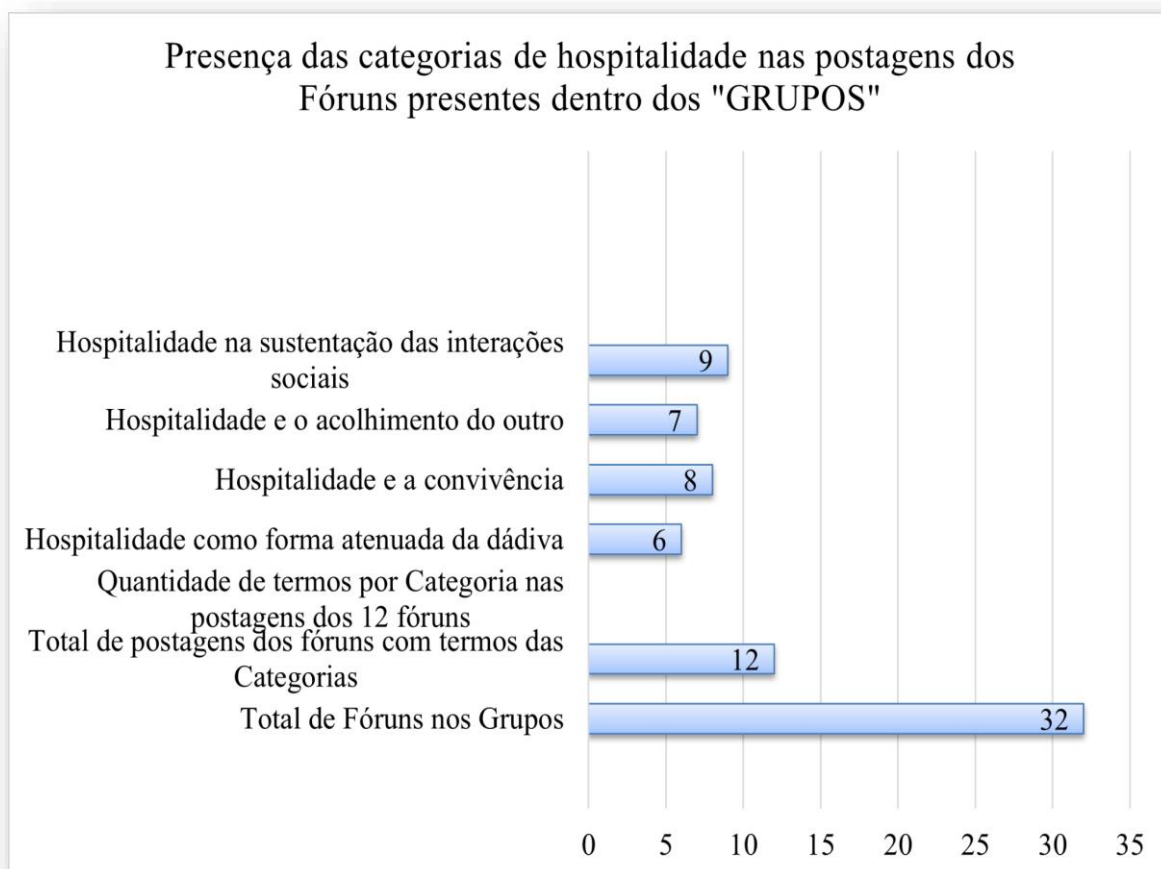
“participante” do grupo sem ainda o ser. Essa ocorrência pode ser reconhecida como meta-hospitalidade. Conceituada como “[...] o vínculo para momentos comunicativos (communitésque) – vivências emocionais esporádicas que podem ser construídas ou experienciadas nas transações de hospitalidade” (LUGOSI, 2008, p. 140 - tradução livre)²⁵, apesar da referência de sua ocorrência ser em transações comerciais, o lugar virtual dos grupos cujos anfitriões demonstrem atitudes hospitaleiras por meio de mensagens valorativas de suas iniciativas e de quanto são importantes para a região e seu entorno, podem redundar na reciprocidade dos hóspedes frequentadores, “pois cria um espaço comunicativo em que, paradoxalmente, estes se sentem igualmente ‘donos’” (CAMARGO, 2015, p. 54).

Por outro lado, “FÓRUM”, o recurso menos utilizado em “GRUPOS”, apresenta-se com a seguinte formação: dos 61 grupos, 14 possuem fóruns. Nesses 14 grupos, o número de fóruns existentes é de 32. Desses 32 fóruns, 12 possuem menções às categorias da hospitalidade e vinte não.

Assim, no total de fóruns em “GRUPOS” temos a presença das categorias da hospitalidade distribuídas como mostra o gráfico 3.

²⁵ “[...] is tied to communitésque moments – short-lived emotional bonds that may be built or experienced through hospitality transactions” (LUGOSI, 2008, p. 140).

Gráfico 3 - Presença de termos das categorias da hospitalidade



Fonte: A autora, 2021

Dos 32 fóruns criados, apenas sete possuem respostas, provavelmente porque o meio mais utilizado para tal situação é o recurso “CAIXA DE RECADOS”. Além disso, os fóruns com respostas têm baixa correlação com as categorias da hospitalidade; apenas duas delas apresentam termos relacionados à hospitalidade.

Analisando as vinte palavras mais presentes na página “GRUPOS”, compreendida por “CAIXA DE RECADOS” e “FÓRUNS”, foi possível observar que algumas delas como grupo, projeto, pessoas e nosso, remetem à categoria da hospitalidade e à convivência. A figura 27 é a representação gráfica dessas palavras.

Figura 27 - Representação gráfica de palavras que remetem à convivência nas postagens da página "GRUPOS"



Fonte: NVivo, 2021

As 304 postagens entre “CAIXA DE RECADOS” e “FÓRUNS” têm como responsáveis 133 usuários (anfitriões) por essa quantidade de textos em “GRUPOS”. Não foi possível medir a quantidade de interações porque não temos respostas nesta página.

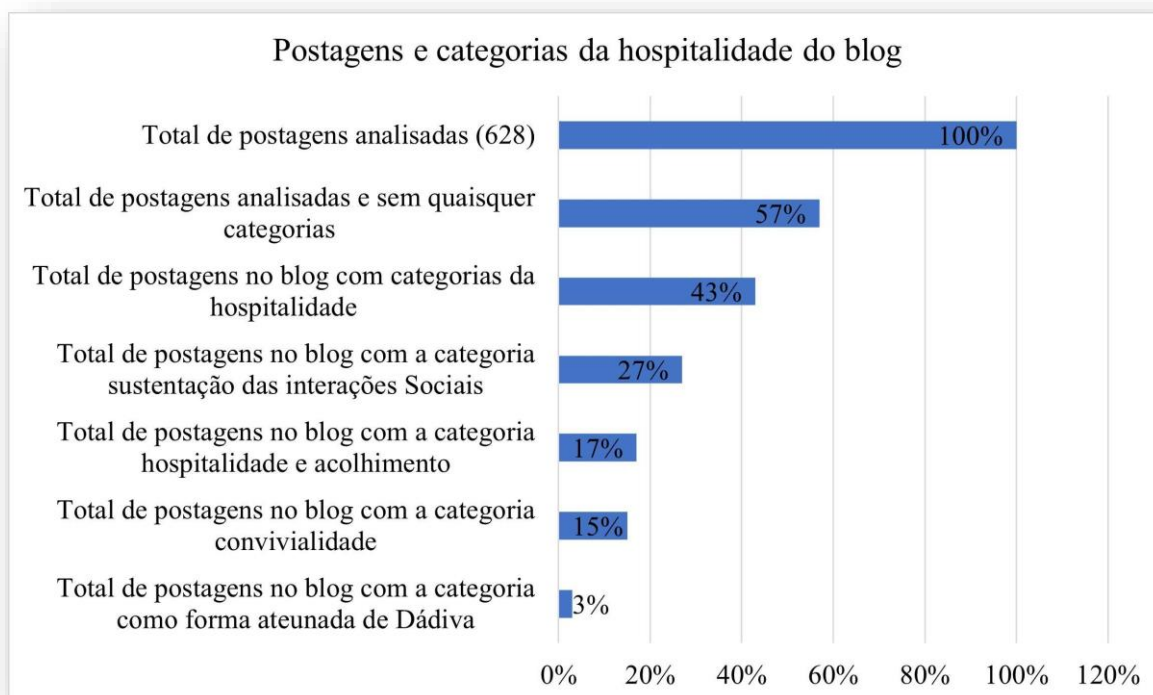
O estudo em “*BLOG*” finaliza as análises das páginas eleitas para tal ação como já informado. Assim como nos outros casos, o “*BLOG*” parece ter uma arquitetura que direciona a forma como se dão as interações. Se por um lado nesse espaço temos o maior número de postagens, 774 no total, enquanto 116 das “CONVERSAS EM GRUPO” e 304 dos “GRUPOS” - nesse caso estão sendo considerados também os fóruns na referida página - por outro as interações são proporcionalmente menores quando comparada aos demais lugares.

Das 774 postagens, apenas 104 possuem comentários, o que representa 13,47% de textos respondidos. Como movimento recorrente, as postagens são respondidas por membros do próprio *Hub* Brasil. Há presença de termos relacionados às categorias em 267 postagens, o que representa 34,49% do total de postagens.

Das 104 postagens com algum tipo de comentário, 98 foram analisadas pelo NVivo - por meio de seus textos já que o *software* não lê imagens e vídeos – apenas 27 (30%) das postagens comentadas continham alguma das categorias da hospitalidade estudadas e 71 (70%) não apresentaram nenhuma categoria.

Houve uma diferença considerável no que diz respeito à presença das categorias nos textos quando comparados às categorias “CONVERSAS EM GRUPO” e “GRUPOS”, uma vez que no “*BLOG*” a categoria que sobressai é das interações sociais. O gráfico 4 representa a afirmativa.

Gráfico 4 - Postagens e categorias da hospitalidade do "BLOG"

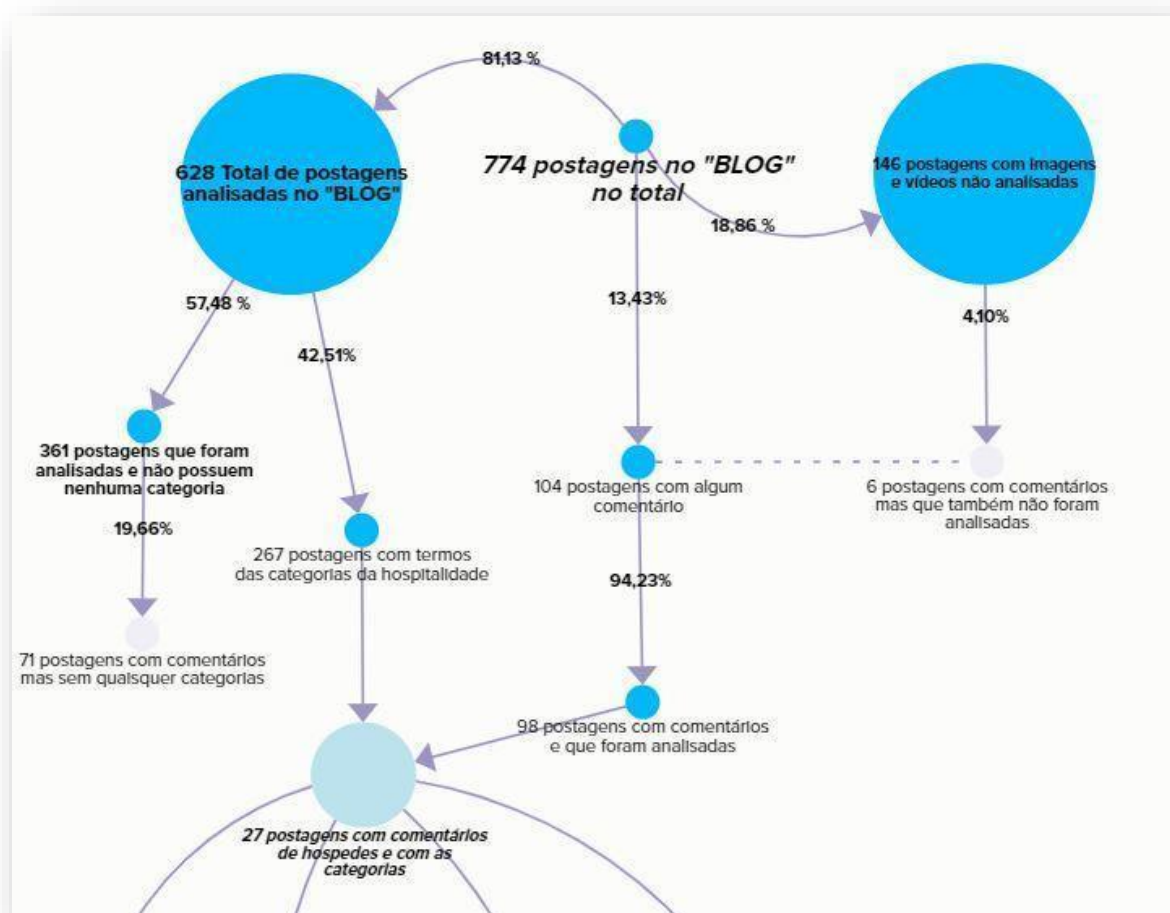


Fonte: A autora, 2021

Contudo, antes de aprofundar as análises realizadas no "BLOG", é preciso ter em mente que elas foram feitas nesse conjunto de textos que consideraram termos exatos ao realizar a codificação, enquanto que nas "CONVERSAS EM GRUPO" e nos "GRUPOS" foram utilizados sinônimos nas buscas, informações já indicadas e aqui reforçadas. A razão disso, como explicado anteriormente, deve-se ao fato de "BLOG" ter sido o espaço que norteou a escolha das palavras e dos termos.

A quantidade de termos codificados em "BLOG" também foi afetada pelo volume de postagens no formato de imagens ou de vídeos que não foram capturadas pelo NVivo. Cerca de 146 postagens estavam nessa condição, ou seja, aproximadamente 18,5% do total. Com relação às respostas, apenas duas postagens que eram compostas exclusivamente por imagens ou vídeos receberam comentários. O esquema 9 procura resumir o exposto até o momento sobre as particularidades da análise de "BLOG".

Esquema 9 - Resumo das relações entre postagens e respostas em "BLOG"

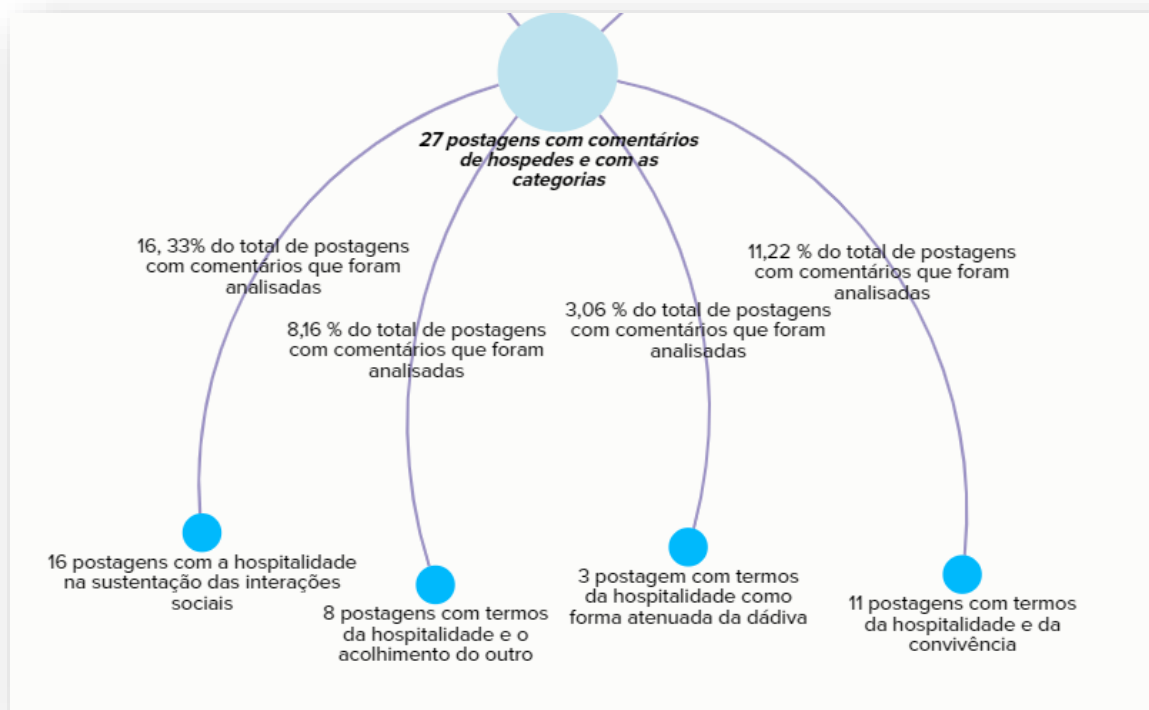


Fonte: A autora, 2021

Analisando as 267 postagens com termos das categorias estudadas, notamos que há uma predominância da categoria hospitalidade na sustentação das interações sociais com 167 ocorrências, seguida pela categoria da hospitalidade e acolhimento com 106 ocorrências. A categoria hospitalidade e convivência que se esperava encontrar em menor quantidade sucedeu em apenas 95 das vezes, alcançando um valor próximo da categoria acolhimento com o outro. Por fim, os termos relacionados à hospitalidade como forma atenuada da dádiva foram encontrados em 38 postagens.

A proporção da ocorrência desses termos nas 27 postagens das categorias pesquisadas em relação às 98 postagens comentadas e analisadas aparece no esquema 10 desenhado propositalmente como continuidade do esquema 9 por meio das linhas finais e iniciais entre os referidos esquemas.

Esquema 10 - Proporção das categorias analisadas em relação ao total de postagens com comentários



Fonte: A autora, 2021

As 104 postagens com comentários somaram interações. Apesar do volume expressivo de postagens (774) e comentários (315) que juntos chegam ao número de 1 089 itens (unidades de análise), apenas 154 usuários (anfitriões/hóspedes) foram responsáveis por essa quantidade representativa de textos no “*BLOG*”, indicando a concentração de postagens por indivíduos.

O impacto da inospitalidade, medida em “CONVERSAS EM GRUPO” sobre os hóspedes também pode ser aferida no caso do “*BLOG*”. Antes, porém, é interessante observar que os novos hóspedes do *site* algumas vezes interagem virtualmente pela primeira vez com os demais por meio de postagens, criadas por eles próprios, no “*BLOG*”. Nesses casos a incidência de inospitalidade parece ter sido maior quando comparada à taxa de inospitalidade de hóspedes que começaram as conversas pela área de comentários. Outro ponto que também é necessário destacar são alguns comentários que pretendiam ser, na realidade, correções ou complementos à postagem original - nesses casos eles não foram contabilizados como interações. Também não se contabilizaram as interações relacionadas àqueles comentários

realizados apenas entre anfitriões - uma vez que o objetivo do trabalho é verificar, principalmente, as interações hóspede/anfitrião.

O número de postagens de anfitriões com comentários de hóspedes e postagens de hóspedes com comentários de anfitriões somam 98; possuem comentários apenas de anfitriões respondendo a outros anfitriões (casos também não classificados como interação). Das 98 postagens comentadas, houve interação em 84 delas, e em 14 inospitalidade. As postagens com inospitalidade dizem respeito a todas aquelas nas quais os hóspedes não foram respondidos. No “*BLOG*” houve casos, por exemplo, de três hóspedes responderem a postagem e nenhum anfitrião respondê-los.

Nas 14 postagens nominadas como de inospitalidade, em dez momentos eles mesmos criaram as postagens. Nesses dez casos em específico não há presença de elementos relacionados às categorias da hospitalidade; além disso, esses personagens cessaram suas interações em todo o *site* depois dessa primeira tentativa.

Nas outras quatro postagens em que houve inospitalidade, o impacto parece ter sido menor em função do histórico dos hóspedes. Aqueles que realizaram comentários e foram ignorados, tendo interagido anteriormente com anfitriões em outras postagens, via de regra continuaram postando mensagens no *site* e não só no “*BLOG*”. Os personagens que tiveram seu primeiro comentário ignorado deixaram de postar mensagens em todos os casos. Isso significa que a importância do primeiro contato reafirma que atitudes acolhedoras dos anfitriões tendem a redundar em interações sociais perenes.

Já as postagens com interações totalizam 84 textos, vinte delas foram realizadas por hóspedes e 64 por anfitriões. Ao postarem no “*BLOG*”, 11 dos hóspedes respondidos por anfitriões empregaram termos das categorias da hospitalidade e nove não utilizaram quaisquer termos relacionados à hospitalidade. As vinte postagens dos hóspedes foram realizadas por 16 indivíduos, ou seja, alguns hóspedes postaram mais de uma vez no “*BLOG*” e foram também respondidos em suas postagens. Dentre esses 16 indivíduos, observamos três tipos de comportamentos: o primeiro deles foi continuar interagindo no *site* - observado em sete hóspedes; aqueles que apenas responderam aos anfitriões e deixaram de interagir - nesse padrão temos sete hóspedes, e, por fim, aqueles que só realizaram mais uma outra postagem no *site*, observado em dois hóspedes.

A análise dos resultados do “*BLOG*” reforça a ideia observada nas “*CONVERSAS EM GRUPO*” que, ao não serem respondidos na primeira tentativa de interação, os hóspedes raramente voltam a escrever no *site*.

Destaca-se ainda como fechamento deste tópico a nuvem de palavras relacionada à categoria da hospitalidade na sustentação das interações sociais de maior incidência na página “*BLOG*”, com 219 itens (entre postagens e comentários) que fazem menção a ela, conforme a figura 28. Local, movimento e pessoas podem ser evidenciados nesse sentido já que fazem parte do conjunto de significados no que se refere às ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade.

Figura 28 - Representação gráfica de palavras que remetem às interações sociais nas postagens da página “*BLOG*”



Fonte: Nvivo, 2021

Não houve validação das hipóteses formuladas. O sequenciamento das dimensões da hospitalidade não foi constatado. O que foi evidenciado é que as dimensões aconteceram ao mesmo tempo, se sobrepondo umas às outras como característica de uma comunicação em rede em ambiente virtual. Apesar disso, descobertas foram feitas na identificação da dimensão mais evidente em cada uma das três páginas estudadas, além da transformação de papéis entre anfitriões e hóspedes e a ocorrência da inospitalidade. Esta última abre precedente preocupante pois significa que o anfitrião pode ignorar seu hóspede fazendo com que ele deixe o espaço virtual.

A observação e a sistematização das categorias de hospitalidade, evidenciadas pela análise de conteúdo, assim como a identificação de suas respectivas nuvens de palavras, no entanto, influenciaram na tomada de decisão na condução dos processos da pesquisa-ação que serão descritos no próximo capítulo.

7 RESULTADOS DA PESQUISA-AÇÃO

Os resultados serão descritos a partir do diagrama das quatro etapas formuladas em procedimentos metodológicos elaborados à luz da *práxis* orientada (THIOLLENT, 1986). As etapas foram denominadas de implementação do reconhecimento caracterizada como o primeiro contato com a situação e o levantamento das necessidades; de construção de relacionamentos onde se estabeleceu o protocolo de trabalho em equipe; de tratamento das informações a qual se caracterizou pela etapa do planejamento e elaboração dos conteúdos no novo domínio, e por fim, de elaboração do novo *site* com sua materialização visual e disponibilização na *www*.

7.1 PRIMEIRA ETAPA - IMPLEMENTAÇÃO DO RECONHECIMENTO

A proximidade de contato com a Isabela permitiu o acompanhamento das rotinas da rede, a qual incluiu a necessidade de reformulação do *site* por informações sobre a arquitetura da rede colhidas nas pesquisas realizadas pelo grupo e, especialmente, por problemas financeiros de manutenção do endereço ligado à rede internacional *Transition Network*. As reuniões sobre a proposta de mudanças atingiram o nível da contratação de uma empresa ligada à área de *design* da *web*. Seguindo as fases da pesquisa-ação, as reuniões são pontos-chave para a discussão dos achados da pesquisa e implementação das ações que derivam do processo, tais como fixar uma agenda de encontros. Na nomenclatura da literatura sobre a metodologia da pesquisa-ação, a denominação correta é agenda de seminários.

7.2 SEGUNDA ETAPA - CONSTRUÇÃO DOS RELACIONAMENTOS

A metodologia da pesquisa revestiu-se das características da pesquisa-ação após a informação de Isabela de que uma equipe estava sendo formada para discutir e organizar a proposta para a construção do novo *site* para o movimento brasileiro. A pesquisadora em questão foi convidada a fazer parte dessa equipe.

De posse do protocolo do método, em 27 de julho de 2020 foi realizada a reunião de apresentação formal do projeto de pesquisa de doutorado para as representantes do *hub* brasileiro, o que redundou na tese ora apresentada. Utilizando-se da plataforma Zoom, participaram do encontro Isabela, Melissa e Claudia. No suporte visual utilizado para a exposição da proposta constavam as seguintes informações: referencial teórico sobre a dádiva,

hospitalidade e comunicação virtual, seguida do problema e suas premissas, além dos objetivos do estudo. O destaque metodológico para a pesquisa-ação demandou reforçar a capacidade de transformação que ela contém.

O resultado foi alcançado. As participantes da reunião declararam ciência e concordância em relação ao projeto, autorizando a participação desta pesquisadora na construção do novo *site* através de diversas atividades. Comentários sobre a importância do encontro, das expectativas das partes, fez emergir a concretização da circulação da dádiva e da hospitalidade. O acolhimento da proposta e da pesquisadora foi retribuída pela sua disponibilidade e contribuição, convergindo para o esforço conjunto de construção de um novo *site*, um novo ambiente virtual, no qual se espera praticar a hospitalidade sob o paradigma da dádiva.

Com um volume consistente de dados e informações sobre o contexto onde o fenômeno da hospitalidade está sendo avaliado, a execução de uma agenda de seminários configurou-se como um importante momento de avaliação dos objetivos do estudo e identificação dos próximos passos.

Participaram dos seminários os representantes do *Hub* Brasil Isabela Maria Gomez de Menezes, Melissa Bivara Pereira, Zaida Amaral, Claudia Valadares Arakaki e Monica Picavea e dois representantes da empresa contratada para o desenvolvimento do novo *site*, além desta pesquisadora.

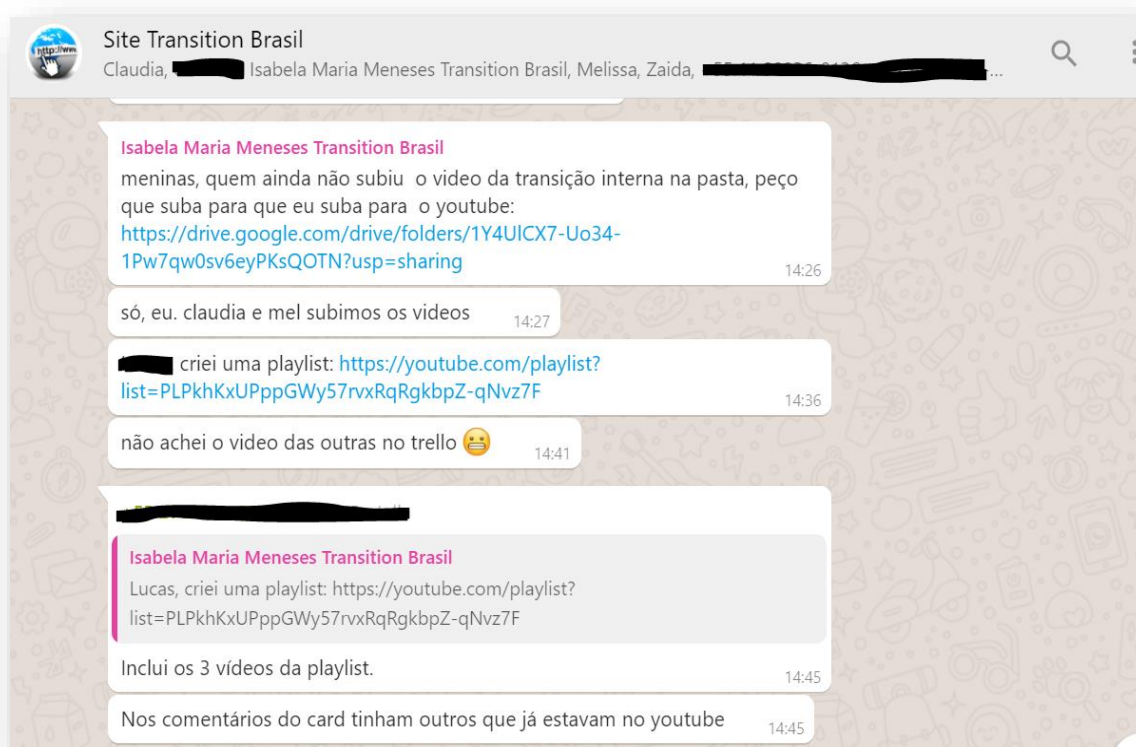
Quadro 7 - Agenda de seminários

Data	Evento	Assunto	Participantes	Formato	Registro
27/07/2020	Seminário inaugural	Apresentação do projeto de pesquisa.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	transcrição (Apêndice D)
03/08/2020	Reunião	Elaboração do novo <i>site</i> . Abertura do Trello para registro e acompanhamento das atividades.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil) Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i>	remoto (plataforma Zoom)	captura de telas e endereço do Trello (Apêndice D)
10/08/2020	Reunião	Elaboração do novo <i>site</i> . Acompanhamento via Trello.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa, Zaida e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil) Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i>	remoto (plataforma Zoom)	captura de tela (Apêndice D)
17/08/2020	Reunião	Apresentação do <i>wireframe</i> do novo <i>site</i> . Abertura do Trello para acompanhamento das atividades.	Maria José (pesquisadora) Melissa, Zaida e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil) Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i>	remoto (plataforma Zoom)	transcrição (Apêndice D)
14/09/2020	Reunião	Distribuição de tarefas.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa, Zaida e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
22/09/2020	Reunião	Definição dos conteúdos de treinamento.	Maria José (pesquisadora) Monica (representante do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	transcrição (Apêndice D)
05/10/2020	Reunião	Avaliação do andamento das tarefas. Checagem do Trello.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa, Zaida, Claudia e Monica (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
12/10/2020	Reunião	Gravação de vídeo das treinadoras. Avaliação das atividades do Trello.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
26/10/2020	Reunião	Avaliação do andamento das tarefas. Checagem do Trello.	Maria José (pesquisadora) Melissa (representante do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
09/11/2020	Reunião	Avaliação das pendências. Checagem do Trello.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
16/11/2020	Reunião	Guia do movimento. Avaliação das atividades do Trello.	Maria José (pesquisadora) Isabela, Monica e Zaida (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
23/11/2020	Reunião	Avaliação da finalização das atividades do Trello. Liberação para a empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i> .	Maria José (pesquisadora) Melissa, Zaida e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil) Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i>	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
07/12/2020	Reunião	Liberação para a empresa contratada para a elaboração do novo <i>site</i> .	Maria José (pesquisadora) Melissa e Claudia (representantes do <i>Hub</i> Brasil) Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i>	remoto (plataforma Zoom)	transcrição (Apêndice D)
04/03/2021	Reunião	Avaliação da primeira proposta do novo <i>site</i> .	Maria José (pesquisadora) Isabela, Melissa, Zaida, Claudia e Monica (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	transcrição (Apêndice D)
11/03/2021	Reunião	Devolutiva da avaliação da primeira proposta do novo <i>site</i> .	Maria José (pesquisadora) Isabela e Melissa (representantes do <i>Hub</i> Brasil) Responsável pela empresa contratada para elaboração do novo <i>site</i>	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)
25/03/2021	Reunião	Avaliação da segunda proposta do novo <i>site</i> .	Isabela e Melissa (representantes do <i>Hub</i> Brasil)	remoto (plataforma Zoom)	ata (Apêndice D)

Fonte: A autora, 2021

A cada seminário abriam-se novas frentes de trabalho discutidas, por vezes, fora das reuniões, no grupo de WhatsApp, como exemplo da figura 29.

Figura 29 - Print de tela do grupo de WhatsApp



Fonte: Grupo de trabalho do *site*, 2020

7.3 TERCEIRA ETAPA - TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Na continuidade da agenda de seminários destaca-se a realização de três reuniões entre as representantes do *hub* brasileiro, a empresa contratada pelo movimento para a materialização da nova proposta e a pesquisadora em questão. O primeiro encontro, realizado em 3 de agosto de 2020, definiu para quem seria feito o novo *site*:

- personas despertas que querem agir em prol das pessoas e das comunidades;
- personas da rede que já entraram, participaram e fizeram treinamento;
- personas ativas nos núcleos regionais;
- personas de fora (de outros países ou que moram fora);
- pesquisadores, jornalistas, pessoas que estão procurando material para estudos ou matérias;

f) ativistas.

Foram discutidos ainda os problemas do *site* e as possíveis soluções, além dos objetivos do novo ambiente. Por problemas entendeu-se a percepção sobre o conceito do movimento Cidades em Transição. Dessa forma, foram relacionados:

- a) a transição é um mistério, algo que elas não fazem, precisa de um grupo enorme, precisa ser uma coisa gigantesca;
- b) achar que não tem tempo para fazer as coisas da transição, que vai ocupar muito mais tempo do que precisa;
- c) necessidade de mais trocas, se inspirar sobre tecnologia específica (moeda social, permacultura, etc.), se sentir muito isolado;
- d) falta de acesso a ferramentas e processos que já existem, treinamentos que não estão visíveis.

Por possíveis soluções foram arroladas sessões, assuntos, diferentes linguagens e ferramentas tecnológicas. Isso posto, chegou-se aos pontos:

- a) *cases* que possam inspirar, compartilhar histórias;
- b) quais são os contatos próximos para conexão;
- c) pílulas de informação que trazem o passo a passo das iniciativas de transição, material didático que mostra caminhos para seguir;
- d) trazer o entendimento que a pessoa não vai perder sua individualidade ao fazer algo em grupo.

A definição de objetivos do novo *site* concluiu a sessão desse dia de construção coletiva, e assim ficaram registrados:

- a) aumentar as interações no Brasil;
- b) inspirar as pessoas através de história e dar visibilidade ao movimento;
- c) fortalecer o movimento (divulgação de treinamentos, criação de mais núcleos, fortalecimento de comunidades, articulações regionais);
- d) potencializar novos projetos.

No segundo encontro, realizado em 10 de agosto de 2020, foram estabelecidos os principais conteúdos do *site* - forma, temas e projetos.

Por conteúdos estão registrados:

- a) artigos (“*BLOG*”);
- b) treinamentos;
- c) governança (como TT - *Transition Towns* trabalha);
- d) guia essencial (como fazer, cartilha ingredientes, como se fosse o passo a passo);

e) histórias de transições pessoais - depoimentos.

Enquanto forma encontram-se as decisões:

- a) Em “*BLOG*” - texto e imagem.
- b) Em “TREINAMENTOS” - agenda, texto resumo do que é, para quem é, fotos e registro dos treinamentos passados.
- c) Em “GOVERNANÇA” - texto, imagem ou infográfico com os *hubs*, líderes e lacunas.
- d) Em “GUIA ESSENCIAL” - texto explicativo, princípios, *links* para versões dos *e-books*.
- e) Em “INICIATIVAS NO BRASIL” - mapa *embedded* dos grupos no Brasil.
- f) Em “HISTÓRIAS DE TRANSIÇÕES PESSOAIS E DE GRUPOS” - *links* de vídeos para YouTube, artigos no *blog*, categoria, *storytelling*.

Sobre temas destacam-se:

- a) visão sistêmica;
- b) regeneração;
- c) ecologia profunda;
- d) engajamento;
- e) moedas complementares;
- f) formação de grupos.

Por fim, os projetos estabelecidos são:

- a) REconomia.
- b) *Municipalities in Transition* (MIT).

Em 17 de agosto de 2020, a equipe teve acesso ao *wireframe* do *site* previsto pela empresa prestadora de serviços de *design*, o qual indicava estrutura das páginas principais como *homepage* e suas abas de acesso, destaques e categorias das postagens no *blog* e a página de treinamentos, exemplificada na figura 30.

Figura 30 - Wireframe da página “TREINAMENTOS” do novo site



Fonte: Empresa contratada, 2020

O relato do conteúdo das reuniões seguintes está concentrado nas atividades destinadas à pesquisadora, discutidas nos encontros do mês de setembro de 2020, especificamente nos dias 14 e 22. Vale ressaltar que toda a equipe se organizou em torno da distribuição das tarefas, as quais envolveram pesquisa, edição, redação, e entrega via Trello²⁶ no cartão aberto com o nome de cada um dos participantes. Para a pesquisadora em questão a deliberação coletiva foi para a execução dos artigos iniciais do “*BLOG*”, assim como o desenvolvimento de um projeto editorial para o espaço; elaboração de proposta dos conteúdos da página “*TREINAMENTOS*”, e suas responsabilidades de produção textual e audiovisual, além de pesquisa fotográfica.

De acordo com o *wireframe* implementado, e cumprindo com um dos objetivos do novo site, a primeira página envolveu a apresentação de *cases* de sucesso. À pesquisadora coube entrevistar, redigir e editar a história da iniciativa de Brasília. No primeiro encontro, em outubro de 2020, a estrutura das propostas foi apresentada e aprovada pelo *hub*.

A abordagem deste texto priorizou a informação e o olhar para as pessoas que transformam um local, que seguem uma causa, e perseguem objetivos coletivos como definido nos encontros de trabalho da equipe. A imagem que acompanha o texto deveria preferencialmente mostrar os rostos das pessoas em comunhão com um ideal assim como o

²⁶ Trello é uma ferramenta de gerenciamento de tarefas que permite organizar as atividades de forma compartilhada

descrito no *wireframe*. Os contatos com o responsável pelo *hub* de Brasília, Paulo César Araújo, iniciaram-se em 21 de setembro de 2020 e culminaram com uma entrevista no dia 12 de outubro de 2020, via vídeo chamada pelo WhatsApp. A figura 31 apresenta a proposta do artigo.

Figura 31 - Proposta de artigo sobre a entrevista com Paulo César Araújo - *Hub* Brasília

Brasília em Transição e o Projeto Tempo de Plantar



**Cerrado
em pé
é o que
a gente quer.**

11 de setembro dia do Cerrado



Tudo começou com a participação no Gaia Education, na cidade do Rio de Janeiro, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em junho de 1992. Este evento ficou conhecido mundialmente como ECO-92 ou Rio-92 e reuniu um número expressivo de organizações não-governamentais que organizaram de forma paralela um Fórum Global. A Carta da Terra e a Agenda 21 são documentos originários desse grande encontro e marcaram as discussões sobre a biodiversidade e as mudanças climáticas, no Brasil e no Mundo.

Apesar de vários desvios, depois de quase 30 anos, as sementes lá plantadas germinaram de diferentes formas. Exemplo disso é o ativista Paulo César Araújo, maranhense de nascimento e brasiliense por opção desde 2011, que transformou o primeiro contato com o movimento Cidades em Transição e as ideias de Rob Hopkins no Projeto Tempo de Plantar, estimulando a mudança por meio da ação.

O caminho percorrido para o projeto alcançar a marca de 22 mil árvores plantadas em Brasília e regiões periféricas das cidades satélites, em 2019, passa pela abordagem *Dragon Dreaming*, uma metodologia que se organiza por meio do desenvolvimento de projetos sustentáveis e são geridos de acordo com uma espécie de ciclo que envolve as etapas: sonhar, planejar, realizar e celebrar.

A formação para a transição de Paulo César Araújo incluiu o treinamento para agentes de transição, realizado em São Paulo, em 2013. Ao finalizá-lo voltou à Brasília com a missão de criar uma iniciativa. Em busca de referências e apoios para tal, conheceu a Escola da Natureza - Centro de Referência em Educação Ambiental da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, criada em 1996, onde diversos movimentos de bases comunitárias acontecem. Ao participar ativamente das atividades da instituição mapeou várias iniciativas de transição que já estavam em curso.

A partir daí, o Tempo de Plantar ganhou forma. Com o objetivo de estimular a cultura da regeneração do planeta, segundo Paulo César, porque passamos a vida inteira tirando recursos do planeta através do consumo e que não temos o hábito de devolver, de repor o que tiramos, o movimento de transição organizou comitês de plantio de árvores em cada região administrativa da capital federal que se expandiu e já somam 27 cidades participantes.

A participação é voluntária, são cerca de mil adesões, e as reuniões acontecem aos domingos, uma vez por mês individualmente e, uma vez por mês, coletivamente. Nessas reuniões são preparadas mudas de árvores originárias do cerrado, o bioma da região, que são colhidas pelos participantes do projeto e nutridas até que se formem e cresçam. Esse ato estabelece vínculos com a natureza alcançando uma das principais iniciativas da atividade que é a de reconectar as pessoas à natureza.



A ação não é apenas plantar uma árvore, o que por si só promove bem-estar pessoal e coletivo, a relação que se estabelece é entender o período em que as espécies locais florescem e dão frutos. Além disso entender que as sementes carregam a história de sua espécie e de seu habitat, que podem ser leves ou pesadas, grandes ou pequenas como um grão de areia, ou ainda que têm formatos diversos como o de vagem ou de asa e que se dispersam de diferentes formas pela ação e capricho da natureza, aproxima as pessoas que estão em seu entorno. Isso inclui as crianças que vão aprender o nome das árvores em muda e cuidar para que ganhem presença e espaço num parque, numa rua ou em quintais. Dessas experiências surgem outras como as hortas, feiras de trocas, mutirão de limpeza de espaços públicos, rios e lagos.

Plantar uma árvore é uma atividade que enuncia uma renovação. Para Paulo César Araújo essa renovação é uma transição que está baseada em resistir ao contexto conturbado, ter resiliência para passar por uma crise e sobreviver a ela; reconectar-se com meio ambiente e regenerá-lo para sua sustentabilidade. A transição é uma grande virada. A transição começa internamente e individualmente. Alcança os vizinhos e influencia a comunidade na comunhão desses valores.

Brasília é uma cidade arborizada, mas a periferia e as cidades do entorno apresentam índices menores. “As empresas de arborização têm medo desse empoderamento com os argumentos de que as árvores devem ser plantadas em lugares certos”, completa Paulo César. “É preciso ter o direito de plantar árvores”, reforça.

O projeto Tempo de Plantar conta com um manual de plantio em área urbana com conteúdo fornecido pela EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Entre as informações do material estão uma agenda da época do ano em que as árvores produzem sementes; indicação de lugares adequados para plantio de mudas e valorização do ciclo da natureza. Ressaltam o fato de serem nativas desse bioma para que não sejam prejudicadas e não prejudiquem o meio ambiente e sua população.

Há um intenso trabalho de educação ambiental presencial, e, em tempos pandêmicos, remotamente. As redes sociais e o canal de WhatsApp integram os interessados e promovem interações entre as comunidades e grupos. Uma forma carinhosa e hospitaleira de tratamento entre os participantes do movimento é identificá-los de acordo com seus biomas. Isso quer dizer que as trocas são entre pampenses, cerradenses ou pantaneiros entre outros.

Planejar e criar eventos faz parte do estímulo ao engajamento dos voluntários e dos cidadãos. O movimento organiza oficinas, palestras, rodas de conversa, produz as mudas que serão utilizadas nas ações de rua como as programadas para os meses de setembro, dia 11 é o dia do Cerrado, e, em dezembro, dia 08 é a data de aniversário de John Lennon, um dos inspiradores do movimento. A circulação e compartilhamento dos interesses entre os participantes funcionam como núcleos que se voltam para diversas mobilizações como georreferenciamento, captação de recursos e conhecimento de legislação e todas as que sejam discutidas e consideradas relevantes para a comunidade.



Saiba mais sobre Brasília em Transição e seus projetos em <https://www.facebook.com/brasiliaemtransicao/>

Fonte: A autora, 2020

O projeto editorial do *blog* baseou-se no conjunto das dimensões da hospitalidade para produzir um lugar virtual como elemento de socialização e de interações sociais; usufruir dos ritos e rituais de acolhimento e evidenciar conteúdos de convivialidade (a arte de viver juntos mesmo nos opoendo, mas sem nos massacrarmos) levando em conta a finitude e a fragilidade do

mundo (CAILLÉ, 2013). Tudo isso sob o paradigma da dádiva em contraposição ao individualismo e capitalismo. Nesse sentido, a abordagem é ressaltar que o que circula são valores não mercantis ou o círculo da dádiva da tríade dar, receber e retribuir.

O primeiro passo organizou-se em torno da proposta de estimular a aproximação e senso de pertencimento dos usuários do novo *site*. Lançando mão de uma mensagem acolhedora, informal e atrativa, foi feito um convite para uma votação sobre a escolha do nome do *blog* a partir de três opções: “Reimaginar”, “E se?” e “Futuros desejáveis”.

Figura 32 - Convite para a votação sobre a escolha do nome do *blog*



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/12/o-que-e-um-blog.html>.



Tudo bem? Vem cá, o blog do novo site precisa de um nome e, para isso, a ideia é que você escolha o que melhor identifica o espaço. Não esquece que ele será fundamental na troca de experiências, na divulgação das conquistas, das dificuldades, na busca de auxílios, enfim, um lugar pra gente trocar ideias. Imagina que estamos sentados nesse banco, clica aqui (link do Google formulários estará ativo) e escolhe uma das possibilidades. Em breve anunciaremos o resultado.

Na sequência, a proposta foi a de externar a importância de incluir os usuários e incentivá-los a interagir por meio da materialização dos elementos de acolhimento, inclusão e interação na produção da mensagem que também recebeu tratamento de convite.

Figura 33 - Convite para colaboradores regionais



Fonte: <https://pixabay.com/pt/illustrations/avatar-clientes-%C3%ADcones-2155431/>

O blog (nome escolhido) precisa de colaboradores regionais. Gente que tenha interesse em informar o que acontece nesse mundão que é o Brasil em termos de transição.

A periodicidade das informações é mensal. Os colaboradores regionais podem enviar a informação bruta respondendo às perguntas: quem, o que, quando, onde e por quê.

Não esqueça de mandar fotos ou áudios ou até vídeos, desde que sejam “levinhos”. O WhatsApp é: (11) 996851203. A gente transforma em notícia e dá os créditos, claro!.

Tá afim? Escreva para cidadesemtransição@gmail.com ou transitionbrasil@globo.com dizendo que sim. Ah, aproveita manda uma foto sua. =)

Fonte: A autora, 2020

A ação em questão baseou-se também na ideia dos ritos como momento inaugural das relações e de transposição da soleira (BINET-MONTANDON, 2011); por isso na mensagem há ainda uma declaração de intenção de firmar relacionamentos com o pedido de envio de uma foto do usuário.

Como consolidação das interações, o projeto editorial do *blog* contou com a projeção de artigos relacionados à hospitalidade, denominados de artigos de fundo, com a intenção de familiarizar e divulgar a hospitalidade junto aos usuários, além de suscitar comentários sobre suas diferentes abordagens, lançando mão do recurso do questionamento. Na pauta, os temas iniciais foram abordados como proposta para a primeira postagem na página “*BLOG*” do novo *site*, como mostra a figura 34.

Figura 34 - Proposta para a primeira postagem da página "BLOG" do novo site

O que nos une?

Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade.

Por: Mazé Rosolino



Disponível em: <https://cepecaf.com.br/site/2019/05/02/responsabilidade-socioambiental/>. Acesso em: 19 out 2020.

Para começar a responder essa complexa pergunta o ideal é explicar o contexto em que ela foi pensada: primeiro, ela compõe o texto de abertura do Blog do movimento Cidades em Transição; segundo, ela permeia o universo das relações dos que estão ativos na transição, e terceiro, ela é um componente fundamental para os estudos sobre a hospitalidade já que quem assina este texto é uma doutoranda em Hospitalidade.

Os princípios que regem o movimento são de ordem ambiental já que os efeitos sentidos estão diretamente ligados aos limites dos recursos; de ordem econômica pois organizados em comunidades e buscando alternativas de produção e consumo valorizam a economia local e solidária, chegando à inclusão social; de ordem política porque precisa do

compartilhamento de ideias, de poder e da ordem comunitária, na construção de conexões, elos e sinergia de processos (TRANSITION BRASIL, 2020).

A síntese do movimento, na visão de quem escreve este texto, é o reconhecimento do outro, da necessidade do outro, e é também, de modo resumido, o que representa a síntese da hospitalidade desde que ela esteja na condição de forma atenuada da dádiva como inspira Emile Benveniste (1995). A dádiva, sem a influência da religião e na visão de Marcel Mauss (1925), antropólogo e sociólogo francês, é o dom e o contradom ou a tríade dar-receber e retribuir. O sistema dom e contradom ou dar-receber e retribuir desdobra o conceito de hospitalidade como uma forma atenuada da dádiva porque se fundamenta na ideia de que um homem se une ao outro compulsoriamente.

A hospitalidade acontece entre pares, parentes, amigos e aliados e pode estar voltada para as relações sociais e ao entretenimento. Pode revestir-se de aspectos instrumentais, ser mais ou menos codificada, ritualizada, rotineira ou espontânea, mas não consegue adquirir a característica da simplicidade. Outra particularidade da ocorrência da hospitalidade está na obrigação da reciprocidade. O dar na hospitalidade significa receber o hóspede desprovido de restrições; ser receptivo para que haja comunhão de interesses. Assim, o retribuir ou o receber não são apenas um ato contínuo de uma obrigação; referem-se ao comprometimento com a situação. O dar-receber-retribuir auxilia ainda na compreensão de fenômenos de solidariedade humana, associativos e de liderança, e incorpora a certeza que toda ação de hospitalidade carrega em si uma dádiva (CAMARGO, 2004) e avança nas melhorias das relações e interações sociais.

A natureza dialógica da hospitalidade favorece as interações sociais desde que haja o reconhecimento e a alteridade na ação. O diálogo é condição essencial para sua ocorrência (BESSONE, 2011) já que o eu e o ele se transforma em nós. A resposta ao diálogo é uma forma de acolher o outro e buscar a troca de ideias, sentimentos, dados e ou informações.

Para ser social, o diálogo deve ser norteado pela hospitalidade o que contribuirá para que as interações sejam profícuas, consistentes e conquistadoras. Cabe pensar neste momento: o que pretendemos dar? A quem pretendemos dar além de retribuir à Gaia, tendo a mitologia grega como contexto e sua enorme potencialidade geradora como a grande mãe?

A hospitalidade integra ainda um sistema que circula a palavra, troca experiências e cria vínculos. Uma rede de relações sociais baseada na hospitalidade e no auxílio mútuo é o que pode restar em caso de colapsos políticos e econômicos. Se você, caro leitor, fez

associações com o mundo atual não é mera coincidência. Creio que a perspectiva da hospitalidade pode nos unir na construção deste espaço virtual onde o movimento Cidades em Transição é nosso ponto de encontro, troca, auxílio, ou seja, o círculo da dádiva e da dívida.

E para você, o que nos une?

Referências:

BENVENISTE, É. O vocabulário das instituições indo-europeias. In: **Economia, parentesco, sociedade**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. v. 1, p. 87-101.

BESSONE, M. Do eu ao nós. In: MONTANDON, A. (Ed.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 1267-1279.

CAMARGO, L. O. de L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

Fonte: A autora, 2020

Os temas dos demais artigos de fundo foram assim definidos:

- A hospitalidade e a força da coletividade. É difícil conviver com o outro?
- As interações sociais e a hospitalidade: conhecer e reconhecer é acolher?
- Os princípios do movimento Cidades em Transição e a hospitalidade. O que esperar dessa associação?

O cronograma inicial para as postagens do *blog* foi previsto com um artigo regional por semana, num total de três semanas, resultante de uma adesão mínima das regiões Norte, Sul, Sudeste e Nordeste. Na quarta semana um artigo de fundo completaria o mês.

Essa fase da proposta previu o intercalamento dos artigos regionais com os artigos de fundo. Todos eles seguem o formato foto + lide (chamada) + leia mais, proporcionando padronização necessária para o espaço disponível. Em termos de quantidade, ficou previsto apenas uma foto com lide de até setenta caracteres e texto de até 2 100 caracteres como define a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT para uma lauda.

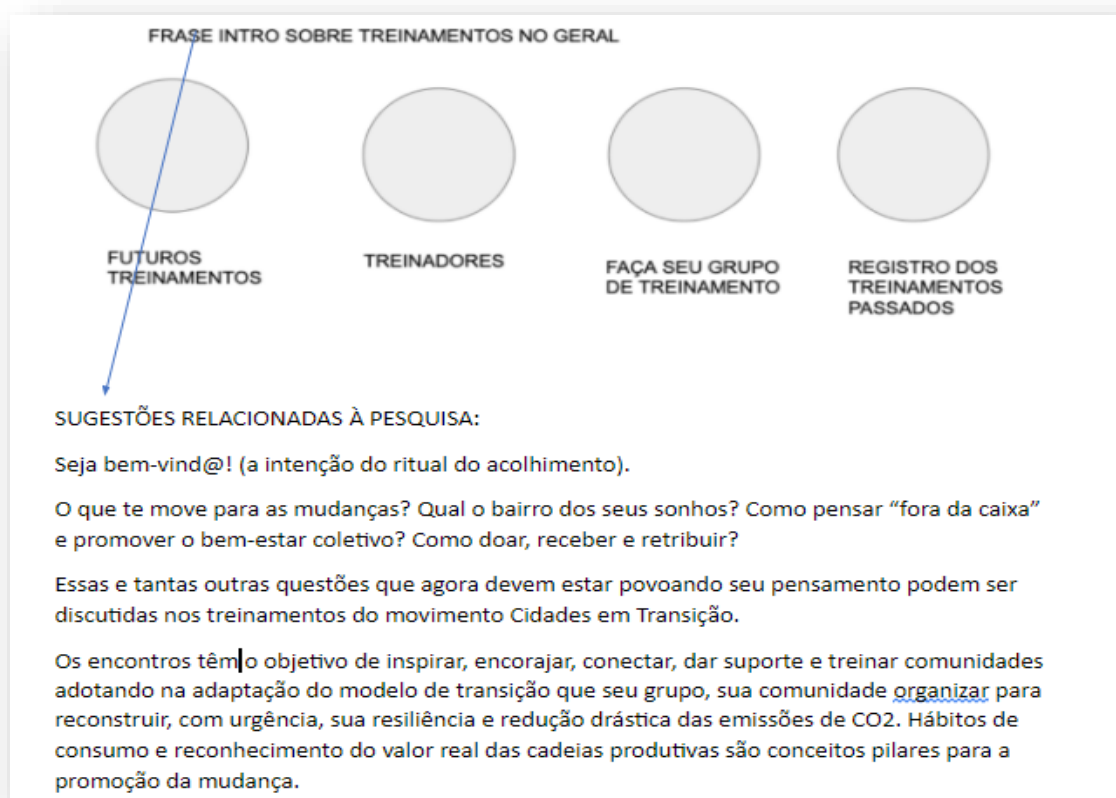
Como fechamento do projeto editorial, o usuário do espaço também é convidado a inscrever-se para o recebimento de *newsletter*. A mensagem de adesão tenta conquistá-lo por meio do contato com novidades (indicação das pesquisas realizadas) com histórias que podem emocionar: “Quer receber nosso boletim de notícias? Faça sua assinatura e fique informado sobre o que acontece com as cidades em transição! A *newsletter* do movimento Cidades em Transição vai contar boas histórias. Além de informações sobre os acontecimentos dos

movimentos, encontros, treinamentos, objetivos alcançados, todo mês você poderá emocionarse. Aguarde!”

A estratégia do cadastro enseja a formação de um banco de dados dos usuários para posterior contato, vindo a ser um canal para obtenção de respostas com pesquisas e opiniões sobre os conteúdos do *site* e outras necessidades, com ênfase na convivialidade enquanto dimensão da hospitalidade.

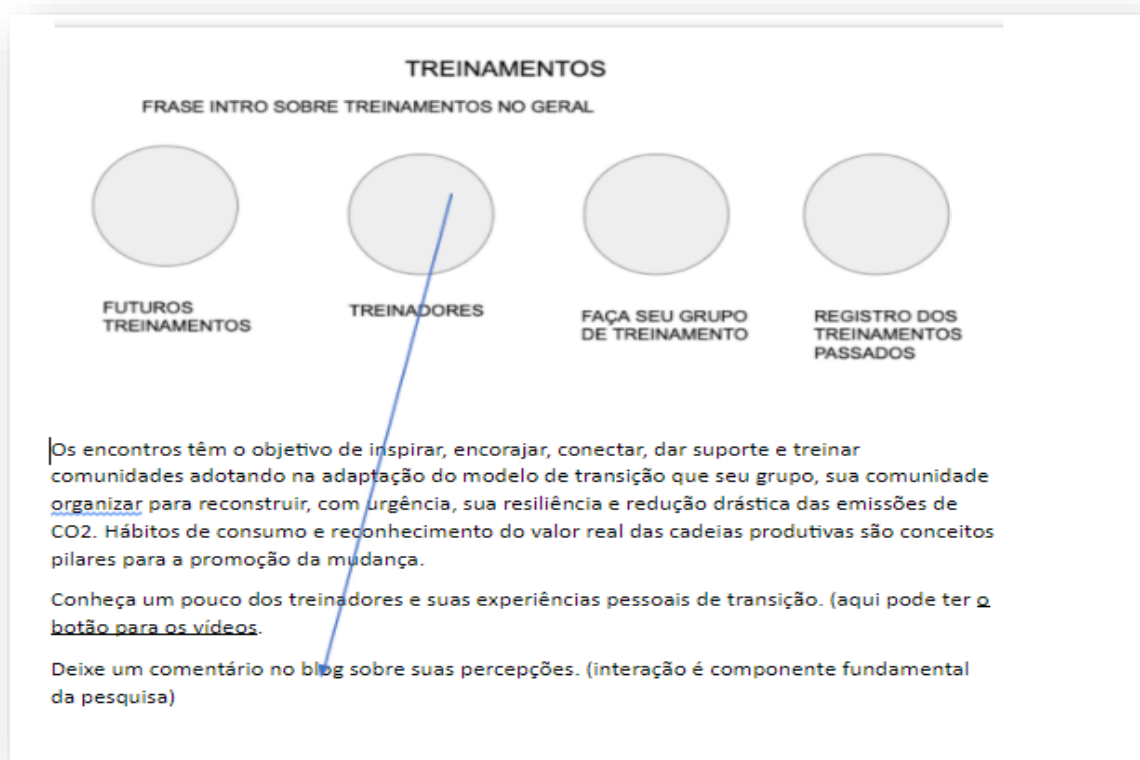
Para a página “TREINAMENTOS” foi necessária uma associação com a representante do *Hub* Brasil Monica Picavea na discussão e formulação dos conteúdos à luz dos conceitos sobre as dimensões da hospitalidade em que o estudo está estruturado. Na reunião do dia 22 de setembro de 2020 foram apresentadas pela pesquisadora as sugestões para a composição da página em questão. Os conteúdos foram elaborados a partir dos conceitos de hospitalidade, e atenderam ao *wireframe* da página. A mensagem inicial, com a intenção de explorar a dimensão do acolhimento, e, mais uma vez, demonstrar vontade de interagir, estava composta como mostra a figura 35.

Figura 35 - Mensagem inicial da página "TREINAMENTOS"



Na continuidade, a figura 36 apresenta o texto para a apresentação dos encontros e dos treinadores.

Figura 36 - Apresentação dos encontros e dos treinadores na página "TREINAMENTOS"



Fonte: A autora, 2020

A frase “Conheça um pouco dos treinadores e suas experiências pessoais de transição” foi pensada para ser acompanhada de vídeos de até dois minutos no máximo, gravados de modo amador pelas treinadoras. Em formato de *storytelling*, os vídeos têm a função de motivar outras transições pessoais e, no ambiente virtual, proporcionar contato visual com rostos e vozes de pessoas reais. A pesquisadora organizou um PowerPoint com orientações sobre posicionamento de câmera, como se comportar frente a ela na captação de luz e som. Houve ainda a sugestão para concluir o conjunto de informações sobre os treinamentos, a criação de uma linha do tempo fotográfica com breves informações sobre os encontros dos diversos grupos e das iniciativas estimuladas pelos treinamentos. A ideia pretendia atender às sugestões indicadas nas pesquisas sobre a existência desse tipo de informação no *site*. Para este conteúdo deu-se o nome de retrospectiva dos dez anos do movimento, conforme ilustra a figura 37.

Figura 37 - Proposta de retrospectiva do movimento - dez anos de treinamentos



Fonte: A autora, 2020

No encontro posterior, as sugestões foram aprovadas por unanimidade e os vídeos passaram a ser produzidos com avaliações nas reuniões seguintes. A edição das fotografias para a retrospectiva do movimento se estendeu pelos meses de outubro e novembro de 2020. A pauta dos seminários realizados no último trimestre do ano de 2020 atendeu à produção de conteúdo reservado a cada participante do processo, e todos os resultados foram submetidos ao conhecimento e discussão da equipe. A finalização entre a equipe foi discutida em 23 de novembro de 2020, e a reunião com a empresa contratada para a entrega dos conteúdos ocorreu em 7 de dezembro desse mesmo ano.

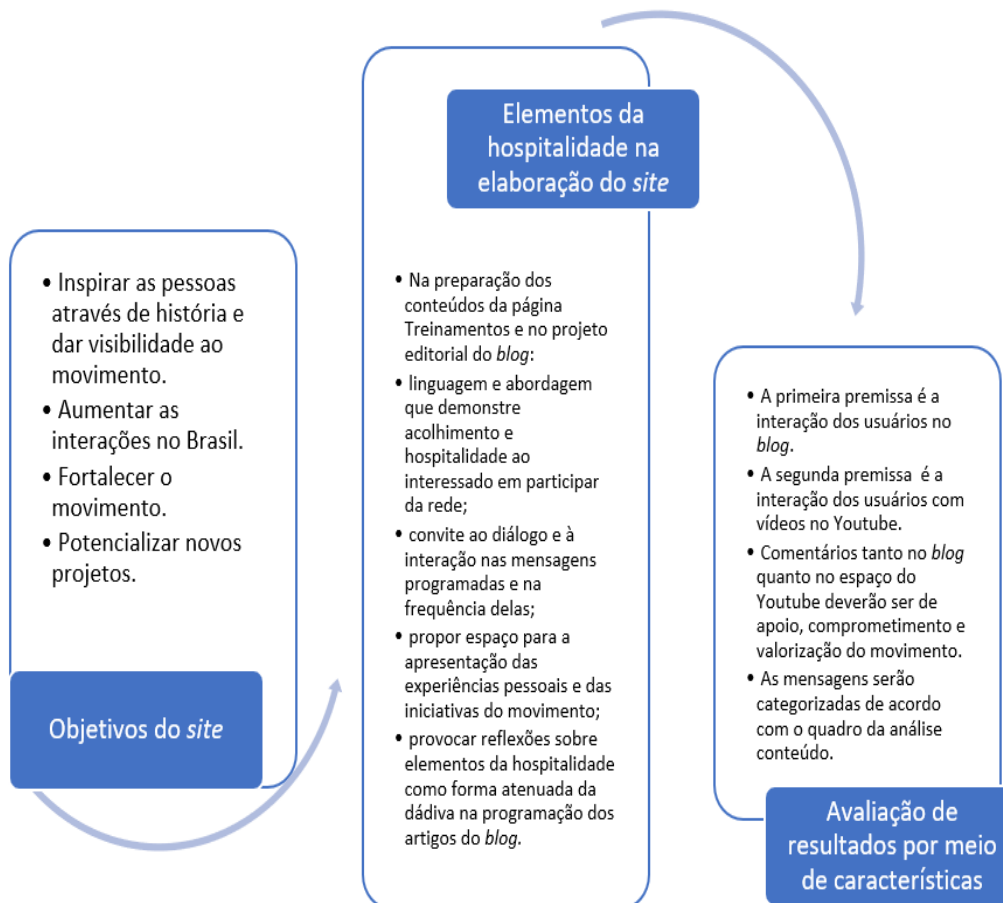
No primeiro semestre de 2021, somente no mês de março a apresentação da proposta do novo *site* foi recebida pelo grupo. Na reunião de 4 de março de 2021, o assunto foi o resultado do novo *site* apresentado pela empresa contratada por meio do envio do *link*. O resultado da reunião encontra-se em ata com a transcrição dos comentários (Apêndice D). Algumas críticas sobre o tom monocromático, sobre a fonte utilizada, sobre o estilo do *design* das páginas foram encaminhadas por escrito à empresa contratada. A devolutiva de uma nova proposta ocorreu em 11 de março, a qual também indicou um conjunto de ajustes pontuais, porém com aprovação do resultado obtido.

7.4 QUARTA ETAPA - ELABORAÇÃO DO *SITE*

Apesar da necessidade de um certo controle em relação aos desdobramentos que a pesquisa-ação promove, a característica da imprevisibilidade está permanentemente presente. Dessa forma, foi necessário optar por caminhos que fossem viáveis em termos de recursos e prazos para a finalização dos estudos. Inicialmente a quarta etapa abrangeria a análise e sistematização de resultados após o lançamento do novo *site*. Ocorreu, no entanto, que a dinâmica da elaboração dos conteúdos, planejamento estrutural do endereço juntamente com sua estética se estendeu até março de 2021. Dessa forma, a etapa em questão não contemplará a avaliação de resultados na demanda de materializar as referências teóricas na formulação de um modelo de hospitalidade em um espaço-lugar virtual.

O lançamento do *site* se deu em 15 de abril de 2021, com a divulgação do endereço <<https://transitionbrasil.com/>>. Ainda que de maneira inicial circunstancial, a realização de uma avaliação dos elementos da hospitalidade com os quais foram elaborados os conteúdos do *site*, especialmente por meio das respostas obtidas nas postagens do “*BLOG*”, deverá ser norteadas pelas decisões que compõem o quadro 8.

Quadro 8 - Diagrama dos elementos da hospitalidade na elaboração do site



Fonte: A autora, 2021

O tempo de observação das respostas não se configurou como necessário para uma sistematização robusta dos resultados na recepção dos elementos da hospitalidade presentes nos conteúdos preparados, conforme explicitado no diagrama.

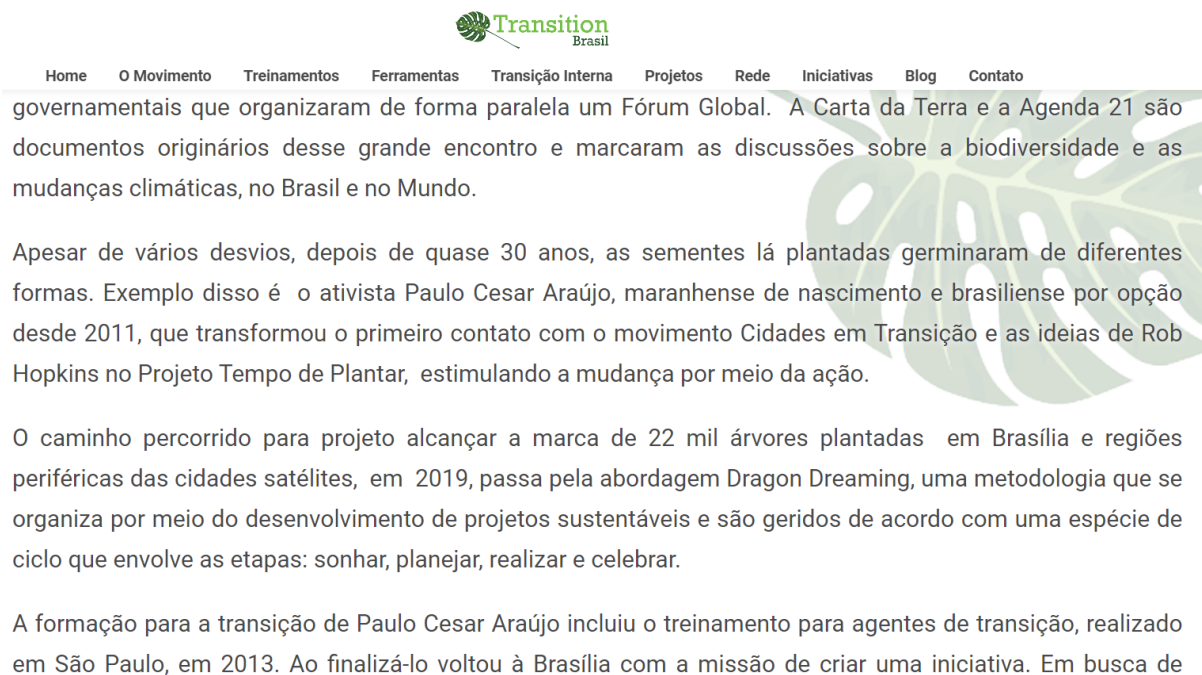
O momento mais esperado, depois dessa longa descrição de preparativos para o novo *site*, são as capturas de telas para a visualização dos resultados (figuras 38 a 47).

Figura 38 - Captura de tela case "Brasília em transição"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Figura 39 - Captura de tela excerto do texto case "Brasília em transição"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Figura 40 - Captura de tela excerto do texto da página "TREINAMENTOS"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

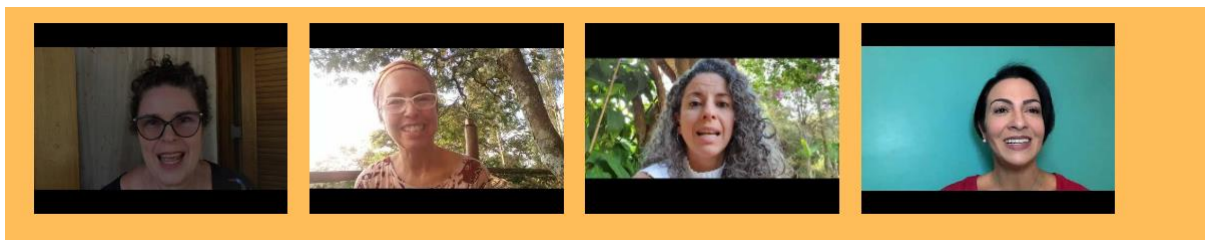
Para os vídeos sobre as transições pessoais foi aberto um *link* separado diferentemente da proposta inicial (figuras 42 e 43).

Figura 41 - Captura de tela excerto do texto da página "VÍDEOS TREINADORES"



Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Figura 42 - Captura de tela da página "VÍDEOS TREINADORES"




Fonte: TRANSITION BRASIL, 2021

Figura 43 - Captura de tela das três primeiras ações da página "BLOG"



Fonte: TRANSITION BRASIL, 2021

Figura 44 - Captura de tela excerto do texto "Chamado para Colaboradores Regionais"



Transition Brasil

Home O Movimento Treinamentos Ferramentas Transição Interna Projetos Rede Iniciativas Blog Contato

Colaboradores Regionais

Nome do Blog!

O que nos une? Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade.

Comentários

Transition Transition Brasil em Nome do Blog!

Luiz V Lima Lazaro em Nome do Blog!

O *blog* também precisa de colaboradores regionais. Gente que tenha interesse em informar o que acontece nesse mundão que é o Brasil em termos de transição.

A periodicidade das informações é mensal. Os colaboradores regionais devem mandar a informação bruta respondendo que respondam às perguntas: quem, o que, quando, onde e por quê. Não esquece de mandar fotos ou áudios ou até vídeos, desde que sejam "levinhos". O WhatsApp é: (11) 996851203. A gente transforma em notícia e dá os créditos, claro!

Tá afim? Escreve para cidadesemtransição@gmail.com ou transitionbrasil@globo.com dizendo que sim. Ah, aproveita manda uma foto também. =)

Equipe Hub Brasil

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Figura 45 - Captura de tela excerto do texto "Nome do Blog"

Nome do Blog!

por Transition Transition Brasil | mar 24, 2021 | Destaque | 2 comentários



Olá, tudo bem? Olha só, o *blog* do movimento Cidades em Transição precisa de um nome. A ideia é que você escolha o que melhor identifica o espaço. Não esquece que ele será fundamental na troca de experiências, na divulgação das conquistas, das dificuldades, na busca de auxílios, enfim, um lugar pra gente trocar ideias. Clica aqui <https://forms.gle/DKpcHdNPRQREUDj17> e escolhe uma das possibilidades.

(*_*) Equipe Hub Brasil

 Pesquisa

Posts recentes

Dia da Terra
Desenho do Projeto de Vida
Chamado para Colaboradores Regionais
Nome do Blog!
O que nos une? Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade.

Comentários

Transition Transition Brasil em Nome do Blog!
Luiz V Lima Lazaro em Nome do Blog!

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Figura 46 - Captura de tela excerto do texto do artigo de fundo sobre a hospitalidade "O que nos une?"

por Transition Transition Brasil | mar 4, 2021 | Comunidades, Destaque | 2 comentários



Por: Mazé Rosolino

Para começar a responder essa complexa pergunta o ideal é explicar o contexto em que ela foi pensada: primeiro, ela compõe o texto de abertura do *Blog* do movimento Cidades em Transição; segundo, ela permeia o universo das relações dos que estão ativos na transição, e terceiro, ela é um componente fundamental para os estudos sobre a hospitalidade já que quem assina este texto é uma doutoranda em Hospitalidade.

Os princípios que regem o movimento são de ordem ambiental já que os efeitos sentidos estão diretamente ligados aos limites dos recursos; de ordem econômica pois organizados em comunidades e buscando alternativas de produção e consumo valorizam a economia local e solidária, chegando à inclusão social; de ordem política porque precisa do compartilhamento de ideias, de poder e da ordem comunitária, na

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Posts recentes

Dia da Terra

Desenho do Projeto de Vida

Chamado para Colaboradores Regionais

Nome do Blog!

O que nos une? Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade.

Comentários

Transition Transition Brasil em Nome do Blog!

Transition Transition Brasil em O que nos une? Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade.

Elaine Canhete em O que nos une? Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade.

Elaine Canhete em Nome do Blog!

Transition Transition Brasil em Nome do Blog!

Figura 47 - Captura de tela do *box* de interação "Enviar Comentário"

Enviar Comentário

O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com *

Comentário

Nome *

E-mail *

Site

Salvar meus dados neste navegador para a próxima vez que eu comentar.

Enviar Comentário

Fonte: *TRANSITION BRASIL*, 2021

Consideram-se robustos os resultados expostos decorrentes de uma escolha assertiva das estratégias aplicadas na busca de respostas às indagações que permeiam a construção desta tese. Os resultados da análise de conteúdo e a identificação das dimensões em evidência nas páginas estudadas como acolhimento em “CONVERSAS EM GRUPO”, convivialidade em “GRUPOS” e interações sociais em “*BLOG*” não são sequenciais como indicavam as hipóteses, no entanto, estão relacionadas ao objetivo de cada uma delas, o que torna o anfitrião o principal personagem pelo estímulo aos relacionamentos e pela sua manutenção. Dessa compreensão é possível indicar que o *site* é um espaço virtual e o “*BLOG*” o lugar virtual. Os conteúdos do *site* apresentam textos acolhedores. As palavras de destaque das nuvens de palavras encontram-se nos conteúdos, especialmente da página “TREINAMENTOS”, cujo objetivo é o de estimular os hóspedes a conhecer a importância de uma transição interna e individual, para posteriormente atingir objetivos em comunidade. Palavras como dar, receber, retribuir, mudar, integrar, grupo, pessoas, comunidade, bem-estar, relacionamentos, entre outras, foram utilizadas como um repositório da hospitalidade na redação dos textos.

No novo *site*, apenas uma página, “*BLOG*”, tomou para si a responsabilidade de reunir as dimensões da hospitalidade de acolhimento, interações sociais e convivialidade. Suas postagens foram programadas para tal como o defendido na apresentação de seu projeto editorial. No próximo capítulo, tanto os resultados da análise de conteúdo quanto da pesquisa são retomados na formação das camadas de uma ecologia da hospitalidade em rede.

8 A ECOLOGIA DA HOSPITALIDADE EM REDE

É preciso revisitar as abordagens sobre a hospitalidade e suas dimensões, sobre a ecologia da comunicação e a comunicação em rede para apresentar a tese que emerge deste estudo: a ecologia da hospitalidade em rede. Há diversos elementos envolvidos na proposta e a interpretação dos eventos esforça-se para descrevê-los, observando cautelosamente suas sobreposições consideradas de caráter essencial para a sua compreensão.

Ao construir um conceito intangível é necessário estabelecer uma metodologia para a indicação das variáveis que o compõem. As relações encontram-se apresentadas por meio de um modelo gráfico e suas camadas decompostas em diagramas. “O conceito capta ou apreende fatos ou fenômenos, expressando-os por um sistema semântico, gramatical ou simbólico, de modo a torná-los inteligíveis e processáveis. O conceito não é o fenômeno, mas pode analisar e comunicar as implicações deste” (SELLITTO; RIBEIRO, 2004, p. 77).

É necessário também estabelecer as variáveis com o objetivo de aferir o fenômeno do estudo. As variáveis (SELLITTO; RIBEIRO, 2004) são um conjunto de ações ligadas a uma conceituação, ideia ou conteúdo de um objeto de estudo. Elas admitem vinculações entre outras situações que envolvem tipos e categorizações.

O pressuposto inclui a distinção entre os personagens frequentes dos estudos da hospitalidade - anfitriões e hóspedes - eles então compõem as seguintes premissas:

- ✓ os anfitriões do *website* Cidades em Transição percebem a importância da hospitalidade pela experiência de apoio à causa que defendem;
- ✓ tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é compreendida como uma etiqueta social nas interações em ambiente virtual mesmo quando há divergência em relação às ideias propostas;
- ✓ tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é entendida de forma recorrente quando a comunicação entre os participantes das redes sociais virtuais leva em conta as diferenças de *hardware* e *software*, ou seja, estão alinhadas com a tecnologia e a interatividade que os ambientes devem proporcionar;
- ✓ a hospitalidade é norteadora das interações sociais entre anfitriões e hóspedes, e entre hóspedes e hóspedes, quando expressa por meio de palavras que promovam vínculos sociais de união.

A primeira variável identificada é a palavra escrita enquanto linguagem e sua capacidade de estabelecer comunicação entre os personagens. Vale frisar que esses personagens

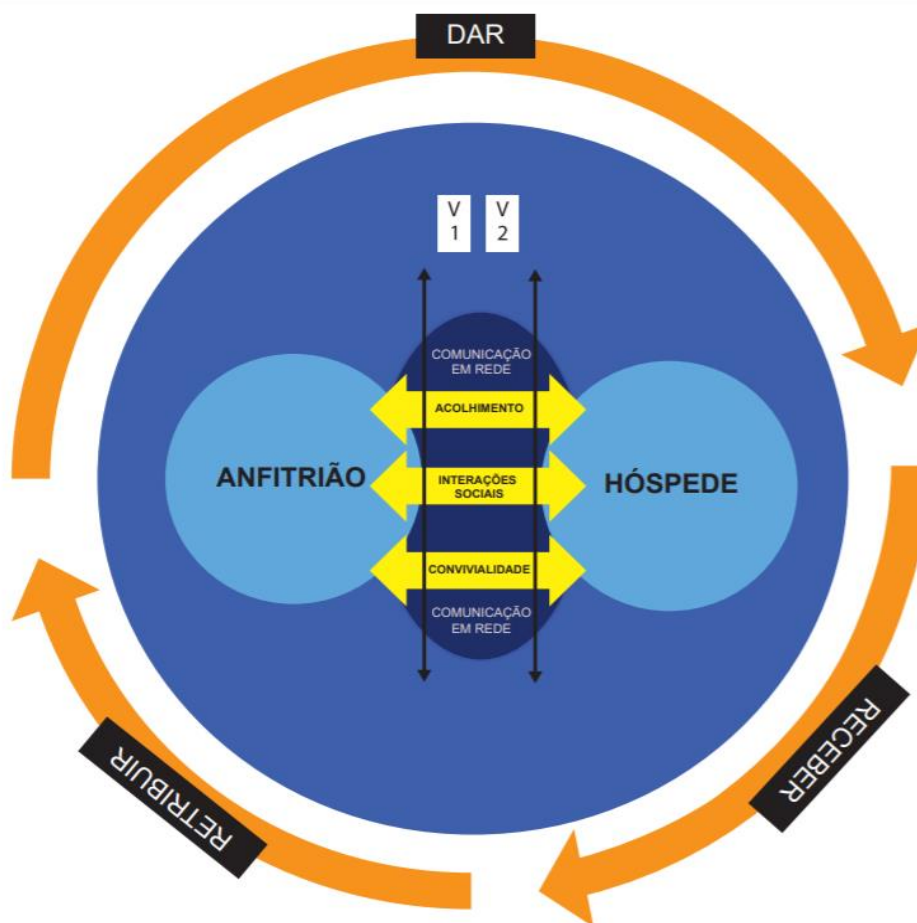
são reais no estudo em questão, ou seja, existem fisicamente e, neste caso, utilizam-se de dispositivos para comunicarem-se entre si. Este fato, no entanto, não se apresenta como novidade do século XXI, porque máquinas para tal existem há tempos como telégrafos, telefones e rádios por exemplo, segundo o que preconiza Lévy (2010).

A variável seguinte é significação imaterial, não física, sobre a linguagem - não só escrita, mas potencializada pela capacidade dos computadores e da *internet* de manipular mecanicamente os signos da linguagem, ou seja, o mundo virtual dos relacionamentos.

São variáveis assimétricas já que o comportamento de uma afeta a outra; endógenas porque estão dentro do objeto e independentes pois antecedem o fenômeno.

As relações existentes entre fenômeno, conceito, pressuposto-premissas e variáveis estão representadas por um modelo gráfico, apresentado por meio do esquema 11, numa estrutura que separa as teorias e arranja o conhecimento do objeto com instrumentos de representação de um mapa cognitivo e seus desdobramentos.

Esquema 11 - Mapa cognitivo da ecologia da hospitalidade em rede



Na revisão das teorias citadas na sustentação dos estudos como uma ação fundamental para o entendimento do mapa apresentado, está essencialmente a contribuição das abordagens sobre a ecologia da comunicação (DI FELICE, 2013; MIKLOS; ROCCO, 2018; PIRES, 2016; BAITELLO, 1998), interpretadas como o resultado de uma ação compartilhada entre indivíduos, cujas interações são sugeridas por aparelhos ou dispositivos, cabos, telas e composições mecânicas de diversas naturezas, por conexão envolvida com dados, processamento de dados, armazenamento, programas, aplicativos e demais circuitos integrados. O resultado dessas interações cria novas formas e ideias de comunicação. Se o estudo do meio ambiente da comunicação tem apontado para a formação de uma malha de interações que se fundamentam no movimento e no intercâmbio entre nós e atores da vida em rede, fatores que inovam e fortalecem o fenômeno da sociabilidade, o estudo do meio ambiente da hospitalidade, influenciado por essas abordagens, deve também proporcionar novas ideias sobre o tema.

Ainda para o entendimento do mapa cognitivo (esquema 11) as abordagens da teoria das redes (RECUERO, 2009) e sua inserção na comunicação em rede, em outras palavras a comunicação no contexto da cibercultura, e de como ela se transformou em pontes entre indivíduos e mundos, proporcionando experiências no modo síncrono ou assíncrono dependendo das ferramentas que a sustentam. A noção de espaço e tempo nessa perspectiva condicionam as experiências porque transformam os elementos de conversação numa espécie de suspensão entre o real e o virtual. Atribuir a hospitalidade como um fenômeno que se instala e se entrelaça com a comunicação torna-se o ponto alto teórico do mapa cognitivo.

A abordagem principal para a pesquisa é o paradigma da dádiva em contraposição ao individualismo e de que a hospitalidade é uma forma atenuada da dádiva (BENVENISTE, 1995). Dessa forma sua representação gráfica encontra-se com as setas que circundam externamente o círculo da ecologia ensejando que as trocas simbólicas e a tríade dar-receber-retribuir de Mauss (2001) são o movimento ou os elementos-chave para a contextualização do paradigma da dádiva. É assim que se entende o significado do dom ou da dádiva, ou seja, numa dimensão coletiva, algo que promova a inclusão de diferentes pensamentos e ações, que busque o entendimento e o bem-estar coletivo. O movimento Cidades em Transição tem valores e princípios que espelham e refletem, mesmo que não de forma orgânica, as trocas simbólicas e a tríade dar-receber-retribuir em suas ações visíveis por meio de suas iniciativas de transição, locais e comunitárias. Há indicadores qualitativos, construídos por meio da análise de conteúdo, que nos permitem afirmar que o *site* movimento Cidades em Transição, alocado no endereço

<<http://transitionbrasil.ning.com/>>, foi empiricamente concebido sob o paradigma da dádiva e da hospitalidade como sua forma atenuada.

Neste estudo, as dimensões de acolhimento e convivialidade são essenciais para a sustentação e perenidade da hospitalidade como norteadora das interações sociais em lugares virtuais. A hospitalidade como norteadora das interações sociais é discutida por Camargo (2015) e a defesa de sua relevância encontra-se na complexidade das relações sociais na atualidade, especialmente como parte constituinte das reações e atitudes das pessoas nas redes sociais virtuais.

A responsabilidade de promover as interações sociais são imputadas a um dos personagens da hospitalidade - o anfitrião, o qual tem ainda a obrigação de auxiliar o outro personagem da hospitalidade - o hóspede, em sua inserção na comunidade. Ou, ainda, excluí-lo. A hospitalidade é assim entendida como necessária no exercício ao respeito às diferenças que fazem parte e estruturam uma sociedade; deve ser empreendida como o esforço da aceitação do incomum, das singularidades ou nas estranhezas; no entanto, não está livre de exigências comportamentais e suas leis ou normas como consequência.

Dimensão da hospitalidade, o acolhimento compreende procedimentos concentrados no momento inaugural das relações, fato que é precedido pela existência de rituais. Acolher favorece a interação social e sua recorrência permite a criação de vínculos sociais. Para Binet-Montandon (2011) a acolhida de maneira condicional é seguida de regras e ritos que correspondem às tradições de cada local e cultura. A acolhida no ambiente virtual, nesse sentido, carece ainda mais do cumprimento de ritos na tentativa de valorizar a inclusão pela própria condição de pluralidade que o espaço valoriza. A duração e o tempo da acolhida da hospitalidade podem transformá-la em uma situação efêmera, transitória e momentânea deixando evidenciar a exclusão em vez da integração do outro. Ritos e rituais de acolhimento devem ser mais valorizados nos lugares virtuais criando atmosfera intimista e de aproximação.

Enquanto variável da dimensão da hospitalidade, o movimento do convivialismo, filosoficamente, está ligado à dádiva e, sob seu paradigma, intensifica o condão do entendimento de como a sociedade precisa superar a ideia de que o homem é o centro das ações. Essa superação deve proporcionar a compreensão dos questionamentos que estão no cerne da declaração do convivialismo, ou seja, que a exaustão dos recursos naturais chegará para a sociedade se não houver cooperação entre as pessoas, e isso ainda impedirá a prosperidade do mundo. O foco é a coletividade; é fortalecer a comunidade para avançar nas melhores práticas de utilização dos recursos naturais. Não se joga nada fora: tudo fica no planeta Terra ou em seu sistema solar.

O esforço neste estudo é o de formular indicadores de análise da hospitalidade como forma atenuada da dádiva, responsável pelas interações sociais que oscilam em função da presença ou não das dimensões do acolhimento e do convivalismo como qualificação do comunitário. O ângulo agudo desse fenômeno está na comunicação em rede, cujas variáveis são a palavra escrita e ambiente virtual.

Graficamente o desenho dessa imbricação, ou como denominamos de camadas, é o que acontece entre anfitrião e hóspede e essa questão nos leva a indicar que, para que ocorra a hospitalidade, é imprescindível a existência de pessoas, de seres humanos, mesmo sendo mediada por computadores e *internet*. No centro do mapa cognitivo eles são figuras necessárias não só para a avaliação da graduação e a ausência das dimensões da hospitalidade que foram detectadas pelas mensagens postadas, respondidas ou comentadas nas páginas escolhidas para análise do *site*, versão antiga, hospedado em <<http://transitionbrasil.ning.com/>>.

Antes de apresentar a discussão dos resultados do primeiro e mais robusto método de testagem do pressuposto e as premissas do estudo, o que compõem o quadro cognitivo como a variável V1, para a tese ora defendida é importante discorrer ainda sobre os conceitos de ciberespaço e cibercultura de Lévy (2010) que emergem, respectivamente, de espaço e lugar os quais se constituem como a variável V2 no já referenciado quadro cognitivo.

As páginas “CONVERSAS EM GRUPO”, “GRUPOS” e “*BLOG*”, caracterizadas como lugares virtuais, estão assim denominadas neste trabalho pela interpretação dos textos de Santaella (2014) e nas concepções de Harrison e Dourish (1996).

Espaços são, segundo Santaella (2014), ambientes onde as peças se apresentam de forma tridimensional e de função relativa. Dito de outra maneira, nos espaços os objetos têm comprimento, altura e largura, mas a importância deles é relativa em função de seus significados. Nos lugares se encontram as significações desses objetos alcançadas por meio das influências culturais e do comportamento de seus participantes. Santaella (2014) reflete o pensamento inicial de Harrison e Dourish (1996), cujos estudos e definições sobre espaço e lugares estão concentrados na virtualização. Os estudos chamam a atenção pela profundidade na distinção entre espaço e lugar do ponto de vista sociológico e não tecnológico. Ambiente virtual refere-se ao *website Transition Brasil* e sua abrangência institucional. Lugar virtual são as páginas, locais de convivência, de troca e de interação social. Lugares virtuais são caracterizados por sistemas colaborativos que dependem da ocorrência de padrões de comportamento. Dessa forma parece viável afirmar que a hospitalidade como sentido social ocorre num lugar virtual, num espaço de convivência e interação como um *blog* ou ainda que a

cibercultura é o lugar das práticas da hospitalidade e o ciberespaço o ambiente onde elas podem ocorrer.

8.1 A CAMADA DAS CATEGORIAS DA HOSPITALIDADE E POSSÍVEIS MODELOS

As descrições detalhadas sobre as etapas do fluxo de Bardin (2011) para o desenvolvimento da análise de conteúdo resultaram em descobertas utilizadas para a discussão das premissas do estudo. A primeira delas é de que somente 12,43% dos membros inscritos no *site* postaram diferentes mensagens nas páginas estudadas: “CONVERSAS EM GRUPO”, “GRUPOS” e “*BLOG*”. Essa relação se dá por meio de 2 356 membros cadastrados *versus* 293 membros atuantes. O período dessa medida é de 2009 a 2021, totalizando 12 anos. Um percentual baixo levando em consideração o número de membros, o número de páginas ofertadas e o tempo de existência do espaço virtual.

O desdobramento desses números gerais, ação denominada de camada, conduzirá à indicação de possíveis modelos que correspondam ao fluxo das dimensões da hospitalidade na relação entre anfitrião e hóspede em lugares virtuais. A indicação dos possíveis modelos se inicia com a quantificação das postagens realizadas pelos anfitriões em duas páginas avaliadas: “CONVERSAS EM GRUPO” e “*BLOG*”, cujos perfis e objetivos incluem a tendência da interação e troca de ideias, daí adquirirem a perspectiva de um lugar virtual. Os resultados numéricos incluem a conversão das mensagens dos anfitriões em respostas de hóspedes, e ainda, quantas dessas respostas foram observadas pelos anfitriões e quantas foram ignoradas.

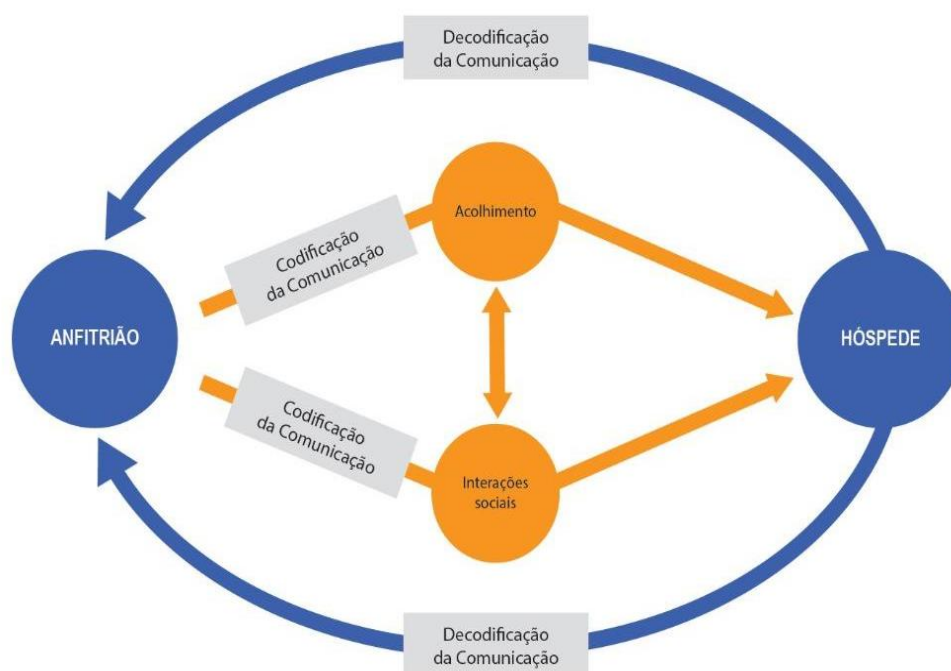
Em “CONVERSAS EM GRUPO” 44 anfitriões interagiram com 22 hóspedes gerando 116 postagens. Dessas, em 29 postagens sobressaem os termos relativos à categoria da **hospitalidade** e o **acolhimento do outro** apresentando 555 palavras e seus sinônimos codificados pelo *software* NVivo.

Em “*BLOG*” 72 anfitriões interagiram com 144 hóspedes gerando 1 089 postagens. Dessas, 889 foram analisadas em função da não leitura do *software* NVivo em imagens e vídeos. O resultado recai na identificação dos termos relativos à categoria **hospitalidade na sustentação das interações sociais** com 395 palavras codificadas sem sinônimos.

O modelo, dessa forma, parte da indicação de que o anfitrião de lugares virtuais deve se comportar como tal em suas postagens, ou seja, deve compreender o papel da hospitalidade na troca entre alguém que recebe e alguém que é recebido, cujo contato pode resultar em concordância e apaziguamento e ainda usar de palavras (codificação de signos) que remetam,

ou seja, produzam uma comunicação que seja percebida (decodificação de signos) pelos hóspedes como acolhedora e voltada para as interações sociais, e respondam ao anfitrião.

Esquema 12 - Modelo de fluxo das categorias da hospitalidade na comunicação entre anfitrião e hóspede em lugares virtuais



Fonte: A autora, 2021

A premissa formulada que envolve a afirmação de que tanto para anfitriões quanto para hóspedes a hospitalidade é entendida de forma recorrente quando a comunicação entre os participantes das redes sociais virtuais leva em conta as diferenças de *hardware* e *software*, ou seja, estão alinhadas com a tecnologia e a interatividade que os ambientes devem proporcionar, foi confirmada durante o processo de construção do modelo em questão. O maior número de postagens está nestes dois lugares virtuais: 1 205. Mesmo sendo uma pequena parte dos 12,43%, ela sinaliza a vocação dos espaços virtuais, ainda que pensados de forma orgânica e não de forma planejada como o *Transition Brasil*, em favorecer a comunicação entre seus participantes pela condição de causa e consequência que as dimensões da hospitalidade apontam por meio das análises de conteúdos. A nuvem de palavras formulada em “*BLOG*” para a hospitalidade e as interações sociais como dimensão mais evidente auxilia na interpretação da validação da referida premissa.

Figura 48 - Representação gráfica das nuvens de palavras



Fonte: NVivo, 2021

Vale ressaltar que na nuvem de palavras de “*BLOG*” encontra-se o apelido de Isabela Maria Gomez de Menezes, a Issa, cabendo dessa forma a inferência de que uma pessoa pode ser sinônimo de hospitalidade. Isabela é, sem dúvida, a anfitriã com maior número de postagens tanto no “*BLOG*” quanto em “*CONVERSAS EM GRUPO*”, e esse fato também será gerador de discussões no item sobre o desenho das redes.

A página “*GRUPOS*”, com suas características que estimulam a interação de seus usuários entre si sem haver uma clara distinção entre anfitriões e hóspedes, registrou, por meio da análise de conteúdo, maior incidência de termos ligados à categoria da hospitalidade e da convivência, apresentando 2 700 palavras e seus sinônimos, reforçando a característica de uma interação muito próxima entre os personagens. Foram computados 133 usuários que postaram 304 mensagens. Num possível modelo de fluxo das dimensões da hospitalidade na comunicação entre hóspedes e anfitriões, a figura que codifica a comunicação e a figura que decodifica a comunicação é composta pelos papéis de anfitrião - hóspede e isso propicia a representação gráfica como demonstrado no esquema 13.

Esquema 13 - Modelo de fluxo das categorias da hospitalidade na comunicação entre figura com papel de anfitrião e hóspede em lugares virtuais



Fonte: A autora, 2021

É na validação da premissa que a hospitalidade é norteadora das interações sociais entre anfitriões e hóspedes, e entre hóspedes e hóspedes, quando expressa por meio de palavras que promovam vínculos sociais de união, que se assenta o modelo produzido. Apesar de representar o menor volume de postagens (304), a análise de conteúdo captou a dimensão da hospitalidade e da convivência, a qual se organiza em torno de conceitos de viver bem em comunidade, entre outros já citados. A nuvem de palavras é representativa e estimula a reflexão sobre qual será o comportamento de um lugar virtual cuja organização e planejamento fundamenta-se nos conceitos de hospitalidade.

Figura 49 - Nuvem de palavras



Fonte: NVivo, 2021

Parte desse comportamento está registrado no planejamento e criação do novo *site* do movimento, lançado em 15 de abril de 2021. A percepção é de que este espaço virtual assim pode ser identificado inicialmente por ser considerado a porta de entrada de um *site*. Essa percepção se desdobra em função da possibilidade de ele adquirir características de lugar virtual

mediante a atuação dos personagens que o constroem e estimulam as interações sociais que fortalecem os vínculos individuais e coletivos. A ênfase no papel do anfitrião na concretização da proposta de formulação de espaços virtuais à luz da hospitalidade perpassa a elaboração dos textos, especialmente para o *blog*. O esforço é de transformá-lo num lugar virtual acolhedor, que promova as interações sociais intensas cujos vínculos consequentes sustentem a convivialidade e permitam a validação de mais uma premissa formulada: os anfitriões do *website* Cidades em Transição percebem a importância da hospitalidade pela experiência de apoio à causa que defendem. A constatação de que as atitudes acolhedoras do anfitrião tendem a redundar em relações perenes, principalmente após o primeiro contato com o hóspede, fundamentou a elaboração do novo *blog*.

Por meio do procedimento metodológico da pesquisa-ação foi possível o contato com as representantes do *Hub* Brasil durante um ano e nove meses. Os princípios e valores do movimento Cidades em Transição integram a experiência pessoal de cada uma delas. O acolhimento recebido tanto pela pesquisadora quanto pelo seu trabalho foi responsável pelo cumprimento do protocolo do procedimento de maneira integral e tranquila e apresentou excelentes resultados na visão do grupo.

O modelo proposto para o fluxo das dimensões da hospitalidade na comunicação entre anfitrião e hóspede em lugares virtuais, onde há acolhimento e interações sociais de forma relacional de causa e consequência entre elas, está em consonância com os princípios que fundamentam a formulação desta tese de que existe uma ecologia da hospitalidade em rede na comunicação do movimento Cidades em Transição em sua rede social, denominada *Transition* Brasil.

O novo *site* é uma criação que une as características da plataforma WordPress e os conceitos de *design* contemporâneo de criação de *websites*. O novo endereço perde a configuração de rede social presente no antigo *site*. Nesse sentido, o *blog* no novo *site* apresenta-se como o mais representativo lugar virtual de hospitalidade projetado sob a influência e a consolidação das características das três páginas estudadas do antigo *site*: “CONVERSAS EM GRUPO”, “GRUPOS” e “BLOG”. Para melhor compreensão das principais diferenças técnicas entre o *site* novo e o antigo, o quadro 9 relaciona as características de cada um.

Quadro 9 - Principais diferenças técnicas entre o novo e o antigo *site* do movimento Cidades em Transição

	Plataforma	Domínio	Arquitetura da Informação	Páginas de Interação	Design
Novo <i>site</i>	WordPress	https://transitionbrasil.com/	Menu dinâmico e alinhado; botões que estimulam um maior aproveitamento do site; animações que destacam as atividades do movimento; <i>blog</i> atualizado; formulário para contato.	<i>Blog</i>	Colorido, com animações e com linguagens diversificadas (texto, audiovisual e fotografia).
<i>Site antigo</i>	Ning	http://transitionbrasil.ning.com/	Menu estático e em duas linhas; número fragmentado de botões dispersando a consulta; sem animações; diversos ambientes; formulário para contato.	<i>Blog</i> , Conversas em Grupo e Grupos	Monocromático, sem animações e com linguagens diversificadas (texto, audiovisual e fotografia).

Fonte: A autora, 2021

Vale relembrar que o projeto editorial do *blog* do novo *site* baseou-se no conjunto das dimensões da hospitalidade para produzir um lugar virtual como elemento de socialização e de interações sociais; usufruir dos ritos e rituais de acolhimento e evidenciar conteúdos de convivialidade (a arte de viver juntos mesmo com oposições, mas sem massacres), levando em conta a finitude e a fragilidade do mundo (CAILLÉ, 2013). Tudo isso sob o paradigma da dádiva em contraposição ao individualismo e capitalismo. Nesse sentido, a abordagem é ressaltar que o que circula são valores não mercantis ou o círculo da dádiva da tríade dar, receber e retribuir.

Na formulação dos primeiros conteúdos está a proposta de estimular a aproximação e senso de pertencimento dos hóspedes do novo *site*. Lançando mão de uma mensagem acolhedora, informal e atrativa, foi feito um convite para uma votação sobre a escolha do nome do *blog* a partir de três opções: “Reimaginar”, “E se?” e “Futuros desejáveis”. Concomitantemente, a ideia foi de externar a importância de incluir os hóspedes e incentivá-los a interagir por meio da materialização dos elementos de acolhimento, inclusão e interação na produção da mensagem que também recebeu tratamento de convite, já que estimula a participação direta na produção de conteúdo para o *blog*. A ação recebeu o nome de “colaboradores regionais” na divulgação de informações sobre “os amores e as dores” de iniciativas de transição localizadas em diferentes pontos do país. Ao contar as experiências pessoais e coletivas que envolvem a manutenção delas, virá à tona os diversos nomes, rostos, e

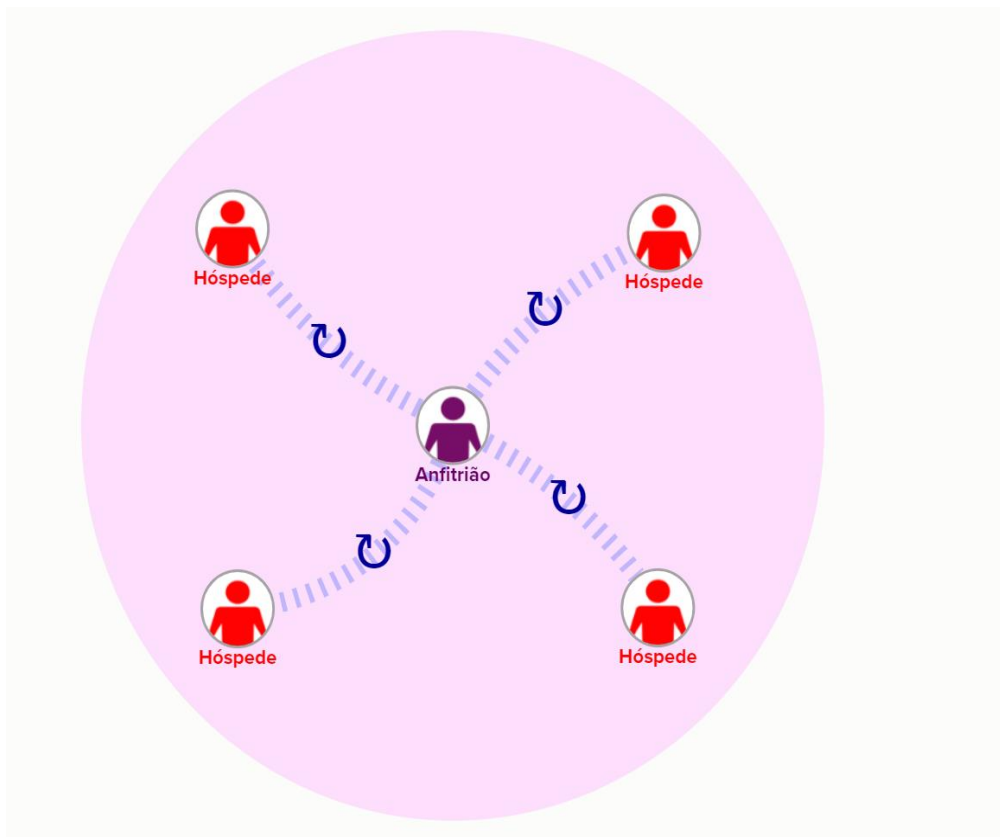
lugares de fala que o movimento tem. Os resultados da participação dos colaboradores, ainda não observados, tecnicamente denominados de artigos regionais, serão intercalados na agenda de postagens do *blog* com os artigos denominados de fundo, produzidos com o objetivo de divulgar a hospitalidade e provocar interesse em seus preceitos.

O primeiro dos artigos de fundo trata da hospitalidade como forma atenuada da dádiva. Seu título “O que nos une? Dar, receber e retribuir: os vínculos da hospitalidade” reúne um conjunto expressivo das palavras indutoras e indutivas responsáveis pela caracterização de sua linguagem e da mensagem codificada pelo anfitrião, a qual pretende argumentar sobre a importância da hospitalidade para as relações profícuas entre os apoiadores da causa, o que sustenta as iniciativas de transição. Ao final há o seguinte questionamento ao leitor: “E para você, o que nos une?”. A expectativa e o esforço do anfitrião é de que os comentários dos hóspedes em área destinada para tal aconteçam paulatinamente. Dar a cada comentário uma resposta imediata ou pelo menos num curto espaço de tempo, 24 horas, visa estimular a interação social. Certamente um desafio.

Não foi possível confirmar a premissa de que, tanto para anfitriões quanto para hóspedes, a hospitalidade é compreendida como uma etiqueta social nas interações em ambiente virtual, mesmo quando há divergência em relação às ideias propostas. Nenhum dos dois métodos empreendidos no estudo foram capazes de validá-la.

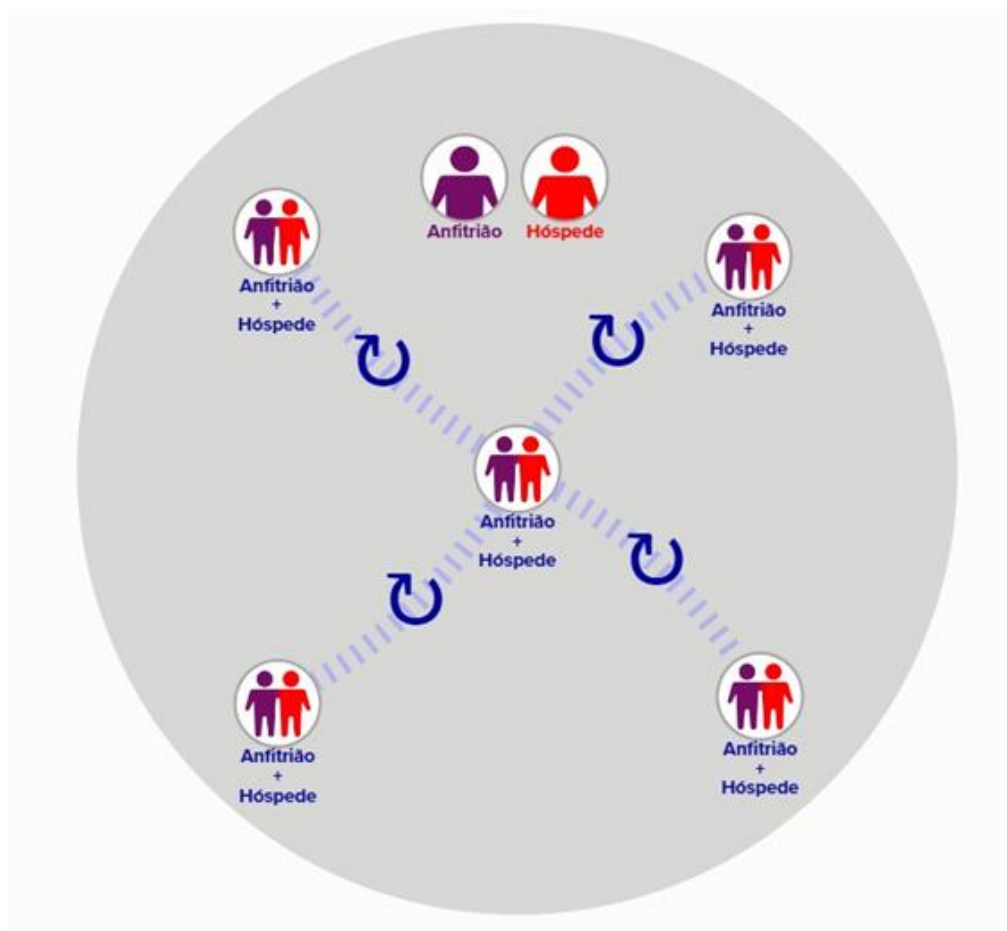
8.2 A CAMADA DOS POSSÍVEIS DESENHOS DE REDES

A camada dos possíveis desenhos de redes constitui-se a última a ser discutida porque finaliza a proposta da ecologia da hospitalidade. Ela está organizada no conceito da teoria das redes e está representada por esquemas que traduzem os principais componentes dessa teoria.

Esquema 14 - Representação gráfica de rede simples da hospitalidade

Fonte: A autora, 2021

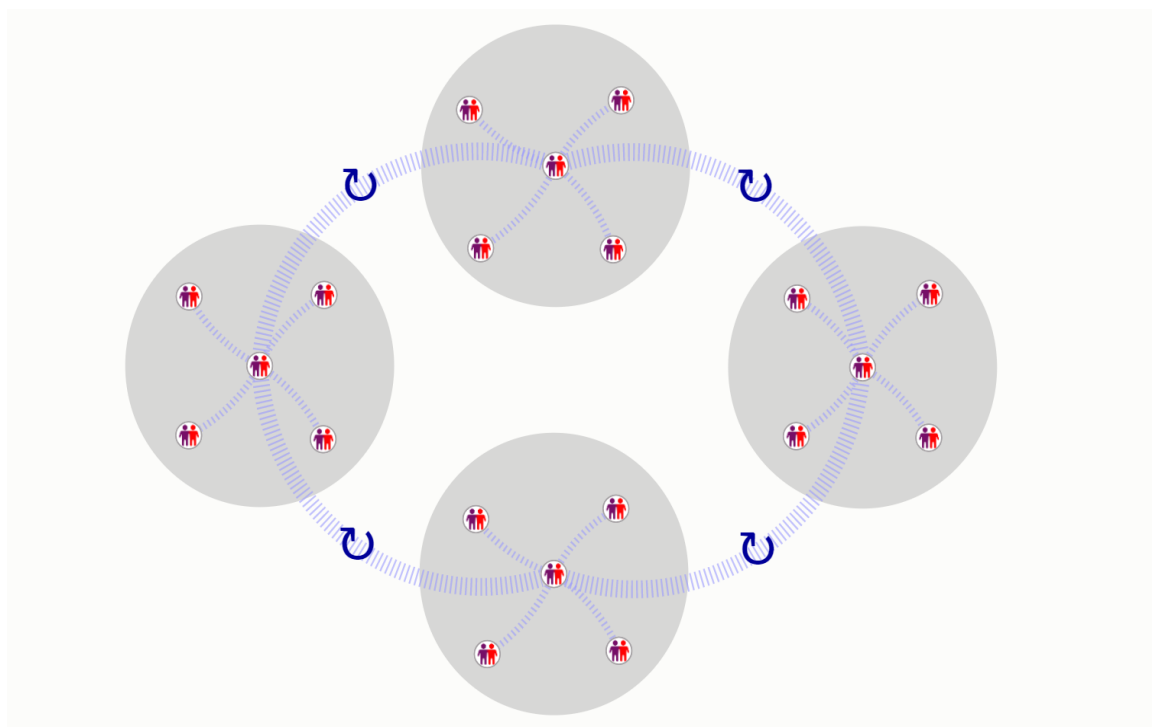
No esquema 14 uma rede que pode ser formada em torno da hospitalidade é aquela com existência de um nó central onde o personagem é o anfitrião, responsável pelo fluxo das dimensões da hospitalidade que compõem as arestas nas quais circulam as mensagens para vários nós onde o personagem é o hóspede. É uma rede simples de um nó conectando-se com muitos outros nós onde a dimensão do acolhimento pode não proporcionar ou provocar interações sociais em função do ambiente virtual em que se encontra. Em termos comunicacionais é a imersão, ou seja, a sensação de estar dentro que se manifesta.

Esquema 15 - Representação gráfica de rede moderadamente complexa da hospitalidade

Fonte: A autora, 2021

Nessa rede, moderadamente complexa, o anfitrião recebe o hóspede formando diferentes nós. Nas arestas os rituais de acolhimento destacam-se como elementos da hospitalidade presentes no ambiente virtual. As interações sociais ocorrem em função do que acontece no ambiente. As trocas se estabelecem e os laços começam a frutificar. As relações de confiança se intensificam. As práticas da hospitalidade constante das arestas são sustentadas por meio da palavra e do diálogo como representado no esquema 15.

Esquema 16 - Representação gráfica de rede complexa da hospitalidade



Fonte: A autora, 2021

A rede de maior complexidade (esquema 16) tem núcleos de nós entre anfitrião e hóspede e em suas arestas circulam essencialmente a hospitalidade e as interações sociais. Cada núcleo se conecta com outros núcleos por meio de arestas onde circulam a dimensão da hospitalidade e da convivialidade para criar comunidades, trabalhar e agir pelo coletivo. Tem-se o envolvimento intenso no lugar virtual capaz de motivar anfitriões e hóspedes. Estabelece-se a meta-hospitalidade de Lugosi (2008) de estados temporários de espírito nos quais acontecem as manifestações positivas e interativas da hospitalidade. Meta-hospitalidade é o vínculo para movimentos comunicativos, denominados pelo autor de *comunitisque* com as vivências esporádicas que podem ser construídas. Cabe ressaltar que o contexto de formulação do conceito de meta-hospitalidade ocorre nos espaços de hospitalidade comercial onde o hóspede assume temporariamente o papel de anfitrião alterando o *status* dessa relação. “Argumenta-se que a meta-hospitalidade está ligada a momentos comunitários: laços emocionais de curta duração que podem ser construídos ou experimentados através de transações de hospitalidade” (LUGOSI, 2008, p. 139, tradução livre)²⁷.

²⁷ “It is argued that meta-hospitality is tied to *comunitisque* moments – short-lived emotional bonds that may be built or experienced through hospitality transactions” (LUGOSI, 2008, p. 139).

Na perspectiva das páginas no antigo *site*, essa rede representa os grafos de “CONVERSAS EM GRUPO”.

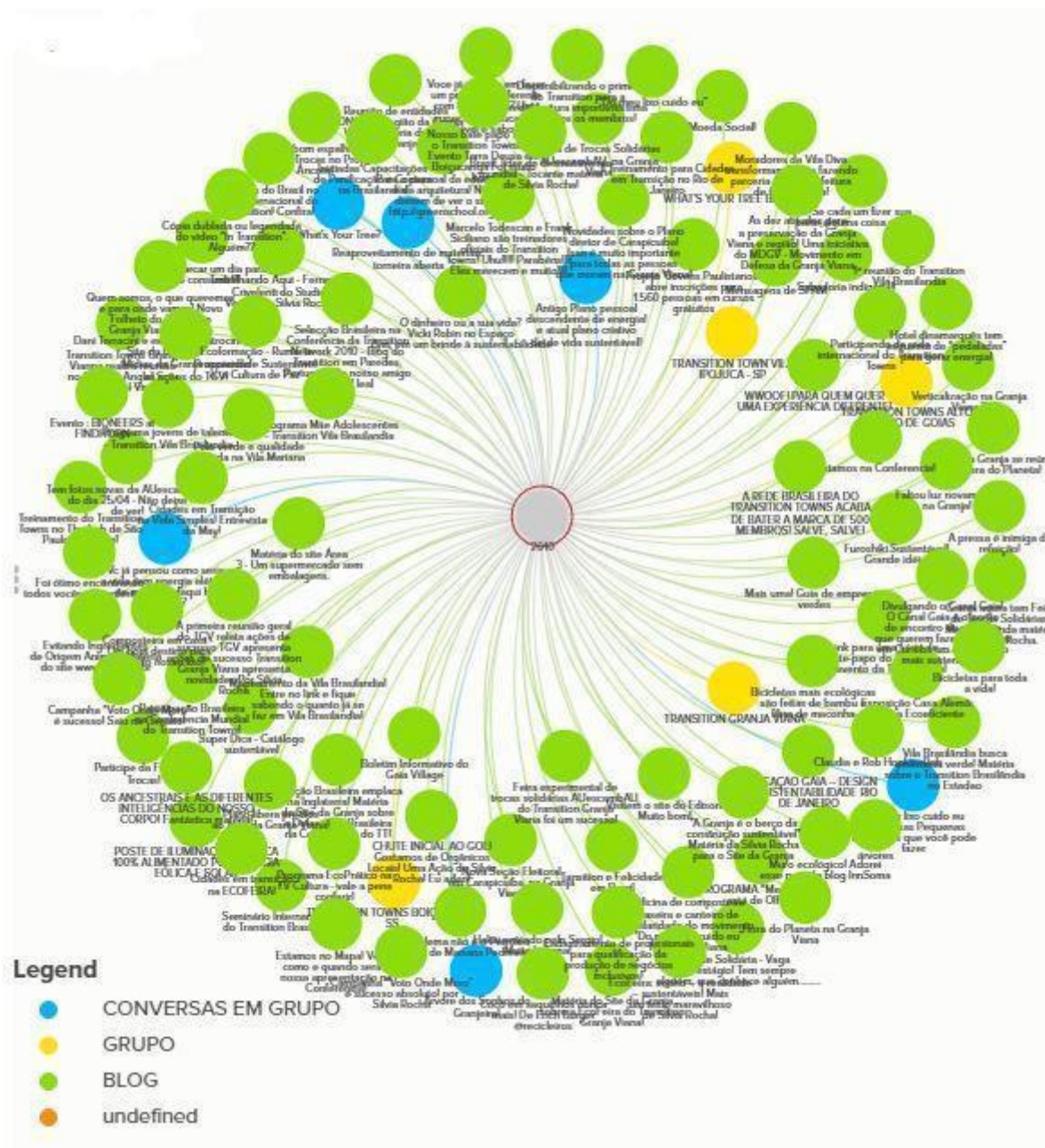
8.2.1 A rede de Isabela Maria Gomez de Menezes

Isabela Maria Gomez de Menezes é representante do *Hub* Brasil, responsável pelo *site* antigo e articuladora da concepção do novo *site*. Issa, como é conhecida, entrou para a nuvem de palavras do “*BLOG*” como mencionado, ensejando a afirmação de que uma pessoa pode ser sinônimo de hospitalidade. Dessa forma, parece ser uma contribuição para o assunto em referência exemplificar, com base no anfitrião maior das páginas estudadas, como as redes do *Transition* Brasil se formam.

Quase um terço de tudo o que foi postado nas páginas estudadas são de responsabilidade de Isabela. São 496 postagens ao longo de 12 anos. De posse da observação complementar de que há uma diminuição ao longo desses anos nas postagens e nos comentários que denotam interação entre os membros do *site*, e que isso seja decorrente da atratividade de outras redes sociais virtuais²⁸ que surgiram ao longo desses anos, as representações a seguir demonstram a situação de diminuição em três momentos: 2010, 2015 e 2020.

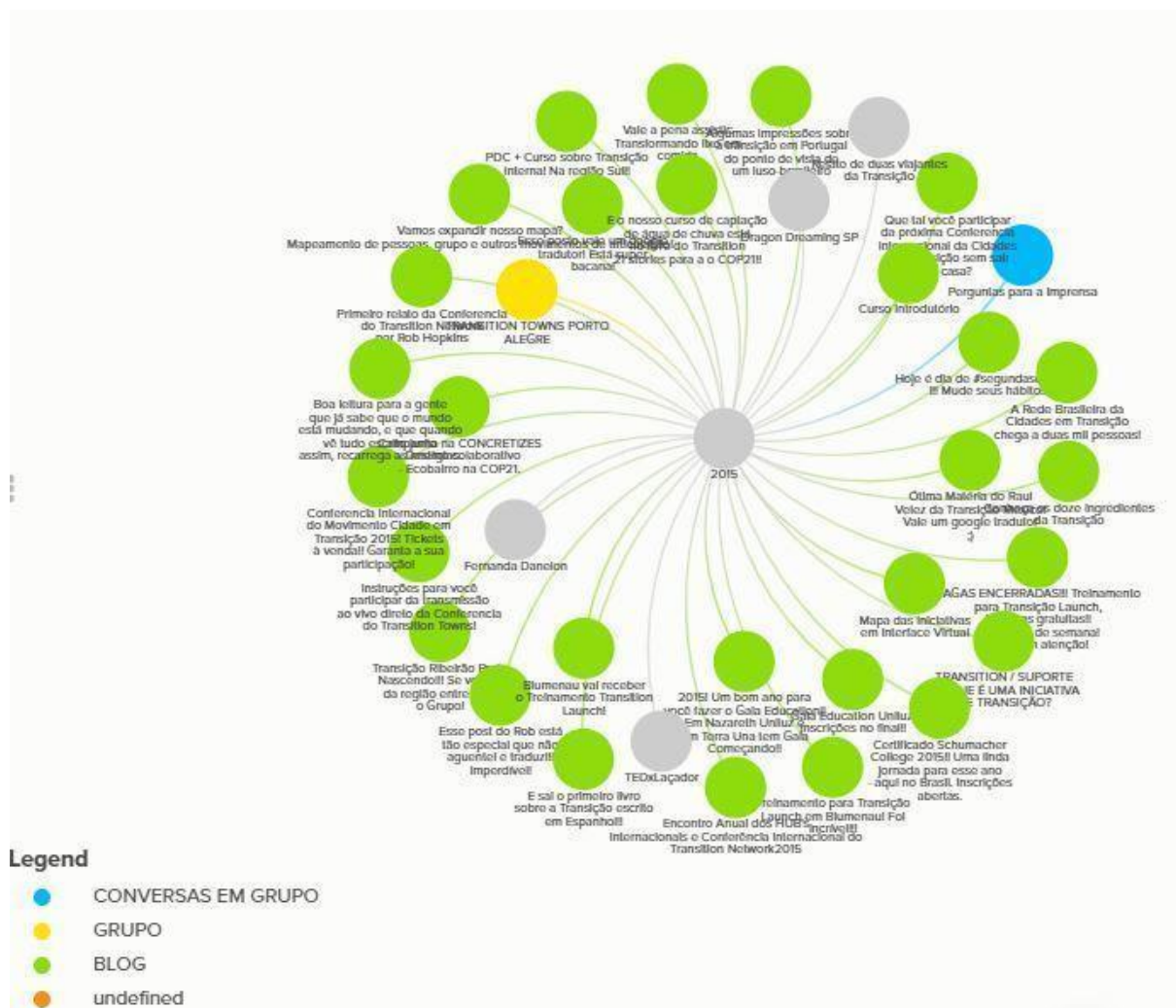
²⁸ Por outras redes sociais estão indicadas: Facebook, Twitter e Instagram, além do aplicativo WhatsApp.

Esquema 17 - Representação gráfica da rede de Isabela Maria Gomez de Menezes no ano de 2010 no site Transition Brasil, nas três páginas avaliadas



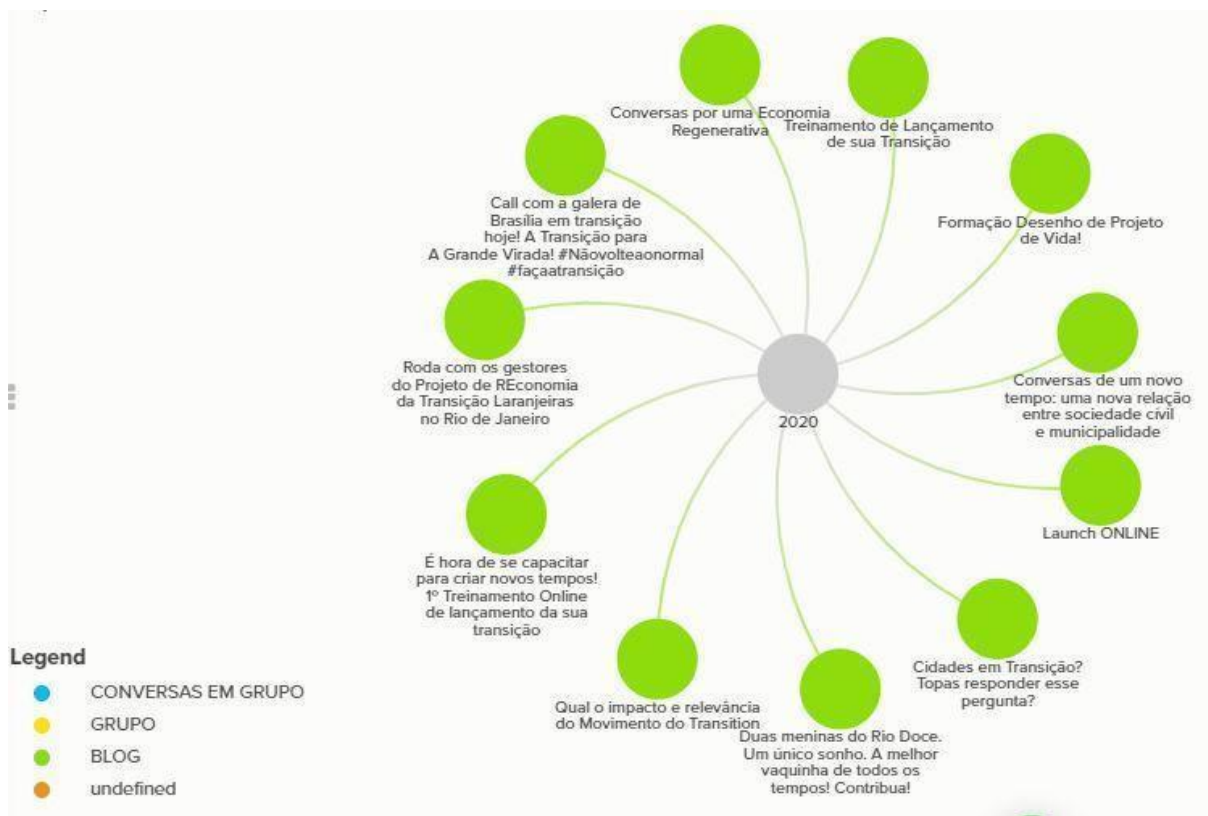
Fonte: NVivo, 2021

Esquema 18 - Representação gráfica da rede de Isabela Maria Gomez de Menezes no ano de 2015 no site *Transition* Brasil, nas três páginas avaliadas



Fonte: NVivo, 2021

Esquema 19 - Representação gráfica da rede de Isabela Maria Gomez de Menezes no ano de 2020 no site *Transition* Brasil, nas três páginas avaliadas



Fonte: NVivo, 2021

Os diferentes formatos de redes reafirmam a capacidade das dimensões da hospitalidade na articulação e relacionamento entre seus nós se adotadas como premissa para tal. As arestas dos desenhos são as pontes por onde transitam os elementos da hospitalidade numa comunicação em rede.

A generalização dos desenhos, que iniciam o subtítulo proposto para *websites* de cunho institucional, deve auxiliar na melhoria do desempenho nas relações e nas trocas objetivadas pelo espaço.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz parte do processo de uma pesquisa de doutorado sofrer adequações ao longo do período em que se desenvolve. Este projeto iniciou seu percurso em fevereiro de 2017, à época do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, com o título: A hospitalidade virtual e suas implicações no planejamento e construção de *websites* na prestação de serviços como estratégia de comunicação integrada e sua contribuição para o fortalecimento da imagem institucional de uma organização do segmento editorial. Inicialmente inscrito na linha de pesquisa de hospitalidade na competitividade em serviços, o contato com o tema decrescimento econômico, sugerido pela professora orientadora, provocou profundas mudanças na proposta que redundaram na construção da tese que ora se apresenta. No referido programa, a linha Dimensões e Contextos da Hospitalidade, ao qual o projeto foi adequado, expressa seu *corpus* teórico em diferentes abordagens do acolhimento, da sociabilidade, da educação, entre outros, na produção científica da área. É nesse contexto que o tema do estudo se apresentou: a hospitalidade em ambiente virtual na comunicação do movimento Cidades em Transição.

À banca de qualificação apresentamos as bases metodológicas centradas na pesquisa qualitativa, no paradigma interpretativista e organizada em três estratégias: pesquisa-ação, análise de conteúdo e análise de discurso. Naquele momento, outubro de 2020, a oportunidade de implantar o protocolo de Thiollent (1986) já fazia parte do método desde o segundo semestre de 2019. Houve atraso no lançamento do novo *site* e não foi possível observar os resultados propostos na última etapa do protocolo da pesquisa-ação, denominada pelo referido autor como a fase de circulação da informação a qual concentra-se no registro das descobertas, discussão sobre as ações e tomada de decisões. Preocupação concretizada, pois os resultados que compõem a tese não completam o ciclo em termos da observação e sistematização das descobertas das ações propostas, já que o novo *site* do *Transition* Brasil foi lançado em 15 de abril de 2021. Ressalta-se nesse aspecto que a expectativa em torno da construção do *site* de forma colaborativa e com inserção da pesquisadora no grupo de trabalho configurou-se como um ato de hospitalidade, estimulando ainda mais o sentimento de confiança na concretização do estudo.

O protocolo da análise de conteúdo validado na qualificação como um passo fundamental no alcance dos objetivos propostos no estudo se manteve como tal e foi ampliado em termos das diversas combinações e interpretações dos dados que o *software* NVivo pode apresentar, estendendo sua atuação no apoio à proposição das redes da ecologia da

hospitalidade, enriquecendo o trabalho e abrindo portas para uma futura continuidade da pesquisa na construção de métricas de avaliação de resultados da implantação dos diferentes desenhos propostos: redes simples, moderadamente complexa e complexa de hospitalidade.

O desafio de implementar o protocolo da pesquisa-ação em meio a pandemia do Covid-19 pareceu carregar consigo um paradoxo, já que não permitiu o contato pessoal entre a pesquisadora e as integrantes do Hub Brasil, porém, foi exatamente a condição da distância e da virtualização que fortaleceu os laços e a confiança no desenvolvimento do estudo. A experiência da hospitalidade absoluta ou incondicional, mais uma vez aqui mencionada, não pode ser medida ou sistematizada como a ciência determina, mas foi sentida e aplicada no período de trabalho, o que sugere atenção em futuras investigações.

Propor um modelo conceitual da ecologia da hospitalidade em rede foi objetivo geral alcançado, assim como os objetivos específicos formulados, já que o conceito contempla a identificação dos elementos de hospitalidade e compreende a ocorrência da interface entre a hospitalidade e a comunicação em ambiente virtual e em rede. Avança no modelo proposto quando apresenta os desenhos sobre processos comunicacionais e possíveis redes sem perder de vista o reconhecimento da hospitalidade como fator norteador das interações sociais. O modelo conceitual da ecologia da hospitalidade em rede foi ainda aplicado na rede social *Transition Brasil*.

Não foram validadas todas as premissas e é possível afirmar que existiram lacunas teóricas e metodológicas nesse sentido, especialmente no que tange à premissa formulada: tanto para anfitriões quanto para hóspedes a hospitalidade é compreendida como uma etiqueta social nas interações em ambiente virtual, mesmo quando há divergência em relação às ideias propostas. Para validá-la seria preciso recorrer à trajetória das normas e regras de não oficiais a oficiais como resultado do desenvolvimento e da ampliação do uso dos canais de comunicação criados no ambiente virtual da *internet*.

O entendimento e a medição da inospitalidade em duas páginas estudadas “CONVERSAS EM GRUPO” e “*BLOG*” organizaram-se em torno das descobertas inesperadas. Em “*BLOG*”, no entanto, a ocorrência não está relacionada à etiqueta social e sim à intenção do anfitrião em acolher o hóspede respondendo suas mensagens em diferentes momentos. Cabe ressaltar que a possibilidade do acontecimento da meta-hospitalidade observada na “CAIXA DE RECADOS”, recurso presente na página “GRUPOS”, faz parte das descobertas inesperadas.

Há elementos que foram sistematizados por meio da análise de conteúdo, como o levantamento de sentimentos dos usuários do *site Transition Brasil*, colhidos em termos

codificados pelo *software* NVivo nas opiniões registradas em duas pesquisas realizadas pelo *Hub* Brasil e uma pesquisa ligada diretamente às necessidades do estudo, que não compuseram especificamente um tópico do trabalho, mas podem ser úteis numa provável continuidade da pesquisa. Eles caracterizam-se como respostas dos usuários e participantes do ambiente virtual.

A contribuição da tese sobre a ecologia da hospitalidade em rede recai ainda na possibilidade de sua generalização para diferentes formatos e necessidades, incluindo o estabelecimento de métricas e avaliação de resultados das dimensões da hospitalidade em lugares virtuais. Sua utilidade pode extrapolar o contexto do estudo por se tratar de um modelo que autoriza integrar-se à pesquisa de outros fenômenos da hospitalidade, sociais ou comunicacionais, ampliando a capacidade de interpretação de resultados experimentais. Mais do que isso, já que sua aplicação, por meio da pesquisa-ação, transformou a realidade da elaboração do novo *site* do movimento Cidades em Transição. Repercussão semelhante pode ocorrer em demais contextos de estudos como nos diversos produtos da *internet*. Ainda que a aplicação do modelo não tenha conseguido medir o retorno, ou seja, a resposta dos hóspedes, é possível confirmar a importância do anfitrião na preparação do ambiente e do lugar virtual lançando mão das dimensões da hospitalidade como acolhimento, interações sociais e convivialidade. A circulação da hospitalidade como forma atenuada da dádiva em formatos diferentes de redes, como as propostas nesta tese podem transformar as relações e as interações sociais já que a virtualização, mais do que uma realidade, é uma necessidade dos tempos modernos. A sociedade em rede precisa disso.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A.; BRAND, U. **Pós-extrativismo e decrescimento**: saídas para o labirinto capitalista. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2018.
- AURINDO, M. J.; MACHADO, C. Muvitur® (virtual museum of tourism): A new approach to tourism history. **Journal of Tourism History**, Estoril, v. 8, n. 3, p. 300-309, 2017. DOI: 10.1080/1755182X.2017.1288763.
- BAITELLO JUNIOR, N. Comunicação, mídia e cultura. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n. 4, out.-dez. 1998. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf>. Acesso em: 6 set. 2020.
- BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011.
- BARABÁSI, A. L.; ALBERT, R. Emergence of scaling in random networks. **Science**, Washington, v. 286, n. 5439, p. 509-512, 1999. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/286/5439/509>>. Acesso em: 6 set. 2020.
- BARAN, P. Introduction to Distributed Communications Networks. **Distributed Communications - RAND Corporation**, Santa Monica, 1964. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/research_memoranda/RM3420.html>. Acesso em: 6 jun. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BASTOS, S.; REJOWSKI, M. Pesquisa científica em hospitalidade: desafios em busca de uma configuração teórica. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. XII, n. especial, p. 132-159, mai. 2015.
- BENVENISTE, É. O vocabulário das instituições indo-europeias. In: **Economia, parentesco, sociedade**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. v. 1, p. 87-101.
- BESSONE, M. Do eu ao nós. In: MONTANDON, A. (Ed.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 1267-1279.
- BINET-MONTANDON, C. Acolhida - uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011.
- BREUKEL, A.; GO, F. M. Knowledge-based network participation in destination and event marketing: A hospitality scenario analysis perspective. **Tourism Management**, Oxford, v. 30, n. 2, p. 184-193, 2009. DOI: 10.1016/j.tourman.2008.05.015.
- CAILLÉ, A. A dádiva das palavras - O que dizer pretende dar. In: MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. O dom entre interesse e “desinteressamento”. **Realis - Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais**. Recife, v. 3, n. 1, p. 7-42, jan.-jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/realis/>>. Acesso em: 9 mar. 2015.

_____. O convivialismo, uma ideia nova para evitar a catástrofe. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, jun. 2013. Entrevista concedida a Olivier Nouaillas. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521829-o-convivialismo-uma-ideia-nova-para-evitar-a-catastrofe-entrevista-com-alain-caille>>. Acesso em: 3 mai. 2021.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CAMARGO, L. O. de L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 12, n. especial, p. 42-69, mai. 2015. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/574>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

_____. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, 15 (2), e-2112, mai.-ago. 2021. <<http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v15i2.2112>>. Disponível em: <<https://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/2112>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

CAPRA, F. **A teia da vida** - Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CARDOSO, G.; CÁDIMA, R. Média, Redes e Comunicação. CARDOSO, G. **Da Comunicação de Massa para a Comunicação em Rede**. Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2009. E-book. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301789906_Da_Comunicacao_de_Massa_para_a_Comunicacao_em_Rede>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CASAGRANDE, L.; FREITAS, N. C. Organizar na era dos sistemas: as contribuições críticas de Ivan Illich aos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, abr.-jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395177954>.

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. São Paulo: Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede**. 8.ed, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIBORRA, C. **The labyrinths of information**: Challenging the wisdom of systems. Oxford: Oxford University Press, 2002.

CONTRERA, M. S. Sobre a Ponte Inexistente. **Revista Ghrebh V**, v. 2, n. 10, 2007. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2010/02_apresentao.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2019.

D'ALISA, G.; DEMARIA, F.; DERIU, M. Care. In: D'ALISA, G.; DEMARIA, F.; KALLIS, G. **Degrowth: A vocabulary for a new era**. New York: Routledge, 2015.

D'ALISA, G.; DEMARIA, F.; KALLIS, G. **Degrowth: A vocabulary for a new era**. New York: Routledge, 2015.

DEALE, C. S. Incorporating Second Life into online hospitality and tourism education: a case study. **Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education**, Reino Unido, v. 13, p. 154-160, 2013. DOI: 10.1016/j.jhlste.2013.09.002.

_____. Students don't have to pack their bags: A case study of an international hospitality and tourism classroom experience without leaving home. **Journal of Hospitality and Tourism Education**, Reino Unido, v. 30, n. 1, p. 65-70, 2018. DOI: 10.1080/10963758.2017.1413377.

DENCKER, A. de F. M. Considerações Finais: hospitalidade e mercado. In: DENCKER, A. de F. M. (Coord.). **Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade**. São Paulo: Thomson, 2004.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R. Teoria, método e criatividade. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8235>>. Acesso em: 18 set. 2016.

_____. **Net-Ativismo**. Da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017.

DIAS, J. A.; CORREIA, A.; LÓPEZ, F. J. M. The meaning of rental second homes and places: The owners' perspectives. **Tourism Geographies**, Reino Unido, v. 17, n. 2, p. 244-261, 2015. DOI: 10.1080/14616688.2014.959992.

FEOFILOFF, P.; KOHAYAKAWA, Y.; WAKABAYASHI, Y. **Uma introdução sucinta à teoria dos grafos**. São Paulo: IME-USP, 2011. E-book. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~yw/publications/books/TeoriaDosGrafos.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

GANNON, J.; RODRIGO, Z.; SANTOMÀ, R. Learning to work interculturally and virtually: Developing postgraduate hospitality management students across international institutions. **International Journal of Management Education**, v. 14, n. 1, p. 18-27, 2016. DOI: <<https://doi.org/10.1016/j.ijme.2016.01.002>>.

GARCÍA, M. R.; SILVA, P. F. da. Acquisition of language and intercultural competences in tourism and hospitality studies through active experimentation in second life. **Teaching English with Technology**, v. 18, n. 2, p. 69-92, 2018. Disponível em: <<https://www.tewtjournal.org/issues/volume-18/volume-18-issue-2/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

GARRIGOS-SIMON, F. J.; GALDON, J. L.; SANZ-BLAS, S. Effects of crowdvoting on hotels: The booking.com case. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 29, n. 1, p. 419-437, 2017. DOI: 10.1108/IJCHM-08-2015-0435.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.

GODBOUT, J. T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira das Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38godbout.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GODELIER, M. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOTMAN, A. La question de l'hospitalité aujourd. In: **Communications**, n. 65, 1997. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1997_num_65_1_1983>. Acesso em: 30 jul. 2017.

GRASSI, M-C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011.

GRONDIN, J. **Filosofia hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HARRISON, S.; DOURISH, P. **Re-Place-ing Space: The Roles of Place and Space in Collaborative Systems**. Xerox Palo Alto Research Center †Rank Xerox Research Centre, Cambridge Lab (EuroPARC). 1996. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/220879650_Re-Place-Ing_Space_The_Roles_of_Place_and_Space_in_Collaborative_Systems/link/09e4150be9da6596c9000000/download>. Acesso em: 14 mar. 2021.

HEIM, M. **Virtual realism**. New York: Oxford University Press, 1998.

HOPKINS, R. [S.l.], 2019. Disponível em: <<https://www.robhopkins.net/>>. Blog: Imagination taking power.

HSIAO, H-C.; CHEN, J-S.; HONG, K. Building the vocational phase of the computerized motor skills testing system for use in the electronics and electrical engineering group and hospitality group. **Interactive Learning Environments**, v. 24, n. 6, p. 1280-1297, 2016. DOI: 10.1080/10494820.2014.994531.

HSU, L. The perceptual learning styles of hospitality students in a virtual learning environment: The case of taiwan. **Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education**, Reino Unido, v.10, n. 1, p. 114-127, 2011. DOI: 10.3794/johlste.101.325.

ILLICH, I. **Tools for conviviality**. New York: Harper & Row, 1973.

ISABELA Maria Gomez de Menezes. Entrevista 1. Entrevistador: Maria José Rosolino. São Paulo, Data de realização 23 fev. 2020. Tempo de duração: 55 min. 13 seg. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B.

JEONG, S. H. A global cinematic zone of animal and technology. **Angelaki - Journal of the Theoretical Humanities**, v. 18, n. 1, p. 139-157, 2013. DOI: 10.1080/0969725X.2013.783435.

KIM, J.; GATLING, A. The impact of using a virtual employee engagement platform (VEEP) on employee engagement and intention to stay. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 30, n. 1, p. 242-259, 2018. DOI: 10.1108/IJCHM-09-2016-0516.

KOVACEVIC, N. Europe as host/hostage: On strange encounters and multicultural love in contemporary cinema. **Interventions**, v. 14, n. 3, p. 361-376, 2012. DOI: 10.1080/1369801X.2012.704496.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 14, jun. 2000. DOI: 10.1590/S0104-44782000000100010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782000000100010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2017.

LARDELLIER, P. Espetáculos performativos. In MONTANDON, A. (Ed.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 1185-1193.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. (Org.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

LATOUCHE, S. **Le pari de la décroissance**. Paris: Fayard, 2006.

_____. **Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEE, W.; GRETZEL, U. Tourism students' mental imagery ability: Implications for multimedia learning environments. **Journal of Teaching in Travel and Tourism**, v. 10, n. 4, p. 289-311, 2010. DOI: 10.1080/15313220.2010.525422.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

LYNCH, P.; MOLZ, J. G.; MCINTOSH, A.; LUGOSI, P.; LASHLEY, C. Theorizing hospitality. **Hospitality and Society**, v. 1, n. 1, p. 3-24, 2011. DOI:10.1386/hosp.1.1.3_2.

LUGOSI, P. Hospitality Spaces, Hospitable Moments: Consumer Encounters and Affective Experiences in Commercial Settings. **Journal of Foodservice**, v. 19, n. 2, p. 139-149, abr. 2008. DOI: 10.1111/j.1745-4506.2008.00092.x. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/227717522_Hospitality_spaces_hospitable_moments_Consumer_encounters_and_affective_experiences_in_commercial_settings>. Acesso em: 1 abr. 2021.

MANZI, J.; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, F. O desconhecido que bate à minha porta. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**, p. 795-804. São Paulo: Senac, 2011.

MARCONDES FILHO, C. **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

MARTINO, L. M. de S. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. E-book.

MARTINS, P. H. A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 73, p. 45-66, 2005. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.954>.

_____. A dádiva e o terceiro paradigma nas ciências sociais: as contribuições antiutilitaristas de Alain Caillé. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, n. 44, p. 162-196, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004406>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

MIKLOS, J.; ROCCO, A. S. A. Ecologia da comunicação: desafios para a concepção de uma comunicação cidadã. **Revista Paulus**. Comunicação – os desafios emergentes na América Latina, São Paulo, v. 2, n. 3, 2018.

MKONO, M. Investigating hospitality consumers through netnographic methods. CHEN, J. - S. (Ed.). **Advances in Hospitality and Leisure**, Bingley, v. 8, p. 235-246, 2012. DOI: 10.1108/S1745-3542(2012)0000008016.

MONTANDON, A. Hospitalidade: ontem e hoje. In DENCKER, A. F. M.; BUENO, M. S. (Org.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PATJAR, A.; KENSBOCK, S.; COX, R. Hospitality management students expectation and perception of a virtual field trip web site: An australian case study using Importance-Performance analysis. **Journal of Hospitality and Tourism Education**, v. 29, n. 1, p. 1-12, 2017. DOI: 10.1080/10963758.2016.1266941.

_____. Information and communication Technology-Enabled innovation: Application of the virtual field trip in hospitality education. **Journal of Hospitality and Tourism Education**, v. 29, n. 3, p. 129-140, 2017. DOI: 10.1080/10963758.2017.1336096.

PENFOLD, P. Learning through the world of second life - a hospitality and tourism experience. **Journal of Teaching in Travel and Tourism**, v. 8, n. 2-3, p. 139-160, 2008. DOI: 10.1080/15313220802634224.

PIRES, E. F. W. Entrevista com Massimo Di Felice. **Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 13, p. 7-19, jan-jun. 2016.

RECUERO, R. C. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. **Verso e Reverso**, Porto Alegre, v. 22, n. 51, 2008. DOI: 10.4013/ver.20083.01. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/6995/3976>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

_____. **Teoria das redes e redes sociais na internet**: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Católica de Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121985795651418859729998795470196200751.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.

ROBINSON, J. Assessing the value of using an online discussion board for engaging students. **Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2011. DOI: 10.3794/johlste.101.257.

ROSOLINO, M. J. **Reflexões sobre a hospitalidade virtual e suas implicações no planejamento e construção de websites no mercado editorial**. 2006. 88f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5902/198346591555>.

SAMBHANTHAN, A. *et al.* Virtual community based destination marketing with YouTube: Investigation of a typology. **International Journal of Web Portals**, v. 8, n. 1, p. 32-49, 2016. DOI: 10.4018/IJWP.2016010103.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Editora Paulus, 2014. E-book.

SANTANA, E. E. P.; AKEL, Z. S. O Interpretativismo, Seus Pressupostos e Sua Aplicação Recente na Pesquisa do Comportamento do Consumidor. In: I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 21-23 nov. 2007, Recife. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ENEPQ313.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SELLITO, M. A.; RIBEIRO, D. J. Construção de indicadores para avaliação de conceitos intangíveis em sistemas produtivos. **Gestão & Produção**, São Carlos, v.11, n.1, p.75-90, jan.-abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2004000100007>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SIAMIONAVA, K.; SLEVITCH, L.; TOMAS, S. R. Effects of spatial colors on guests' perceptions of a hotel room. **International Journal of Hospitality Management**, v. 70, p. 85-94, 2018. DOI: 10.1016/j.ijhm.2017.10.025.

SINGH, N.; LEE, M. J. Exploring perceptions toward education in 3-D virtual environments: An introduction to "second life". **Journal of Teaching in Travel and Tourism**, v. 8, n. 4, p. 315-327, 2008. DOI: 10.1080/15313220903047896.

SOX, C. B. *et al.* Virtual and hybrid meetings: A mixed research synthesis of 2002-2012 research. **Journal of Hospitality and Tourism Research**, v. 41, n. 8, p. 945-984, 2017. DOI: 10.1177/1096348015584437.

TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. A Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 7, n. 13, p. 10-23, 2015. Disponível em:

<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/408>. Acesso em: 3 mai. 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo: Cortez, 1986.

TORRES, E. N.; MEJIA, C. Asynchronous video interviews in the hospitality industry: Considerations for virtual employee selection. **International Journal of Hospitality Management**, v. 61, p. 4-13, 2017. DOI: 10.1016/j.ijhm.2016.10.012.

TRANSITION BRASIL. **Rede social virtual aberta**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.transitionbrasil.ning.com>. Acesso em: 5 jan. 2019.

TRANSITION BRASIL. **Website**. São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.transitionbrasil.com>. Acesso em: 15 abr. 2021.

TRANSITION FRANCE. **Rede social virtual aberta**. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://www.entransition.fr/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

TRANSITION NETWORK. **Homepage institucional**. [S.l.], 2019. Disponível em: <https://transitionnetwork.org/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set.-dez. 2005. Disponível em: <https://scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2020.

VAN-GENNEP, A. **Os Ritos de Passagem**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VANDENBERGHE, F.; VERAN, J-F. **Além do habitus**. Teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

WADA, E. K.; CAVENAGHI, A. J.; SALLES, M. do R. R. O marco comparativo e teórico dos estudos de hospitalidade no Brasil. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 93-111, mai. 2015.

WELLMAN, B. Studying Internet studies through the ages. In: BURNETT, R.; COSALVO, M.; ESS, C. (Ed.). **The Handbook of Internet Studies**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A.; RECUERO, R. C.; MONTARDO, S. P. Blogs: Mapeando um objeto. In **Anais VI Congresso Nacional de História da Mídia**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. P. 1-15. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos.html>. Acesso em: 14 mai. 2017.
- ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. In: Dias, C. M. (Org.). **Hospitalidade: Reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002. p. 157-164.
- BARABÁSI, A. L. *et al.* A evolution of the social network of scientific collaboration. **Physica A**, Washington, v. 311, n. 3-4, p. 590-614, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-4371\(02\)00736-7](https://doi.org/10.1016/S0378-4371(02)00736-7).
- BASTOS, S. Hospitalidade e história: a cidade de São Paulo em meados do século XIX. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (Orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.
- BENI, M. Estudo do turismo face à moderna teoria de sistemas. **Sistema de turismo – SISTUR**. Disponível em: <file:///Users/roseane/Downloads/63854-83841-1-PB.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- BOUDOU, B. Elementos para uma antropologia política da hospitalidade. In: BRUSADIN, L. B. (Org.). **Hospitalidade e dádiva**. A alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Curitiba: Prismas, 2017.
- BOUTAUD, J. J. Comensalidade: compartilhar a mesa. In: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 1213-1230.
- BRAGA, A. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: **Anais do XVI Encontro da Compós**. Curitiba: UTP, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf. Acesso em: 4 mai. 2017.
- CAILLÉ, A. **Antropologia do dom**. O terceiro paradigma. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CAMPANELLA, B. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. Entrevista com Christine Hine. **Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/111722/109726>. Acesso em: 14 mai. 2017.
- CHURCHMAN, C. W. **Introdução à teoria dos sistemas**. São Paulo: Vozes, 1972.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2003.

_____. **Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 2007.

DERRIDA, J. Hospitality. **Angelaki - Journal of theoretical humanities**, v. 5, n. 3, dez. 2000.

_____. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

FRANÇA FILHO, G. C. de. (2008). A Via Sustentável Solidária para desenvolvimento local. **Organizações e Sociedade**, [S.l.], v. 15, n. 45, p. 219-232, 2008. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10961>. Acesso em: 2 jun. 2020.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução de Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOTMAN, A. **Le sens de l'hospitalité: essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre**. Paris: PUF, 2000.

_____. O turismo e a encenação da hospitalidade. In: CAMARGO, L.O.L.; BUENO, M.L. **Cultura e consumo**. Estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 2008. p. 115-134.

_____. O comércio da hospitalidade é possível? **Revista Hospitalidade**, v. 6, n. 2, p. 3-27, 2009.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. In: **American Journal of Sociology**. Chicago: University Chicago Press, 1973. v. 78, n. 6, p. 1930-1938.

_____. The strength of weak ties: a network theory revisited. In: **Sociological Theory**. San Francisco: Randall Collins, 1983. Série Jossey-Bass, v. 1, p. 2001-2233.

GRINOVER, L. **A cidade à procura da hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2014.

HEINBERG, R. **The Party's Over - Oil, War and the Fate of Industrial Societies**. Estados Unidos da América: New Society Publishers, 2005.

HINE, C. **Etnografia virtual**. Madrid: UOC, 2004.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.

INNERARITY, D. **Ética de la hospitalidad**. Barcelona: Quinteto, 2001.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia**, São Paulo, n. 23, p. 207-218, jun. 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/5336>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LASHLEY, C.; LYNCH, P.; MORRISON, A. Hospitality: *a social lens*. **Advances in Tourism Research Series**, Oxford: Elsevier, 2006.

LÉTOUBLON, F. Grécia arcaica: os deuses à mesa dos homens. In MONTANDON, A. (Ed.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 353-377.

LIMA, C. M. G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I. de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, jan. 1996.

LIMEIRA, T. M. V. **E-marketing**. O marketing na internet com casos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2009.

LUGOSI, P.; LYNCH, P.; MORRISON, A. Critical hospitality management research. **The Service Industries Journal**, v. 29, n. 10, p. 1465–1478, out. 2009.

MANI, Z. Pour une hospitalité virtuelle des sites marchands: définition et proposition d'un modèle conceptuel. **Laboratoire CERGAM**, Aix-Marseille: Université Paul Cézanne - Faculté d'Economie Appliquée, 2015.

MARQUES, F. S.; BASTOS, S. (2016, abril). O ritual de hospitalidade na escola de samba Camisa Verde e Branco. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 95-108, abr. 2016. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/issue/view/56>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MARTINES, F. (2010, 5 de junho). Greenbook: Conheça o Wiserearth, uma rede social voltada para ambientalistas. **O Estado de S. Paulo**. 5 jun. 2010. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,greenbook,10000044084>. Acesso em: 2 mai. 2020.

MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos**. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, P. H.; CAMPOS, R. B. C. (Orgs.). **Polifonia do dom**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2006.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, C. L. G.; CASTRO, PA. (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. E-book.

MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011.

MOLZ, J. G.; GIBSON, S. **Mobilizing Hospitality**. The ethics of social relations in a mobile world. Hampshire: Ashgate Publishing, 2007.

NOGUEIRA, M. L. M. *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 12, n. 2, abr.-jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016. Acesso em: 28 jul. 2020.

NORTH, D. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: Cambridge Press, 1990.

O'CONNOR, D. Towards a new interpretation of "hospitality". **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v. 17, n. 3, p. 267-271, 2005.

PIMENTEL, A. B. *et al.* Dádiva e Hospitalidade. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/206>. Acesso em: 22 jul. 2020.

PITT- RIVERS, J. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 501-517, 2012.

RAFFESTIN, C. Réinventer l'hospitalité. **Communications**, n. 65, p. 165-177, 1997.

REAL, V. K. C. **Perfis de comunicação política nas redes sociais online: monitoramento e tipologia das conversações nas eleições presidenciais brasileiras de 2014**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-03022016-151144/pt-br.php>. Acesso em: 14 abr. 2017.

RHEINGOLD, H. **Smart Mobs: The Next Social Revolution**. Nova York: Basic Books, 2002.

SALLES, M. R. R.; BUENO, M. S.; BASTOS, S. Desafios da pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 7, n. 1, p. 3-14, jun. 2010.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2002.

SIEGLE, L. Totnes: Britain's town of the future. **The Guardian**. 9 jul. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2011/feb/06/totnes-transition-towns-ethical-living>. Acesso em: 5 jan. 2018.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **George Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

SMOLIAROVA, T. Arquitetura: artefato de boas-vindas. In MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 439-451.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: methods and applications**. New York: Cambridge University Press, 1999.

WESTMORELAND, M. W. Interruptions: Derrida and Hospitality. **Kritike**, v. 2, n. 1, p. 1-10, jun. 2008. Disponível em: http://www.kritike.org/journal/issue_3/westmoreland_june2008.pdf. Acesso em: 20 dez. 2014.

APÊNDICE A - REVISÃO DE LITERATURA NO PERÍODO DE 2008 A 2018

Foram encontrados 24 artigos com a aplicação dos filtros conforme indicação: quatro em 2018, cinco em 2017, quatro em 2016, um em 2015, dois em 2013, dois em 2012, dois em 2011, um em 2010, um em 2009 e dois em 2008.

A área de Ciências Sociais foi a que apresentou o maior número de artigos - 15 - caracterizando-se como uma área predominante e única presente em todos os dez anos levantados. Negócios, Gestão e Contabilidade participaram com sete artigos e Artes e Humanidades com duas publicações.

A subárea de Educação, nas Ciências Sociais Aplicadas, é maioria. A associação ensino-aprendizagem é que se manifesta na questão do virtual e que tangencia a hospitalidade. A inferência recai sobre a discussão de que a hospitalidade promove a melhoria das experiências virtuais. Os recursos virtuais como *softwares* e aplicativos e produtos virtuais como comunidades, redes, fóruns, *sites*, proporcionam ambientes colaborativos de aprendizagem e troca.

A subárea de Recursos Humanos também é contexto para a discussão de ambientes colaborativos de aprendizagem, especialmente no treinamento e na contratação de pessoal em organizações do setor de Turismo e Hospitalidade. Do ponto de vista da Sociologia, dois artigos tratam de imigrantes e refugiados e em *A global cinematic zone of animal and technology*, de Jeong (2013), se destaca entre todos pela interface que faz como o próprio título indica. Tomando o animal e a máquina como dois outros ontológicos do humano, este artigo examina como eles são adicionados e substituem os outros humanistas com base na raça, gênero, classe etc. no cinema contemporâneo. Segundo o autor: “Esse ‘suplemento’ nos incita a reformular as políticas de identidade e os estudos culturais em uma *polis* mais ampla, emergindo e abrangendo tanto o mundo humano, que se torna cada vez mais globalmente homogeneizado, quanto seu ambiente radical, natural ou tecnológico” (JEONG, 2013, p. 139, tradução livre)²⁹. A questão virtual deve ter entrado no sistema de busca da base Scopus também pela linguagem cinematográfica.

Na área de Educação, o *Second Life* é citado em quatro artigos (dois em 2008, um em 2013 e um em 2018), talvez porque tenha sido uma das pioneiras na utilização nesse setor. O

²⁹ “This ‘supplement’ urges us to reframe identity politics and cultural studies in a larger “polis” emerging between and encompassing both the human world, which becomes ever more globally homogenized, and its radical environment, natural or technological” (JEONG, 2013, p. 139).

fato de ser um mundo virtual e a utilização de avatares poderia envolver questões das interações sociais, mas os estudos não abordam esse ponto.

TripAdvisor, Book.com e YouTube estão na área de Negócios e Gestão como objetos de estudo. Considerados como produtos da *web*, as questões técnicas de construção de *websites* e as interações permitidas pelos recursos técnicos tratam dos conceitos de hospitalidade como diferencial de relacionamento e evidenciam a interação entre anfitrião e hóspede o que valida esses estudos como uma referência importante para o tema da pesquisa em curso. O YouTube é tratado corretamente como rede social e com poder de interações que impulsionam o marketing de destino do setor de hospitalidade (hotéis). Segundo os autores desse estudo, essas interações podem “[...] fornecer *insights* sobre os impulsionadores e desafios críticos incorporados nas interações do YouTube para o marketing de destino” (SAMBHANTHAN *et al.*, 2016, p. 32, tradução livre)³⁰, ou seja, como um diferencial para alavancar os negócios. A subárea de Turismo é o contexto dos artigos relacionados a Negócios, Gestão e Contabilidade.

Tecnologias da Informação, TIs ou TICs, juntamente com outras siglas estão presentes em todas as áreas do conhecimento assim como metodologias de pesquisa qualitativa e quantitativa. O artigo de revisão *Virtual and hybrid meetings: a mixed research synthesis of 2002-2012 Research* (SOX *et al.*, 2017), apresenta um exame da literatura sobre os estudos de hospitalidade, turismo e outras disciplinas cujo tema fosse relativo ao encontro virtual e híbrido, ao longo de um período de dez anos (2002-2012).

Os artigos foram categorizados por periódico, ano, metodologia e tema. Usando a difusão da teoria da inovação, surgiram cinco subtemas: comparação de virtual e/ou híbrido de reuniões com reuniões, percepções e atitudes face-a-face em relação a reuniões híbridas, gerenciamento e *design* de reuniões virtuais e/ou híbridas, audiências para reuniões virtuais e híbridas e usos da tecnologia reuniões híbridas.

Os dois artigos relacionados à área de Artes e Humanidades: Muvitur® (Virtual Museum of Tourism): *A a new approach to tourism history* (AURINDO; MACHADO, 2016) e *Acquisition of language and intercultural competences in tourism and hospitality studies through active experimentation in Second Life* (GARCÍA; SILVA, 2018) apresentam subárea de História e Linguagem, respectivamente, tendo o setor de Turismo e Hospitalidade como pano de fundo para os estudos.

³⁰ “[...] provides insights on the critical drivers and challenges embedded within YouTube-based community interactions for destination marketing” (SAMBHANTHAN *et al.*, 2016, p. 32).

Como complemento das relações epistemológicas que os artigos promovem, um levantamento sobre os métodos utilizados aos estudos apresentados, avaliados por meio das palavras-chave e dos resumos traduzidos fornecem um panorama sobre os tipos de pesquisa, técnicas e instrumentos de coleta aplicados, o que vem auxiliar nas discussões pertinentes a esta produção.

Em 2018, dos quatro estudos, três adotaram levantamento de dados quantitativos, utilizando-se de técnicas como equações estruturais, grupo controle e técnicas de realidade virtual, respectivamente, Artes e Humanidades e Negócios, Gestão e Contabilidade (GARCÍA; SILVA, 2018; SIAMIONAVA; SLEVITCH; TOMAS, 2018; KIM; GATLING, 2018). O levantamento de dados qualitativos lançou mão do estudo de caso como método de investigação na área de Ciências Sociais (DEALE, 2018).

Em 2017, dos quatro estudos apresentados (foi excluído desta análise um quinto artigo de revisão bibliográfica), dois estudos da área de Ciências Sociais adotaram a tipologia quali/quantitativa utilizando-se de entrevistas e questionários com amostragem numericamente especificada (PATIAR; KENSBOCK; COX, 2017) e dois artigos apontaram para a tipologia quantitativa da área de Negócios, Gestão e Contabilidade, ocupando-se de aplicar questionários dirigidos (TORRES; MEJIA, 2017; GARRIGOS-SIMON; GALDON; SANZ-BLAS, 2017).

Em 2016, em Artes e Humanidades, o único estudo adotou a tipologia qualitativa, porém não explicitou as técnicas adotadas (AURINDO; MACHADO, 2016). Dos dois textos sob as Ciências Sociais, um abordou a tipologia quali/quantitativa utilizando-se de testes computadorizados e o outro exclusivamente a tipologia qualitativa, utilizando-se de análise de dados experimentais (HSIAO; CHEN; HONG, 2016; GANNON; RODRIGO; SANTOMÀ, 2016). O mesmo aconteceu com o estudo direcionado para a área de Negócios, Gestão e Contabilidade (SAMBHANTHAN *et al.*, 2016), cujo método concentrou-se na análise de conteúdo.

Em 2015, apenas um artigo figurou na área de Ciências Sociais como produção deste ano, de acordo com os critérios do levantamento bibliográfico, e seu enfoque foi qualitativo com método de análise textual (DIAS; CORREIA; LÓPEZ, 2015).

No ano de 2013, dos dois artigos classificados na área de Ciências Sociais, um adotou o método de estudo de caso que aponta para um levantamento qualitativo (DEALE, 2013).

Já os dois artigos referentes ao ano de 2012, ligados às áreas de Negócios, Gestão e Contabilidade e Ciências Sociais, usaram a netnografia (etnografia *on-line*) e análise de discurso, indicando a tipologia qualitativa das pesquisas (MKONO, 2012; KOVACEVIC, 2012).

Em 2011, nos dois artigos das Ciências Sociais, um tem a abordagem claramente quantitativa com aplicação de Inventário de Estilo de Aprendizagem de Barsch, numa amostragem definida de estudantes (HSU, 2011) e o outro uma abordagem claramente qualitativa já que discutiu o valor do uso de fórum *on-line* na motivação de estudantes, porém não explicitou a técnica utilizada (ROBINSON, 2011).

Em 2010, apenas um artigo foi selecionado e está sob a égide das Ciências Sociais, com abordagem qualitativa e baseado na Teoria do Aprendizado Multimídia (LEE; GRETZEL, 2010).

Em 2009 há também a indicação de um estudo na área de Negócios, Gestão e Contabilidade, porém com abordagem quali/quantitativa com análise de cenário em marketing (BREUKEL; GO, 2009).

No último ano da série, 2008, dois estudos voltados para as Ciências Sociais, ambas as abordagens sugerem estudos qualitativos por meio da ferramenta *Second Life* (PENFOLD, 2008; SINGH; LEE, 2008).

Quadro 10 - Revisão de literatura no período de 2018

Ciências Sociais	Artes e Humanidades	Negócios, Gestão e Contabilidade	Negócios, Gestão e Contabilidade
Publicação Journal of Hospitality and Tourism Education. Volume 30, Issue 1, 2 January 2018, Pages 65-70.	Publicação Teaching English with Technology. Volume 18, Issue 2, 2018, Pages 69-92.	Publicação International Journal of Hospitality Management. 70, p. 85-94.	Publicação International Journal of Contemporary Hospitality Management. 30(1), p. 242-259.
Autores DEALE, C. S.	Autores GARCÍA, M.R.; SILVA, P. F. da	Autores SIAMIONAVA, K.; SLEVITCH, L.; TOMAS, S.R.	Autores KIM, J.; GATLING, A.
Título em inglês Students don't have to pack their bags: a case study of an international hospitality and tourism classroom experience without leaving home	Título em inglês Acquisition of language and intercultural competences in tourism and hospitality studies through active experimentation in second life	Título em inglês Effects of spatial colors on guest perceptions of a hotel room	Título em inglês The impact of using a virtual employee engagement platform (VEEP) on employee engagement and intention to stay
Keywords Global classroom. Intercultural competence	Keywords English for specific purposes. Intercultural competence. Second Life.	Keywords Color-in-context. Theory hotels. Hotel room design.	Keywords Employee engagement. Hospitality technology. Participation.

international. Virtual learning.		Emotions. Satisfaction. Virtual reality.	Engagement platform. Intention to stay.
Título em português Alunos não precisam arrumar suas malas: um estudo de caso de uma experiência internacional de hospitalidade e turismo sem sair de casa	Título em português Aquisição de competências linguísticas e interculturais em estudos de turismo e hotelaria através de experimentação ativa no <i>Second Life</i>	Título em português Efeitos das cores espaciais na percepção dos hóspedes de um quarto de hotel	Título em português O impacto do uso de uma plataforma virtual de participação dos funcionários (VEEP) no seu engajamento e intenção de permanência
Palavras-chave Sala de aula global. Competência intercultural internacional. Aprendizagem virtual.	Palavras-chave Inglês para fins específicos. Competência intercultural. <i>Second Life</i> .	Palavras-chave Cor no contexto. Teoria dos hotéis. <i>Design</i> de quarto de hotel. Emoções. Satisfação. Realidade virtual.	Palavras-chave Envolvimento dos funcionários. Tecnologia de hospitalidade. Participação. Plataforma de engajamento. Intenção de ficar.

<p>Resumo Este estudo de caso descreve as experiências virtuais de aprendizado internacional de uma classe de alunos de graduação em turismo e hospitalidade de uma universidade pública dos Estados Unidos com turmas de universidades no México, China e Japão, sem sair de casa. As experiências dos alunos são narradas através de observações e análise das reflexões dos alunos sobre suas experiências. Sugestões são fornecidas para educadores interessados em promover a competência intercultural de seus alunos por meio de experiências internacionais virtuais com outros alunos e instrutores.</p>	<p>Resumo A proposta desta pesquisa é a de analisar se o mundo virtual do <i>Second Life</i> (SL) facilita o desenvolvimento do inglês para fins específicos e a aquisição da comunicação intercultural. Para cobrir a pesquisa qualitativa e quantitativa foram conduzidas pesquisas com 4 fases de implantação com dois grupos: experimental e controle. O resultado mostra que não há diferenças significativas na aquisição de linguagem face a face e interação no <i>Second Life</i>, mas demonstra uma tendência positiva no caso de competências interculturais.</p>	<p>Resumo A cor é uma das principais dimensões visuais do ambiente que afeta o comportamento e as emoções. O efeito emocional da cor é particularmente importante na indústria da hospitalidade, porque as emoções compõem um poderoso componente afetivo da satisfação do cliente. No entanto, até o momento, nenhuma pesquisa empírica sobre o papel da cor na formação das percepções dos hóspedes do hotel foi realizada. O objetivo do presente estudo foi entender a relação entre os atributos de cor e a percepção de um quarto de hotel. As diferenças entre dois matizes de contraste (azul e vermelho) com dois níveis de saturação e brilho foram examinados em um estudo experimental. O estudo adota técnicas de realidade virtual para fornecer uma profunda imersão dos participantes nas configurações de <i>design</i> da sala de hotel manipulada. Os resultados indicaram quartos vermelhos de hotel foram associados com os maiores níveis de excitação entre os participantes. No entanto, os participantes gostavam de ficar em quartos de hotel azuis mais do que nos vermelhos.</p>	<p>Resumo O propósito deste estudo é investigar se a facilidade de uso percebida e a utilidade de uma plataforma virtual de envolvimento de funcionários (VEEP) influenciam positivamente as intenções dos funcionários de usar o VEEP e, por sua vez, o uso real do VEEP. Este estudo analisou ainda como o uso do VEEP influencia o envolvimento dos funcionários, bem como dois resultados organizacionais (ou seja, participação dos funcionários e intenção de permanecer). <i>Design / metodologia / abordagem</i>: Os itens da pesquisa para este estudo foram desenvolvidos com base no modelo de aceitação de tecnologia (TAM) e teoria da motivação. A modelagem de equações estruturais (SEM) foi usada para testar as relações propostas em uma amostra de 373 funcionários de uma organização de hospitalidade nos EUA. Resultados: os resultados indicam que a facilidade de uso e a utilidade percebida pelos funcionários do VEEP de uma empresa de hospitalidade influenciam positivamente as intenções dos funcionários de usar o VEEP. O estudo também descobriu que funcionários com</p>
--	---	---	---

			<p>maiores intenções de usar o VEEP da empresa tendem a usar o VEEP com mais frequência, o que, por sua vez, influenciou positivamente o engajamento deles. Eventualmente, os funcionários mais engajados mostraram um nível mais alto de participação, assim como a intenção de permanecer.</p> <p>Implicações práticas: Este estudo aborda a chamada de pesquisadores para demonstrar como um VEEP pode influenciar positivamente o engajamento dos funcionários e apresentar novos insights sobre como o engajamento dos funcionários pode contribuir para melhorar os resultados organizacionais em um ambiente de hospitalidade.</p> <p>Originalidade / valor: Este estudo é o primeiro estudo empírico envolvendo o campo emergente de plataformas de engajamento e engajamento de funcionários em um ambiente de hospitalidade. Além disso, esta pesquisa fornece suporte para maior adoção e investimento no VEEP por empresas de hospitalidade.</p>
--	--	--	---

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 11 - Revisão de literatura no período de 2017

Ciências Sociais	Ciências Sociais	Ciências Sociais	Negócios, Gestão e Contabilidade	Negócios, Gestão e Contabilidade
------------------	------------------	------------------	----------------------------------	----------------------------------

Publicação Journal of Hospitality and Tourism Research. Volume 41, Issue 8, 1 November 2017, Pages 945-984.	Publicação Journal of Hospitality and Tourism Education. Volume 29, Issue 3, 3 July 2017, Pages 129-140.	Publicação Journal of Hospitality and Tourism Education. Volume 29, Issue 1, 2 January 2017, Pages 1-12.	Publicação International Journal of Hospitality Management. 61, p. 4-13.	Publicação International Journal of Contemporary Hospitality Management. 29(1), p. 419-437.
Autores SOX, C. B.; KLINE, S. F.; CREWS, T. B.; STRICK, S. K.; CAMPBELL, J. M.	Autores PATIAR, A.; KENSBOCK, S.; COX, R.	Autores PATIAR, A.; KENSBOCK, S.; COX, R.	Autores TORRES, E. N.; MEJIA, C.	Autores GARRIGOS-SIMON, F. J.; GALDON, J. L.; SANZ-BLAS, S.
Título em inglês Virtual and hybrid meetings: a mixed research synthesis of 2002-2012 research. Artigo de revisão.	Título em inglês Information and communication technology-enabled innovation: application of the virtual field trip in hospitality education	Título em inglês Hospitality management students' expectation and perception of a virtual field trip website: an australian case study using importance-performance analysis	Título em inglês Asynchronous video interviews in the hospitality industry: considerations for virtual employee selection	Título em inglês Effects of crowdvoting on hotels: the Booking.com case
Keywords Conference. Education. Event. Hybrid meeting. Virtual.	Keywords Hospitality education. Information and communication. Technology mapping framework. Virtual field trip.	Keywords Hospitality management. Importance-performance analysis. Virtual field trip website.	Keywords Asynchronous video interviews. Human resource management. Hospitality. Employee selection. eHRM. Virtual interviews.	Keywords Performance. PLS. Crowdsourcing. Booking.com. Crowd voting. New business models.
Título em português Reuniões virtuais e híbridas: uma síntese de pesquisa de 2002-2012	Título em português Tecnologia da informação e comunicação - inovação capacitada: aplicação da viagem virtual de campo na educação em hospitalidade	Título em português Expectativa e percepção de estudantes de gerenciamento de hospitalidade em um <i>site</i> virtual de viagem de campo: um estudo de caso australiano usando análise de Importância-desempenho	Título em português Entrevistas em vídeo assíncronas no setor de hospitalidade: considerações para seleção de funcionários virtuais	Título em português Efeitos do crowdvoting em hotéis: o caso da Booking.com
Palavras-chave Educação. Evento. Reunião híbrida. Virtual.	Palavras-chave Educação de hospitalidade. Informação e comunicação.	Palavras-chave Gestão de hospitalidade. Análise de importância e	Palavras-chave Entrevistas em vídeo assíncrono. Gestão de Recursos	Palavras-chave Atuação. PLS. Crowdsourcing. Booking.com. Crowd voting.

	Estrutura de mapeamento de tecnologia. Viagem de campo virtual.	desempenho. <i>Site</i> de viagem de campo virtual.	Humanos. Hospitalidade. Seleção de funcionários. eHRM. Entrevistas virtuais.	Novos modelos de negócios.
<p>Resumo Esta pesquisa apresenta um exame da literatura escrita dentro de estudos de turismo e hospitalidade e dentro de outras disciplinas pertencentes a gêneros de reuniões virtuais e híbridos ao longo de um período de dez anos (2002-2012). Enquanto 15 artigos foram encontrados em revistas de turismo e hospitalidade, 67 artigos foram incluídos nesta revisão, com a maioria publicada em revistas arbitradas fora da hospitalidade e do turismo. Os artigos foram categorizados por periódico, ano, metodologia e tema. Utilizando a difusão da teoria da inovação, cinco temas emergiram: comparação de reuniões virtuais e / ou híbridas com reuniões face a face, percepções e atitudes em relação a reuniões virtuais e híbridas, gerenciamento e <i>design</i> de reuniões virtuais e híbridas, públicos específicos para</p>	<p>Resumo Esta pesquisa examina a experiência dos alunos com uma viagem de campo virtual (VFT) inovadora de hotéis. Alunos do curso de gestão de alimentos e bebidas participaram desta pesquisa. Entrevistas pessoais com 18 alunos em duas etapas foram realizadas para estabelecer suas expectativas e percepções de uma experiência de VFT. Os resultados revelaram que a experiência de aprendizado dos alunos foi aprimorada pela existência do ambiente VFT. O ambiente VFT ajudou no avanço de suas habilidades fundamentais de pós-graduação em negócios (ou seja, resolução de problemas), que é inegavelmente essencial na preparação dos líderes de hotéis de amanhã.</p>	<p>Resumo Este estudo examinou as expectativas e percepções dos alunos sobre as características de qualidade de uma viagem de campo virtual em um curso de graduação. Um desenho de pesquisa quantitativa foi utilizado e os dados foram coletados de 182 estudantes de hospitalidade em uma universidade australiana. Análise descritiva e análise de importância-desempenho foram realizadas para analisar os dados. Os resultados revelaram que os estudantes em geral estavam satisfeitos com a qualidade da experiência de aprendizado que adquiriram com o uso do <i>site</i>. Por meio da análise de importância-desempenho, o estudo também identificou aspectos do <i>site</i> que precisam ser melhorados. O estudo enriquece a literatura em aprendizagem eletrônica e</p>	<p>Resumo As organizações de hospitalidade utilizam uma variedade de ferramentas de seleção para contratar os melhores candidatos. Tradicionalmente, os recrutadores de hospitalidade confiam em entrevistas face a face para escolher os candidatos mais qualificados para representar a empresa. Enquanto as plataformas de entrevista baseadas na <i>Internet</i> em tempo real são cada vez mais utilizadas entre as organizações de hospitalidade, um fenômeno de entrevista baseado em tecnologia de ponta emergiu: o uso de entrevistas em vídeo assíncrono (AVI). Para realizar essa modalidade de entrevistas, os empregadores enviam eletronicamente perguntas baseadas em texto e o candidato registra suas respostas usando uma <i>webcam</i> por meio de várias plataformas</p>	<p>Resumo Este trabalho tem como objetivo definir e demonstrar a importância do <i>crowdsourcing</i> para a melhoria das diversas funções dos hotéis, as vantagens e desvantagens desta técnica e, especificamente, a relevância da <i>crowdvoting</i> para melhorar as vendas de hotéis e as diversas dimensões do desempenho hoteleiro. <i>Design / metodologia / abordagem</i>: um total de 45 103 pareceres da Booking.com, uma amostra de 184 questionários endereçados aos gerentes de hotel e parciais de mínimos quadrados (PLS) - modelagem de caminho foram combinados para contrastar as hipóteses. Resultados: os resultados mostram empiricamente o impacto direto e positivo das opiniões da multidão sobre a quantidade de vendas de hotéis que não dependem de intermediários</p>

<p>reuniões virtuais e híbridas e usos da tecnologia em reuniões virtuais e híbridas.</p>		<p>confirma a viagem de campo virtual como uma ferramenta eficaz para apoiar os componentes práticos da educação em hospitalidade e melhorar a experiência de aprendizagem dos alunos.</p>	<p>proprietárias de <i>software</i>. Seguindo a promessa de redução de custos e aumento de eficiências, muitas organizações adotaram essa modalidade de entrevistas; no entanto, pouca pesquisa foi realizada sobre sua eficácia entre provedores e usuários. Além disso, a adequação e o alinhamento do AVI no setor de hospitalidade para o uso da seleção de representantes de serviço devem ser investigados. Diante disso, a presente pesquisa examina a literatura sobre modalidades de entrevista, validade preditiva de ferramentas de seleção e recursos humanos eletrônicos e apresenta várias proposições, bem como uma agenda para pesquisas futuras. Além disso, a presente pesquisa apresenta um modelo conceitual para AVI utilizando a literatura em recursos humanos eletrônicos como pano de fundo.</p>	<p>físicos, e o impacto que isso tem sobre as dimensões de desempenho dos hotéis. Implicações práticas: o artigo mostra a relevância de seguir as estratégias abordadas para aumentar as recomendações dos clientes nas principais mídias sociais ou agências de viagens virtuais, como um mecanismo para reduzir as fraquezas tradicionais das organizações de turismo e hospitalidade e aumentar seu desempenho a longo prazo. Originalidade / valor: a novidade do <i>crowdsourcing</i> significa que poucos trabalhos (embora com um aumento explosivo e de alto impacto) têm se concentrado neste aspecto na literatura, especialmente na literatura de turismo e hotelaria. Os resultados de nossa pesquisa abrem novas áreas de pesquisa e contrastam a relevância do <i>crowdsourcing</i> e, especificamente, do <i>crowdsourcing</i> para o sucesso dos hotéis. Além disso, a metodologia empregada, misturando os</p>
---	--	--	---	---

				dados de uma mídia social, com um questionário dirigido aos gestores, pode abrir novas ideias para trabalhos futuros.
--	--	--	--	---

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 12 - Revisão de literatura no período de 2016

Artes e Humanidades	Ciências Sociais	Ciências Sociais	Negócios, Gestão e Contabilidade
Publicação Journal of Tourism History. 8(3), p. 300-309.	Publicação Interactive Learning Environments. 24(6), p. 1280-1297.	Publicação International Journal of Management Education. 14(1), p. 18-27.	Publicação International Journal of Web Portals 8(1), p. 32-49.
Autores AURINDO, M. J.; MACHADO, C.	Autores HSIAO, H-S.; CHEN J-C.; HONG, K.	Autores GANNON, J.; RODRIGO, Z.; SANTOMÀ, R.	Autores SAMBHANTHAN, A.; THELIJAGODA, S.; GOOD, A.; SCUPOLA, A.
Título em inglês Muvitur® (Virtual museum of tourism): a new approach to tourism history	Título em inglês Building the vocational phase of the computerized motor skills testing system for use in the electronics and electrical engineering group and hospitality group	Título em inglês Learning to work interculturally and virtually: developing postgraduate hospitality management students across international institutions	Título em inglês Virtual community based destination marketing with YouTube: investigation of a typology
Keywords Digital heritage. Tourism history. Virtual exhibition. Virtual museum. Virtual tour.	Keywords Computerized hand motor skills test. Gesture recognition technology. Hand motor skills. Motion capture technology. Technical and vocational education. Virtual testing environment.	Keywords Collaboration. Experiential learning intercultural. Postgraduate team work. Virtual.	Keywords
Título em português Muvitur® (Museu virtual do turismo): uma nova abordagem para a história do turismo	Título em português Construindo a fase vocacional do sistema computadorizado de testes de habilidades motoras para uso no grupo de engenharia eletrônica e elétrica e grupo de hospitalidade	Título em português Aprendendo a trabalhar intercultural e virtualmente: desenvolvendo estudantes de pós-graduação em gerenciamento de hospitalidade em instituições internacionais	Título em português Marketing de destino baseado na comunidade virtual com o YouTube: investigação de uma tipologia

<p>Palavras-chave Herança digital. História do turismo. Exposição virtual. Museu virtual. Excursão virtual.</p>	<p>Palavras-chave Habilidades motoras manuais informatizados. Tecnologia de reconhecimento de gestos. Educação técnica e profissional. Ambiente de teste virtual.</p>	<p>Palavras-chave Colaboração. Aprendizagem experiencial intercultural. Trabalho de equipe de pós-graduação. Virtual.</p>	<p>Palavras-chave</p>
<p>Resumo O MUVITUR® lançou o seu <i>website</i> em 2 de junho de 2016, de acesso gratuito ao público através do seguinte URL: http://muvitur.eshte.pt. A MUVITUR® tem como premissa a criação de uma comunidade virtual de provedores de conteúdo (universidades, hotéis, empresas de viagens e outras entidades relacionadas ao turismo) e visa facilitar a coleta e conservação de uma ampla variedade de documentos, objetos, imagens, commodities, memorabilidade e experiências relacionadas à história da atividade turística e destinos turísticos. O MUVITUR® funciona como um polo de incentivo à colaboração entre membros da rede que compartilham interesses e metas, enquanto se concentra em diferentes assuntos relacionados ao turismo, como áreas de lazer, hospitalidade, alimentação, entretenimento, transporte e turismo. Abrange uma extensa gama de temas como história, sociologia, geografia, marketing, identidades nacionais,</p>	<p>Resumo A educação técnica e profissional enfatiza o desenvolvimento e o treinamento de habilidades motoras da mão. No entanto, existem alguns problemas nos testes atuais de carreira e aptidão, pois eles não medem verdadeiramente as habilidades motoras da mão. Este estudo usou o controle remoto Nintendo Wii como o dispositivo de teste no desenvolvimento de um conjunto de ferramentas de testes computadorizados para medir as habilidades motoras da mão. Através de análises bibliográficas, revisões de especialistas e análise dos dados experimentais, foi confirmado que estas ferramentas de testes computadorizados são estáveis e eficazes. Além disso, os resultados do teste não foram influenciados por sexo ou experiências anteriores com o uso de dispositivos sensores. O teste computadorizado foi capaz de diagnosticar e medir as habilidades motoras dos participantes em um ambiente virtual seguro e de baixo custo. Ao focar as</p>	<p>Resumo Tendo em vista os desafios do desenvolvimento de agentes de equipe digitalmente competentes e interculturalmente instruídos em meio a outras competências de pós-graduação, este artigo descreve a iniciativa desenvolvida por equipes acadêmicas de três instituições europeias. O documento descreve a colaboração intercultural virtual e seu desenvolvimento e, em seguida, relata os resultados de uma pesquisa realizada com os alunos participantes de dois anos da iniciativa. As percepções dos alunos sobre o valor genérico de conjuntos de habilidades específicas em trabalho virtual em equipe e competência intercultural são identificadas, bem como suas visões da capacidade específica do projeto para desenvolver suas próprias habilidades nas áreas relevantes são exploradas. Os resultados sugerem que, como as mídias sociais, o trabalho em equipe e as interações interculturais parecem estar presentes em dimensões do mundo</p>	<p>Resumo O YouTube evoluiu para um meio poderoso de interação social. Utilizar o YouTube para melhorar os esforços de marketing é uma estratégia praticada por profissionais de marketing em vários setores. Este documento racionaliza as diferentes estratégias de alavancar plataformas baseadas no YouTube para o marketing de destino efetivo pela indústria da hospitalidade (hotéis) e fornece <i>insights</i> sobre os impulsionadores e desafios críticos incorporados nas interações da comunidade baseadas no YouTube para o marketing de destino. Os comentários feitos pelos usuários do YouTube foram submetidos a uma análise de conteúdo e os resultados são relatados nos cinco grandes grupos de comunidades virtuais. Mais amplamente, a tipologia de comunidades virtuais é adaptada para avaliar a plataforma do YouTube para o marketing de destino eficaz.</p>

<p>entre muitos outros. Ele é projetado para inspirar e ao mesmo tempo desafiar a forma como as pessoas experimentam, exploram e desenvolvem suas ideias sobre a história do turismo através do uso criativo das coleções do museu e de seus recursos culturais.</p>	<p>experiências de aprendizado das aulas de prática de ensino profissionalizante, este estudo fornece uma referência para a tomada de decisões em relação à educação continuada e ao desenvolvimento de carreira.</p>	<p>contemporâneo do trabalho, parece importante que os alunos encontrem oportunidades significativas de aprendizagem virtual e intercultural durante seus estudos de pós-graduação. Finalmente, este artigo destaca o valor do ensino interprogramático e a aprendizagem de atividades colaborativas entre instituições de ensino superior europeias.</p>	
--	---	---	--

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 13 - Revisão de literatura no período de 2015

<p>Ciências Sociais</p>
<p>Publicação Tourism Geographies, 17(2), p. 244-261.</p>
<p>Autores DIAS, J. A.; CORREIA, A.; LÓPEZ, F. J. M.</p>
<p>Título em inglês The meaning of rental second homes and places: the owners' perspectives</p>
<p>Keywords Online vacation rentals. Second home owners. Sense of place. Qualitative approach. Islantilla. Albufeira.</p>
<p>Título em português O significado de aluguel de segundas residências e lugares: as perspectivas dos proprietários</p>
<p>Palavras-chave Casas de férias <i>on-line</i>. Proprietários de segunda casa. Senso de lugar. Abordagem qualitativa. Islantilla. Albufeira.</p>
<p>Resumo Este artigo baseia-se numa revisão das perspectivas dos proprietários de dois destinos de sol e golfe - Albufeira (no sul de Portugal) e Islantilla (no sul de Espanha), utilizando uma amostra transregional, com base nas descrições dos proprietários recolhidas ownersdirect.co.uk (plataforma de aluguel de férias <i>on-line</i>). O objetivo é entender as descrições dos aluguéis de férias dos proprietários, descrevendo suas perspectivas em categorias como senso de lugar, hospitalidade e instalações da casa. Essa pesquisa exploratória parte da teoria fundamentada, o que significa que nenhum pressuposto foi definido. O <i>feedback</i> qualitativo do estudo reafirma que o sentido do lugar não é um conceito estático, uma vez que as descrições dos proprietários de Albufeira e Islantilla reúnem elementos emocionais e cognitivos que personalizam as suas propriedades e o ambiente circundante. Os resultados sugerem que a união, o relaxamento, a continuidade e o apego ao lugar são os pontos mais destacados ao anunciar as suas propriedades, particularmente em Albufeira. A análise desse fenómeno por meio de um <i>design</i> inovador que reúne a análise textual da descrição do aluguel de imóveis <i>on-line</i> dos proprietários e o ambiente virtual é uma das principais contribuições deste documento.</p>

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 14 - Revisão de literatura no período de 2013

Ciências Sociais	Ciências Sociais
Publicação Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education. 13(1), p. 154-160.	Publicação Angelaki - Journal of the Theoretical Humanities. 18(1), p. 139-157.
Autores DEALE, C. S.	Autores JEONG, S. H.
Título em inglês Incorporating Second Life into online hospitality and tourism education: a case study	Título em inglês A global cinematic zone of animal and technology
Keywords Second Life online. Learning. E-learning. Synchronous learning. Multi-user. Virtual environment.	Keywords Anti-nature. Hospitality. Becoming-animal/-other. Zoosis. Technesis.
Título em português Incorporando o <i>Second Life</i> na hospitalidade <i>on-line</i> e na educação turística: um estudo de caso	Título em português Uma zona cinematográfica global de animais e tecnologia
Palavras-chave <i>Second Life On-line</i> . Aprendendo. <i>E-learning</i> . Aprendizado síncrono. Multiusuário. Ambiente virtual.	Palavras-chave Antinatureza. Hospitalidade. Tornando-se animal/outro. <i>Zoosis</i> . <i>Technesis</i> .
Resumo O <i>Second Life (SL)</i> é um mundo virtual que pode ser usado para fins educacionais. Este projeto de bolsa de estudos de ensino e aprendizagem (SOTL) investigou o uso de <i>SL</i> em educação de hospitalidade <i>on-line</i> como uma ferramenta de aprendizagem integral, não como uma característica nominal. Os resultados indicaram que a <i>SL</i> oferece aos alunos e instrutores oportunidades interessantes de aprendizado e permite que os alunos se envolvam efetivamente entre si e trabalhem juntos em projetos de grupo. Desafios que precisam ser conquistados também foram identificados, como a natureza às vezes complicada do programa de <i>SL</i> e o comprometimento de tempo envolvido com seu uso.	Resumo Tomando o animal e a máquina como dois outros ontológicos do humano, este artigo examina como eles são adicionados e substituem os outros humanistas com base na raça, gênero, classe etc. no cinema contemporâneo. Esse suplemento nos incita a reformular as políticas de identidade e os estudos culturais em uma <i>polis</i> mais ampla, emergindo e abrangendo tanto o mundo humano, que se torna cada vez mais globalmente homogêneo, quanto seu ambiente radical, natural ou tecnológico. O tópico é um fenômeno cinematográfico global que mesmo os filmes locais incorporam diretamente. O animal é capturado nas fronteiras entre o simbólico e o real, entre o real e o virtual nas obras artísticas de Werner Herzog, Apichatpong Weerasethakul e Peter Greenaway. A máquina convoluta as questões da informática, personificação e ciborguização, muitas vezes através da fantasia SF que permeia os <i>blockbusters</i> de Hollywood e <i>Japanimation</i> . O raro amálgama da máquina animal recebe mais atenção nos filmes de David Cronenberg, e tornar-se animal/máquina em Avatar capacita o humano no sentido pós-humano de biopoder que transforma o corpo e o registra em uma rede

	<p>maior. Nessa perspectiva, os discursos sobre o animal (<i>zoese</i>) e tecnologia (<i>technesis</i>) trabalham juntos para trazer um novo potencial político. Animalidade e tecnologia já não formam uma dicotomia ingênua da natureza versus civilização, mas combinam-se em formas de tornar mais visível a nova condição de vida. Ela se desdobra em uma zona cinematográfica, uma clareira efêmera para a vida nua dentro do mundo globalizado. Esta zona existe em um estado excepcional de potencial temporário para despolitizar qualquer política humanista.</p>
--	---

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 15 - Revisão de literatura no período de 2012

Negócios, Gestão e Contabilidade	Ciências Sociais
Publicação Advances in Hospitality and Leisure. 8, p. 235-246.	Publicação Interventions. 14(3), p. 361-376.
Autores MKONO, M.	Autores KOVACEVIC, N.
Título em inglês Investigating hospitality consumers through netnographic methods	Título em inglês Europe as host/hostage: on strange encounters and multicultural love in contemporary cinema
Keywords Hospitality consumers. Netnography. Virtual fieldwork.	Keywords Colonialism. European Union. Film. Hospitality. Immigration. Multiculturalism.
Título em português Investigando os consumidores de hospitalidade através de métodos netnográficos	Título em português A Europa como anfitriã/refém: sobre estranhos encontros e amor multicultural no cinema contemporâneo
Palavras-chave Consumidores de hospitalidade. Netnografia. Trabalho de campo virtual.	Palavras-chave Colonialismo. União Europeia. Filme. Hospitalidade. Imigração. Multiculturalismo.
Resumo A <i>Internet</i> está redefinindo a maneira pela qual pesquisadores e consumidores podem acessar informações sobre produtos e experiências de hospitalidade. Por exemplo, um número crescente de comunidades <i>on-line</i> (por exemplo, http://Tripadvisor.com) oferece aos consumidores a oportunidade de ver e participar de vários fóruns e análises de experiências de hospitalidade em todo o mundo. Isso criou uma fonte rica de informações que os pesquisadores podem utilizar, por meio de metodologias baseadas na <i>Internet</i> , para aprofundar a compreensão atual do consumidor moderno de hospitalidade. Assim, a <i>Internet</i> tornou-se campo	Resumo Os legados do colonialismo europeu continuam sob os auspícios da União Europeia, como refletido nas políticas discriminatórias contemporâneas para imigrantes de antigas colônias e franjas pós-comunistas da Europa. Em todas as metrópoles da UE, o discurso do multiculturalismo tornou-se um mecanismo de controle de danos para a violência e a privação de direitos decorrente do <i>apartheid</i> político e econômico virtual. Textos culturais contemporâneos, incluindo cinema e literatura, oferecem críticas produtivas das revisões multiculturais oficiais dos espaços nacionais europeus, que muitas vezes adotam uma

<p>para hospitalidade e outras pesquisas. No entanto, os métodos baseados em rede não foram totalmente adotados na pesquisa de hospitalidade. Em particular, neste capítulo chama-se a atenção para a netnografia (etnografia <i>on-line</i>), uma nova metodologia de pesquisa baseada na <i>Internet</i>, que raramente tem sido empregada na pesquisa de hospitalidade. Além disso, sugere-se, os pesquisadores podem complementar as técnicas tradicionais de pesquisa com netnografia para criar metodologias mais rigorosas.</p>	<p>unidade desdistorizada no <i>slogan</i> da diversidade, sem lidar de forma abrangente com os legados individuais do colonialismo e políticas neocoloniais da União. Impulsionando o multiculturalismo liberal aos seus limites, Caché de Michael Haneke (2005) e <i>Eternity and a Day</i> de Theo Angelopoulos (1998) clamam por uma ética de hospitalidade aos estrangeiros migrantes que desmantela os conceitos europeus tradicionais de identidade e comunidade política baseados na semelhança filiativa. Exigindo um confronto com o legado da luta colonial como a única esperança de uma UE progressivamente multicultural, os filmes também exploram os benefícios e as limitações de uma ética Levinasiana de responsabilidade pelo outro, que ama e dá em excesso: antes de quaisquer discursos sobre identidade nacional, historiografia, ou um mal lembrado pelo qual se deve oferecer reparação.</p>
--	--

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 16 - Revisão de literatura no período de 2011

Ciências Sociais	Ciências Sociais
Publicação Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education. 10(1), p. 114-127.	Publicação Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education. 10(1), p. 13-22.
Autores HSU, L.	Autores ROBINSON, J.
Título em inglês The perceptual learning styles of hospitality students in a virtual learning environment: the case of Taiwan	Título em inglês Assessing the value of using an online discussion board for engaging students
Keywords EFL. VAK styles. Virtual learning environment.	Keywords Discussion board. Students virtual. Learning environment.
Título em português Os estilos de aprendizagem perceptivos de estudantes de hospitalidade em um ambiente virtual de aprendizagem: o caso de Taiwan	Título em português Avaliando o valor de usar um fórum de discussão <i>on-line</i> para envolver os alunos
Palavras-chave EFL. Estilos VAK. Ambiente virtual de aprendizagem.	Palavras-chave Fórum de discussão. Alunos virtuais. Ambiente de aprendizagem.
Resumo A aplicação da tecnologia moderna faz com que os estilos de aprendizagem perceptivos dos alunos desempenhem um papel decisivo no processo de interação entre professor e aluno. Neste estudo, o Inventário de Estilo de	Resumo Este artigo apresenta as conclusões de um estudo empírico que explora as percepções dos estudantes sobre o valor de um fórum de discussão <i>on-line</i> para o trabalho em grupo. As descobertas indicam que, embora a maioria dos

<p>Aprendizagem de Barsch foi usado para examinar os estilos de aprendizagem perceptivos dos participantes. A amostra consistiu de estudantes universitários de hospitalidade (N = 72) em Taiwan, que se envolveram com um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de um curso de inglês. Seis tipos de estilos perceptivos foram encontrados usando a análise de cluster e a análise discriminante implementada para justificar os resultados da análise de cluster mostrou que os clusters propostos foram capazes de prever com sucesso 95,83% da classificação.</p>	<p>alunos se envolvesse com o fórum <i>on-line</i> e o considerasse valioso, vários alunos não interagiram com ele nem o acharam apenas de uso limitado. O estudo tem implicações para a prática, pois fornece uma visão geral de como os alunos percebem a utilidade de um fórum <i>on-line</i> e como ele pode ser usado para incentivar o envolvimento do aluno.</p>
--	---

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 17 - Revisão de literatura no período de 2010

<p>Ciências Sociais</p>
<p>Publicação Journal of Teaching in Travel and Tourism. 10(4), p. 289-311.</p>
<p>Autores LEE, W.; GRETZEL, U.</p>
<p>Título em inglês Tourism students' mental imagery ability: implications for multimedia learning environments</p>
<p>Keywords Cognitive styles. Mental imagery ability. Multimedia. Learning environments. Multimedia learning theory. Virtual learning environments.</p>
<p>Título em português Capacidade de imagens mentais de estudantes de turismo: implicações para ambientes de aprendizagem multimídia</p>
<p>Palavras-chave Estilos cognitivos. Capacidade de imagens mentais. Multimídia. Ambientes de aprendizagem. Teoria do aprendizado multimídia. Ambientes virtuais de aprendizagem.</p>
<p>Resumo Cada vez mais os estudantes se envolvem com tecnologias multimídia e esperam que os ambientes de aprendizado suportem interações semelhantes. Embora os educadores de hotelaria e turismo tenham começado a integrar tecnologias em seu ensino, os aplicativos de aprendizado que eles usam são muitas vezes restritos a textos publicados em <i>sites</i>. Este artigo argumenta que os sistemas imersivos não são apenas mais envolventes, mas podem realmente ajudar os alunos com dificuldades em relação ao processamento de imagens mentais. Um estudo foi realizado para investigar se as diferenças na capacidade de imagens mentais podem ser encontradas entre os alunos. Os resultados sugerem que existem diferenças significativas no processamento de imagens mentais e precisam ser reconhecidas ao projetar e avaliar aplicativos de aprendizagem.</p>

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 18 - Revisão de literatura no período de 2009

<p>Negócios, Gestão e Contabilidade</p>
--

Publicação Tourism Management. 30(2), p. 184-193.
Autores BREUKEL, A.; GO, F. M.
Título em inglês Knowledge-based network participation in destination and event marketing: a hospitality scenario analysis perspective
Keywords Destination marketing. Hospitality sector. Knowledge-based networks. Information and communication technologies (ICT). Scenario analysis.
Título em português Participação da rede baseada em conhecimento no marketing de destino e de eventos: uma perspectiva de análise de cenário de hospitalidade
Palavras-chave Marketing de destino. Setor de hospitalidade. Redes baseadas em conhecimento. Tecnologias de informação e comunicação (TIC). Análise de cenário.
Resumo Este documento examina como as empresas podem decidir criar uma colaboração de rede eficaz, mesmo que as formas atuais de mediação tenham se mostrado inadequadas. Um dos principais problemas dessas empresas é que elas não têm uma visão clara do futuro "negócio modular". O setor de hospitalidade holandês enfrentou esse dilema e encomendou um estudo de cenário, uma ferramenta que pode auxiliar o processo interativo de formação de imagem no futuro, em meio à incerteza, e apoiar a tomada de decisões. Os resultados indicam que as modernas TIC podem oferecer suporte ao estabelecimento de redes de hospitalidade que moldam um ambiente físico e virtual para a prestação de serviços para o desenvolvimento de demandas de clientes. Essas descobertas permitem que os empreendedores participem dos esforços para melhorar suas capacidades de TIC e moderação do compartilhamento efetivo de conhecimento dentro de uma plataforma de marketing de destinos e eventos. O entendimento resultante deve levar as partes interessadas a "recriar" a visão passada de hospitalidade em relação a opções estratégicas emergentes para empresas de hospitalidade.

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

Quadro 19 - Revisão de literatura no período de 2008

Ciências Sociais	Ciências Sociais
Publicação Journal of Teaching in Travel and Tourism. 8(2-3), p. 139-160.	Publicação Journal of Teaching in Travel and Tourism. 8(4), p. 315-327.
Autores PENFOLD, P.	Autores SINGH, N.; LEE, M. J.
Título em inglês Learning through the world of second life - a hospitality and tourism experience	Título em inglês Exploring perceptions toward education in 3D virtual environments: an introduction to "Second Life"
Keywords Tourism education. Virtual worlds. Second Life. Simulations.	Keywords Virtual environment. Second Life. Usefulness. Playfulness. Ease of use. Student learning.

<p>Título em português Aprendendo através do mundo da segunda vida - uma experiência de hospitalidade e turismo</p>	<p>Título em português Explorando percepções em relação à educação em ambientes virtuais 3D: uma introdução ao <i>Second Life</i></p>
<p>Palavras-chave Educação turística. Mundos virtuais. Segunda vida. Simulações.</p>	<p>Palavras-chave Ambiente virtual. Segunda vida. Utilidade. Brincadeira. Fácil de usar. Aprendizagem do aluno.</p>
<p>Resumo Os mundos virtuais são um fenômeno que desperta o interesse de educadores de todo o mundo, com mais de quinhentas instituições educacionais experimentando ou oferecendo aulas no mundo virtual do <i>Second Life</i>. Enquanto muitos educadores estão entusiasmados com o potencial dos mundos virtuais, outros são cautelosos ou céticos. Alguns os consideram como jogos de luxo, enquanto outros têm medo de degradar o aprendizado dos alunos. Os mundos virtuais certamente não são uma panaceia para o ensino superior e apresentam muitos desafios para alunos, professores e administradores. Este artigo descreve como o <i>Second Life</i> tem sido usado para ensinar e aprender em uma escola de hospitalidade e turismo em Hong Kong. Ele discute algumas das oportunidades, desafios e problemas do uso desse ambiente virtual e analisa dados coletados de alunos e professores que usaram o <i>Second Life</i> para aprender e ensinar em quatro cursos diferentes. O artigo conclui sugerindo estratégias e técnicas para usar efetivamente os mundos virtuais na hospitalidade e na educação turística.</p>	<p>Resumo Se as instituições educacionais quiserem preparar efetivamente a comunidade do século XXI que trabalha com colegas globalmente e em diferentes fusos horários, elas precisam começar a ensinar os alunos usando as ferramentas tecnológicas da próxima geração. Uma das ferramentas disponíveis hoje é <i>Second Life</i>. É um ambiente virtual simulado baseado em computador que permite aos usuários interagir em tempo real. A ferramenta também ganhou a atenção de educadores em todo o mundo como um meio para oferecer todas ou algumas das atividades do curso aos alunos do <i>Second Life</i>. Este estudo explora as percepções dos alunos sobre o uso do <i>Second Life</i> como uma ferramenta instrucional no ensino de cursos <i>on-line</i> ou mistos de turismo e hospitalidade no futuro. Regressões múltiplas são usadas para testar o modelo de aceitação de tecnologia (TAM) para medir o objetivo da pesquisa. Os resultados sugerem que os alunos têm percepções altas e positivas do uso de ambientes virtuais, como a segunda vida, como ferramentas de ensino para futuros cursos de turismo e hospitalidade.</p>

Fonte: Adaptado Scopus, 2018

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM ISABELA MARIA GOMEZ DE MENEZES

Realizada em 23 de fevereiro de 2020

Entrevistadora Maria José Rosolino

Transcrição editada

LEGENDA:

(inint)[hh:mm:ss] = palavra ou trecho ininteligível

(palavra)[hh:mm:ss] = incerteza de palavra transcrita / ouvida

INÍCIO [00:00:02]

Maria José: Entrevista Isabela a respeito do *Transition Town* Brasil, dia 23 de fevereiro. Isabela, boa tarde.

Isabela: Boa tarde, Mazé. Prazer estar com você.

Maria José: Primeiro, muito obrigada pelo seu tempo, sua disponibilidade de conversar comigo. Para deixar um pouquinho mais claro os meus objetivos, estou fazendo um doutorado em hospitalidade que é um programa ligado à administração, quer dizer, a epistemologia da hospitalidade está ligada à área de turismo e administração, mas a linha de pesquisa é Dimensões e Contextos da Hospitalidade. Como eu fiz mestrado lá, estou avançando agora nas discussões sobre hospitalidade e ambiente virtual, e escolhi, como contexto para eu poder elaborar o que eu estou chamando de Ecologia da Hospitalidade em Rede, o movimento das Cidades em Transição que conheci a partir dos estudos sobre o decrescimento econômico. O movimento pareceu mais fácil de compreender e materializar o que é um decrescimento econômico.

Isabela: É um (freese)[00:01:42]?

Maria José: É. O que você ouviu?

Isabela: O movimento foi mais fácil de compreender. Acho que eu ouvi tudo.

Maria José: Foi isso mesmo o que eu falei. A minha metodologia está mesclada entre a etnografia ou a netnografia e o estudo comparativo porque estou querendo avaliar as semelhanças e as divergências do que seria essa hospitalidade em ambiente virtual com o *site*, com a rede social *Transition Town* Brasil, França e o *blog* do Rob Ropkins. E aí como parte da metodologia da etnografia preciso fazer, digamos, a minha entrada na rede localizando os que

são líderes ou aqueles que poderiam me aceitar dentro desse ambiente. Localizei você como a responsável e é por isso que estamos conversando. Então, como é que é essa estrutura da rede *Transition Town* no Brasil, como é que você entrou nela, como é que as coisas começaram?

Isabela: Muito bem. Eu conheci o movimento em fevereiro, março de 2009. Imediatamente me apaixonei. O movimento fez muito sentido para mim porque é um movimento de ação comunitária, de criação e ação comunitária, e eu conheci através de dois arquitetos que me foram apresentados. Fui fazer um voluntariado no Instituto Crítica, no Instituto que eles tinham e que estavam, também através dele, começando a mexer com o (transpolis)[00:03:44]. Tinham conhecido um ano antes, e o Marcelo estava criando a rede do *Transition*, tinha acabado de criar, que era a rede Ning, que foi a escolha que ele fez na época. Eu comecei a trabalhar nesse (inint)[00:04:02] e naturalmente, de uma maneira muito orgânica, como eu estava muito animada com o movimento, comecei a abraçar junto com ele essa coisa da rede. Comecei a fazer curso, treinamento, comecei o grupo onde eu moro, comecei a colaborar com o grupo da Brasilândia, então foi um envolvimento muito natural com a plataforma do Ning, fazer a plataforma do Ning crescer, o número de membros crescer. Acho até que o número de membros é bem pequeno para tudo o que o movimento abraça no Brasil. Desde o início, o que eu percebi do (inint)[00:04:49] é que era um culto de disparo de notícia. Não é um encontro de conversa.

Maria José: De relacionamentos.

Isabela: É, de relacionamento. Muita gente não compreendia a plataforma, achava a plataforma um pouco confusa, isso em 2009. Acho que as redes sociais ainda eram diferentes, porque é uma coisa que evolui com muita rapidez e a gente sente que muita gente tinha essa dificuldade, mas a gente começou a perceber que era um ponto de encontro. Dali a gente conseguia descobrir quem é que estava entrando, de onde a pessoa era e conseguia disparar aviso de treinamento, coisas que estavam acontecendo no movimento. Mas isso no tempo foi voluntário, nunca foi uma posição paga, então era sempre que dava. Dava, a gente puxava.

Maria José: Claro.

Isabela: (inint)[00:05:47] porque todo mundo tinha que ganhar a vida. E uma das coisas do movimento é que a maioria das pessoas se encaixou no que fazer o tempo todo, mas as pessoas têm que trabalhar. E para você fazer parte de um movimento voluntário, você tem que ter muito tempo interno, muita disposição, muita certeza. A gente (inint)[00:06:10] um movimento de inspiração no Brasil, o Ning não é o ideal, tanto que a gente agora está preparando um *site*, que é um *site* menos interativo que o Ning. O Ning é uma plataforma incrível, mas as pessoas têm muita dificuldade (inint)[00:06:29].

Maria José: Espera aí que travou. Espera aí.

Isabela: Era aquela loucura.

Maria José: Espera aí que travou. Quando você fala em Ning é o que está no ar agora?

Isabela: Ning.

Maria José: É o *Transition Town* Brasil?

Isabela: É. É uma plataforma Ning que é uma plataforma bacana, você pode formar grupos, fazer fóruns.

Maria José: Sim.

Isabela: Mas não colou. Talvez pelo momento, não sei. Eu sei que o Facebook também não era lá tão forte quando estava iniciando e as pessoas tinham muita dificuldade com essa coisa. Todos os grupos de transição do mundo têm dificuldades de comunicação. Todos.

Maria José: Eu percebi isso. É. E essa plataforma é comum a todos? É isso? Como é que funciona?

Isabela: Cada grupo escolhe o tipo de comunicação que vai fazer no nível do seu grupo, no seu *hub* nacional. Isso é uma escolha de cada um.

Maria José: E quem toma essa decisão?

Isabela: Os representantes do movimento. O movimento é muito orgânico. As pessoas vão se envolvendo, se envolvendo, um grupo resolve ir na conferência internacional, dali ele começa a ser o representante nacional se ele tiver contato com outros grupos, as pessoas se formam treinadores, então organicamente se forma um núcleo que é o núcleo que se comunica com o movimento internacional. Esse grupo representa o movimento do país onde ele está.

Maria José: E no Brasil quem é? No Brasil é você?

Isabela: No Brasil o grupo começa com Monica, May, Marcelo, Frank, eu, Taisa, Zaida, e hoje em dia, por exemplo, Marcelo e Frank não estão mais atuantes, a May é muito internacional, então dificilmente ela decide, tem um pessoal, tem a Mel, algumas outras pessoas agregam. Mas existe um corpo comum que é a Monica, eu, Zaida, Taisa. São pessoas que vêm desde o início do movimento. Por exemplo, eu passei anos cavando do meu bolso as minhas idas para as conferências porque somos um movimento sem arrecadação de dinheiro. A gente não arrecada nada de ninguém. Se você quer saber, Mazé, está todo mundo feliz assim.

Maria José: Claro.

Isabela: Porque para montar uma estrutura no Brasil não é fácil. Você tem que ter dinheiro, contador, uma pessoa dedicada e nunca foi o caso. É um movimento de inspiração onde as pessoas pegam essa metodologia, essa tecnologia, essa ideia e saem fazendo do jeito delas.

Maria José: Quer dizer, não tem CNPJ, nem entrada, nem saída, nada disso?

Isabela: Nada disso. No mundo cada grupo decide como quer se formalizar ou não. O grupo brasileiro nunca quis se formalizar. Porque a gente sabe o enrosco que é e a trabalhadeira que dá você ter uma empresa, uma organização, uma ONG, um instituto, o que seja. É dinheiro mensal

que sai. E você tem que ter uma pessoa cem por cento nisso. Isso nunca existiu. A gente deu para ser uma organização de centro vazio.

Maria José: E como é que vocês se conheceram? Você, a Zaida, é dentro de um ambiente *on-line* ou é fora e depois dentro do ambiente? Quem cuida desse ambiente *on-line*?

Isabela: Eu conhecia o Marcelo e o Frank. Eles me apresentaram pessoalmente para a Monica. Aí na conferência eu conheci a Zaida, a gente foi se conhecendo pessoalmente. Esse núcleo maior. Pelo menos no início. Mais para a frente, várias pessoas iam entrando em contato por conta da rede. (inint)[00:11:10] ficava lá sempre postando, então tudo o que caía, caía em cima de mim. Fiz contato com muitas (inint)[00:11:22]. A gente tem grupo de WhatsApp hoje em dia, e se comunica por ele. O Facebook nunca foi uma superinspiração, mas a gente também não tem um trabalho massivo de rede, entendeu?

Maria José: Sim.

Isabela: Hoje em dia a gente se fala pelo Ning, pelo Facebook, a gente tem Twitter, tem canal de YouTube, mas como justamente a gente não tem uma pessoa dedicada, é o que dá.

Maria José: Entendi. E hoje quem é que está dedicado? Você falou que tem uma pessoa fazendo um novo *site*, não é mais o Ning, é uma outra plataforma?

Isabela: Nós vamos migrar. O Ning ainda funciona, eu pedi um *funding*. o Ning é complicado. (inint)[00:12:19] porque o Ning é pago. Então, a gente vai fugir do Ning e vamos para um *site* gratuito, ancorado na rede internacional, (inint)[00:12:36] hospedagem na rede internacional, e a gente vai conseguir a mesma interação sem gastar tanto dinheiro.

Maria José: Essa dificuldade que é colocada no Ning, é possível eu entrar em contato com a pessoa que gerencia essa plataforma no mundo?

Isabela: O Ning? No mundo?

Maria José: É.

Isabela: Acho que sim. Eles têm atendimento, se você mandar uma dúvida, uma questão, alguma coisa. Eu não sei se é coisa de brasileiro, eu não sei se é muita rede social, e as pessoas têm preguiça de se dedicar.

Maria José: Pode ser. Eu me cadastrei no *Transition* France e foi, inclusive, trocando mensagens com a Julie que ela citou seu nome e é curioso porque tem um *link* na *home* do *Transition* que é muito parecida, ou seja, pelo menos a marca é igual, a logomarca aqui do Brasil que deve ser uma instituição, você vai fazer parte da rede, você usa visualmente a marca. Mas lá a *home* tem um conjunto muito maior de situações de cidades que estão participando do movimento e à esquerda tem um *link* de um grupo – são vários grupos – mas tem um grupo especialmente que fala quase que institucionalmente do movimento em transição. Ele não é específico de Lion ou de Paris. A Julie provoca uma série de discussões, inclusive isso: por que

é que a gente não cria vínculos? Por que é que a gente não consegue se reunir e, de fato, interagir? O que acontece com a gente que não evoluímos nesse quesito de interação? E outra coisa curiosa que eu queria perguntar é por que não tem um *Transition Town England* ou Grã-Bretanha? Por que é o *blog* dele que representa o movimento?

Isabela: Não tem por que o *hub* inglês é relativamente novo e, que eu saiba, eles ainda não criaram esse *site* deles. Não sei se porque é muito confortável existir o *site Transition Network* que tem todas as informações, então talvez seja assim repetir um monte de coisas não é necessário.

Maria José: Certo.

Isabela: Na mesma língua. O *hub* inglês nunca se preocupou e ele é relativamente novo. Sei lá, uns dois ou três anos talvez. Mas eu nunca perguntei isso para eles. Eu acho que é porque já existe o *Transition Network* na língua deles, todas as informações do mundo. Então talvez eles não tenham se interessado realmente em montar um.

Maria José: Sim.

Isabela: O *hub* brasileiro quer um *site* que tenha as informações principais do movimento, sabe? Mas que não seja essa coisa de interagir. Porque hoje em dia, Mazé, na verdade, as pessoas quando querem interagir, mandam um WhatsApp para a gente. Eu tenho grupo de WhatsApp do *Transition* (inint)[00:16:33], eu tenho o grupo de WhatsApp do *Transition* de Brasília, está todo mundo migrando. Eu mesma sou uma pessoa que não entro mais no Facebook, eu passo o olho, eu não leio tudo justamente porque é muita coisa. É enlouquecedor.

Maria José: Mas você não acredita que se ficar entre grupos de WhatsApp você não terá um repositório? Eu andei estudando sobre isso e parece que lá atrás, aqui no Brasil também, existia uma rede chamada Wiser.

Isabela: Wiser?

Maria José: A Julie fala disso em algumas conversas. Ela diz assim: “O que eu sinto falta é exatamente de um lugar onde as iniciativas possam trocar ideias, possam de fato interagir com as facilidades, as dificuldades, as barreiras, onde a gente de fato interaja um com o outro, conheça o que deu certo, implante aquilo que deu certo pelas similaridades culturais, porque isso faz parte da cultura mesmo de um país, de um lugar, da história, enfim, e que esse grande repositório, de repente, alguém deletou. E assim perdeu-se uma série de referências e aí cada um foi construir o seu próprio e que o movimento está se esvaziando justamente em função dessas situações que são mais particularizadas e não generalizadas”. Isso foi o que eu entendi. Ela está falando em francês, eu estou colocando no Google, na tradução do francês, mas parece que ela leva a esse fato: que falta exatamente um espaço que consiga fazer com que as pessoas interajam, porque o movimento necessita da interação amplificada. O que você pensa disso?

Isabela: Eu penso que o *Transition Network* tem um espaço para tudo isso só que é tudo em inglês. Então você não abraça todo mundo. Porque tem muita gente que não fala inglês, que são

os grupos menores. Aí essa responsabilidade passa a ser do *hub*. O *hub* (inint)[00:19:10]. A maioria dos *hubs* não é (inint)[00:19:14]. Nem todo *hub* tem CNPJ, tem *funding*. Significa que não são profissionais que estão ali montando um *site* específico nacional. Entendeu?

Maria José: Sim.

Isabela: E o que eu acho mesmo é que como você não ganha, você não consegue fazer uma dedicação, talvez, cem por cento.

Maria José: Sim.

Isabela: Você não amplia esses espaços em nível nacional. Porque tem que ser em nível nacional de *hub*. Não adianta o (inint)[00:19:49] já tem lá uma plataformazinha de tradução mas não é a mesma coisa, não é, Mazé?

Maria José: Não, não é.

Isabela: Na verdade o *hub* Brasil tem que promover essa interação.

Maria José: Isso.

Isabela: Eu faço esse *link*, mas o *site* não faz.

Maria José: E quem gerencia o *site*?

Isabela: Eu.

Maria José: Entendi.

Isabela: Sou eu.

Maria José: Você está passando para a uma pessoa para que ela faça algo que, na verdade, seja um repositório ou explique o que é o movimento, mas não interaja?

Isabela: É. Sem essa coisa do Ning que interage, mas ninguém interage. No Ning ninguém interage. No fundo o que as pessoas fazem é entrar em contato com quem administra para saber de alguma coisa. Quando eu vejo: queria saber muito de grupos de transição no interior de São Paulo; eu falo: olha, tem em tal lugar, em tal lugar e em tal lugar, fala com fulano, fala com sicrano. Mas quem faz essa ponte sou eu.

Maria José: Entendi. Você acredita na interação ou não acredita na interação via *site*? Você prefere as redes individualizadas?

Isabela: (inint)[00:21:40]. Eu acho, Mazé, que quem quer e tem interesse vai pelo *site*; vai por qualquer lugar que achar. Uma coisa de quem realmente quer saber. Quem realmente quer saber, me acha. Você me achou.

Maria José: Achei. Achei pelo *site*. Exatamente.

Isabela: Quando a pessoa tem interesse, ela acha. A gente tem um *e-mail Transition Brasil*. Quem quiser manda *e-mail*. Quem quiser entra no Facebook e faz a pergunta, entendeu?

Maria José: Sim.

Isabela: O que acontece é que, assim, é (inint)[00:22:20]. Eu, por exemplo, no último ano, meio que tirei um pouco o meu pé porque estou estruturando uma nova atuação profissional, (inint)[00:22:30]. E aí o que acontece? Enfraquece.

Maria José: Claro.

Isabela: (inint)[00:22:43]. Porque todo mundo tem um monte de atividade do *hub* brasileiro, entendeu? Eu não sei se eles são descansados, porque eu sempre fui a louca que fazia tudo, ou se, talvez, eu tenha tirado o espaço deles e preciso abrir espaço, que é o que eu estou tentando fazer, (inint)[00:23:08] Porque muitas pessoas me ligam: eu quero ajudar, (inint)[00:23:14], que legal, vamos formar um grupo de comunicação. O grupo de comunicação começa, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, mas aí a vida pessoal e a vida profissional vão roubando a pessoa, justamente porque a pessoa não para, a pessoa não tem tempo, a vida de todo mundo muda, não é? Então, eu acho assim, que é sempre mais legal fazer um *link* pessoal, como a gente está aqui conversando. Usar a rede para você acessar um contato é muito legal, mas essa interação puramente por plataforma eu acho que perde tanto, não é? Perde a voz, perde esse contato, (inint)[00:23:56] ou até como a gente está fazendo aqui. É mais interessante a gente se entender, mas, assim, conexões acontecem não só comigo, acontecem com todo mundo do *hub*, de várias maneiras. Tem coisa que eu nem fico sabendo que está acontecendo, que um grupo encontrou outro grupo, e tudo bem. Porque, assim, o *hub* brasileiro não tem a pretensão de controlar nada. Na verdade, a gente está aqui fomentando o movimento no Brasil.

Maria José: Certo.

Isabela: (inint)[00:24:33] vai fazendo as coisas, mas, assim, a gente precisa de tantos grupos registrados? Não. Se os grupos quiserem se registrar, eles vêm e se registram. Entendeu?

Maria José: Sim.

Isabela: (inint)[00:24:46] entra no *site*, eu não quero falar com ninguém do *Hub Brasil*, entra no *site* do (inint)[00:24:54] pega a metodologia, lê e aplica. Esse negócio do movimento estar se esvaziando, eu não sei se é exatamente isso, entendeu, Mazé. Primeiro, porque o mundo está mudando muito rápido. Segundo, porque tem aí uma questão política que está mexendo com muitas coisas das pessoas: paradigma, crença. As pessoas se rebelam quando elas começam a perder privilégios. Se você tem uma vida na Inglaterra toda gostosinha, toda arrumadinha, começa a chegar imigrante e mexer com a sua vida, está mexendo com os seus privilégios. É como se o ativismo no mundo tivesse ficado um pouco pesado, as pessoas com menos esperança. A gente vê movimentos como o *deep adaptation* e o *extinction rebellion* crescendo porque são mais combativos, porque a gente está chegando no prazo do *point of no return*, a gente está chegando no ponto onde não tem mais como voltar.

Maria José: Que é o ponto do Rob Hopkins, não é isso? Do estudo dele?

Isabela: Não. São estudos de todos os painéis climáticos mundiais. A gente está chegando perto.

Maria José: Do esgotamento total.

Isabela: É. E o Rob está muito ligado (inint)[00:26:38] tem um livro que fala sobre a criatividade. Porque a visão é muito importante. Se você não tiver capacidade de criar e de sonhar, você não vai fazer uma visão interessante. A gente sabe que uma visão feita já é cinquenta por cento do caminho andado para que ela se realize. O Rob está muito focado nisso. Tem outros movimentos que estão mais emergentes, estão na emergência. Eu acho que existe uma sensação de emergência no mundo.

Maria José: É.

Isabela: Se você me pergunta: vai (inint)[00:27:15] o suficiente para a gente segurar o estilo de vida que a gente tem hoje? Por isso esse movimento de *deep adaptation*, o quanto a gente vai precisar se adaptar porque muita coisa vai mudar, enchentes.

Maria José: Tempestades.

Isabela: Incêndios, ou seja, é quase que um ponto, quase que a gente está indo já, estamos perto do muro em alta velocidade.

Maria José: É verdade.

Isabela: Então, assim, o movimento pedir para você perceber essas questões e começar a mudar a região onde você mora, eu acho que isso continua. É que muita gente está vendo que isso não vai dar tempo. Não vai dar mais tempo. Mas eu vou lhe falar. O que me segura, Mazé, é o meu grupo local. Eu tenho um grupo local muito forte, que faz coisas maravilhosas. A gente não consegue comunicar tudo. Não consegue. Não tem jeito. A comunicação é um nó de praticamente todos os grupos de transição. Você entra no nosso *site* – chama transitiongranjaviana.com – tem todas as nossas ações, tudo o que a gente faz. E a gente tem dificuldade de comunicar. Porque ninguém passa o dia na rede fazendo isso para a gente. É a gente, quando dá. A gente já criou uma sistemática: fulano posta no Facebook, sicrano faz, o dia a dia rouba a gente, isso (inint)[00:29:30] muito da gente, não é?

Maria José: Certo.

Isabela: Eu não sei exatamente para onde o mundo está nos levando. E eu estou cansada das redes sociais. Me cansa Facebook. Me cansa Instagram, Twitter.

Maria José: O Twitter é, inclusive, o repositório do ódio, não é?

Isabela: É.

Maria José: A hostilidade, que é o inverso da hospitalidade, o Twitter é a representação maior nas redes, não é? Isso está evoluindo muito rapidamente.

Isabela: É. Eu tenho muito pouca conexão com o Twitter e com o Instagram. Eu não entendo muito bem, eu tenho mais dificuldade com essas plataformas. Mas também não estou ligando muito porque, na verdade, estou achando muito chato tudo isso. Eu estou preferindo a minha vida real, o meu dia a dia.

Maria José: O que está perto de você, não é?

Isabela: É. Nem o WhatsApp eu estou aguentando mais.

Maria José: Porque o WhatsApp é de uma invasão de privacidade incrível.

Isabela: É.

Maria José: Se a pessoa conhece, sabe os seus hábitos e lhe respeita, ela não vai invadir. Mas a maioria das pessoas não está preocupada com isso. É o tal do paradigma do individualismo, do positivismo. Preciso resolver meu problema agora, então vou lhe incomodar de madrugada, seja lá o que for.

Isabela: Eu faço parte de uns grupos, por exemplo, esse Aliança Regeneradora Criativa. Eu mal tenho tempo de ler tudo o que é postado aqui. Não tenho, Mazé. A minha vida é corrida. Tenho um monte de coisa, tomo conta da minha casa, faço kombucha, eu vendo, faço uns trabalhos fora, aí quando sobra tempo, eu sento no computador, dou aceite numa pessoa no *site* da *transition*, aí vejo uma notícia bacana, posto, e depois a minha vida vai, de novo tem um monte de coisa para fazer, enfim, eu não tenho tempo de ficar no telefone o tempo todo.

Maria José: Entendi.

Isabela: Eu acho que a maioria das pessoas em transição, depois que elas conseguem o mínimo de informação, vão embora para as vidas delas. Quem quer aprofundar, me liga, me chama: Isabela, preciso de ajuda. Aí eu vou e ajudo.

Maria José: Entendi.

Isabela: Se é do Rio de Janeiro, a gente encaminha para o Rio de Janeiro, entendeu? Mas no fundo a galera mesmo da transição é mais ligada, e deve ser mais ligada no local do que o resto. As conexões grandes, nacionais, isso é para quando você tem uma estrutura muito grande de gente que ganha para fazer isso. Então, com o voluntariado a gente vai até certo ponto.

Maria José: Claro.

Isabela: Depois de certo ponto não vai mais.

Maria José: É porque também não tem o dinheiro, o investimento na compra da plataforma ideal, nas linguagens, a linguagem audiovisual que é uma linguagem que roda bem, que tem

um alcance maior, os depoimentos que são situações que cristalizam a dificuldade, a valorização daquela ação, mas, então, e aí qual é a minha proposta de contribuição? Primeiro, me colocar como mão de obra, como braço.

Isabela: (inint)[00:32:42] essa parte.

Maria José: É fundamental porque a gente, e comigo um conjunto de estudantes, para participar disso tem que ter a visão de mundo que se conecte com isso.

Isabela: Da transição, não é?

Maria José: A primeira situação é essa. E no meu dia a dia eu encontro muito eco entre os jovens que não sabem direito como ajudar, não sabem direito o que fazer, que também estão envolvidos nesse dia a dia de trabalho, de estudo e de se divertir, de namorar eventualmente, mas o que eu percebo é que eles são muito identitários, e esta é uma causa que provoca e que eles são sensíveis.

Isabela: Legal.

Maria José: Minha proposta seria: primeiro eu tenho interesse de construir uma tese em torno disso. Toda tese precisa olhar um fenômeno social e precisa de fato trazer para a realidade aquilo que ela está estudando. A minha ideia seria investir na metodologia da etnografia nesse primeiro momento, e ajudar a construir, na medida em que vocês autorizem evidentemente, uma rede, um *site* que de fato tenha o paradigma da dádiva e da hospitalidade como norteador da construção dos tópicos, e que eu consiga fazer deste modelo, deste constructo, algo que possa ser apresentado para a França, para a Inglaterra, porque no estudo comparativo, e aí eu vou precisar da sua ajuda também para conversar, da mesma maneira que eu estou conversando com você, com a Julie, a Isabela da França é a Julie. E ter o contato com o Rob Hopkins, porque ele, em tese, é o gestor do *blog* dele, para eu poder fazer essa mensuração de semelhanças. Como você está afirmando, parece empiricamente que a comunicação é um problema muito sério, a comunicação virtual é um problema que em vez de ajudar, atrapalha, mas ela também é irreversível.

Isabela: É.

Maria José: Nos dias de hoje, o ambiente *on-line* virtual também não dá para a gente dar as costas para ele.

Isabela: É.

Maria José: A minha ideia é trabalhar em conjunto com vocês, para a gente construir algo que de fato favoreça o movimento, traga mais pessoas.

Isabela: Contribua.

Maria José: Isso. Contribua com a própria comunicação virtual. A tese é a hospitalidade em ambiente virtual na comunicação do movimento. É este o universo que eu estava querendo

ofertar, oferecer para vocês e ver se eu consigo de fato fazer alguma coisa por essa história também. Além de ter o interesse em desenvolver alguma iniciativa até no condomínio onde eu vivo. São muitos prédios, já lhe contei isso, e eu não sei exatamente o que eles fazem com as coisas, com o lixo, com a compostagem, enfim, mas eu não posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Não dou conta. Então, a ideia primeiro é me envolver com a construção desse *site* e fazer uma proposta, testar a proposta evidentemente. Eu tenho que testá-la na medida em que a gente precisa chegar em alguns parâmetros. Em tese é isso.

Isabela: Acho superbacana.

Maria José: Sim. E fazendo a mesma coisa com os seus pares, digamos assim, para também lhe apresentar o que é semelhante, o que é diferente, estabelecendo as variáveis, não é? Se é variável tecnológica, se é variável cultural, se é variável de linguagem, quer dizer, de fato lhe fazer acompanhar passo a passo na construção dessa tese.

Isabela: Acho superbacana.

Maria José: Por onde começamos? Resgatar o Ning você não quer? Você acha que ele não funcionaria?

Isabela: Não.

Maria José: Entendi.

Maria José: E apresentar alguma justificativa ou tentar buscar uma parceria que apoie essa manutenção do Ning você também não acha que seja viável?

Isabela: Não. Acho difícil porque eu não tenho essa especialidade dentro do *hub*, da gente procurar por dinheiro. Não é uma coisa (inint)[00:39:34] para a gente. E no fundo a gente quer um *site* que tenha todas as informações que a gente precisa e que possa ir alimentando com as coisas. Mas assim, Mazé, a gente não tem um grupo ainda forte e atuante na comunicação para alimentar alguma coisa constantemente, entendeu?

Maria José: Entendi. Qual é a plataforma que vocês escolheram? Você sabe?

Isabela: Eu acho que é WordPress.

Maria José: Já conheço.

Isabela: Eu acho super bacana, super (inint)[00:43:21], fazer as conexões, eu conheço a Julie e com ela acho que a conversa é fácil, posso por você em contato com o CEO do Rob Hopkins, para ajudar nessa história, para conversar, acho que a gente consegue fazer isso aí sim.

Maria José: Eu preciso levantar quais são as motivações, porque uma das defesas é que quem projeta o *site* precisa ter esses princípios de hospitalidade. Em hospitalidade dizem que há um rito de passagem, há uma soleira. A partir do momento em que você é recebido naquele ambiente, você tem que interagir, tem que conhecer a pessoa, tem que dar boas-vindas a ela,

existem linguagens que permitem que a pessoa se sinta acolhida mesmo num ambiente virtual. E é essa dinâmica, quer dizer, explorar todo esse repertório de hospitalidade, mas no momento de fazer o *site*, de propor, não é?

Isabela: Claro. A pessoa se cadastra, me cadastrei no *site*, vou receber primeiro o manual, você já conhece essa coisa, você recebe o manual, depois você recebe uma informação de que existe um grupo perto de você em tal lugar.

Maria José: Isso pode ser uma linguagem audiovisual, você pode fazer um pequeno vídeo seu dizendo: oi, olha, que bacana, você entrou aqui e a gente está disposto a lhe ajudar, faça isso, faça aquilo, registre aqui, grave o seu vídeo, coloque o seu vídeo aqui no fórum para as pessoas lhe conhecerem, quer dizer, esses elementos também passam pela questão da tecnologia. Quando a gente tem um *site* gratuito, a gente tem uma coisa um pouco mais simples. Na medida em que você vai criando complexidades, você precisa comprar espaço, comprar nuvem, enfim, apostar numa interatividade, se começar a rodar o vídeo e não abrir o vídeo também a pessoa se cansa, deleta, vai para outro lugar, então, são coisas que não dependem só do conteúdo do hospitaleiro. Na verdade, eu tenho que medir tudo isso, o quanto a tecnologia é responsável por uma mensagem hospitaleira. Eu acho que não. Eu acho que há formas simples, recursos que são até *free* para que você faça isso, mas se pegar o negócio vai se avolumando e aí você teria que, de fato, pensar numa outra constituição. Eu precisaria entrevistar a Julie também nesse sentido, e ouvir dela porque ela já usa uma outra ferramenta que está ligada ao Google. Não sei se você já viu. Quando você clica na *home* do *Transition France*, você vai para um bate-papo que é gerenciado pelo Gmail, pelo Google. Deve ser uma plataforma gratuita também, mas aí é só texto. E é legal.

Isabela: *Transition France*. Deixa ver aqui.

Maria José: No canto esquerdo.

Isabela: A França é um país que está mais forte.

Maria José: Por isso é que eu escolhi também. Porque, pela minha avaliação, eu entrei em todas as redes. A quantidade de movimento e de interação que eles têm é maior que a nossa aqui, pelo que eu pude perceber.

Isabela: Eles são bem ativos. E eles usam o Ning, viu?

Maria José: O Ning é muito interessante. Ele tem *blogs*, fórum, tem uma série de ferramentas de interação. Tem muita postagem de gente que está lá no interior, que tem problema, mas ainda assim, segundo a Julie, não é uma ferramenta que constrói vínculos.

Isabela: É. Não é?

Maria José: Ela acha que esse é o grande problema: não constrói vínculos.

Isabela: Eu vou lhe falar, só de olhar dá preguiça.

Maria José: É muita coisa, não é?

Isabela: Tem muita coisa.

Maria José: Tem muita coisa. Eu também achei.

Isabela: Mas esse é o desafio da rede mundial também, viu?

Maria José: É.

Isabela: Acho muito interessante todo esse estudo que você está fazendo. Pode ser muito bacana para todo mundo.

Maria José: E aí a Julie, eu tenho o *e-mail* dela. Se eu passar um *e-mail* meu e copiar você, para você me apresentar, tudo bem?

Isabela: Tudo bem. Fica tranquila. Pode fazer essa conexão.

Maria José: E o outro nome com o Rob Hopkins eu não tenho.

Isabela: Você tem meu *e-mail*?

Maria José: *E-mail* seu, deixa eu ver. Eu tenho do *transition*.

Isabela: Pelo *transition*, não é?

Maria José: É. Você me respondeu. Entrei lá no *site*, mandei uma mensagem para você, e você me respondeu. Mas pode me passar que eu registro seu *e-mail* aqui.

Isabela: É xxxxx@globo.com

Maria José: Eu vou lhe enviar um *e-mail* agora.

Isabela: Eu tenho seu *e-mail* aqui.

Maria José: Só para a gente registrar.

Isabela: Está bem.

Maria José: Mandei.

Isabela: Então, fechou.

Maria José: Essa pessoa ligada ao Rob Hopkins, você pode me mandar por *e-mail*?

Isabela: Espera que eu já lhe dou. Anota aí.

Maria José: Espera aí. Fala.

Isabela: xxxxxx@transitionnetwork.org

Maria José: Obrigada. Você acha que é melhor que eu passe os grandes volumes da nossa conversa tanto para a Julie quanto para a Clara?

Isabela: Sim.

Maria José: Posso me apresentar, colocar meus objetivos.

Isabela: Colocar que você já está em contato com o *site* brasileiro, já está em contato com o *site* francês, seu objetivo é esse, esse, esse, além do estudo e da colaboração.

Maria José: Perfeito. Vou mantendo contato com você. Sou capaz de colocar você em cópia oculta para você acompanhar minha conversa, para saber em que ponto a gente está. E eu já estou iniciando a etnografia e é assim que o protocolo da pesquisa fica instituído.

Isabela: É, estou sabendo. É uma trabalhadeira.

Maria José: É uma trabalhadeira. Mas estou muito contente, muito motivada e acho que, de fato, vou contribuir com alguma coisa. Não adianta nada a gente fazer a proficiência e ela ficar engavetada.

Isabela: Exatamente. Aliás, eu sempre acho que se você vai fazer um mestrado, que seja algo realmente útil para a população.

Maria José: É. É verdade.

Isabela: Já está cheio de coisa que não serve para nada.

Maria José: Eu queria também depois fazer uma visita aí para eu conhecer a feira, a ecofeira, enfim, porque essa ponte, esse vínculo do que acontece no presencial, a gente pode reproduzir no ambiente virtual.

Isabela: Venha sim. Todo domingo das sete ao meio-dia no Parque Teresa Maia em Cotia acontece a nossa feirinha.

Maria José: Essa que você veio de lá agora.

Isabela: É. Lá que eu vendo kombucha.

Maria José: Que delícia. Eu vou buscar o meu, então.

Isabela: Está bem.

Maria José: Querida, muito obrigada, bom domingo.

Isabela: Eu é que agradeço.

Maria José: E vamos nos falando. Estou aqui, você tem o meu WhatsApp, o meu *e-mail*, enfim, não vou viajar, vou trabalhar nisso o feriado todo, então me acione com o que desejar.

Isabela: Eu acho que está sendo muito sincrônico. Acho que está se desenhando algo bacana.

Maria José: Que bom. Está certo. Muito obrigada Isabela. Obrigada mesmo. Um beijo para você.

Isabela: Um beijo para você também. Bom Carnaval.

Maria José: Bom carnaval.

TÉRMINO [00:55:13]

APÊNDICE C – PESQUISAS

PRIMEIRA PESQUISA SECUNDÁRIA - HUB BRASIL - 2014

COMENTÁRIOS REFERENTES À PERGUNTA 5: “QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O *SITE TRANSITION BRASIL*? VOCÊ ACHA A NOSSA PLATAFORMA DE COMUNICAÇÃO ÚTIL?”

“Nosso grupo ficou meio parado em 2013, por questões pessoais de vários membros (gravidez, carreira, saída do país, etc.). Por isso, estamos bastante desatualizados em relação à transição no Brasil. Mas de forma geral, acho que aqui as coisas ainda estão engatinhando. A plataforma de comunicação não é útil para o nosso grupo. Achemos que ela não é de fácil uso e também não caiu no gosto popular” (RESPONDENTE 1, 2014).

“O *site* é confuso. Tenho dificuldades em encontrar histórias de sucesso sobre transições no Brasil, entre outros aspectos - quais são os temas que interessam aos brasileiros em geral, que são o transporte, a educação e a saúde (em contraste com os temas geralmente abordados fora, que são as hortas comunitárias, as energias renováveis e as moedas locais, uma vez que transporte, educação e saúde já funcionam)” (RESPONDENTE 2, 2014).

“Sim. A plataforma é útil. Ajuda a disseminar ideias e notícias relacionadas ao tema. O que eu gostaria? Por exemplo, que a plataforma pudesse me ajudar a encontrar pessoas que estão construindo ecovilas. Construção mesmo, coletiva e em andamento” (RESPONDENTE 3, 2014).

“Não a achava útil. Estava pouco interativa, pouco interessante. Acho que muitas experiências maravilhosas de transição estão acontecendo, ou melhor, já em outro paradigma sem a identificação com o grupo *Transition Town* (TT). A maioria das que conheço e que são várias, realizam ações e interações na sintonia do TT, sem a ligação com o grupo” (RESPONDENTE 4, 2014).

“Acho que uma plataforma serve para congregar, para ir além de si mesma. Gosto muito e acompanho a Escola de Redes e a *Alternative Learning*. Quem sabe não seria uma boa sugestão esses casamentos? Conhecem?” (RESPONDENTE 5, 2014).

“Importante para difundir novas ideias, e sair do convencional. Mostrar que muita coisa já foi feita em benefício das cidades e que podemos aproveitar essas experiências e fazer melhor” (RESPONDENTE 6, 2014).

“A rede virtual consegue unir pessoas de forma virtual e nem sempre a transição se dá de fato. Vamos criar um local onde pessoas que pensem dessa forma possam ir quando quiserem e deixar lá suas propostas e contribuições. A vida como está colocada hoje nas grandes cidades não permite encontros para troca, apenas eventos e mais eventos que não deixam resíduos prósperos. Deixam imagens na memória, fotos nos celulares e a falsa sensação de se estar participando de algo” (RESPONDENTE 7, 2014).

“Achei um pouco confuso achar as coisas no *site*. Ter uma melhor diagramação ajudaria muito. No *face* acho mais fácil” (RESPONDENTE 8, 2014).

“A transição no Brasil é pouco divulgada em outras mídias, só aparece em mídias de quem já busca isso. A rede de transição teria condições de fechar convênios e oferecer capacitações gratuitas para comunidades? Capacitações que facilitem e levem mais pessoas à transição? Existe alguém, ou equipe responsável por captar recursos financeiros para viabilizar a transição?” (RESPONDENTE 9, 2014).

“Não gosto muito da plataforma. Gosto muito da comunicação da <<http://br.okfn.org/>>” (RESPONDENTE 10, 2014).

“A plataforma é muito limitada, o movimento de transição ainda não é muito conhecido no Brasil, penso que deveria usar o Facebook como plataforma de divulgação por ser mais abrangente” (RESPONDENTE 11, 2014).

COMENTÁRIOS REFERENTES À PERGUNTA 7 SOBRE AS MAIORES DIFICULDADES DA PRÓPRIA TRANSIÇÃO NO EXERCÍCIO DA IMPLANTAÇÃO E MANUTENÇÃO DO MOVIMENTO

“Fazer todas as conexões funcionarem... tudo é um processo... é, realmente, uma transição!” (RESPONDENTE 1, 2014).

“Encontrar um grupo, mesmo pequeno, ao qual possa me integrar. Alguns outros amigos também desejam o mesmo. Porém, somos só dois ou três. E não sabemos como encontrar outros. E fontes de captação de recursos para viabilizar um projeto desta natureza” (RESPONDENTE 2, 2014).

“Minha cidade é o Rio, meu grupo era o de Botafogo. A desconexão neste bairro e em alguns outros foi acontecendo, ou seja, não pegou. Mas deu frutos muito bons porque todo mundo, cada um a seu jeito, está continuando. Cada um é um *netweaver*, sem vestir a roupa do TT, entendem? Ela fica apertada diante da vida em rede” (RESPONDENTE 3, 2014).

“Conectar-se com as pessoas, vivenciar novas experiências, conhecer o que se faz para a sustentabilidade das cidades” (RESPONDENTE 4, 2014).

“Todo mundo sabe muito sobre tudo, as opiniões são fechadas e quase sempre quer se impor este ou aquele modo de vida. Não há uma fórmula para a transição, não há uma regra que venha de fora. Não se pode seguir este ou aquele guru sem cair em mais uma zona de conflito. A compreensão não depende de tempo, ela é imediata. A dificuldade maior está na relação humana que se baseia no pensamento, na memória, no ego, no eu. Como virar a chave da compreensão para que se perceba a urgência?” (RESPONDENTE 5, 2014).

“Uma das dificuldades está sendo a comunicação, como agilizar e potencializar o intercâmbio mesmo entre integrantes que estão localizados longe? Outro fator que também está dificultando algumas ações, como mudança de residência, etc., está sendo o fator financeiro” (RESPONDENTE 6, 2014).

“A falta de comunicação” (RESPONDENTE 7, 2014).

“Sinto falta do contato com pessoas em transição” (RESPONDENTE 8, 2014).

“A falta de integração entre os programas e as lideranças” (RESPONDENTE 9, 2014).

“Técnicas de conversação para promover reflexão” (RESPONDENTE 10, 2014).

“A falta de contato com a comunidade, fora dos grupos que estão engajados - não saber como engajar as pessoas comuns, que não pensam normalmente sobre essas questões - e às vezes até na própria família” (RESPONDENTE 11, 2014).

SEGUNDA PESQUISA SECUNDÁRIA - HUB BRASIL - 2017

COMENTÁRIOS SOBRE A PLATAFORMA DO *SITE* <<http://transitionbrasil.ning.com/>>

“Me parece que falta mais comunicação entre os grupos. Estão dispersos” (RESPONDENTE 1, 2017).

“Falando de São Paulo não vejo tanta comunicação. O que tenho de conhecimento a respeito da transição é o que está acontecendo na Brasilândia, com pouco destaque, e muito mais destacado na região da Vila Mariana. Nunca vi uma pesquisa como este modelo de Google que vá buscar informações a fundo das iniciativas que estão acontecendo em todos os cantos da periferia, que não tem visibilidade, e as conecte para troca de experiências e vivências” (RESPONDENTE 2, 2017).

“Útil, atual e relevante” (RESPONDENTE 3, 2017).

“Sim, acompanho sempre as discussões” (RESPONDENTE 4, 2017).

“Acho a plataforma útil, porém pouco usada, pouco material e poucas dicas de como utilizar a plataforma melhor!” (RESPONDENTE 5, 2017).

“Acho a plataforma útil sim, parabéns! Sobre a Transição no Brasil, ainda acho bem desconhecida da maioria” (RESPONDENTE 6, 2017).

“Um tema que deveria ser melhor explorado e trabalhado. Acho a plataforma extremamente útil e fundamental para disseminação do tema” (RESPONDENTE 7, 2017).

“Muito elitizada e não contextualiza os conceitos da proposta que nasceu da Inglaterra para a realidade brasileira. A plataforma é um pouco confusa, mas acredito que deva ser por falta de experiência minha em saber utilizá-la” (RESPONDENTE 8, 2017).

“Acredito que a plataforma de comunicação seja bastante útil, mesmo porque é a única existente. Mas, desde o início da criação da plataforma, o nosso grupo considerou que não teria grande alcance por ser desconhecida pela maioria das pessoas e não ser tão *user friendly* como o Facebook, por exemplo” (RESPONDENTE 9, 2017).

“Sim! Sinto falta apenas de uma *newsletter* específica aqui do Rio de Janeiro capital (onde moro) sobre as ações daqui” (RESPONDENTE 10, 2017).

“Pode ser melhor diagramada e divulgada” (RESPONDENTE 11, 2017).

PESQUISA PRIMÁRIA - 2020

COMENTÁRIOS SOBRE A PERGUNTA “POR QUÊ? COMO COMPLEMENTO A RESPEITO DA CRENÇA NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

“Porque traz resiliência para a comunidade” (RESPONDENTE 1, 2020).

“Porque se não houver conexão local, não será duradoura” (RESPONDENTE 2, 2020).

“Eu penso que as coisas somente acontecem se a comunidade desejar que aconteçam. E se ela toma a frente para que se concretizem. O que parte da comunidade tem mais probabilidade de se manter ao longo do tempo. Não acredito em iniciativas verdadeiramente enraizadas que sejam *top-down*” (RESPONDENTE 3, 2020).

“Temos o poder de escolher para quem destinamos o dinheiro que gastamos com compras e serviços locais” (RESPONDENTE 4, 2020).

“Desde que bem planejadas, podem ser implantadas ações de economia solidária na comunidade local. Mas o próximo passo é longo, as pessoas precisam ser conscientizadas e se acostumarem com as novas formas de comprar produtos e serviços” (RESPONDENTE 5, 2020).

“Porque, em média, falta empatia às pessoas, principalmente quando se trata de contato virtual. Atuo há muitos anos em associações e produção orgânica e tenho muitas restrições a esse tipo de pensamento, uma vez que, em quase 40 anos, questões cruciais ainda não foram sequer arranhadas. Há muito discurso, muita reunião e pouca ação. Faltam responsabilidade e responsáveis para assumir desafios” (RESPONDENTE 6, 2020).

“Exatamente porque ela é local e em pequena escala. Penso que as pessoas são solidárias em geral para algo mais global porque enxergam que isso terá mais importância do que as coisas menores. Pelo que vejo, a maioria das pessoas não acredita muito no ‘poder do um’ e de fazer coisas menores para afetar o todo” (RESPONDENTE 7, 2020).

“O pensar global agindo localmente é o que acredito na construção de um mundo novo, mais colaborativo, justo e solidário. Neste momento de transição planetária é muito do que eu acredito” (RESPONDENTE 8, 2020).

“Economia local depende sempre do grupo que está se unindo para buscar a prosperidade local. Tem que partir principalmente do próprio grupo para tomar as iniciativas, dependendo o mínimo possível de circunstâncias externas, no que se relaciona com iniciativas das pessoas. Claro que toda economia não pode ser fechada, isto é, tem que em algum nível se conectar a outras redes, e no caso das solidárias, seriam vários grupos locais se conectando em rede, formando outras redes, e assim por diante” (RESPONDENTE 9, 2020).

“Porque a comunidade local pode ajudar a divulgar, fazer APARECER os serviços/produtos disponíveis dessa Economia Local” (RESPONDENTE 10, 2020).

“Acredito na comunidade que apoia e fortalece a rede de talentos locais e faz girar a economia nesta rede” (RESPONDENTE 11, 2020).

“É quem de fato sabe da realidade local” (RESPONDENTE 12, 2020).

“Porque a economia é o reflexo da comunidade, é como as relações se estabelecem” (RESPONDENTE 13, 2020).

“A base da economia solidária é a confiança. E só confiamos em pessoas próximas, que estão no nosso círculo da comunidade. Cidades pequenas tem isso bem acentuado” (RESPONDENTE 14, 2020).

“Porque todos os recursos de que precisamos estão aqui, em volta de nós, especialmente o humano. Precisamos estimular e acessar esses recursos em toda sua potencialidade” (RESPONDENTE 15, 2020).

“Porque sem o apoio da comunidade local não há como se manter e expandir” (RESPONDENTE 16, 2020).

“Porque quando agimos localmente há um reflexo para o externo, como a paz precisa estar primeiro em nós e, por sequência, estaremos com nossa conexão e paz interior!” (RESPONDENTE 17, 2020).

“Pois necessita de uma confiança por parte de quem participa. A re-localização é um aspecto importante da economia da dádiva e assim o grupo virtual ou vizinhança acolhe a filosofia, o rendimento, o despertar, e ancora o fluxo desta economia para que se espalhe e frutifique através da experiência que inicia com os votos da confiança estabelecida” (RESPONDENTE 18, 2020).

“Porque a comunidade local precisa ter consciência de investir seus recursos na economia local. Comprar produtos e serviços de parceiros, vizinhos, em rede de solidariedade. Senão, de nada adiantará existirem negócios locais incríveis se a vizinhança preferir as grandes redes de lojas e serviços, que muitas vezes nem brasileiras são” (RESPONDENTE 19, 2020).

“Porque a iniciativa pode surgir na comunidade local, mas depender de apoio de escalas maiores. A força da comunidade local é a força motriz e o apoio ‘externo’ um combustível” (RESPONDENTE 20, 2020).

“Porque se bem estruturado, as comunidades podem mudar o que se produz mais com as outras” (RESPONDENTE 21, 2020).

“Porque ela é o principal ator dessa economia. Sem ela não há economia local. Todos devem estar envolvidos e bem informados” (RESPONDENTE 22, 2020).

“A economia local não é totalmente independente e embora possa trabalhar na lógica solidária, vai precisar ainda estar integrada no todo. Mas precisa sim de conexões” (RESPONDENTE 23, 2020).

“Acredito cada vez mais nisso. Um dos caminhos para se ter uma sociedade fortalecida é ter comunidades locais fortalecidas, onde as pessoas se apoiem e diminuam sua dependência dos grandes sistemas econômicos e políticos” (RESPONDENTE 24, 2020).

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO E REGISTRO DE REUNIÕES

REUNIÃO *HUB TRANSITION TOWN*

Realizada em 27 de julho de 2020

Presentes: Maria José Rosolino, Isabela, Claudia e Melissa

Transcrição editada

LEGENDA:

(inint)[hh:mm:ss] = palavra ou trecho ininteligível

(palavra)[hh:mm:ss] = incerteza de palavra transcrita / ouvida

INÍCIO [00:00:08]

Maria José: Vou contar rapidamente para vocês. Eu trabalho na Universidade Anhembi Morumbi há 18 anos e é em função disso que eu faço esse curso de hospitalidade. Tenho o mestrado e o doutorado. Sênia, minha professora e orientadora, é historiadora e foi ela quem, na verdade, me incentivou a trabalhar o decrescimento econômico como tema do projeto. Tudo começa com o decrescimento econômico. Claro que, baseado na hospitalidade, que era o meu tema de mestrado - a hospitalidade virtual - e aí no avanço para o doutorado ela sugeriu que eu não usasse esse termo porque a hospitalidade é uma só. Ela pode acontecer em vários lugares e em várias dimensões e que eu adotasse talvez uma causa para que a gente fugisse justamente dessa questão da diferenciação competitiva da hospitalidade. Do mestrado para o doutorado eu tenho 11 anos. Precisei renovar muito minha fundamentação teórica, inclusive de hospitalidade. E tem uma outra questão: quando eu entrei no doutorado em 2017 havia uma alta produção francesa de hospitalidade. Como vocês devem saber, lá na Europa, tudo gira em torno do conceito da França e do conceito da Inglaterra. Essa vertente comercial, capitalista, consumista, está bem ligada na escola inglesa de estudos da hospitalidade e essa fundamentação de uma articulação até conceitual, que não é só religiosa, porque aqui no Brasil, até por problema de tradução, ela vem como se fosse um dom e não exatamente uma discussão um pouco mais abrangente de valor que circula na sociedade que não é um valor mercantilista. Tudo que está falando de hospitalidade neste projeto tem esse grande guarda-chuva: o paradigma da dádiva. Ele é o terceiro paradigma, é o contraponto do individualismo e do holismo. Já começa por aí a diferença da ambientação do projeto de pesquisa. Temos filósofos e historiadores ligados justamente a essa discussão do que é a hospitalidade, que é esse dar-receber-retribuir com uma consistência que não é religiosa. É de fato uma sociabilidade. O nascer da sociabilidade, do ponto de vista da dádiva, é exatamente essa tríade: dar-receber-retribuir. A dádiva também está ligada à palavra *hostes* que é hóspede. Essa recepção do hóspede, a resposta do hóspede, depois ele se transforma em anfitrião, capta novos hóspedes e assim você vai criando essa rede de

circulação de valores que estão ligados aos vínculos. Estamos falando de vínculos, laços, virtudes, ética, moral, enfim de religiosidade. Minha fundamentação teórica tem autores nacionais, que é o professor Luiz Camargo, e autores ingleses no sentido das interações sociais. Dá para reconhecer o outro, falar da alteridade, da metáfora que é a hospitalidade, o apaziguamento, a concordância ou discordância. Tudo isso está permeando esse conjunto de fundamentação teórica que tem que ser presencial. Esse é o grande problema da passagem para a virtualização. Como isso vai se dar numa sociedade em rede cada vez mais intermediada pelo homem-máquina, muito ligada à questão das comunidades que têm exclusão, poder e identidade. Aparece nesse meio do caminho a própria concepção desse mundo da *internet* que é uma sociedade específica, com regras específicas, com relacionamentos específicos e com interações sociais. Até então, o amarrado estava fazendo sentido e veio a questão da ecologia. A ecologia aparece muito mais pela minha ligação com a comunicação. O que é uma ecologia da comunicação? É reconhecer que estamos vivendo numa rede de fenômenos que estão interconectados. Mas porque a hospitalidade está lá dentro? Porque o ser humano é o fio condutor dessa teia de interações. A ideia de fato do projeto é estudar isso no ambiente virtual das cidades em transição. Que é o site de vocês. Na verdade, já estou até usando o nosso de tanto que eu já entrei no *site*, já conversei com a Isabela. Coitada da Isabela. Uma santa a Isabela por falar em religiosidade. Ela me aguentou seis meses antes de vocês. Cidades em transição, olha que interessante, não sei se vocês sabiam disso, está vinculada a esse texto aqui à direita do Acosta e do Brand, onde eles apontam cidades em transição e o bem viver, que está na Constituição da Bolívia e do Equador, como uma política pública, apontam como uma aposta real, como algo que de fato acontece e trabalha com o decrescimento econômico que é um movimento acadêmico francês. Aqui à direita eu coloquei uma citação do Latouche que diz: é impossível harmonizar essa questão com o sistema capitalista; tem que parar de crescer, parar de consumir. Ele é um pouco mais radical, mas também cunha esse termo em 2009. Temos aqui no meio autores italianos e espanhóis porque, a partir da França, esse movimento começou a caminhar pela Europa e aqui eles são mais abrangentes. Em 2015 são pessoas super ativas na *internet* também, mas pensam o decrescimento econômico com cuidado com as pessoas, não só com a questão do meio ambiente, mas com a questão da pobreza, da desigualdade social, da falta de recursos. Eles ampliam esse leque sem bater tanto de frente com essa questão da estagnação da economia. Esse texto já trabalha com o pós-extrativismo que é uma coisa bastante latino-americana e a Europa está num estágio mais avançado das cidades em transição. É lá que eles conseguem de fato materializar um pouco mais esse decrescimento econômico. Também fui descobrir isso em 2018 e comecei a investigar cidades em transição até chegar no *Transition Town* Brasil, estudá-lo, olhar para ele, pensar em tudo que vi, tentar interagir lá dentro. Entrei em contato com o site francês e com o pessoal do Rob Hopkins para ter essa tríade: Brasil, França e a iniciativa, o projeto inicial. A Julie me respondeu sexta-feira o questionamento que fiz a ela. Minha percepção é de que é uma rede social com muitos recursos, com vida, com movimento, com muita expectativa de quem entra e de quem produz, e estou apostando que a hospitalidade só pode melhorar esse ambiente que já é bom, que já é coeso, que já tem elos, que já se vincula. Cheguei a esse problema: como a hospitalidade pode nortear a comunicação e as interações sociais no ambiente virtual do movimento cidades em transição? Meus objetivos são: reconhecer que ela é um fator norteador, identificar quais são esses elementos no ambiente virtual, desenhar um conceito sobre essa ecologia e aplicar na rede no endereço que está sendo

estudado. É exatamente por isso que entra a metodologia da pesquisa-ação e que estamos conversando aqui. Preciso que vocês critiquem, corroborem, discutam se isso é bom para o *Transition* Brasil. Há muita coisa que precisamos fazer ainda para poder, de fato, construir a tese que virá a seguir. Queria discutir com vocês as premissas. Elas nasceram em um momento em que eu tinha muito referencial teórico, mas pouca prática de contato com o pessoal do *Transition* Town. Uma das premissas é que a hospitalidade é compreendida só como etiqueta nas interações sociais, inclusive quando há divergência de ideias porque você diz: Olha, legal que você pense assim. Mas não dá continuidade justamente porque não quer se envolver numa discussão um pouco mais aprofundada. A outra premissa é de que ela é norteadora de todas essas conexões anfitrião-hóspede, hóspede com hóspede, mas precisa ser expressada por meio de palavras, símbolos e vínculos. Porque as pessoas estão na rede, o que elas estão fazendo dentro dessa rede, dentro desse site, o que elas querem, porque entraram, qual é a conexão que querem ter, como querem trocar ideias. E a outra premissa é que a hospitalidade, na verdade, está muito ligada ao *hardware* e ao *software*, ou seja, muito alinhada à tecnologia. Se o ambiente promove a interação, ele é hospitaleiro. Se o ambiente me leva a conhecer outros sites, ele é hospitaleiro. Mas a hospitalidade em si precisa de gente. É condição fundamental. Não existe ambiente hospitaleiro. Ele pode ser um ambiente que favoreça as interações sociais, mas ele, em si, não é um ambiente ou um lugar hospitaleiro. Tem muitos textos de arquitetura sobre isso, Isabela. Muitos textos falando sobre escadas, arcos, entradas, pontes, que são elementos da arquitetura que colocados no lugar, construídos naquele espaço, podem ajudar as pessoas a se encontrarem.

Isabela: É verdade. Olha que interessante.

Maria José: Eu tenho só essas premissas. E aí eu entro na metodologia. Para explicar para vocês, Thiollent, que é um autor francês também, diz que a pesquisa-ação é uma pesquisa social com função política, associada a uma ação para resolver um problema coletivo. Existe um problema, esse problema está sendo discutido com vocês e eu preciso que as pessoas que estejam implicadas nesse problema, ou envolvidas de modo cooperativo na construção do novo site, possam dizer ou fazer algo no entorno do projeto, e por isso é que chama pesquisa-ação. Ela precisa ser contínua, intervencionista, documentada, compreendida, inclusive porque temos que ter grupos de trabalho. Vejo esse grupo de construção do site como um grupo de trabalho e eu, a partir do momento que esteja também trabalhando no site como comentei com a Isabela, a questão do blog, a fomentação das interações sociais que o novo endereço pode ter, precisaria recorrer sempre a vocês para dizer: olha aconteceu isso, a descoberta que eu tive foi essa, a tomada de decisão foi essa. Vou precisar sempre que tenha momentos como esse que ele chama de seminário. Esse autor chama de seminário para que possamos, para que eu possa construir essa tese. Minha tese é que existe uma ecologia da hospitalidade na comunicação e nas interações sociais do movimento na rede e que ela é fundamental para a criação de vínculos, de laços que fundamentem essa subjetividade individual e reconheça essa coletividade que é o movimento em si. Mas ele é formado por pessoas diferentes com objetivos diferentes também. Acabou. É isso.

Isabela: Muito legal, Mazé.

Maria José: Eu queria ouvir vocês.

Isabela: Espera. Vou ler novamente: existe uma ecologia da hospitalidade na comunicação do movimento Cidades em Transição e sua rede social denominada *Transition* Brasil, basal no processo de criação de vínculos, fortalecendo os laços que fundamentam as interações sociais que exploram a subjetividade individual e reconhecem (inint)[00:18:19] das comunidades virtuais. Porque é isso. É promover essa sensação. A promoção dessa sensação que somos todos parte de uma coisa, apesar de sermos diferentes, apesar de estarmos afastados, às vezes fisicamente, temos um laço em comum, que é uma visão em comum.

Maria José: Eu acho que sim.

Isabela: Isso que nos une e que permite essa interação.

Maria José: Pode falar, Melissa. Por favor.

Melissa: Eu fico pensando aqui, como a Mazé trouxe, o ponto para mim crucial dessa ressignificação econômica, todo o processo de transição, esse resgate de confiança e de vínculos. Acho que isso é a base de tudo: resgatar a confiança no amiguinho, em si mesmo e desejar agir para reconstruir vínculos. É desafiador porque não é fácil construir vínculos. Não é fácil se manter juntos. Talvez, não sei, sinto que tem um campo aqui, que a Mazé trouxe muito bem nas provocações, com as hipóteses e a tese de que o ambiente virtual, de alguma forma, essa hospitalidade ter um quê de um acolhimento, de uma chegada. Opa, chegou. Você chegou onde você tinha que chegar.

Maria José: Isso.

Melissa: Seja bem-vindo. Estávamos esperando você, uma coisa nesse lugar, não é?

Maria José: É isso mesmo. Eu penso que esse modelo vai ter que refletir isso, Melissa, porque uma das coisas que estudamos é o diálogo. Olha só. Vou provocar mais um pouco. O diálogo como um elemento de hospitalidade precisa não ter pressa. Você precisa refletir filosoficamente pelo o que o outro está falando para você responder. Agora isso já é uma contramão danada do próprio vai-e-vem da rede social, todo mundo no WhatsApp querendo uma coisa curta, rápida, e o diálogo promove palavras que são o poder da palavra e da escuta. Tem um texto maravilhoso do Rubem Alves que fala da escutatória. São essas questões que o diálogo vai promover mais a interação social, porque é por meio dele que vamos encontrar os vínculos, sedimentar esses vínculos com todo mundo que está no Brasil inteiro fazendo a sua transição isolada naquele canto, lá no cantão sozinho, tomando pancada para tudo quanto é lado, levando não pela cara o tempo todo, não é assim que funciona?

Isabela: Tem uma coisa interessante. Eu, pelo menos, tenho a tendência de confiar muito nas pessoas que se interessam pelo movimento e que se botam dentro do movimento. Porque para você fazer essa ação do movimento, que é voluntária, você tem que acreditar muito nisso tudo. Acho que o próprio movimento cria uma sensação de confiança maior do que o normal. Nessas

interações inclusive pela rede, de você passar seu telefone, se abrir para conversar, para se encontrar.

Maria José: É a força do coletivo da dádiva, Isabela.

Isabela: E até internacionalmente. Até de uma maneira internacional isso acontece também.

Maria José: É verdade. Eu contei para a Isabela que acompanhei muitas discussões de um grupo que a rede francesa tem. E tem um texto que a gestora da rede coloca que aliás eu acho que vou tentar disponibilizar para vocês. Ela falou: porque é que a gente não interage, porque a gente não tem troca, a gente troca porque é troca mercantil isso, não é? A gente troca eventos, troca cursos, o fulano que vende, o beltrano que disponibiliza, mas não é isso o que ela pergunta. Eu quero saber o que nos une de fato, quais são os nossos valores que fazem com que a gente esteja trabalhando para o movimento. É esse o ponto. Vamos discutir isso. E isso leva tempo.

Isabela: Leva. O que nos une?

Maria José: O que nos une? Exatamente.

Isabela: E não o que nos separa.

Maria José: Por isso que eu falei para vocês. O *site* sem um *blog* eu acho que ele é um repositório. Não devemos deixar a rede porque a rede social é que é fundamental. Esses nós que a rede cria são esses vínculos. Não é, Melissa? Você não pensa assim?

Melissa: Total. Estou até emocionada, Mazé. Já chorei e tudo aqui, porque é muito forte. Eu acho que você tocou num lugar muito sensível. Existe uma urgência dentro de todos nós, eu vejo muito o que temos vivido agora na terra desse processo de transição e tem o lugar de uma urgência e um atropelo, sabe. E é isso. Como acalmar essa urgência para dar o tempo das coisas, o tempo das escutas, o tempo de ser atravessado pelo outro, pelo o que o outro traz. E poder, a partir daí, destravar um novo campo de alguma coisa que vai surgir justamente porque o outro trouxe algo. Eu acho que a sua provocação é maravilhosa e eu não tinha noção do quanto seria importante ouvir.

Maria José: Eu fico feliz e emocionada de ver isso também porque tenho uma professora que me disse: Mazé, se seu tema cair com uma pessoa tradicionalista ele vai destruir você. Não deu outra. Mandeí um artigo para uma revista chamada Organização e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Juro. Eu chorava copiosamente com a devolutiva do artigo. Fiquei arrasada. É isso. É um tema, esse vínculo, Melissa, que precisa descobrir e dar voz a essa hospitalidade. Porque a hospitalidade pode e deve captar isso, desse movimento mais aprofundado da subjetividade individual que não aparece mesmo. Se você ficar nas redes sociais ela está no genérico, no que ela pode aparecer.

Isabela: É muito impressionante como esse é um movimento que mobiliza internamente muita gente. Ele encanta. Eu acho que é esse encantamento que todos nós temos em comum. Desde a primeira conferência vemos isso nas pessoas. Essa disponibilidade. As pessoas se botam a

serviço. O movimento traz isso. E essa troca, estou aqui formulando o pensamento, o que não é muito fácil para mim porque as coisas vêm depois de uma maneira muito espontânea. Eu não sou a pessoa que consegue sentar e analisar. Eu escuto e, às vezes, um mês depois me vem um troço na cabeça todo inteirinho e é muito interessante porque, por exemplo, o que eu estou fazendo agora na rede internacional, eu sou o *hub link*. Eu e mais duas pessoas temos a tarefa de fazer os coordenadores dos *hubs* conversarem. Olha que interessante.

Maria José: Que interessante. Interessantíssimo.

Isabela: Mazé, como dizem os japoneses: antes da hora não é a hora; depois da hora não é a hora; só é a hora na hora. O *site* brasileiro estava esperando por você. Para você mandar ver nesse *blog*.

Maria José: Eu queria muito a oportunidade de dar *insights* sobre a comunicação pelo que eu já percebi da memória, da importância da memória que o *site* tem.

Isabela: Da história.

Maria José: A importância dos grupos, das conexões, o que o mapa tem, aquele desenho do tipo de iniciativa que existe, mais um lugarzinho ali para conversar mesmo, para dialogar. Oi, Claudia.

Claudia: Oi, Mazé. Eu queria falar também. Acho que esse ambiente, essa hospitalidade do cidades em transição é tão acolhedora porque o movimento Cidades em Transição tem uma proposta que a gente tem que fazer a transição a partir de dentro, não é só uma transição externa. É uma transição que vem de dentro. Acho que é por isso que quando a Isa fala que o movimento tende a essa parte da transição chama de transição interna, o movimento tende a chamar pessoas que confiam umas nas outras, que estão ali com o coração mais aberto, é porque existe esse chamado. Começamos a trabalhar com as nossas questões internas. Houve um experimento, não sei se você ficou sabendo, muito interessante. Foi lançado pelo cidades em transição recentemente chamado transformação de conflito - *Conflict Transformation Summit*. Aconteceu no mundo inteiro. Reuniu milhares de pessoas e aí o que eles fizeram? Criaram um ambiente virtual que foi maravilhoso. Foi a coisa mais impressionante que eu já experienciei. E eu não sou uma pessoa muito conectada nesse mundo. Eles criaram um *site* muito atraente que convergiu para várias possibilidades, abriu para várias possibilidades. Por exemplo: criaram um ambiente em que as pessoas pudessem custear rodas pequenas sobre transformação de conflitos em suas localidades.

Isabela: Nas suas línguas nativas.

Claudia: Nas suas línguas, de acordo com suas culturas, de acordo com o que você está vivendo. Os Estados Unidos estão vivendo um baita conflito racial, nós estamos vivendo um baita conflito político, social, enfim, esse ambiente foi um ambiente de convergência mas de uma investigação muito profunda, por cinco semanas esse ambiente convergiu milhares de pessoas ao redor do mundo para focar nesse assunto e aí eles criaram também uma página de *workshop*. As pessoas começaram a fazer *workshops* sobre o tema, durante essas cinco semanas

e as agendas ficavam lá abertas, as pessoas colocavam lá o que queriam oferecer, qual o horário, número de pessoas, etc. Foi um ambiente virtual que abriu vários portais de interação que proporcionou uma profunda transformação nessas cinco semanas. Eu e as meninas fomos coanfitriãs em um círculo no Brasil. Eu, Monica e Zaida saímos transformadas e as meninas que participaram do nosso círculo tiveram umas respostas: uma decidiu sair do Rio para morar em Brasília, a outra decidiu fazer umas transformações de vida. Isso no chamado que foi só virtual, ninguém, eu nunca encontrei com essas meninas, nunca tinha visto antes, e ficamos lá cinco semanas trabalhando juntas nesse pequeno círculo, e ao mesmo tempo, um círculo enorme, mundial se formou.

Isabela: É uma egrégora não é, Claudinha?

Claudia: É. Tudo feito virtualmente. Isso foi o que me surpreendeu. O nível, a capacidade de convergência que esse ambiente provocou foi muito legal.

Maria José: Muito legal.

Claudia: Dá uma olhada.

Maria José: Olha, Claudia, você sabe que uma das técnicas da pesquisa-ação que eu gostaria de propor para vocês chama-se história de vida.

Isabela: Que legal. Gostei já.

Maria José: Eu acho fundamental para as pessoas também conseguirem entender quem somos nós e porque chegamos aqui. Poderíamos fazer uma galeria só com as histórias de vida, usando recursos mais simples de gravação e mesmo à distância. Para o meu projeto, a história de vida de vocês é fundamental para poder dar essa grandiosidade no Brasil que o movimento tem.

Isabela: Você já viu mulheres em transição? O documentário (inint)[00:35:06] fizeram?

Maria José: Já. Muito legal.

Isabela: Você ia adorar. Podíamos fazer até isso tipo *podcast*.

Maria José: Pessoal, o nosso tempo também não é muito, o tempo gratuito do Zoom é de 45 minutos.

Isabela: O sino. Adoro o sino tocando.

Maria José: Você escuta? Esse é o relógio do meu bisavô. Ele toca ainda.

Isabela: Nossa. Adoro.

Maria José: Ele toca de quinze em quinze minutos, Isabela.

Isabela: Quais são os próximos passos? Eu estou dentro total. Queria muito contar minha história porque sou uma mulher que gastava 300 dólares em maquiagem na Macy's de Nova

York e hoje em dia todas as minhas maquiagens estão aí empoeirando, embolorando, mal uso nada, nem anel estou usando por conta da pandemia. Sou um ser que fez uma transição absurda.

Maria José: Precisamos dar voz.

Isabela: Quero muito contar minha história.

Maria José: Ótimo. Perfeito. Acho que o próximo passo é irmos para a reunião lá do dia 3 com o pessoal da empresa contratada para a construção do novo *site* e dar início à construção do *site* com essas percepções. Depois vamos discutindo em subgrupos. De repente criamos um subgrupo para fazer as histórias de vida, eu vou e contato a pessoa, gravo, edito e lanço no *blog*. Precisamos organizar o tempo de construção do novo *site* e esses espaços de interação que eu ficaria responsável por fazer. Teria que acontecer nos próximos meses pelo menos porque vou defender minha tese em março de 2021.

Isabela: Acho que você já pode ir coletando. Eu mando para você um monte de contato de pessoas que podem contar suas histórias de transição.

Maria José: Primeiro com vocês. Não sei se a Claudia topa contar a história dela, a Melissa, a Zaida, os que estão fazendo parte do grupo aqui.

Melissa: Total. Já estou dentro também.

Maria José: Que delícia.

Melissa: No encontro que eu participei do (inint)[00:38:23] agora, fui falar um pouco da experiência com a terra, foi muito interessante. Eu abri a minha fala, comecei falando disso e depois falei da terra, e foi muito interessante porque foi esse pedaço da minha fala que mais reverberou. As pessoas ficaram interessadas, quiseram conhecer mais a terra e tal, mas a história de como eu comecei isso, o que me motivou, as dores que senti, aquilo que foi atravessado dentro de mim no corporativo, esse lugar. Teve um cara que está falando comigo até hoje. Ele manda mensagem, o cara é lá da Inglaterra, já me pediu contato do (Jay)[00:39:06], está indo para (inint)[00:39:07], para Totnes, para conhecer o movimento, muito interessante.

Isabela: (inint)[00:39:16] Melissa.

Melissa: Olha, são as emoções, as emoções é que mudam.

Maria José: É isso.

Melissa: Quando você conta a sua história, você conta a sua emoção. O mundo só precisa de história. Você sabe qual é o papel do Rob Hopkins no TN? Só contar história. Ele é um *storyteller*. Porque é a única coisa que importa é você compartilhar história.

Claudia: (inint)[00:39:45]

Melissa: Precisamos sair. Acho que está um início maravilhoso. Próximos passos: reunião. Próximos passos: Mazé começa a colher, começa a fazer contato e vamos recolher essas histórias porque eu achei isso lindo.

Maria José: Está bem. Primeiro vou recolher de vocês.

Melissa: Exatamente.

Maria José: Vamos para essa reunião no dia 3 e, aos poucos, vou me encaixando, porque primeiro precisamos ter o *site* organizado com essa perspectiva e com aquilo que vocês estão pensando. Tem o documento da memória das interações, da comunicação das redes e nossa próxima reunião podemos fazer daqui a um mês. Se vocês acharem que é conveniente eu faria a mesma coisa que estou fazendo agora. Apresento o que fiz, como é que caminhei, o que evolui nesse universo.

Melissa: Eu acho que seus inputs sobre o *blog* são importantíssimos. Já que você é uma pessoa que vai botar energia no *blog*, vai fazendo essa partilha sim. Entramos mais cedo para poder dar tempo porque agora está todo mundo nos esperando no outro.

Maria José: Está bem.

Claudia: Mazé, muito obrigada, querida.

Maria José: Obrigada vocês. Os nossos vínculos, eu pelo menos já me sinto vinculada. Muito obrigada. Obrigada pelo acolhimento. Vou dar o melhor de mim.

Claudia: Obrigada, Mazé. Adorei.

Isabela: Bom retorno.

Maria José: Obrigada, Isabela. Obrigada, Claudia. Um beijo.

[00:41:32]

REUNIÃO: ELABORAÇÃO DO NOVO *SITE* - ABERTURA DO TRELLO PARA REGISTRO E ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES.

Realizada em 3 de agosto de 2020

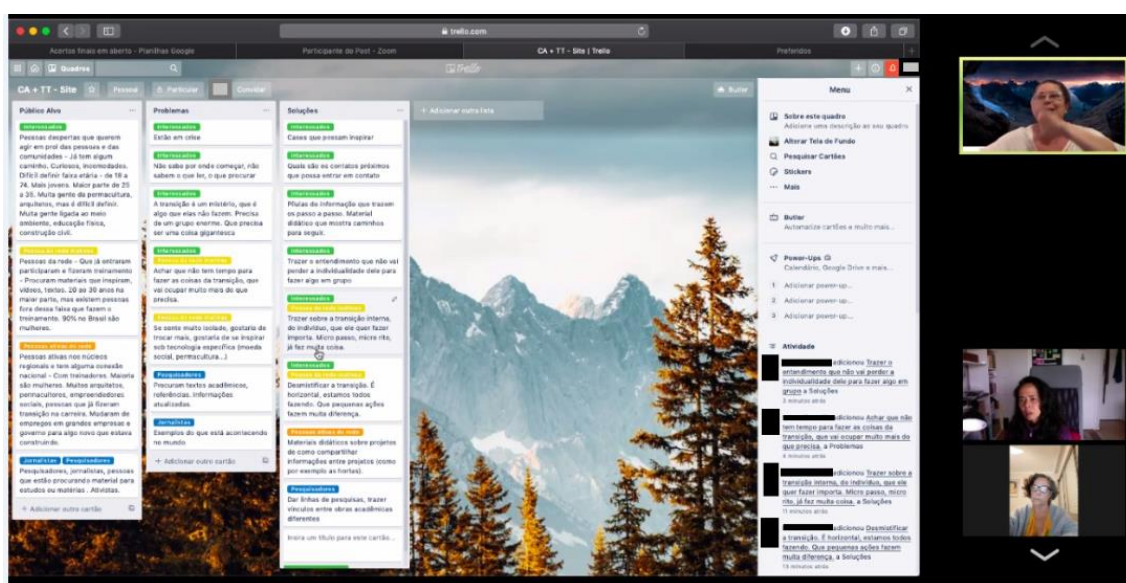
Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Isabela Maria Gomez de Menezes, Claudia Valadares Arakaki e Melissa Bivara Pereira (representantes do *Hub* Brasil)

Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo *site*

Figura 50 - Captura de tela da reunião (seminário realizado em 3 de agosto de 2020)



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2020

REUNIÃO: ELABORAÇÃO DO NOVO *SITE* – ACOMPANHAMENTO VIA TRELLO

Realizada em 10 de agosto de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Isabela Maria Gomez de Menezes, Claudia Valadares Arakaki, Melissa Bivara Pereira e Zaida Amaral (representantes do *Hub* Brasil)

Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo *site*

Figura 51 - Captura de tela da reunião (seminário realizado em 10 de agosto de 2020)

The image is a screenshot of a Zoom meeting. The main window displays a Trello board titled 'CA + TT - Site'. The board is organized into several columns: 'Público Alvo', 'Problemas', 'Soluções', 'Objetivos', 'Conteúdo', 'Forma', and 'Possíveis conteúdos'. Each column contains multiple cards with text and icons. The 'Público Alvo' column lists various user segments like 'Pessoas desatualizadas', 'Pessoas de rede', and 'Pessoas ativas'. The 'Soluções' column lists actions like 'Não sabe por onde começar' and 'Quer não se sentir sozinho'. The 'Objetivos' column lists goals like 'Aumentar as interações no Brasil' and 'Fortalecer o movimento'. The 'Conteúdo' column lists content types like 'Artigos (Blog)', 'Podcasts', and 'Guias'. The 'Forma' column lists formats like 'Blog: Texto e imagem' and 'Podcasts'. The 'Possíveis conteúdos' column lists topics like 'Histórias de ações e casos' and 'Dilemas dos termos'. At the bottom of the Trello board, there is a URL: 'https://trello.com/board/789-changing-the-visibility-of-a-board-to-public-private-or-team'. On the right side of the Zoom window, there is a video gallery with four participants: Isabela Maria Gomez, Mazé, sattva/ zaida amaral, and Claudia Arakaki. At the bottom of the Zoom window, there is a control bar with buttons for 'Unmute', 'Stop Video', 'Participants', 'Chat', 'Share Screen', 'Record', 'Reactions', and 'Leave'. A tooltip above the 'Unmute' button says 'Press (M) to unmute or hold space bar to temporarily unmute.' The Zoom status bar at the bottom shows 6 participants, a chat icon, a share screen icon, a record icon, and a reactions icon.

Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2020

REUNIÃO: DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS

Realizada em 14 de setembro de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Isabela Maria Gomez de Menezes, Claudia Valadares Arakaki, Melissa Bivara Pereira e Zaida Amaral (representantes do *Hub* Brasil)

Resumo:

- ✓ Aberto endereço no Trello para acompanhamento das atividades.
- ✓ As tarefas mapeadas estão na coluna "Fazer (Etapa 1)", e a ideia é que cada um se coloque nas tarefas que irá fazer e mover para "Fazendo (Etapa 1)"; quando terminar passar para "Feito (Etapa 1)".
- ✓ Cada tarefa está vinculada em um cartão de seção do *site*, na coluna "seções das páginas para etapa 1", e eles servem para consultar as imagens do *wireframe* para lembrar o que foi conversado nas reuniões.
- ✓ A Melissa já passou por esse processo de providenciar conteúdo de *site* e acho que pode apoiar na organização da divisão de tarefas.
- ✓ Já adicionamos algumas de vocês no quadro, e quem estiver faltando pode ser adicionado diretamente por quem já está lá.
- ✓ Vamos ficar aguardando a evolução da etapa para podermos iniciar a construção da estrutura do *site*.
- ✓ Tentamos organizar em detalhes os itens que foram conversados. Qualquer dúvida, só falar com a gente aqui também.

REUNIÃO DEFINIÇÃO DOS CONTEÚDOS DE TREINAMENTO

Realizada em 22 de setembro de 2020

Presentes: Maria José Rosolino e Monica Picavea

Transcrição editada

LEGENDA:

(inint)[hh:mm:ss] = palavra ou trecho ininteligível

(palavra)[hh:mm:ss] = incerteza de palavra transcrita / ouvida

INÍCIO [00:00:55]

Maria José: O que eu pude, é uma ideia.

Monica: Ah, você fez tipo um tutorial.

Maria José: Isso, isso. A proposta fala um pouquinho sobre gravar com celular que é uma dinâmica, digamos, para a gente testar, para ver se dá certo. A orientação é que a gente mantenha na horizontal e a discussão sobre a luz que pode ser usada. Porque como não somos profissionais, algumas coisas precisamos saber. Pelo o que eu entendi, pela forma como eu construí, a luz principal é uma que forma uma borboleta. Então, ela está acima de você e no lugar onde você está filmando. Está vendo aqui uma cabecinha e aqui uma câmera? Ela precisa atingir você de cheio para não ter nenhuma sombra. Fala da luz natural, diagonal, cuidado com a contraluz.

Monica: Cuidado com a contraluz pelo amor de Deus.

Maria José: Cuidado com a luz do meio-dia, porque ela também provoca sombras. Cuidado com a luz negativa. Aí fala das sombras, da luz borboleta que é essa daqui. Olha que linda.

Monica: É total.

Maria José: Não é? A sugestão é que a gente use essa luz e esse plano também.

Monica: Meio plano?

Maria José: É. É o meio plano, o plano médio. Tem esse plano aqui que é o primeiro plano, tem o close, o super close. Eu gosto muito desse ângulo. A minha sugestão é que a gente use esse ângulo junto com a luz borboleta que venha de cima e aí a gente escolhe um cenário. Aqui tem até uma matéria da Vogue onde as personalidades gostam de mostrar os livros.

Monica: É verdade. Eu tinha visto.

Maria José: Mas você pode usar um cenário chapado também.

Monica: Outra coisa que eu ia lhe falar é que a gente usa muito cenários naturais por conta da lógica do *transition*. A gente procura usar sempre tudo o que puder de cenário natural: uma horta, um jardim, uma árvore, uma planta.

Maria José: Isso, isso. Eu acho legal porque na verdade vocês estão mostrando quem são vocês e como isso afetou, como vocês entraram nisso. Eu entendo que esse depoimento passa pelo lugar onde você está e pela transição que você está fazendo.

Monica: Exato.

Maria José: Mas é importante escolher o cenário para que a gente possa, porque é assim, vocês precisam gravar um minuto de uma vez, pode ser até um minuto e meio, mas eu posso editar no *moviemaker*, mas não consigo fazer a junção de vários pequenos trechos.

Monica: É, fica horrível.

Maria José: Tem que se esforçar um pouco para a gente poder ter, fazer de maneira caseira, mas uma caseira bacana, porque os celulares são muito eficientes hoje.

Monica: Verdade.

Maria José: Falando do áudio, da forma como a gente pode projetar a voz, cuidado com brincos, o movimento dos brincos com a cabeça gera ruídos. O importante também é que a gente não mexa muito a cabeça.

Monica: Verdade. Dá tontura.

Maria José: Também. Dá tontura. Enfim, essa é a sugestão, eu queria fazer um teste com você antes de apresentar para as meninas. A gente podia fazer um teste. Eu posso, por exemplo, se você quiser que seja em preto e branco, eu consigo editar em preto e branco, eu consigo colocar uma trilha sonora de fundo, se for possível.

Monica: Legal.

Maria José: Consigo fazer algumas passagens se você quiser, por exemplo, a Monica falando do treinamento que ela fez como uma perspectiva e colocar algumas fotos do treinamento. A gente consegue fazer alguns efeitos nesse sentido. O importante é que a ideia seria produzir vídeos, mas apresentar o outro roteiro que é na verdade onde entraria esse vídeo, o que que pelo frame que foi apresentado, deixa eu ver onde é que está, onde é que a gente está, Monica. Vou parar de compartilhar e vou achar outra, aqui. Está vendo aí?

Monica: Sim, estou vendo.

Maria José: O que que acontece no que foi colocado lá no Trello. A gente tem essa página aqui para fazermos juntas. Tem uma frase de introdução, algumas sugestões, na verdade, muito

relacionado ao meu referencial teórico, ao que eu estou fazendo na pesquisa. Então pensei, aí você fala: aí que babaquice, Mazé. Não é nada disso. A linguagem é outra.

Monica: Não, eu acho que é super. Falar essa coisa de você receber as pessoas mesmo que no vídeo virtual eu acho super essencial. Todo ser humano gosta de ser recebido.

Maria José: É verdade.

Monica: E você sabe que tem uma pesquisa, até posso achar para você, que é, que fala que a maioria dos movimentos dos grupos se desmancham porque as pessoas deixam de ser acolhidas nos grupos. 70%. É muito.

Maria José: É muita coisa. E a dimensão para a área virtual, pelos estudos que eu tenho feito, isso também é fundamental, porque na hospitalidade o acolhimento é cheio de rituais. Inclusive, olha só que lindo que é isso, eu só não sei como fazer isso, mas eu ainda vou descobrir: é o transpor da soleira. No momento do acolhimento ele está separado por uma soleira. A soleira é o momento em que eu sou hóspede, você é a pessoa que está me acolhendo, e é cheio de tensão esse momento porque como é que eu vou ser recebida? A partir do momento que eu transponho a soleira eu já tenho um outro *status*, eu já sou um hóspede inserido no seu espaço, já fui recebido, já fui acolhido, já existe digamos a alteridade e a colocação de um *status* um pouco mais próximo entre anfitrião e hóspede. Eu penso que se a gente puder por exemplo falar: seja bem-vindo. Um seja bem-vindo vibrante, colorido, na área do treinamento. A intenção seria trabalhar com um ritual de acolhimento. E o ritual de acolhimento está muito ligado a querer saber quem você é. O que você pensa? Então, o seja bem-vindo já entraria com uma série de perguntas. O que lhe move para as mudanças, qual o bairro dos seus sonhos, como pensar fora da caixa e promover o bem-estar coletivo, como doar, receber e retribuir, enfim, seria uma questão da gente elencar uma série de questionamentos e já dizer: olha, essas e outras tantas questões que eu já estimei o seu pensamento a partir do momento que você leu, você já começou a trabalhar nisso daí, e questões que são feitas no treinamento do movimento cidades em transição. Eu usei cidades em transição, mas não sei se vocês querem usar o *transition town*.

Monica: Não, pode usar cidades em transição. A gente tem a partir do meio do ano passado, a gente tem começado a buscar palavras em português mesmo, porque a gente usava muita coisa em inglês, e a nossa língua é tão bonita.

Maria José: Linda.

Monica: A gente tem buscado tanto essas adaptações, a gente tem buscado as palavras.

Maria José: Há também um texto que fala sobre a linguagem da hospitalidade. É muito obrigada, pois não, por favor, fica à vontade, entra, a casa é sua, seja bem-vindo, olá, como você vai, quer dizer, a questão do sorriso, do acolhimento, do calor da fala, do calor do texto. E aí eu pensei assim: os encontros têm o objetivo de inspirar, encorajar, conectar, e tem um texto que permeia um pouco o próprio movimento do ponto de vista do que ele significa, eu digo assim: conheça um pouco dos treinadores e suas experiências pessoais de transição.

Monica: Aí entram os vídeos.

Maria José: Isso. Aí entram os vídeos.

Monica: Mazé, isso é muito perfeito sabe por quê? Porque você não coloca um treinamento específico como falar: ah esse é o *launch*, esse é o não sei o que, porque a gente não sabe como vai ser ainda, mas conhecer um pouco dos treinadores é muito legal porque eles vão ser os caras que vão lhe ajudar.

Maria José: Claro. Claro. E aí você percebe que aqui esse botão de vídeo a gente já vem para cá. Não sei se vai ser assim, aí a Luíza vai poder dizer como é que essa página teria. E mais, se for para levar a questão da intenção do ritual de acolhimento a gente precisa ouvir. Então, eu penso que: deixe um comentário no blog sobre as suas percepções.

Monica: Super legal.

Maria José: Ele assiste o vídeo e o blog em consonância com todas as páginas, ele pode dizer assim: olha me conta aqui qual é a sua história, qual é a sua experiência. Posta um vídeo e aí a gente consegue formular algumas questões que eu acho que vai até ao encontro dessa comunidade prática.

Monica: Sim.

Maria José: Um pouquinho de cada depoimento para a gente poder reunir todo o Brasil, porque é um Brasil imenso.

Monica: E o legal do *launch on-line*, Mazé, que foi uma coisa que nos surpreendeu e que foi muito especial é que assim: quando a gente faz o presencial, o que acontece? Normalmente, você tem pessoas do mesmo lugar. O que é ótimo. Não tenha dúvida, porque as pessoas depois vão mobiliar e criar seu grupo. Mas o que a gente teve no *launch* foi gente do Brasil inteiro, então, eu tenho gente da Bahia, sabe, com aquela história, aquele sotaque, trazendo aquelas coisas legais da experiência deles, aí eu tenho uma pessoa aqui de São Paulo, aí eu tenho outra que é lá do Rio Grande do Sul, então, assim, a gente teve pessoas do Brasil inteiro dentro de lá. Isso é muito legal. Porque eles vão trazer para a gente essas experiências tão ricas.

Maria José: Claro. E cada lugar é um lugar pelo o que eu pude perceber.

Monica: Nossa, total.

Maria José: Eu li sobre um movimento que é uma construção de tijolo com taipa e coisas orgânicas, quer dizer, construir casas não com o tijolo com base no cimento mas sim com elementos naturais que é uma construção digamos abundante, uma matéria-prima abundante numa determinada região e que o povo joga fora. Isso foi abrindo muito a minha mente para entender o que é uma cidade em transição. Os pequenos movimentos, um a um, podem transformar de fato uma realidade local, um ambiente, um espaço.

Monica: Eu ia completar o que você falou com uma coisa que é do movimento. A gente tem duas coisas: uma é que é assim sempre que você for começar alguma coisa, primeiro descubra o que você tem a sua disposição, o que é abundante na sua área e a partir daí você cria, a partir do que você tem em abundância na sua área, que tem muito a ver com o que você fala da dádiva. O que está aqui tão abundante que eu posso fazer virar uma casa, e aí entra essa coisa de construir com barro, essa é uma coisa.

Maria José: E dá um caminho. Eu, por exemplo, aqui no meu condomínio, eu moro na Vila Mariana.

Monica: Eu também.

Maria José: É num condomínio gigantão que tem aqui.

Monica: Jura?

Maria José: É. Tem seis prédios.

Monica: É mesmo?

Maria José: É um condomínio antigo. Tem coleta seletiva de lixo, mas me incomoda profundamente imaginar que esse povo todo está jogando tanta coisa fora do ponto de vista inclusive orgânico, que podia, tem jardim a dar com o pau aqui.

Monica: Que legal!

Maria José: Se a gente produzisse o próprio adubo com a compostagem do lixo, enfim, são coisas que passaram pela minha cabeça, mas eu não consegui implementar ainda por conta desse trabalho, mas eu vou me enfiar numa iniciativa e vou tocar essa questão. Lixo me incomoda muito. O lixo plástico, a bituca de cigarro. Gente, como tem bituca. Eu vi um movimento no Rio de Janeiro, eles fizeram um trabalho com bituca de cigarro, eu vi no *site*.

Monica: Tem, tem. Eles fizeram escultura com bituca, não foi esse?

Maria José: Eu acho que foi.

Monica: Peças de arte com bituca.

Maria José: Então, eu acho que é um tapa na cara de quem joga bituca no chão, ele ver um negócio desse, porque é demais.

Monica: E quando você fala de dádiva, de hospitalidade, tem isso também. Tem assim o *transition* é um movimento, a gente fala que é a revolução gentil. Ele é um movimento que procura trazer os exemplos para que as pessoas vejam o que é possível e não assim: É, você não pode fazer isso, sabe? É muito mais assim: olha o que dá para fazer, sabe? Pensa um pouco nisso, olha para isso com outros olhos. Eu acho também que é um jeito que facilita a abertura das pessoas pra esse novo, que não é uma coisa agressiva.

Maria José: Verdade. É verdade. A ideia basicamente eu pensei numa linha do tempo para falar dos treinamentos passados.

Monica: Acho ótimo.

Maria José: Uma coisa mais interativa, com fotos.

Monica: Acho que a Claudinha mandou algumas coisas para a gente. Eu vou mandar para você. Ela mandou algumas coisas sobre os treinamentos que ela teve, que ela fez. A gente tem bastante coisa também eu e a Isa.

Maria José: Ali no Ning, eu fui no Ning buscar.

Monica: Ah, no Ning tem tudo. Boa.

Maria José: No Ning tem tudo, acho que começa em 2010 inclusive, grupo que fez treinamento em setembro no espaço da Fundação Stickel na Vila Olímpia, em 24 de setembro de 2010.

Monica: Foi isso mesmo.

Maria José: Quer dizer, daqui a dois dias faz 10 anos do primeiro treinamento.

Monica: Isso mesmo. E que foi da Brasilândia. Você sabe que a Brasilândia foi um dos primeiros lugares, foi a primeira favela em transição do mundo, foi aqui.

Maria José: Maravilha.

Monica: E é um exemplo super legal. Tanto que quando a gente levou isso para o Rob Hopkins em 2011, ele acrescentou nos objetivos da transição a equidade, a busca pela equidade, que não aparecia. Ele dizia que nunca imaginou que um movimento de transição pudesse estar em uma comunidade como essa e como ele pode talvez melhorar a equidade.

Maria José: Não tem a menor dúvida.

Monica: É.

Maria José: Esses dias eu estava ouvindo uma matéria sobre aquela ong Teto que constrói casas, que com a pandemia eles pararam porque não tinham condição de visitar, que um dos participantes fez uma engenharia de fazer um tratamento de esgoto próprio, sem contar com as concessionárias de energia. É uma caixa de decantação, tem a ver muito com essa coisa da química, conforme você vai passando dejetos ele vai sendo tratado, então vários níveis de decantação da água de esgoto que vai cair lá no riacho limpo. Pelo menos não tão bruto, em estado bruto, quanto um lugar que não tem coleta e tratamento de esgoto. A comunidade estava exultante com o resultado, participando, cavando, abrindo, colocando buraco nas coisas. Um trabalho duro, pesado, mas acho que eles estavam se sentindo muito felizes de poder ter um lugar livre de doença, de mosca, de bicho, de rato, enfim, desse monte de coisa que o esgoto e lixo, lixo e esgoto estão sempre muito próximos. Mas eu achei incrível também, porque para

depende de questões de políticas públicas você fica lá no atraso. A única coisa que eu tive dúvida, que eu até queria compartilhar com você, se nessa linha do tempo a gente coloca só uma questão de ano, 2010 tal, ou se a gente já faz uma linha do tempo meio que temática.

Monica: Temática. Como você imagina isso?

Maria José: Eu imagino, por exemplo, a linha do tempo assim... O treinamento traz as diferentes vocações, não traz?

Monica: O treinamento como ele era, vou explicar como era o treinamento. A gente tinha esse primeiro treinamento que a gente chamava de *launch*, que é quando você vai trabalhar com as pessoas, explicar um pouquinho o que é o movimento de transição, como é que elas podem começar um grupo, como é que você mobiliza o seu território para que ele se organize, para planejar junto o desenvolvimento do local, ele traz exemplos de como as pessoas têm usado, têm criado um mundo com menos energia, um mundo mais resiliente, produção de alimento local, essas coisas mais assim, então esse é o inicial. Quando você já tem um grupo, como por exemplo a Isa que tem o grupo da Granja que já vai fazer 10 anos, porque o grupo da Granja foi um dos primeiros que a gente treinou, ele é um grupo que já tem várias histórias. A gente tem duas metodologias. Uma que chama *health check* que é checagem de saúde, vamos checar a saúde do grupo e o que a gente precisa para melhorar essa nossa área, esse nosso trabalho. E uma coisa que a gente chama de *thrive*. *Thrive* é um outro curso que dura dois dias onde você avança no que você já tem e no que você gostaria. Você vai fazer um planejamento, você vai criar uma linha do tempo para frente, a gente chama de *back casting*, você vai começar onde você está, onde você quer chegar, onde você está para ver o que você precisa para chegar até lá. Que ações são necessárias. Então, esses três treinamentos eram os que, ah, desculpa, faltou um que é o *inner transition*, que é a transição interna que era separado também. São esses quatro treinamentos que a gente tinha como transição, que é o que, nesse meio tempo, aconteceu depois dessa pesquisa, que a gente está tentando mudar. Primeiro integrar o que é *inner transition* e a transição, porque a gente acredita que tudo começa dentro mesmo, se a gente não começar por dentro a gente não vai chegar a lugar nenhum. Todo mundo que gosta muito de ação, você gosta de fazer as coisas, sim, ok, mas você tem que dosar um pouco o fazer e o transformar a si. Uma coisa vai ajudando a outra. Não separar as duas coisas. Hoje a gente tem uma discussão muito grande no movimento que é essa: como é que a gente cria um treinamento só de transição interna? Porque a gente acha que é complexo a gente ter um treinamento só de transição interna.

Maria José: É verdade.

Monica: Que é o que existia antigamente.

Maria José: E depois pode parar aí, né. Pode ficar só no interno. Agora como você imagina isso? Como é que você imagina porque aqui está o nosso *wireframe*, futuros treinamentos, treinadores, que é onde a gente vai colocar os vídeos, faça seu grupo de treinamento e registro dos treinamentos passados. E o que eu pude olhar e ser mais palatável para eu sugerir, é a linha do tempo no registro dos treinamentos passados, ir apresentando os treinadores, um texto inicial que explique e que faça com que se transite entre o blog e se chame as pessoas a participarem

também, a darem seus depoimentos, mas não consigo escrever sobre isso que você está falando. Não sei se a gente colocaria aqui nesses futuros treinamentos já essa perspectiva das comunidades.

Monica: Eu acho. Acho que a gente pode falar desse piloto do *launch*. Quando falar em futuros treinamentos, falar: olha, a pandemia mudou todas as perspectivas e o próprio movimento viu a necessidade de redesenhar os treinamentos. Para isso ele fez uma pesquisa e aí você pode pôr o *link* da pesquisa se você quiser. E todo o trabalho está sendo redirecionado para a criação de uma comunidade de prática onde os treinamentos serão desenvolvidos de uma forma diferente, de acordo com a necessidade do grupo. Aí você pode colocar lá: crie seu grupo de treinamento. E aí a pessoa pode ir lá e criar. Quando você cria o seu grupo, a gente pode ter umas perguntas para esse grupo: seu grupo está começando? Você já é uma iniciativa? Algumas perguntas a gente pode criar. Não precisa ser agora, mas a gente pode criar.

Maria José: Guiar pelo menos, não é?

Monica: Exato. E aí a gente pode falar exatamente isso. E a partir do momento que a gente vai tendo, vamos dizer, essas dicas e esses pilotos que vão caminhando, a gente pode ir acrescentando nesses novos treinamentos.

Maria José: Certo. Perfeito.

Monica: É uma opinião.

Maria José: Perfeito.

Maria José: Vou inserir aqui.

Monica: Ele vai para os novos treinamentos. Exatamente.

Maria José: Depois eu organizo de uma maneira melhor.

Monica: E eu vou escrever um pouquinho para você algumas coisas que eu acho que podem ser legais e aí você pode pegar e usar o que você achar que é bom ou não. O que você achar que vai ser inteligível também para as pessoas, porque eu estou no meio do negócio. Às vezes eu escrevo a coisa pela metade, porque você escreve de acordo com o que você pensa.

Maria José: Faça seu grupo então é um conjunto de perguntas que a gente vai relacionar aqui, certo?

Monica: Certo.

Maria José: O que você acha, Monica, tem uma perspectiva da, tem um texto de um filósofo francês, é o Alain Caillé, ele é moço, não é velho não. Aqui no Brasil a gente tem o Paulo Henrique Martins, professor da Universidade Federal de Pernambuco, que é especializado no Alain Caillé, ele está empreendendo uma, a palavra não é muito boa, o próprio Caillé usa, eu acho, essa determinação, é como decrescimento econômico, é um nome pouco convidativo para

a gente poder entender. Chama-se movimento do convivialismo. E fala muito do grupo esse movimento do convivialismo.

Monica: Vem de conviver? É isso?

Maria José: É de conviver, exatamente. É assim, eu posso até estar enganada, mas é de conviver e de consentir. Talvez a gente pudesse na introdução do formar grupo, dar esse sentido da coletividade, do consentimento, assim não queremos excluir a sua vontade individual, que ela somada às outras vontades tem pré-existência de uma coisa comum. E tem uma palavra-chave em hospitalidade que se chama laços, a função dos laços, o que nos une, quais são os laços que fazem a gente entender de grupo, de comunidade. Talvez a perspectiva dos laços e da manutenção do conviver, do consentir possa ser uma palavra introdutória.

Monica: Eu gosto bastante. Posso compartilhar com você uma coisa?

Maria José: Deve.

Monica: Eu vou lhe mostrar, dentro dos nossos grupos efetivos, eu quero lhe mostrar uma coisa que a gente fala para eles e que você vai gostar bastante. A gente trabalha com, tem um professor da Universidade de Harvard que se chama Edward Wilson, você já ouviu falar dele?

Maria José: Já.

Monica: Ele escreveu diversos livros, mas tem um especial que a gente gosta bastante onde ele, eu brinco assim não é que ele rifou o Darwin, é que ele complementou a Teoria de Darwin, evoluiu a Teoria de Darwin.

Maria José: O que é para poucos.

Monica: Para bem poucos, porque a gente vem aí de um, mas eu vou lhe mostrar o que a gente fala e que talvez tenha muito a ver com isso que você está falando e que possa fazer a conexão, e é uma coisa que a gente usa muito como referência.

Maria José: Eu acho que tem uma, o *site*, o próprio movimento tem uma função de mostrar algo que ainda não é o óbvio, porque você fala em grupo imediatamente o senso comum traz toda a sua percepção diária, rotineira, do que é um grupo. Se você mostra um olhar de grupo de uma maneira diferenciada ou pelo menos acrescida dessa visão diária, rotineira de grupo, que nem sempre é uma coisa positiva, tem muita gente que se afasta inclusive daquilo que é grupo.

Monica: Com Certeza.

Maria José: Também não é time, não é equipe, porque isso é uma linguagem muito mercadológica. A gente está falando de grupo comunidade, grupo de convivência, grupo de laços, de troca, de vínculos. E aí se você me der esses vínculos aqui, aliás a francesa, a Clara, eu entrei no grupo dela, ela tem um grupo chamado grupo da resiliência.

Monica: É?

Maria José: É. Só que eles falam tudo em francês. A minha nora estudou francês e me ajuda. Mas a maioria é o tradutor mesmo. E o curioso é que eu estava avaliando, fazendo uma análise de conteúdo das postagens para ver se eu conseguia localizar uma palavra-chave dessa postagem ligada à hospitalidade. E assim a palavra indutora em hospitalidade, uma das palavras que gravitam é vínculo, laços. E aí ela tem uma postagem que diz assim: o que nos une? Porque o (inint)[00:33:57] não funciona? Ela está reclamando na verdade da postagem. O que falta?

Monica: O que a gente precisa para isso acontecer?

Maria José: É. Onde é que a gente está? Eu achei tão interessante essa forma dela falar: o que nos une? Que é uma das propostas do lançamento do blog. É esse texto que eu queria fazer. O que nos une? Sob a perspectiva da dádiva, o que você tem para dar, receber, retribuir. Como é que você pensa nisso? Mas isso é uma outra coisa.

Monica: Mas é muito legal, porque a gente sempre fala: qual a melhor coisa que você pode dar para o mundo? É isso que a gente quer de você, nesse grupo. Qual o melhor lugar que você pode estar? E mais, qual o melhor lugar e o mais delicioso para você. Porque a gente acredita que um lugar que você pode dar, que é bom para os outros, mas que não é gostoso para você, não é um lugar de reciprocidade. Se o lugar que você está, se você está se divertindo ali, é um lugar que você vai ficar. E é por isso que a gente tem tanto cuidado assim em ver o que você realmente gostaria de fazer aqui. Para você colocar o que você quer trazer. Porque não adianta nada você vir com muita vontade de fazer e eu lhe dar uma coisa que você detesta fazer. Você nunca mais vai vir. Para mim tem muito a ver com isso. A gente fala muito disso na abertura, que as pessoas tem muitas coisas em comum, e muitas que não são comuns, que as comunidades, que o ser humano é um ser de coletividade, é um ser que se agrupa, é um ser que vive junto, e é um ser de cooperação, que é um pouco o que o Edward Wilson fala. Ele diz assim: mais de 50% da massa das espécies é composta por 3% das espécies. Mais de 50% da massa das espécies do mundo é composta por 3% de tipos de espécies, que são todas espécies colaborativas. Isso quer dizer que a maioria das espécies colaborativas continuaram sobrevivendo.

Maria José: Claro.

Monica: As espécies não colaborativas foram acabando. Colaborar conta pontos na manutenção da espécie. Essa é uma coisa que a gente comenta e fala dessa coisa da ciência. E a outra é que foi o professor Jorge Moll de neurociência do Instituto D'OR do Rio de Janeiro que descobriu que a mesma parte do nosso cérebro que é estimulada quando você ganha alguma coisa, que é assim, se eu faço alguma coisa para você e você fica feliz, tem uma parte do seu cérebro que é estimulada e faz você se sentir bem. Que é aquela coisa: puxa que legal, eu fui contemplado, eu me sinto bem. E esse mesmo lugar é ativado quando você dá alguma coisa.

Maria José: É. Verdade.

Monica: Você descobre, por isso que as pessoas viciam em fazer as coisas pelos outros quando elas começam, porque é o mesmo lugar. Isso quer dizer que o nosso corpo biologicamente foi

preparado para cooperar, para ser generoso. A nossa biologia não é para ser egoísta. Nossa biologia é para ser generoso. E a gente foi parar num mundo que criou um sistema que é egoísta. E é por isso que tanta gente está em depressão, porque o nosso biológico fala uma coisa e o mundo fala outra.

Maria José: E é isso aí mesmo. Esse paradigma que a gente vive hoje, o modo como as coisas são feitas parece que elas são individualistas.

Monica: Exato.

Maria José: Agora, é curioso porque toda pessoa, esse também é um texto de hospitalidade, a gente dá muito valor à bondade, à generosidade. É um valor humano muito conceituado, tanto que as ações de benevolência são muito bem vistas. Mas a gente age olhando para o individualismo e não para aquilo que você pode compartilhar.

Monica: Porque a gente realmente criou um sistema, a gente tem um sistema na sociedade que tem a ver com o capitalismo, que tem a ver com várias coisas, que na verdade não é um sistema que é biologicamente amigável para a gente. Ele não é amigável para a gente. Não é hospitaleiro para o ser humano.

Maria José: Não é.

Monica: A gente precisa criar de novo, recriar um lugar onde a gente goste de estar, de viver. E onde a gente possa realmente viver de acordo com a nossa natureza. Porque para mim eu digo assim: se dar, se colaborar é tão da nossa natureza, a gente precisa viver conforme a nossa natureza para poder ser mais feliz, para poder criar uma coisa mais legal.

Maria José: Perfeito. Vou pegar o nome dos dois autores com você, porque a gente faz um vínculo com essa bolinha aqui do faça seu grupo de treinamento.

Monica: Super.

Maria José: Não é?

Monica: Eu mando para você. São duas teorias, eu mando, você vai gostar bastante. E aqui eu vou mandar também isso aqui que é da sociocracia, que é como você toma decisão sociocraticamente. Como você começa: você prepara a proposta, você apresenta a proposta, você pergunta quais são as dúvidas e questões, você tem uma rodada de reações à proposta, então tem toda uma lógica para você decidir por consentimento e não por consenso.

Maria José: Muito bem. Acho que evoluímos bastante.

Monica: Sim.

Maria José: O que você sugere, Monica? Você acha que eu já devo colocar esse PPT no Trello ou eu espero o dia 5 que é quando a gente vai fazer a entrega de fato dos textos? Como você vê essa evolução que a gente está tendo nesse item especificamente?

Monica: Eu acho que a gente podia levar para a próxima reunião já, porque ele está bem bacana, eu gostei muito. Eu estava muito preocupada de como é que a gente vai falar do treinamento, se o treinamento está virando uma outra coisa. E o jeito que você fez é muito legal porque você falou: está aqui a história, cria um grupo, futuros treinamentos. Esses estão sendo criados, a gente tem o *launch* que vai ter na sequência, e aí nesses futuros treinamentos a gente vai colocando o que vai vindo de novo. A gente não tem mais o antigo *launch*. Ele não vai mais existir. Você não tem mais o *thrive* do jeito que ele era. Então, eu não tenho mais o que lhe oferecer, irmão, eu vou ter que preparar, sabe?

Maria José: É isso mesmo. Eu acho que isso inclusive é uma dinâmica de todas as páginas do *site*. O blog também vai ser assim, os espaços são construídos e compartilhados. Eu estava querendo fazer no blog alguns, primeiro fazer uma espécie de concurso para o nome do blog.

Monica: Que legal. Eu adoro essa coisa de concurso.

Maria José: A gente podia a partir de um menu básico.

Monica: Escolha um desses.

Maria José: É, que tenha uma relação. E aí depois disso a gente ter representantes formais de vários pontos do país, como se fossem editores chefes.

Monica: Legal, que pudessem mandar informações.

Maria José: É. Organizar isso. Por exemplo, Brasília, você tem que me mandar informações.

Monica: É. Pelo menos uma vez por mês.

Maria José: Exato. Daqui a quinze dias você está programado para ser lançado aqui no blog. Vamos lá. Vamos construir. Manda foto, manda texto, manda vídeo. Essa múltipla linguagem que é uma coisa que aparece muito também na hospitalidade e no ambiente virtual. Vamos ter espaço geográfico, em primeiro lugar, não existe essa territorialidade, e segundo o tempo. O tempo também, você faz esse tempo de construir essas coisas. Então, o projeto do blog está indo por esse caminho também.

Monica: Eu super gosto. Eu gostei muito desse material que você fez com esses encaixes.

Maria José: As setas?

Monica: Sim. Vira treinamento, vira não sei o que. Eu acho que, talvez, eu posso dar uma olhada e ver se eu coloco mais alguma coisa para completar e depois você olha e vê se está ok. E a gente pode apresentar na próxima reunião para o pessoal dar uma olhada e ver o que eles acham, porque eu achei que ficou super legal, e não ficou aquela coisa chapada. Ele ficou mais gostoso.

Maria José: Como é que você quer que eu mande para você?

Monica: Vamos abrir um drive para a gente mexer nele juntas?

Maria José: Vamos. Eu subo a orientação do vídeo e esse roteiro, que eu estou fazendo também.

Monica: Você já tem acesso ao nosso drive?

Maria José: Não.

Monica: Se você quiser colocar isso no Trello tudo bem, mas eu vou colocar você no *drive*.

Maria José: Inclusive nesse documento que eu construí aqui eu já tenho também a informação do Issuu que é aquele link para os administradores, para a gente colocar o manual que vai com um aspecto muito bacana.

Monica: É sim. O manual que as meninas fizeram ficou muito legal, Mazé. Você viu?

Maria José: Vale a pena fazer essa forma de leitura uma pouco mais agradável, diferenciada, mas tem custo. Vou deixar para vocês avaliarem o custo. Dá para publicar vídeo, enfim, é uma plataforma que dá para alimentar como se fosse um canal de YouTube só que está atrelado ao *site*, ligado mesmo ao *site*.

Monica: Já vou pôr você no *drive* para compartilhar aqui. Eu montei uma pasta para a gente e estou colocando o relatório final da pesquisa dos treinamentos para você ver. Já mandei para você o *link*, o convite.

Maria José: Você me mandou via gmail?

Monica: Sim. Eu criei dentro da *web*, tem *transition* Brasil e aí tem um lugarzinho que está escrito *web*, dentro da *web* criei uma pastinha com o nosso nome, materiais e textos para a gente ter até a gente preparar os textos, Monica e Mazé.

Maria José: Estou vendo.

Monica: Vou pôr tudo lá dentro e a gente vai se organizando. Para você ficar alinhada com a história da gente, que eu acho o mais complicado para você nesse momento, porque o resto você manda super bem. Saber como faz a hospitalidade de *site*, essas coisas, como é que escreve para o *site*, tudo isso já é super seu. Mas eu vou compartilhar coisas que possam ajudar você nesse histórico.

Maria José: Vou ver então o que eu vou pôr aqui. Melhorar esse texto que nessas introduções você me orientou aqui. Vou postar do jeito que está. Vou pôr a orientação do vídeo e aí se você quiser fazer algum teste, a nossa próxima reunião será na segunda-feira.

Monica: Posso fazer um teste. Posso fazer um vídeo e mandar. Aí você me diz o que eu posso melhorar.

Maria José: Isso. A gente faz uma edição bem legalzinha. Nessa reunião de segunda a gente faz uma nova rodada.

Monica: Aí eu acho que já fica bem encaminhado. Eu vou escrever o textinho da Brasilândia. Também vou mandar para você dar uma olhada, ver o que você acha. Eu vou colocar para você o relatório da pesquisa, a apresentação que a gente fez uns *webinars* apresentando a pesquisa, vou colocar você lá, a apresentação que tem um resumo para você saber o que é esse negócio que eu falei da pesquisa.

Maria José: Das comunidades práticas, como aconteceu.

Monica: É. Dos treinamentos e quais são os próximos passos dos treinamentos. Vou colocar o que falei do Edward Wilson e do Instituto D'OR.

Maria José: Eu preciso me organizar para segunda-feira ter tudo pronto para a gente poder apresentar essa parte para as meninas.

Monica: Acho bom, porque a gente se livra desse pedaço e já manda para a moça do *site*.

Maria José: Certo. Combinado.

Monica: Combinado.

Maria José: Muito obrigada.

Monica: Eu é que agradeço.

Maria José: Essa gravação você vai deixar em algum lugar?

Monica: Eu vou baixar e daí eu posso pôr nesse mesmo *drive*, quer?

Maria José: Pode ser.

Monica: Então eu ponho lá. A gente grava, eu vou apertar, ele vai compilar num MP4 e eu subo lá.

Maria José: Depois a gente vai trocando Whatsapp. Tchau.

Monica: Tchau.

Maria José: Super prazer. Obrigada. Beijo.

Monica: Obrigada. Beijo.

[01:00:42]

REUNIÃO: ELABORAÇÃO DO NOVO *SITE* – ACOMPANHAMENTO VIA TRELLO

Realizada em 5 de outubro de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Isabela Maria Gomez de Menezes, Claudia Valadares Arakaki, Melissa Bivara Pereira, Zaida Amaral e Monica Picavea (representantes do *Hub* Brasil)

Resumo:

- ✓ Retrospectiva fotos + vídeos treinamentos.
- ✓ Entrevista Paulo Cesar.
- ✓ Vídeos – mostramos o da Monica.

REUNIÃO: GRAVAÇÃO DE VÍDEO DAS TREINADORAS – AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DO TRELLO

Realizada em 12 de outubro de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Isabela Maria Gomez de Menezes, Claudia Valadares Arakaki e Melissa Bivara Pereira (representantes do *Hub* Brasil)

Resumo:

- ✓ Retrospectiva fotos + informações.
- ✓ Entrevista Paulo Cesar.
- ✓ Vídeos.
- ✓ *Blogs?*

REUNIÃO: GUIA DO MOVIMENTO - AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DO TRELLO

Realizada em 16 de novembro de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Isabela Maria Gomez de Menezes, Monica Picavea e Zaida Amaral (representantes do *Hub Brasil*)

Resumo:

- ✓ Guia do Movimento.
- ✓ Coleta de fotos.
- ✓ Bons momentos da transição brasileira.
- ✓ Fotos e textos. Fazer com Zaida. Isabela compartilhou as verbas recebidas do *Transition Towns* para o projeto *Reconomy*.
- ✓ Ainda em definição a data de apresentação do *site*.

REUNIÃO: AVALIAÇÃO DA FINALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO TRELLO – LIBERAÇÃO PARA A EMPRESA CONTRATADA PARA ELABORAÇÃO DO NOVO *SITE*

Realizada em 23 de novembro de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Melissa Bivara Pereira, Claudia Valadares Arakaki e Zaida Amaral (representantes do *Hub Brasil*)

Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo *site*

Resumo:

- ✓ Todos os cartões do Trello foram repassados. Checados: página de treinamento + vídeos; retrospectiva; lançamento do *blog* e colaboradores do *blog*.
- ✓ Lançamento do *site* em janeiro de 2021.

REUNIÃO: LIBERAÇÃO

Realizada em 7 de dezembro de 2020

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Melissa Bivara Pereira e Claudia Valadares Arakaki (representantes do *Hub* Brasil)

Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo *site*

Resumo:

- ✓ Liberação dos conteúdos para a empresa contratada para a elaboração do novo *site*.

REUNIÃO: AVALIAÇÃO DA PRIMEIRA PROPOSTA DO NOVO SITE

Realizada em 4 de março de 2021

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Melissa Bivara Pereira, Claudia Valadares Arakaki, Zaida Amaral, Monica Picavea e Isabela Menezes (representantes do *Hub* Brasil)

Resumo:

- ✓ O espaço do *blog* será fundamental para atingir os objetivos da pesquisa e formulação da tese: a ecologia da hospitalidade em rede. É no processo de programar as postagens dos conteúdos e avaliar as respostas que teremos com elas que recai, nos próximos meses, a maior contribuição do estudo, sob a responsabilidade desta pesquisadora.
- ✓ Foram propostos dois movimentos de elaboração do blog:
 - Primeiro: uma sondagem com usuários e interessados sobre o nome do *blog*. Em reunião surgiram três possibilidades: *Blog* Reimaginar, *Blog* E se? E *Blog* Futuros Imagináveis. E o texto/imagem sugerido foi:

Figura 52 - Proposta texto/imagem da página "BLOG" para o novo site



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/12/o-que-e-um-blog.html>

Olá, tudo bem? Olha só, o blog do movimento Cidades em Transição precisa de um nome. A ideia é que você escolha o que melhor identifica o espaço. Não esquece que ele será fundamental na troca de experiências, na divulgação das conquistas, das dificuldades, na busca de auxílios, enfim, um lugar pra gente trocar ideias. Clica aqui <https://forms.gle/DKpcHdNPRQREUDj17> e escolhe uma das possibilidades.

(*_*) Equipe Hub Brasil

Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site, 2021

- Segundo (cerca de uma semana depois da primeira postagem): a busca por parceiros de notícias com o seguinte texto/imagem:

Figura 53 - Proposta texto/imagem para busca de parceiros na página "BLOG" para o novo site



Fonte: <https://pixabay.com/pt/illustrations/avatar-clientes-%C3%ADcones-2155431/>

O blog (nome escolhido) precisa de colaboradores regionais. Gente que tenha interesse em informar o que acontece nesse mundão que é o Brasil em termos de transição.

A periodicidade das informações é mensal. Os colaboradores regionais podem enviar a informação bruta respondendo às perguntas: quem, o que, quando, onde e por quê.

Não esquecer de mandar fotos ou áudios ou até vídeos, desde que sejam “levinhos”. O whatsapp é: (11) 996851203. A gente transforma em notícia e dá os créditos, claro!.

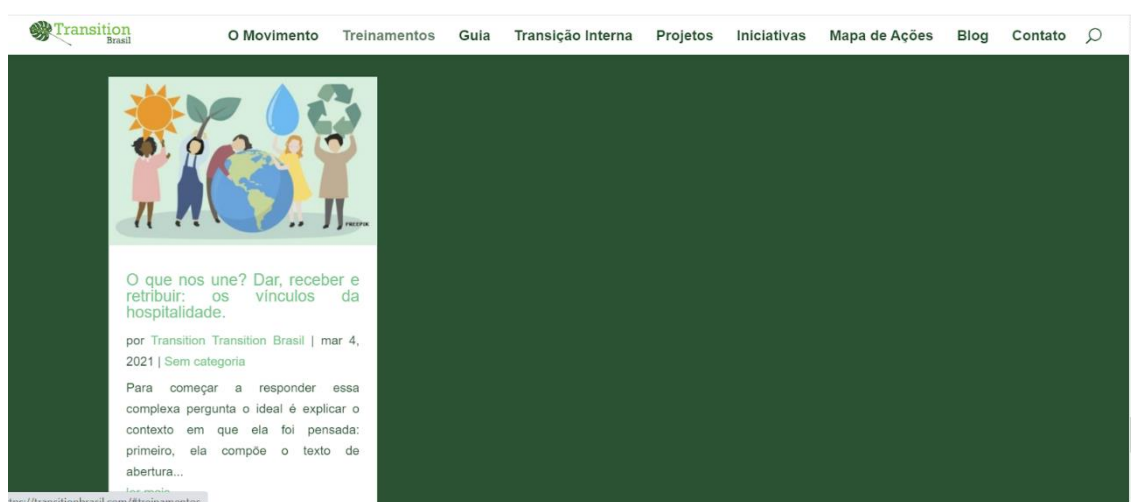
Tá afim? Escreve para cidadesemtransição@gmail.com ou transitionbrasil@globo.com dizendo que sim. Ah, aproveita manda uma foto sua. =>

(*_*) Equipe Hub Brasil

Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2021

- ✓ Enquanto isso, o artigo sobre “O que nos une?” já programado permaneceria talvez não com esse *layout* por conta dos demais conteúdos.

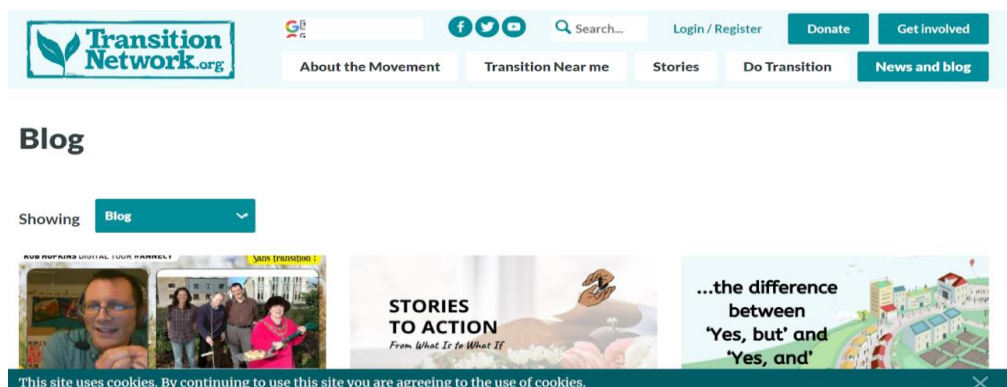
Figura 54 - *Layout* preliminar do artigo "O que nos une?"



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2021

- ✓ A exemplo do *Blog Transition Network*, o nosso também teria uma configuração parecida com a figura abaixo. Segue-se a discussão de um colorido maior, uma bossa, um movimento que seja convidativo participar, interagir.

Figura 55 - Configuração da página “*Blog*” do *site Transition Network*



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2021

- ✓ As categorias foram criadas: Aprendizagem, Feiras Agroecológicas, Mercados e Trocas, Redes Colaborativas, Gestão da Água, Gestão de Resíduos, Gestão de Energia, ODS, Comunidades, Hortas Comunitárias, Reparos, Reconomia, Projetos.
- ✓ Sugestão de fazer um *back-up* dos artigos e notícias postados no *blog* anterior.
- ✓ Análise do *site* <<https://transitionbrasil.com/>>
 - Abrir o *site* sem ser tela cheia; o texto cai em cima da logomarca;
 - Trocar a fonte: muito dura. Parece que não tem impacto;
 - Primeira página, *Transition* está muito pequeno. Figura 56.

Figura 56 - Proposta inicial da primeira página do novo *site*



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2021

Sombreado, blocado. Melhor bloquear grande. Sombreado largo, bonito. Tirar sombreado do Saiba Mais.

A folha verde é viva, bonita, usar o verdão. Marca d'água é uma opção, mas é preciso criar impacto.

Fotos com cores naturais do que com o filtro verde. Imagem fica meio embaçada.

Botão sem sombra; Fotos sem *frames*.

As ondas ficaram muito legais. Figura 57.

Figura 57 - Proposta página "TREINAMENTOS" do novo site



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site, 2021

A página “SOBRE O MOVIMENTO” (figura 58): texto pequeno; explorar mais a foto.

Figura 58 - Proposta página "SOBRE O MOVIMENTO" do novo site



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site, 2021

Sobre a página “TREINAMENTOS” centralizar o bloco de informações: tem mais espaço à esquerda do que à direita.

Distribuir melhor os textos nos blocos, talvez em duas linhas: Futuros Treinamentos e Treinamentos Passados. Adaptar o *layout* para o tamanho do box.

Figura 59 - Acertos *layout* página "TREINAMENTOS" do novo *site*

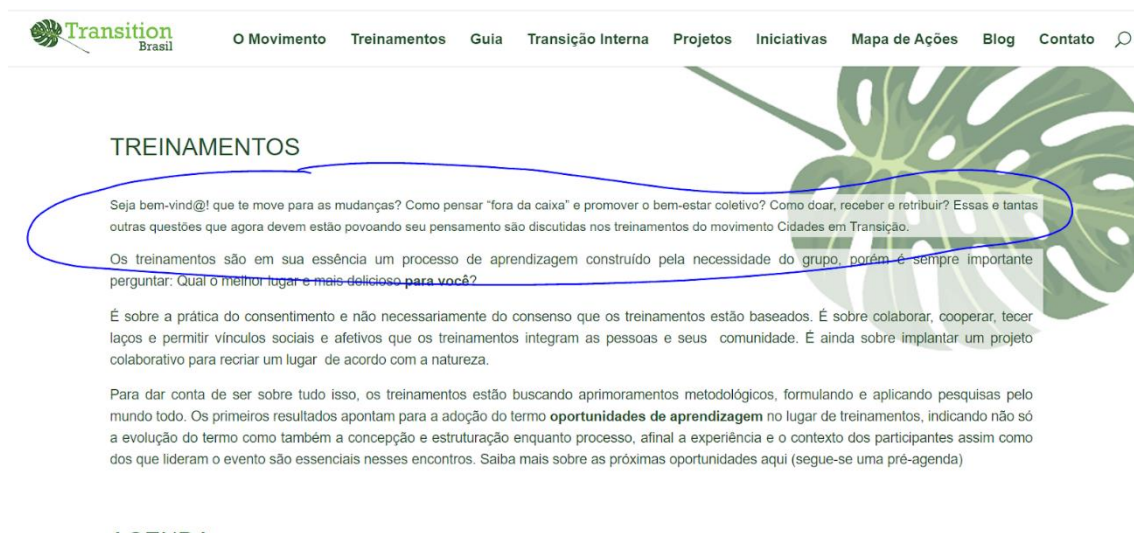


Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2021

Ainda na página “TREINAMENTOS”:

Há diferença de corpo de texto. Seja bem-vind@! Monica está com dois vídeos. O que vale é o do fundo azul. Subir o vídeo da Melissa Bivara. Tirar o texto entre parênteses. Deixar somente “Saiba mais sobre as próximas oportunidades”. Acrescentar *webinars* e demais ações na Agenda (equipe TT - *Transition Town*).

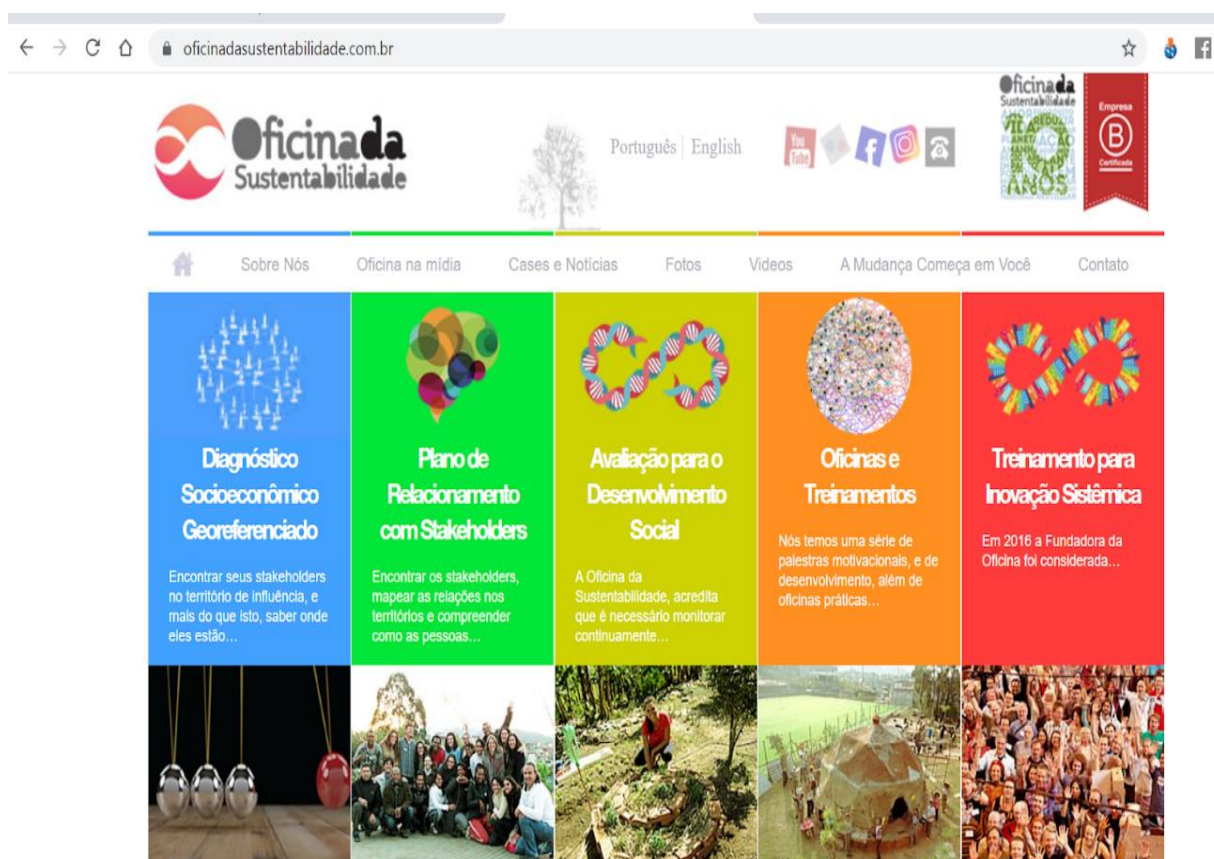
Figura 60 - Acerto dos textos página "TREINAMENTOS" do novo *site*



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo *site*, 2021

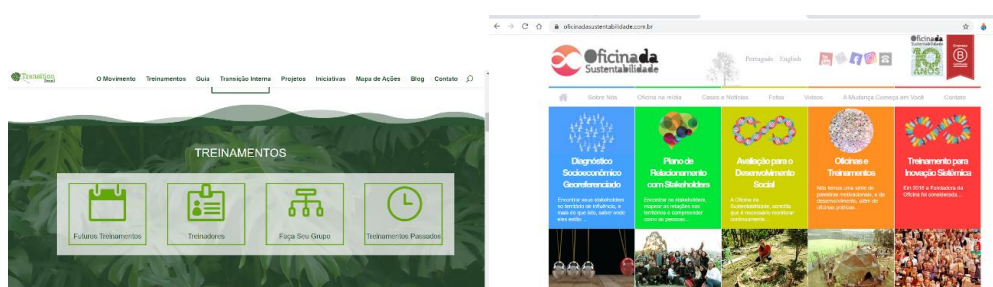
A referência discutida foi o *site* da Transição de Empreendedores em Rede Rumo a Abundância – T.E.R.R.A., além da criação de uma paleta de cores como o *site* da Oficina da Sustentabilidade. Figura 61.

Figura 61 - Homepage do site Oficina da Sustentabilidade



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site, 2021

Figura 62 - Comparação entre a página "TREINAMENTOS" do novo site e a homepage do site Oficina da Sustentabilidade



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site, 2021

Paleta de cores apagada. Figura 63.

Figura 63 - Captura de tela proposta página "TREINAMENTOS" do novo site



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site

Figura 64 - Captura de tela proposta página "INICIATIVAS" do novo site



Fonte: Grupo de discussão sobre elaboração do novo site, 2021

Melhorar o mapa do Kumu. Atualizá-lo. Tem bastante coisa para colocar nele. Por ser colaborativo, deve ficar mais completo. Por exemplo, colocar as iniciativas internacionais.

Leitura difícil no mapa. Letra muito pequena.

REUNIÃO: DEVOLUTIVA DA AVALIAÇÃO DA PRIMEIRA PROPOSTA DO NOVO SITE

Realizada em 11 de março de 2021

Presentes:

Maria José Rosolino (pesquisadora)

Melissa Bivara Pereira e Isabela Menezes (representantes do *Hub* Brasil)

Responsáveis pela empresa contratada para elaboração do novo *site*

Resumo:

- ✓ Devolutiva das avaliações do *site*

REUNIÃO: AVALIAÇÃO DA SEGUNDA PROPOSTA DO NOVO SITE

Realizada em 25 de março de 2021

Presentes:

Melissa Bivara Pereira e Isabela Menezes (representantes do *Hub* Brasil)

Resumo:

- ✓ Alterações para a segunda versão do *site*
- ✓ Menu - alterar as seguintes palavras: 1) Guia por Recursos 2) Iniciativas por Rede de Parceiros 3) Mapa de Ações por Mapa de Iniciativas.
- ✓ Frase de abertura - toda em cinza destacando somente as palavras REIMAGINAR E RECONSTRUIR em verde, o tom mais escuro do logo.
- ✓ Trocar a geometria do fundo verde de Rede de Parceiros para ondulado.
- ✓ Quadros do *blog* - trocar o alinhamento justificado para lado esquerdo.
- ✓ O Movimento - Saiba Mais - Título - Sobre o movimento *Transition Towns* - colocar o “s” no final de *Towns* e deixar o texto todo em cinza destacando em amarelo somente a palavra MOVIMENTO.
- ✓ Alterar o título Mapa: Iniciativas na página para Mapa de Iniciativas.
- ✓ Existe um *delay* quando se aciona os ícones treinadoras, faça seu grupo, treinamentos passados, o *site* passa pela introdução treinamentos e depois desse *delay* vai para as outras páginas (treinadoras, faça seu grupo e treinamentos passados).

- ✓ Treinamentos passados - substituir o texto por Página em Construção.
- ✓ Página Guia - trocar o título da página por RECURSOS.
- ✓ Transição Interna - Saiba Mais - substituir as fotos.
- ✓ Contato - trocar o texto da Newsletter por uma frase mais simples como: Quer se conectar? e um texto padrão pedindo o preenchimento do formulário.
- ✓ *Links* do Facebook e Instagram não estão funcionando.

APÊNDICE E – TERMOS DE CONSENTIMENTO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria José Rosolino, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], sou doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Estou desenvolvendo minha tese com o tema *A Ecologia da Hospitalidade em Rede*, fundamentada em dois grandes conjuntos de referenciais teóricos: primeiro sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais e suas dimensões sob o paradigma da dádiva; segundo sobre a comunicação, virtualização e seus efeitos nas interações sociais em rede e, por fim, a abordagem das ecologias comunicativas cujo conceito torna-se parâmetro para o estudo. Os procedimentos metodológicos envolvem a adoção das estratégias da pesquisa-ação. O *corpus* de análise é a rede social *Transition Brasil* que luta pelo movimento Cidades em Transição, de alcance mundial e com conexões internacionais. Para a coleta de dados realizarei entrevistas e reuniões com alguns colaboradores do movimento Cidades em Transição e administradores responsáveis pela criação e manutenção do novo site *Transition Brasil*. Esses eventos poderão acontecer pessoalmente, por telefone, *e-mail*, WhatsApp ou Zoom e poderão ser gravados, transcritos e utilizados na apresentação e conclusão da tese, na produção e a apresentação de artigos em eventos científicos e em periódicos científicos, na produção de filmes, documentários e livros e demais produtos de divulgação. Os dados obtidos através de questionários encaminhados aos usuários do *site* também poderão ser utilizados. O uso desses instrumentos é fundamental para minha tese por tratar-se de pesquisa essencialmente qualitativa.

São Paulo, 5 de outubro de 2020

Maria José Rosolino

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, Zaida Amaral, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa acima referida e consinto a gravação e transcrição das entrevistas e reuniões de que participarei, bem como a utilização dos dados tirados do *site Transition Brasil*, do qual sou uma das administradoras responsáveis, para publicação na tese em questão, produção e apresentação de artigos em eventos e periódicos científicos, produção de filmes, documentários, livros e demais produtos de divulgação.

São Paulo, 5 de outubro de 2020

Zaida Amaral



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria José Rosolino, portadora do RG 8.358.028-1 e CPF 023.000.148-31, sou doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Estou desenvolvendo minha tese com o tema *A Ecologia da Hospitalidade em Rede*, fundamentada em dois grandes conjuntos de referenciais teóricos: primeiro sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais e suas dimensões sob o paradigma da dádiva; segundo sobre a comunicação, virtualização e seus efeitos nas interações sociais em rede e, por fim, a abordagem das ecologias comunicativas cujo conceito torna-se parâmetro para o estudo. Os procedimentos metodológicos envolvem a adoção das estratégias da pesquisa-ação. O corpus de análise é a rede social *Transition Brasil* que luta pelo movimento Cidades em Transição, de alcance mundial e com conexões internacionais. Para a coleta de dados realizarei entrevistas e reuniões com alguns colaboradores do movimento Cidades em Transição e administradores responsáveis pela criação e manutenção do novo site *Transition Brasil*. Esses eventos poderão acontecer pessoalmente, por telefone, e-mail, WhatsApp ou Zoom e poderão ser gravados, transcritos e utilizados na apresentação e conclusão da tese, na produção e a apresentação de artigos em eventos científicos e em periódicos científicos, na produção de filmes, documentários e livros e demais produtos de divulgação. Os dados obtidos através de questionários encaminhados aos usuários do site também poderão ser utilizados. O uso desses instrumentos é fundamental para minha tese por tratar-se de pesquisa essencialmente qualitativa.

São Paulo, 5 de outubro de 2020

Maria José Rosolino

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, Isabela Maria Gomez de Menezes, portadora do RG 50961095 x e CPF 818878097-91, declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa realizada e gravação e transcrição das entrevistas e reuniões de que participarei, bem como a utilização dos dados tirados do site *Transition Brasil*, do qual sou uma das administradoras responsáveis, para publicação na tese em questão, produção e apresentação de artigos em eventos e periódicos científicos, produção de filmes, documentários, livros e demais produtos de divulgação.

São Paulo, 5 de outubro de 2020

Isabela Maria Gomez de Menezes



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria José Rosolino, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], sou doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Estou desenvolvendo minha tese com o tema *A Ecologia da Hospitalidade em Rede*, fundamentada em dois grandes conjuntos de referenciais teóricos: primeiro sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais e suas dimensões sob o paradigma da dádiva; segundo sobre a comunicação, virtualização e seus efeitos nas interações sociais em rede e, por fim, a abordagem das ecologias comunicativas cujo conceito torna-se parâmetro para o estudo. Os procedimentos metodológicos envolvem a adoção das estratégias da pesquisa-ação. O *corpus* de análise é a rede social *Transition Brasil* que luta pelo movimento Cidades em Transição, de alcance mundial e com conexões internacionais. Para a coleta de dados realizei entrevistas e reuniões com alguns colaboradores do movimento Cidades em Transição e administradores responsáveis pela criação e manutenção do novo site *Transition Brasil*. Esses eventos poderão acontecer pessoalmente, por telefone, e-mail, WhatsApp ou Zoom e poderão ser gravados, transcritos e utilizados na apresentação e conclusão da tese, na produção e a apresentação de artigos em eventos científicos e em periódicos científicos, na produção de filmes, documentários e livros e demais produtos de divulgação. Os dados obtidos através de questionários encaminhados aos usuários do *site* também poderão ser utilizados. O uso desses instrumentos é fundamental para minha tese por tratar-se de pesquisa essencialmente qualitativa.

São Paulo, 5 de outubro de 2020

Maria José Rosolino

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, Monica Picavêa, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa acima referida e consinto a gravação e transcrição das entrevistas e reuniões de que participarei, bem como a utilização dos dados tirados do *site Transition Brasil*, do qual sou uma das administradoras responsáveis, para publicação na tese em questão, produção e apresentação de artigos em eventos e periódicos científicos, produção de filmes, documentários, livros e demais produtos de divulgação.

São Paulo, 5 de outubro de 2020



Monica Picavêa

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, Melissa Bivara Pereira, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa acima referida e consinto a gravação e transcrição das entrevistas e reuniões de que participei, bem como a utilização dos dados tirados do *site Transition Brasil*, do qual sou uma das administradoras responsáveis, para publicação na tese em questão, produção e apresentação de artigos em eventos e periódicos científicos, produção de filmes, documentários, livros e demais produtos de divulgação.

São Paulo, 5 de outubro de 2020


Melissa Bivara Pereira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria José Rosolino, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], sou doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. Estou desenvolvendo minha tese com o tema *A Ecologia da Hospitalidade em Rede*, fundamentada em dois grandes conjuntos de referenciais teóricos: primeiro sobre a hospitalidade como norteadora das interações sociais e suas dimensões sob o paradigma da dádiva; segundo sobre a comunicação, virtualização e seus efeitos nas interações sociais em rede e, por fim, a abordagem das ecologias comunicativas cujo conceito torna-se parâmetro para o estudo. Os procedimentos metodológicos envolvem a adoção das estratégias da pesquisa-ação. O *corpus* de análise é a rede social *Transition Brasil* que luta pelo movimento Cidades em Transição, de alcance mundial e com conexões internacionais. Para a coleta de dados realizarei entrevistas e reuniões com alguns colaboradores do movimento Cidades em Transição e administradores responsáveis pela criação e manutenção do novo site *Transition Brasil*. Esses eventos poderão acontecer pessoalmente, por telefone, *e-mail*, WhatsApp ou Zoom e poderão ser gravados, transcritos e utilizados na apresentação e conclusão da tese, na produção e a apresentação de artigos em eventos científicos e em periódicos científicos, na produção de filmes, documentários e livros e demais produtos de divulgação. Os dados obtidos através de questionários encaminhados aos usuários do *site* também poderão ser utilizados. O uso desses instrumentos é fundamental para minha tese por tratar-se de pesquisa essencialmente qualitativa.

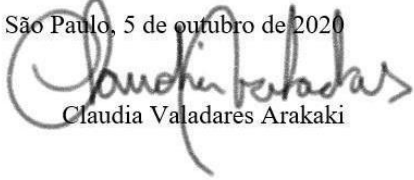
São Paulo, 5 de outubro de 2020

Maria José Rosolino

CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu, Claudia Valadares Arakaki, portadora do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED], declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos da pesquisa acima referida e consinto a gravação e transcrição das entrevistas e reuniões de que participarei, bem como a utilização dos dados tirados do *site Transition Brasil*, do qual sou uma das administradoras responsáveis, para publicação na tese em questão, produção e apresentação de artigos em eventos e periódicos científicos, produção de filmes, documentários, livros e demais produtos de divulgação.

São Paulo, 5 de outubro de 2020


✓ Claudia Valadares Arakaki